Mais de 1 milhão de exemplares vendidos no mundo todo

Clare Mackintosh

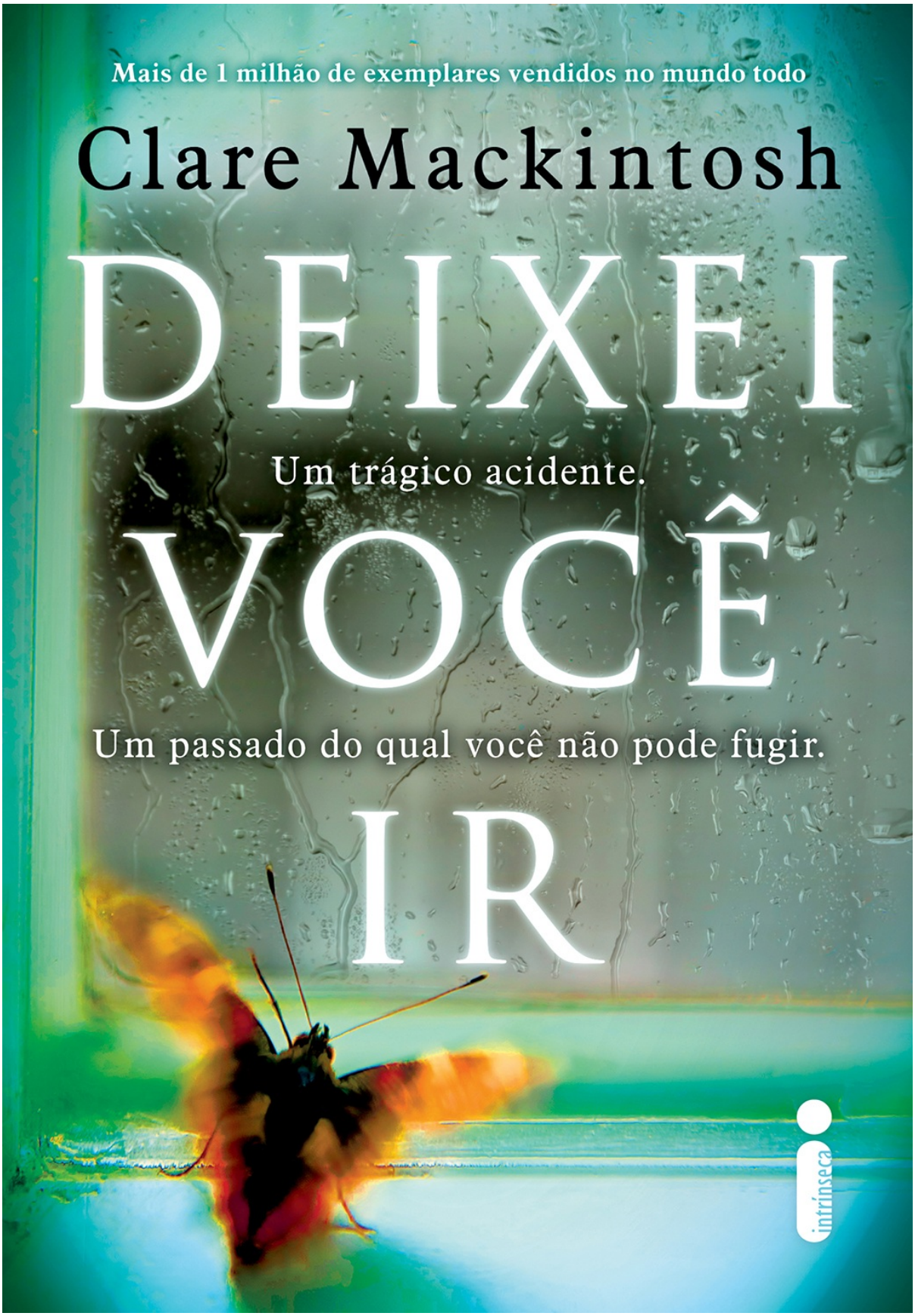
DEIXEI VOCÊ IR

Um trágico acidente.

Um passado do qual você não pode fugir.



intrínseca


Mais de 1 milhão de exemplares vendidos no mundo todo
Clare Mackintosh
DEIXEI VOCÊ IR
Um trágico acidente.
Um passado do qual você não pode fugir.
intrínseca

CLARE MACKINTOSH

Deixei você ir

Tradução de Flávia Rössler



Copyright © Clare Mackintosh 2014

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2014
pela Sphere, um selo da Little, Brown Book Group.

TÍTULO ORIGINAL
I Let You Go

REVISÃO
Halime Musser
Laís Curvão

DESIGN DE CAPA
Hannah Wood — LBBG

IMAGEM
Arcangel

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK
Taynée Mendes

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0176-9

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para Alex

PRÓLOGO

O vento fustiga seu rosto com mechas de seus cabelos molhados e ela estreita os olhos para se proteger da chuva. Com um tempo desses, todos apertam o passo e disparam pelas calçadas escorregadias com o queixo enfiado dentro da gola. Quando passam, os carros respingam água do chão em seus sapatos; o barulho do tráfego a impede de ouvir mais do que poucas palavras do alarido que começa no momento em que os portões da escola se abrem. As palavras jorram da boca do menino, confusas, sem uma pausa, na excitação provocada por esse novo mundo ao qual ele está sendo apresentado. Ela consegue entender alguma coisa a respeito de um grande amigo; um projeto espacial; uma professora nova. Ela baixa os olhos e sorri com o entusiasmo do filho, sem se importar com o frio que atravessa seu cachecol. O menino retribui o sorriso e ergue a cabeça para sentir a chuva; os cílios molhados escurecem o contorno de seus olhos.

— Já sei escrever meu nome, mamãe!

— Que menino inteligente! — exclama ela e curva-se para beijar a testa úmida dele. — Vai me mostrar quando chegarmos em casa!

Eles caminham tão depressa quanto as pequenas pernas de um menino de cinco anos permitem. Com a mão livre ela carrega a mochila do filho, que bate contra seus joelhos.

Quase em casa.

A luz dos faróis refletem no asfalto molhado, cegando-os a intervalos regulares. Eles esperam uma brecha no trânsito para atravessar depressa a pista movimentada. Ela aperta com mais força a mãozinha enfiada na luva de lã macia, e ele precisa correr para acompanhá-la. Folhas encharcadas estão presas nas grades, suas cores vivas escurecem, assumindo pouco a pouco um tom de marrom desbotado.

Chegam afinal à rua tranquila onde moram, logo na primeira casa depois da esquina. Alegram-se ao pensar no calor aconchegante que em breve os acolherá. Sentindo-se protegida pela familiaridade de seu próprio bairro, ela solta a mão do filho para afastar dos olhos as mechas molhadas e ri da cascata de pequenas gotas que o gesto provoca.

— Chegamos — diz ela, quando dobram a esquina. — Deixei a luz acesa para a gente.

Do outro lado da rua, uma casa de tijolos vermelhos. Dois quartos, uma pequena cozinha e um jardim repleto de vasos que ela sempre pensa em encher de flores. Moram apenas os dois.

— Eu chego antes de você, mamãe…

Ele não sossega um minuto e transborda de energia desde o instante em que acorda até o momento em que sua cabeça desaba no travesseiro. Sempre pulando, sempre correndo.

— Vamos!

Acontece num piscar de olhos; a sensação de vazio ao seu lado enquanto ele corre para se abrigar no calor da varanda iluminada. Leite; biscoito; vinte minutos de televisão; filezinhos de peixe empanado no lanche. A rotina à qual se adaptaram tão depressa, antes mesmo de chegar à metade daquele primeiro semestre escolar.

⋆ ⋆ ⋆

O carro surge do nada. Um guincho de freios molhados, o ruído surdo de um menino de cinco anos que se choca contra o para-brisa e gira no ar antes de se estatelar no asfalto. Ela corre até o filho, na frente do carro ainda em movimento. Escorrega, cai com força, as mãos estendidas, e o impacto a deixa sem fôlego.

Tudo acontece num piscar de olhos.

Ela se agacha ao lado do menino e, desesperada, tenta sentir o pulso dele. Percebe que sua própria respiração forma uma nuvem branca solitária no ar. Vê uma mancha escura expandir-se sob a cabeça do menino e ouve seu próprio gemido, como se fosse de outra pessoa. Ela ergue os olhos para o para-brisa embaçado, cujos limpadores varrem a chuva para a noite que chega, e grita por ajuda para o motorista que ela não consegue enxergar.

A mãe se inclina para aquecer o menino com o próprio corpo e mantém o casaco aberto sobre ambos, a barra mergulhada na água empoçada na rua. E enquanto o beija e implora que ele acorde, o halo de luz amarela que os envolve se reduz a um facho estreito; o carro dá marcha a ré. O motor rateia quando o veículo faz duas, três, quatro tentativas de dar meia-volta na rua estreita, e raspa, na pressa, em uma das enormes figueiras que margeiam a rua.

Depois disso, a escuridão.

PARTE UM

I

De pé junto à janela, o detetive Ray Stevens contemplou sua cadeira de trabalho, cujo braço esquerdo estava quebrado havia pelo menos um ano. Até agora ele se limitara a tratar o problema de forma pragmática — não se inclinava para a esquerda —, mas durante seu almoço alguém rabiscara com caneta preta a frase "com defeito" de um lado ao outro do encosto. Ray perguntou a si mesmo se o recente entusiasmo do Setor de Logística com inventários de equipamentos resultaria em uma substituição, ou se ele estaria condenado a dirigir o Departamento de Investigação Criminal de Bristol sentado em uma cadeira que lançava sérias dúvidas sobre sua credibilidade.

Ray inclinou-se para procurar uma caneta na caótica gaveta superior da escrivaninha e depois agachou-se para riscar o que haviam escrito. A porta do escritório se abriu e ele se levantou depressa enquanto recolocava a tampa na caneta.

— Ah, Kate, eu só estava... — Ele interrompeu a frase, reconhecendo a expressão no rosto da mulher, antes de ver o formulário de Comando e Controle na mão dela. — O que houve?

— Atropelamento e fuga em Fishponds, chefe. Um menino de cinco anos morreu.

Ray pegou o documento e examinou-o rapidamente, enquanto Kate continuava no vão da porta, constrangida. Recém-transferida, ela trabalhava no departamento havia pouco mais de dois meses e ainda tentava encontrar seu lugar. Mas era uma boa profissional: mais do que imaginava.

— Não anotaram a placa?

— Não que a gente saiba. A equipe de plantão já isolou o local, e neste momento a mãe do menino está prestando depoimento. Em estado de choque, como você pode imaginar.

— Algum problema em trabalhar até mais tarde? — perguntou Ray, mas Kate já assentia antes mesmo que ele concluísse a pergunta.

Eles esboçaram um sorriso cúmplice e talvez envergonhado, um reconhecimento mútuo de que não era certo desfrutar da adrenalina do momento quando algo tão terrível acabara de acontecer.

— Vamos, então.

⋆ ⋆ ⋆

Os dois cumprimentaram com um gesto de cabeça o grupo de fumantes reunido sob uma cobertura perto da porta dos fundos.

— Tudo bem, Stumpy? — perguntou Ray. — Vou com Kate para o local do atropelamento em Fishponds. Pode entrar em contato com o Setor de Inteligência e perguntar se já conseguiram alguma coisa?

— Pode deixar. — O homem mais velho deu uma última tragada no cigarro.

Fazia tanto tempo que o investigador Jake Owen era chamado de Stumpy, que ele sempre se surpreendia ao ouvir seu nome completo lido em voz alta no tribunal. Homem de poucas palavras, Stumpy conhecia mais histórias sobre a polícia do que gostaria de compartilhar, e era, sem sombra de dúvida, o melhor investigador de Ray. Os dois trabalhavam juntos há muitos anos e, dotado de uma força que contradizia sua baixa estatura, Stumpy era um aliado de extrema importância.

Além de Kate, a equipe de Stumpy incluía o impassível Malcolm Johnson e o jovem Dave Hillsdon, policial entusiasmado, porém rebelde, cujos métodos para defender determinadas convicções eram um pouco arriscados demais para o gosto de Ray. Juntos, formavam uma boa equipe, e Kate aprendia rápido com eles. Sua paixão pelo trabalho era tão grande que deixava Ray saudoso de sua época de policial cheio de motivação, antes que dezessete anos de burocracia acabassem com seu entusiasmo.

⋆ ⋆ ⋆

Kate dirigia o Corsa no meio do tráfego cada vez mais intenso daquele fim de dia rumo a Fishponds. Era uma motorista impaciente; gesticulava quando um sinal vermelho obrigava-os a parar e esticava o pescoço diante do menor engarrafamento. Não sossegava um instante: tamborilava no volante, franzia o nariz, mexia-se no banco. Quando o tráfego recomeçava a andar, inclinava-se à

frente, como se isso pudesse fazê-los ir mais depressa.

— Sente falta de um giroflex e uma sirene? — perguntou Ray.

Kate sorriu.

— Um pouco, talvez.

A não ser por um leve traço de delineador no contorno dos olhos, ela estava sem maquiagem. Seus cabelos castanho-escuros caíam em mechas desordenadas ao redor do rosto, apesar da presilha que sem dúvida se destinava a mantê-los para trás.

Ray pescou do bolso o celular para fazer as ligações necessárias. Confirmou que a Unidade de Investigação de Acidentes de Trânsito estava a caminho, que o superintendente de serviço havia sido informado, e que alguém tinha chamado o carro de operação — um veículo pesado abarrotado de barracas, luzes de emergência e bebidas quentes. Tudo havia sido feito. Para ser sincero, pensou, estava sempre tudo certo, mas como era ele o detetive de plantão, a responsabilidade estava em suas mãos. Em geral, criava-se algum descontentamento quando o Departamento de Investigação Criminal aparecia e começava a repetir as mesmas perguntas, mas era assim que deveria ser. Todos tinham passado por isso; até Ray, que usara uniforme durante um tempo muito curto antes de ser promovido.

Ele avisou a Sala de Controle que chegariam em cinco minutos, mas não ligou para casa. Ray tinha o hábito de telefonar para Mags apenas nas raras ocasiões em que estava no horário, o que parecia bem mais prático, considerando as longas horas que o trabalho exigia dele.

Quando dobraram a esquina, Kate reduziu a velocidade até quase parar. Havia meia dúzia de viaturas espalhadas casualmente ao longo da rua; a cada dois segundos suas luzes intermitentes lançavam um brilho azul no local do acidente. Refletores haviam sido montados em tripés metálicos, e seus potentes fachos realçavam a chuva fina que, felizmente, diminuíra na última hora.

Antes de sair da delegacia, Kate tinha parado para pegar um casaco e trocar os sapatos de salto alto por galochas.

— Praticidade antes da aparência — dissera ela com um sorriso enquanto jogava os sapatos em seu armário e calçava as botas.

Ray quase nunca pensava nesse tipo de coisa, mas dessa vez ele se arrependia de não ter ao menos levado um casaco.

Estacionaram o carro a cem metros de uma grande tenda branca erguida para tentar proteger da chuva alguma eventual prova. Um lado da tenda estava aberto e, no seu interior, eles viram uma perita investigadora ajoelhada esfregando algo invisível. Mais adiante, uma segunda silhueta toda de branco examinava uma das enormes árvores que margeavam a rua.

Quando Ray e Kate se aproximaram da cena, um jovem agente de polícia os deteve. Sua jaqueta fluorescente, com o zíper fechado até o pescoço, mal permitia que Ray distinguisse um rosto entre a aba do boné e a gola.

— Boa noite, senhor. Precisa examinar o local? Nesse caso, devo fazer seu registro.

— Não, obrigado — respondeu Ray. — Você poderia me dizer onde está seu chefe?

— Na casa da mãe do menino — explicou o agente e apontou na direção de uma fileira de pequenas casas geminadas, antes de se afastar com o queixo de novo dentro da gola. — Número quatro — acrescentou, com a voz abafada.

— Meu Deus, que trabalho miserável! — comentou Ray enquanto se afastava com Kate. — Eu me lembro de ter ficado de guarda durante doze horas sob uma chuva torrencial quando ainda era estagiário, e de ter levado uma bronca do inspetor-chefe por não ter sorrido quando ele apareceu às oito horas da manhã seguinte.

Kate riu.

— Foi por isso que você se especializou?

— Não exatamente — respondeu Ray —, mas isso com certeza contribuiu. Na verdade, foi principalmente porque eu estava cansado de transferir todos os grandes trabalhos para os especialistas sem nunca acompanhar um deles até a solução. E você?

— Mais ou menos a mesma coisa.

Chegaram à fileira de casas que o jovem policial lhes havia indicado. Kate continuou a falar enquanto procuravam a de número quatro.

— Gosto de pegar os casos mais sérios. Principalmente porque fico entediada com facilidade. O que me agrada são as investigações complicadas, as que dão dor de cabeça. Palavras cruzadas enigmáticas, não as simples. Faz sentido?

— Faz todo o sentido — concordou Ray. — Embora eu nunca tenha sido bom em palavras cruzadas enigmáticas.

— É preciso ter um dom — disse Kate. — Te ensino qualquer dia desses. Chegamos. Número quatro.

A porta da frente, com excelente pintura, estava entreaberta. Ray empurrou-a e se apresentou.

— Departamento de Investigação Criminal. Podemos entrar?

— Na sala de estar — respondeu uma voz.

Eles limparam os pés e seguiram pelo corredor estreito, esbarrando em um cabideiro repleto de casacos sob o qual havia um par de galochas vermelhas de criança colocadas com capricho ao lado de um par para adulto.

A mãe do menino estava sentada em um pequeno sofá com os olhos fixos na mochila azul que apertava entre os joelhos.

— Sou o detetive Ray Stevens. Sinto muito por seu filho.

Ela ergueu o olhar para ele e enrolou com tanta força a alça da mochila nas mãos que marcas vermelhas apareceram em sua pele.

— Jacob — disse ela, com os olhos secos. — Ele se chama Jacob.

Empoleirado em um banco de cozinha ao lado do sofá, um sargento uniformizado equilibrava uma pilha de papéis sobre os joelhos. Ray já tinha cruzado com ele algumas vezes no posto policial, mas não sabia seu nome. Leu o crachá.

— Brian, pode levar Kate para a cozinha e informá-la sobre o que conseguiu apurar até agora? Eu gostaria de fazer algumas perguntas para a testemunha, se possível. Não tomará muito tempo. Talvez você possa preparar um chá, enquanto isso.

Pela reação de Brian, ficou evidente que essa era a última coisa que ele gostaria de fazer, mas levantou-se e saiu da sala com Kate, sem dúvida para queixar-se do abuso de autoridade do pessoal da Investigação Criminal. Ray fingiu não perceber.

— Lamento fazer mais perguntas, mas é fundamental que tenhamos logo o maior número possível de informações.

A mãe de Jacob assentiu, mas não ergueu os olhos.

— Pelo que entendi, a senhora não conseguiu ver o número da placa do carro, certo?

— Aconteceu muito depressa — justificou-se ela, suas palavras carregadas de emoção. — Ele estava me contando sobre a escola, e então... só o soltei por um

segundo. — Ela enrolou ainda mais a alça da mochila na mão, e Ray observou a cor sumir de seus dedos. — Foi tudo muito rápido. O carro veio rápido demais.

Ela respondeu a todas as perguntas pacientemente, sem deixar transparecer a consternação que sem dúvida sentia. Ray detestava causar tamanha intrusão, mas não havia escolha.

— Como era o motorista?

— Não consegui olhar dentro do carro.

— Havia algum passageiro?

— Não consegui olhar dentro do carro — repetiu, com voz desanimada e fria.

— Entendi.

Agora como poderia continuar?

Ela olhou para ele.

— Você conseguirá encontrá-lo? O homem que matou Jacob. Conseguirá encontrá-lo?

Sua voz falhou e as palavras se desfizeram, transformando-se em um gemido baixo. Ela inclinou o corpo e abraçou a mochila com força. Ray sentiu um aperto no peito. Respirou fundo para afastar essa sensação.

— Faremos o possível — respondeu ele, recriminando-se pelo clichê.

Kate voltou da cozinha seguida por Brian, que carregava uma xícara de chá.

— Tudo bem se eu terminar de tomar o depoimento, chefe? — perguntou Brian.

Pare de perturbar minha testemunha, é o que você quer dizer, pensou Ray.

— Sim, obrigado, e desculpe a interrupção. Conseguiu o que precisamos, Kate?

Kate assentiu. Estava pálida, e ele se perguntou se Brian teria dito alguma coisa que a chateara. Em um ano ou um pouco mais ele a conheceria tão bem quanto o restante da equipe, mas por enquanto ainda não conseguia entendê-la. Ela era franca e direta, isso ele sabia, e não hesitava em expor seus pontos de vista nas reuniões de equipe. E aprendia com facilidade.

Os dois deixaram a casa e voltaram em silêncio para o carro.

— Tudo bem com você? — perguntou ele, embora fosse óbvio que não.

Seu maxilar estava cerrado e o rosto, pálido.

— Tudo — respondeu Kate, mas sua voz estava embargada e Ray percebeu que ela se esforçava para não chorar.

— O que foi? — perguntou ele, passando desajeitadamente um braço ao redor dos ombros dela — É o trabalho?

Com o tempo, Ray desenvolvera um mecanismo de defesa contra o impacto de casos como aquele. A maioria dos policiais tinha o seu, e por isso era preciso fechar os olhos para algumas piadas e brincadeiras que circulavam pela cantina, mas talvez Kate fosse diferente.

Ela concordou com a cabeça e respirou fundo, tremendo.

— Sinto muito, não costumo ser assim, eu juro. Já participei de dezenas de casos com morte, mas... meu Deus, ele só tinha cinco anos! Ao que tudo indica, o pai de Jacob nunca quis saber do filho, por isso ele e a mãe viviam um para o outro. Não consigo imaginar o que ela está passando.

A voz dela falhou, e Ray sentiu de novo um aperto no peito. Sua estratégia para enfrentar esse tipo de situação consistia em concentrar-se na investigação, nos elementos concretos de que dispunha, sem se ater às emoções das pessoas envolvidas. Se refletisse por muito tempo sobre o que deve sentir a pessoa que vê um filho morrer em seus braços, ele não seria útil para ninguém, muito menos para Jacob e a mãe. Sem querer, desviou o pensamento para seus próprios filhos, e teve uma vontade irracional de ligar para casa e verificar se eles estavam em segurança.

— Sinto muito. — Kate engoliu em seco e deu um sorriso constrangido. — Prometo que não serei sempre assim.

— Ei, não se preocupe. — Ray tranquilizou-a. — Todos nós já passamos por isso.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Até você? Eu não o imaginava um tipo sensível, chefe.

— Tenho meus momentos. — Ray apertou o ombro de Kate, mas logo afastou o braço. Ele não se lembrava de alguma vez ter de fato derramado alguma lágrima por causa de um trabalho, mas chegara bem perto. — Você vai ficar bem?

— Ficarei, sim. Obrigada.

Enquanto se afastavam, Kate virou-se para o local do acidente, onde os peritos continuavam seu árduo trabalho.

— Que tipo de patife mata um menino de cinco anos e vai embora?

Ray não hesitou.

— É exatamente o que vamos descobrir.

2

Não tenho vontade de tomar chá, mas aceito, de todo modo. Seguro a xícara com cuidado entre as mãos e mergulho o rosto no vapor até quase não suportar o calor. Sinto ferroadas na pele, dormência no rosto e ardência nos olhos. Tento conter o instinto de me afastar; preciso desse entorpecimento para apagar as cenas que não saem da minha cabeça.

— Quer comer alguma coisa?

Ele se agiganta ao meu lado e sei que eu deveria erguer os olhos, mas não consigo. Como ele pode me oferecer comida e bebida, como se nada tivesse acontecido? Sinto uma forte náusea e engulo o gosto amargo. Ele me culpa pelo que aconteceu. Não que tenha me dito isso, mas nem é preciso — está escrito em seus olhos. E ele tem razão... a culpa foi minha. Devíamos ter voltado para casa por um caminho diferente; eu não deveria ter conversado; devia tê-lo feito parar...

— Não, obrigada — digo baixinho. — Não estou com fome.

As imagens do acidente não me saem da cabeça. Quero apertar "pause", mas o filme é implacável: vejo o pequeno corpo chocar-se contra o para-brisa de novo e de novo. Aproximo mais uma vez a xícara do rosto, mas o chá esfriou e o calor na minha pele não é suficiente para provocar dor. Não sinto as lágrimas começarem a se formar, mas gotas espessas explodem quando caem em meus joelhos. Observo meu jeans absorvê-las, e esfrego a unha em uma mancha de lama na minha coxa.

Percorro com os olhos a sala da casa que levei tantos anos para organizar. As cortinas, compradas para combinar com as almofadas; as obras de arte, algumas minhas, outras descobertas em galerias e às quais não consegui resistir. Eu imaginava estar criando um lar, mas a única coisa que fiz foi construir uma casa.

Minha mão dói. Sinto a cadência rápida e leve de minha pulsação. Fico feliz com a dor. Gostaria que ela fosse maior. Gostaria que eu tivesse sido atropelada no lugar dele.

Ele volta a falar. *A polícia está em todos os lugares à procura do carro… os jornais apelarão para possíveis testemunhas… o caso estará em todos os noticiários…*

A sala gira e fixo os olhos na mesa de centro, fazendo um sinal com a cabeça quando me parece apropriado. Ele dá dois passos na direção da janela, mas logo volta. Eu gostaria que ele sentasse, pois já está começando a me deixar nervosa. Minhas mãos tremem e minha intenção é apenas repousar a xícara com o chá intocado, mas a porcelana choca-se ruidosamente contra o tampo de vidro da mesa. Ele me fuzila com um olhar de frustração.

— Desculpe — digo.

Sinto um gosto metálico na boca, e percebo que mordi o lábio por dentro. Engulo o sangue, pois não quero chamar a atenção pedindo um lenço de papel.

Tudo se modificou. No instante em que o carro deslizou no asfalto molhado, minha vida inteira mudou. Consigo ver tudo com clareza, como se observasse minha própria vida de fora. Não posso continuar assim.

⋆ ⋆ ⋆

Quando acordo, por um segundo, não consigo identificar o que sinto. Tudo é igual, e, no entanto, tudo mudou. Antes mesmo de abrir os olhos, um ruído surdo ecoa na minha cabeça, como o de um metrô se aproximando. E lá estão elas, as cenas em tecnicolor que não posso interromper nem silenciar. Pressiono minhas têmporas com as mãos como se com eu tivesse condições de afastar as imagens à força, mas elas insistem em voltar, intensas e rápidas, como se sem elas eu pudesse esquecer.

Sobre minha mesa de cabeceira está o despertador de bronze que Eve me deu quando fui para a universidade — "Porque sem ele você nunca chegará a tempo nas aulas" — e fico surpresa ao ver que já são 10h30. A dor na minha mão foi ofuscada por uma dor de cabeça que me cega a qualquer movimento brusco, e, quando tento sair da cama, todos os meus músculos doem.

Enfio as mesmas roupas de ontem e saio direto para o jardim para fazer café, apesar de minha boca seca que quase não me deixa engolir a saliva. Não consigo encontrar meus sapatos, e a geada queima meus pés enquanto atravesso o gramado. O jardim não é grande, mas o inverno está próximo, e quando chego do outro lado já não sinto os dedos.

O ateliê do jardim tem sido meu santuário nos últimos cinco anos. É para lá

que vou quando quero refletir, trabalhar, fugir. O chão de madeira está manchado pela argila que se desprende da roda de modelagem instalada no centro da sala para que eu possa me movimentar ao redor e recuar para observar meu trabalho com olhar crítico. Há prateleiras em três paredes, sobre as quais coloco minhas esculturas em um caos organizado que apenas eu consigo entender. Trabalhos em andamento, aqui; já levados ao forno, mas ainda sem pintura, ali; prontos para serem enviados aos clientes, acolá. Centenas de peças diferentes, mas ainda assim, se eu fechar os olhos, consigo sentir o formato de cada uma sob os dedos, a umidade do barro na palma das mãos.

Pego a chave no esconderijo sob o parapeito da janela e abro a porta. A situação é pior do que eu imaginava. O piso está escondido sob um tapete de barro quebrado; cacos de potes com pontas irregulares e perigosas. Todas as prateleiras de madeira estão vazias, não há nenhuma peça na minha mesa, e as minúsculas estatuetas sobre o parapeito da janela estão irreconhecíveis, reduzidas a fragmentos que cintilam sob a luz do sol.

Perto da porta há uma pequena estatueta de uma mulher. Eu a terminei no ano passado, como parte de uma série de imagens que fiz para uma loja em Clifton. Minha vontade tinha sido produzir uma peça real, tão longe quanto possível da perfeição e que ainda assim fosse bonita. Esculpi dez mulheres, cada uma com suas próprias curvas, celulites, cicatrizes e imperfeições. Inspirei-me na minha mãe; na minha irmã; nas minhas alunas das aulas de cerâmica; nas mulheres que via no parque. Esta sou eu. Não se parece muito comigo, e ninguém me reconheceria, mas, ainda assim, sou eu. Peito um pouco achatado demais; quadris um pouco estreitos demais; pés um pouco grandes demais. Cabelos embaraçados presos em um coque baixo. Agacho-me para pegá-la. Pensei que estivesse intacta, mas no momento em que a toco sinto a argila mover-se entre meus dedos e fico com dois pedaços nas mãos. Observo-os, e logo os jogo com toda a minha força contra a parede, onde se quebram em minúsculos fragmentos que se espalham pela mesa.

Respiro fundo, depois expiro devagar.

⋆ ⋆ ⋆

Não sei ao certo quantos dias se passaram desde o acidente, nem como me movimentei durante a semana, pois tenho a sensação de estar arrastando minhas

pernas em areia movediça. Não sei o que me faz decidir que hoje é o dia. Mas é. Reúno apenas o que cabe na minha sacola, ciente de que se não partir agora talvez jamais consiga fazê-lo. Caminho a esmo pela casa e tento imaginar como será nunca mais estar ali. Esse pensamento é ao mesmo tempo aterrador e libertador. Posso mesmo fazer isso? É possível simplesmente abandonar uma vida e começar outra? Preciso tentar: é minha única chance de sair inteira dessa situação.

Meu laptop está na cozinha. Nele há fotos, endereços, informações importantes que posso um dia precisar e que não me ocorreu salvar em outro lugar. Não tenho tempo de fazer isso agora e, embora ele seja pesado e incômodo, coloco-o na sacola. Não me sobra muito espaço, mas não posso ir embora sem uma última relíquia do meu passado. Eu me livro de uma jaqueta e algumas camisetas, e assim abro espaço para uma caixa de madeira onde estão escondidas minhas lembranças, empilhadas umas sobre as outras sob a tampa de cedro. Não examino o conteúdo, não é necessário. A coleção de diários da minha adolescência guardados de qualquer jeito e com algumas páginas arrancadas depois que me arrependi de tê-las escrito; ingressos para shows presos por um elástico; meu diploma de graduação; recortes de jornais sobre minha primeira exposição. E as fotos do filho que amei com uma intensidade que parecia impossível. Fotos preciosas. Poucas para alguém tão amado. Um impacto muito pequeno sobre o resto do mundo, mas o centro do meu.

Sem conseguir resistir, abro a caixa e pego a foto bem de cima: uma Polaroid tirada por uma parteira de voz tranquila no dia em que ele nasceu. É um tiquinho de gente, rosado, quase invisível sob o cobertor branco do hospital. Na foto, meus braços estão rígidos na posição desajeitada de mãe de primeira viagem que transborda de amor e exaustão. Tudo tinha sido tão precipitado, tão assustador, tão diferente dos livros que eu havia devorado durante a gravidez, mas o amor que eu tinha para oferecer jamais esmoreceu. De repente, sem conseguir respirar, recoloco a foto na caixa e a enfio na sacola.

★ ★ ★

A morte de Jacob é manchete nos jornais. Ela me persegue nos postos de gasolina por onde passo, na mercearia da esquina e na fila no ponto de ônibus onde espero como se eu não fosse diferente dos outros passageiros. Como se não estivesse

fugindo.

Todos comentam o acidente. Como foi possível isso acontecer? Quem teria feito uma maldade dessas? Cada vez que o ônibus para, surge alguém com notícias novas e fragmentos de fofocas que não consigo deixar de ouvir.

Era um carro preto.

Era um carro vermelho.

A polícia está perto de efetuar uma prisão.

A polícia não tem pistas.

Uma mulher senta-se ao meu lado. Abre o jornal e de repente tenho a sensação de que alguém pressiona meu peito. O rosto de Jacob está diante do meu; seus olhos machucados me repreendem por não tê-lo protegido, por tê-lo deixado morrer. Forço-me a olhar para ele e sinto um nó formar-se na minha garganta. Minha visão fica turva e não consigo ler o texto, mas nem preciso. Vi uma versão desse artigo em todos os jornais pelos quais passei hoje. As declarações de professores arrasados; os bilhetes nas flores colocadas ao longo da rua; o inquérito aberto e suspenso logo depois. Uma segunda foto mostra uma coroa de crisântemos amarelos sobre um caixão indescritivelmente pequeno. A mulher solta uma exclamação de pesar e começa a falar: um pouco consigo mesma, imagino, mas talvez ela espere minha opinião.

— Terrível, não é? E ainda por cima tão perto do Natal.

Não digo nada.

— E sair em disparada, sem parar! — continua ela. — E, preste atenção, ele só tinha cinco anos. Que mãe é essa que permite que uma criança dessa idade atravesse a rua sozinha?

Não consigo me controlar e deixo escapar um soluço. Sem que eu perceba, lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto e molham o lenço de papel que a mulher gentilmente colocou na minha mão.

— Pobre criatura — diz ela, como se tentasse consolar uma criança. Não sei se ela se refere a mim ou a Jacob. — Ninguém consegue imaginar uma coisa dessas, não é mesmo?

Mas eu consigo, e tenho vontade de lhe dizer que, seja lá o que esteja imaginando, a realidade é mil vezes pior. Ela me oferece outro lenço de papel, amassado, porém limpo, e vira a página do jornal para ler um artigo sobre a iluminação de Natal em Clifton.

Jamais pensei que um dia eu fugiria. Jamais pensei que precisaria.

3

Ray subiu para o terceiro andar, onde o ritmo frenético do serviço de policiamento vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, dava lugar aos tranquilos escritórios acarpetados do Departamento de Investigação Criminal, com expediente das nove às dezessete horas. Ele preferia ficar ali à noite, quando conseguia trabalhar nas pastas sempre acumuladas em sua mesa sem ser interrompido. Atravessou a área aberta, sem divisórias, e chegou ao escritório que havia sido criado para ele em um canto da sala.

— Como foi a reunião?

A voz o assustou. Ele virou-se e viu Kate sentada à mesa.

— A quarta brigada é minha antiga equipe, você sabe — disse ela com um bocejo. — Espero que tenham pelo menos fingido algum interesse.

— Sim, correu tudo bem — respondeu Ray. — São bons sujeitos, e a conversa deve no mínimo ter servido para manter o assunto fresco na cabeça deles.

Ray tinha conseguido que os detalhes do atropelamento com fuga continuassem na ordem do dia durante uma semana, mas era inevitável que o caso fosse deixado de lado quando surgissem novas ocorrências. Ele fazia o possível para passar em todas as brigadas para lembrar-lhes de que ainda precisava de ajuda. Bateu com o dedo no relógio.

— O que ainda faz aqui a esta hora?

— Estou examinando as reações da mídia — explicou ela, percorrendo com o polegar uma pilha de folhas impressas. — Não que isso ajude muito.

— Alguma coisa que valha a pena acompanhar?

— Nada! — respondeu Kate. — Algumas observações sobre má condução de carros, opiniões estranhas e hipócritas sobre o comportamento da mãe, e os excêntricos e malucos de sempre, incluindo um sujeito que previu o Segundo Advento. — Suspirou. — Precisamos desesperadamente de uma pista, algo que nos ajude a continuar.

— Entendo que seja frustrante — observou Ray —, mas tenha paciência, vamos conseguir. Sempre conseguimos.

Kate resmungou e afastou a cadeira da pilha de papel.

— Acho que paciência não é meu forte.

— Sei como se sente. — Ray sentou-se na borda da mesa. — Essa é a parte chata da investigação, a parte que não aparece na televisão. — Ele sorriu ao perceber a expressão aflita de Kate. — Mas vale a pena. Pense bem: no meio dessa papelada talvez esteja a chave para a solução do caso.

Kate olhou para a sua mesa com ar de dúvida e Ray sorriu.

— Calma, vou preparar um chá para a gente e depois ajudo você.

★ ★ ★

Eles examinaram folha por folha, mas não encontraram a informação que Ray esperava.

— Bem, pelo menos é mais uma coisa que podemos riscar da lista — concluiu ele. — Obrigado por ficar até mais tarde para revisar os documentos.

— Acredita que encontraremos o motorista?

— Precisamos crer que sim. Caso contrário, como alguém confiará na gente? Já trabalhei em centenas de casos. Não solucionei todos... longe disso, mas sempre tenho a convicção de que a resposta está bem perto.

— Stumpy disse que você fez um apelo no programa *Crimewatch*.

— Fiz, sim. É o procedimento padrão para um delito de atropelamento e fuga, ainda mais quando há uma criança envolvida. O que significa muito mais do que isso aí, imagino. — Apontou para a pilha de papéis, agora sem outro destino que não o triturador.

— Por mim, tudo bem — afirmou Kate. — Eu precisava fazer algumas horas extras. Comprei meu primeiro apartamento no ano passado e devo confessar que o dinheiro está apertado, para ser sincera.

— Você mora sozinha?

Ele ficou em dúvida se era permitido fazer esse tipo de pergunta nos dias de hoje. Desde que se tornara policial, o politicamente correto tinha atingido um ponto em que tudo que se referisse à vida particular, ainda que sutilmente, devia ser evitado. Dentro de poucos anos, as pessoas não teriam condições de conversar.

— A maior parte do tempo — respondeu Kate. — Comprei o apartamento

com meu dinheiro, mas meu namorado dorme lá com frequência. É o melhor dos dois mundos, na minha opinião.

Ray pegou as canecas vazias.

— Você está certa, mas o melhor agora é voltar para casa. Seu companheiro deve estar se perguntando por onde você anda.

— Isto não é problema. Ele é chef de cozinha — explicou Kate, mas também levantou-se. — Os horários dele são piores que os meus. E você? Sua esposa não se desespera por você trabalhar até tão tarde?

— Ela está acostumada — disse Ray, erguendo a voz para continuar a conversa enquanto ia à sua sala pegar o casaco. — Ela era policial também, começamos juntos.

O centro de treinamento da polícia em Ryton-on-Dunsmore tinha poucas vantagens, mas o bar com preços acessíveis era com certeza uma delas. Durante uma noite de karaokê particularmente sofrível, Ray tinha visto Mags sentada em uma mesa com colegas de turma. Ela ria, com a cabeça jogada para trás, de algo que uma amiga dizia. Quando a viu levantar-se para pedir mais uma rodada, ele bebeu depressa sua caneca de cerveja ainda quase cheia só para se aproximar dela no balcão, mesmo sem dizer uma palavra. Felizmente Mags era menos reticente, e eles se tornaram inseparáveis durante o resto do curso de dezesseis semanas. Ray reprimiu um sorriso ao lembrar-se de quando saía rastejando do dormitório feminino às seis da manhã para voltar ao quarto.

— Há quanto tempo estão casados? — perguntou Kate.

— Quinze anos. Decidimos nos casar assim que acabamos nosso estágio.

— Mas ela não trabalha mais aqui?

— Mags pediu uma licença no trabalho quando Tom nasceu, e nunca mais voltou depois da chegada da nossa caçula. Agora Lucy está com nove anos e Tom acaba de entrar no primeiro ano do ensino médio. Então Mags está considerando a possibilidade de voltar a trabalhar. Ela pensa em se requalificar para ser professora.

— Por que ela ficou tanto tempo sem trabalhar?

Havia uma curiosidade genuína nos olhos de Kate, e Ray lembrou que Mags se mostrara igualmente incrédula na época em que os dois iniciavam a carreira. A chefe de Mags tinha se desligado para ter filhos e ela comentara com Ray que não via sentido em iniciar uma carreira para pouco tempo depois abandoná-la.

— Ela queria ficar em casa para cuidar das crianças — respondeu Ray, com uma pontada de culpa. Era isso que Mags de fato queria? Ou teria apenas sentido que isso era o certo a fazer? Custava tão caro contratar alguém para tomar conta dos filhos que a decisão da esposa de parar de trabalhar parecera óbvia, e Ray sabia que ela queria estar presente para levá-los à escola, acompanhá-los nas atividades esportivas e participar de todo tipo de evento. Mas Mags era tão brilhante e capaz quanto ele... talvez até mais, para dizer a verdade.

— Acredito que quando uma pessoa se casa e continua a trabalhar, precisa aceitar as condições adversas que podem surgir.

Kate apagou a luz do abajur de mesa, e, por um instante, eles ficaram no escuro até Ray chegar ao corredor e acionar a luz automática.

— Ossos do ofício — concordou ele. — Há quanto tempo você está com esse rapaz?

Eles caminharam em direção ao pátio onde seus carros estavam estacionados.

— Mais ou menos seis meses, mas para mim já está muito bom. Costumo dispensar os namorados em poucas semanas. Minha mãe diz que sou exigente demais.

— O que há de errado com eles?

— Bem, de tudo um pouco — respondeu ela em tom de brincadeira. — Demonstram interesse demais, ou pouco interesse, não têm o menor senso de humor, ou são engraçadinhos demais...

— Uma crítica impiedosa — observou Ray.

— Talvez. — Kate franziu o nariz. — Mas é importante encontrar a pessoa certa, concorda? Fiz trinta anos no mês passado, não tenho tempo a perder.

Kate não parecia ter trinta anos, mas Ray nunca acertava a idade dos outros. Ele ainda se olhava no espelho e via o homem que havia sido aos vinte anos, mesmo que as rugas em seu rosto contassem uma história diferente.

Ray enfiou a mão no bolso e pegou suas chaves.

— Bem, não tenha muita pressa em sossegar. Nem só de rosas é feito um casamento, você sabe.

— Obrigada pelo conselho, papai...

— Ei, não sou tão velho!

Kate abriu um sorriso.

— Obrigada pela ajuda. Até amanhã de manhã.

Ray riu sozinho enquanto tirava com cuidado seu carro de trás de um Chevrolet Omega com identificação da polícia. *Papai*. Que cara de pau!

⋆ ⋆ ⋆

Quando ele chegou em casa, Mags estava na sala com a televisão ligada. Vestia calça de pijama e um blusão de moletom velho, as pernas cruzadas sob o corpo como uma criança. O apresentador de um noticiário recapitulava detalhes do atropelamento do menino, para o caso de, por um motivo ou outro, alguém ter perdido a extensa cobertura da semana anterior. Mags ergueu os olhos e sacudiu a cabeça.

— Não consigo parar de assistir. Coitado.

Ray sentou-se ao lado dela e pegou o controle remoto para tirar o som. A tela mostrava imagens antigas do local do acidente, e ele viu a própria nuca enquanto saía do carro com Kate.

— Eu sei — disse, passando o braço pelos ombros da esposa. — Mas vamos pegá-los.

A imagem mudou de novo e o rosto de Ray tomou conta da tela enquanto respondia às perguntas de um entrevistador fora do alcance da câmera.

— Acha que vocês vão conseguir? Conseguiram alguma pista?

— Na verdade, não. — Ray suspirou. — Ninguém viu o que aconteceu ou, se viu, não quer falar. Assim, dependemos da perícia e das informações.

— O motorista pode de alguma forma não ter percebido o que fez?

Mags endireitou o corpo para olhá-lo de frente e, de maneira impaciente, puxou os cabelos para trás das orelhas. Usava o mesmo corte desde que Ray a conhecera: cabelos compridos e lisos, sem franja. Eram tão escuros quanto os de Ray, mas, ao contrário dos dele, não tinham fios grisalhos. Ray tentou deixar a barba crescer logo após o nascimento de Lucy, mas três dias depois desistiu, quando ficou evidente que ela nasceria mais grisalha do que escura. Agora ele andava sempre bem barbeado e tentava ignorar os fios brancos que apareciam nas têmporas e que lhe davam, segundo Mags, um ar "distinto".

— Não há possibilidade — respondeu Ray. — O menino foi arremessado sobre o capô.

Mags não se mexeu. A emoção que ele havia percebido no rosto dela ao chegar em casa dera lugar ao olhar de concentração do qual ele lembrava tão bem

da época em que trabalhavam juntos.

— Além disso — continuou Ray —, o carro parou, mas em seguida engatou a ré e deu meia-volta. O motorista pode não ter percebido que matou Jacob, mas seria impossível ignorar o fato de que o havia atropelado.

— Alguém percorreu os hospitais? — perguntou Mags. — O motorista talvez tenha se ferido também, e...

Ray sorriu.

— Estamos fazendo isso, eu juro. — Ele se levantou. — Escute, não me leve a mal, mas o dia foi longo e só quero agora tomar uma cerveja, assistir a um pouco de TV e ir para a cama.

— Claro — concordou Mags em tom seco. — Você sabe... velhos hábitos, e tudo o mais.

— Eu sei, e prometo que pegaremos o motorista. — Beijou-a na testa. — Como sempre.

Ray percebeu que acabara de fazer a Mags a promessa que se recusara a fazer à mãe de Jacob, porque não havia como garantir que a cumpriria. "Faremos o que for possível", ele dissera. Agora esperava que isso fosse suficiente.

Ele foi à cozinha pegar uma bebida. Mags estava transtornada porque havia uma criança envolvida. Contar os detalhes do acidente talvez não tivesse sido uma boa ideia. Afinal, se ele achava difícil controlar as próprias emoções, era compreensível que Mags sentisse o mesmo. Ele se esforçaria para guardar as informações para si.

Ray pegou uma cerveja e voltou para a sala. Sentou-se ao lado da esposa para assistir à televisão e trocou rapidamente o canal de notícias por um que exibia um reality show que ela adorava.

★ ★ ★

Quando Ray chegou ao escritório carregando pastas trazidas da sala de correspondência e largou-as sobre a escrivaninha já lotada, a pilha inteira deslizou para o chão.

— Droga! — exclamou, observando a mesa com ar desanimado. A faxineira tinha estado ali, esvaziado a lixeira e tentado, na medida do possível, limpar a poeira daquele espaço caótico, deixando uma porção de felpas no arquivo sobre a mesa. Havia duas canecas de café frio ao lado do teclado e vários Post-it colados

na tela do computador com recados de maior e menor importância. Ray arrancou-os e colou-os na capa da agenda, onde já havia um Post-it rosa-shocking lembrando-o de fazer a avaliação de sua equipe. Como se eles já não tivessem trabalho suficiente. Ray travava uma batalha constante consigo mesmo para aguentar a burocracia das tarefas diárias. Não podia se queixar, não quando uma promoção estava tentadoramente próxima, mas era algo que não lhe agradava. Uma hora gasta discutindo seu desenvolvimento pessoal era, segundo ele, uma hora perdida, ainda mais quando havia a morte de uma criança a ser investigada.

Enquanto esperava a inicialização do computador, ele reclinou-se na cadeira e observou a foto de Jacob presa na parede oposta. Ray sempre deixava em evidência uma foto de quem estivesse no centro da investigação, desde que entrara para a Investigação Criminal, quando seu superior o lembrara em tom ríspido que não havia problema em dar uma gravata em alguém, mas que ele jamais devia esquecer "por que fazemos essas besteiras". As fotos costumavam ficar sobre sua mesa até o dia em que Mags passou no seu escritório, anos antes. Ela lhe levara alguma coisa... Ele não sabia mais o que era, uma pasta esquecida, talvez, ou um lanche. Ele se lembrava de ter ficado irritado com a interrupção quando ela ligou da recepção para lhe fazer uma surpresa e de ter sentido culpa ao perceber que ela fizera um desvio só para vê-lo. No caminho entre a recepção e o escritório de Ray, eles tinham parado para Mags cumprimentar o antigo chefe, que agora era superintendente.

— Aposto que você deve achar estranho voltar aqui — dissera Ray, quando chegaram ao seu escritório.

Mags tinha rido.

— É como se eu nunca tivesse ido embora. Você sai da polícia, mas a polícia não sai de você.

Ela mantinha uma expressão animada enquanto circulava pelo escritório, passando de leve os dedos pelo tampo da mesa do marido.

— Quem é esta mulher? — perguntara ela em tom de provocação ao pegar a foto apoiada na moldura do porta-retratos em que ela aparecia ao lado dos filhos.

— Uma vítima — respondera Ray, tirando com delicadeza a foto das mãos de Mags e colocando-a de volta na mesa. — Ela levou dezessete facadas do namorado porque demorou a preparar o chá.

Se Mags ficou chocada, não demonstrou.

— Por que não a coloca no arquivo?

— Prefiro que fique diante dos meus olhos. Assim não esqueço por que faço tudo isso nem por que trabalho até tão tarde.

Mags assentira. Ela às vezes o compreendia melhor do que ele imaginava.

— Mas não ao lado da nossa. Por favor, Ray.

Ela pegara de novo a foto e olhara ao redor à procura de um lugar mais adequado. Seus olhos fixaram-se no painel de cortiça sem uso no fundo da sala e, com uma tachinha apanhada de um pote em cima da mesa, prendera a foto da sorridente mulher morta no meio da tela.

E lá a imagem ficou.

O namorado da mulher há muito fora acusado de homicídio, e uma sucessão de outras vítimas tinha tomado o seu lugar. O velho espancado por assaltantes adolescentes; as quatro mulheres abusadas sexualmente por um motorista de táxi; e agora Jacob, radiante em seu uniforme escolar. Todos dependiam de Ray. Ele revisou as anotações feitas em sua agenda na noite anterior para a reunião daquela manhã. Elas não ajudavam muito. Quando o computador avisou com um bipe que tinha finalmente inicializado, Ray viu que era hora de ir à luta. Eles podiam não ter muitas pistas, mas havia muito trabalho pela frente.

⋆ ⋆ ⋆

Pouco antes das dez horas, Stumpy e sua equipe entraram no escritório de Ray. Stumpy e Dave Hillsdon instalaram-se em duas das cadeiras que rodeavam a mesa de centro, enquanto os outros permaneceram de pé no fundo da sala ou recostados na parede. A terceira cadeira havia sido deixada livre em um gesto tácito de cavalheirismo, e Ray achou engraçado ver Kate ignorar a oferta e ir para o fundo, ao lado de Malcolm Johnson. A equipe havia aumentado temporariamente com a chegada de dois agentes cedidos e que pareciam desconfortáveis em seus ternos conseguidos às pressas, e de Phil Crocker, da Unidade de Investigação de Acidentes de Trânsito.

— Bom dia a todos — começou Ray. — Não quero prendê-los aqui por muito tempo. Gostaria de apresentar-lhes Brian Walton, da Primeira Brigada, e Pat Bryce, da Terceira. É bom tê-los conosco, rapazes, e mãos à obra, já que há muita coisa a ser feita.

Brian e Pat concordaram com um gesto de cabeça.

— Bem — prosseguiu Ray. — O objetivo desta pequena reunião é revisar o que sabemos sobre o atropelamento com fuga em Fishponds e decidir qual caminho tomaremos a seguir. Como podem imaginar, a chefia acompanha este caso muito de perto. — Ele conferiu suas anotações, embora as soubesse de cor. — Às 16h28 de segunda-feira, 26 de novembro, operadores do serviço de emergência receberam um telefonema de uma moradora da Enfield Avenue. Ela havia escutado um estrondo, seguido de um grito. Quando saiu de casa, viu que não havia mais nada a fazer e reparou na mãe de Jacob debruçada sobre ele no meio da rua. A ambulância chegou seis minutos depois, e Jacob foi declarado morto no local do acidente.

Ray fez uma breve pausa para que todos compreendessem a seriedade da investigação. Olhou de relance para Kate, mas a expressão dela era neutra, e ele não saberia dizer se estava aliviado ou triste por ela ter conseguido construir suas defesas tão bem. Não era a única pessoa que parecia desprovida de emoções. Um estranho que passasse os olhos pela sala poderia supor que a polícia não dava a menor importância à morte do menino, quando na verdade Ray sabia que todos estavam emocionados. Ele deu continuidade à reunião.

— Jacob completou cinco anos no mês passado, logo após entrar para a escola St. Mary, na Beckett Street. No dia do acidente, ele tinha participado de uma atividade depois da aula, enquanto sua mãe trabalhava. Em seu depoimento, ela declara que estavam voltando a pé para casa e que comentavam sobre o dia de cada um quando ela soltou a mão do filho e ele atravessou a rua correndo na direção de casa. Segundo ela, o filho já havia feito isso antes; ele não prestava muita atenção no trânsito e ela sempre fazia questão de segurá-lo pela mão na hora de atravessar uma rua. — A não ser dessa vez, ele acrescentou mentalmente. Uma pequena falta de atenção pela qual ela jamais se perdoaria. Ray estremeceu.

— O que ela viu do carro? — perguntou Brian Walton.

— Não muito. Ela afirma que, em vez de frear, o motorista acelerou e atropelou Jacob, e que por pouco ela não foi atingida também. Na verdade, ela caiu e se machucou. Os policiais presentes viram que ela estava ferida, mas ela recusou atendimento. Phil, pode nos dizer mais alguma coisa sobre o acidente em si?

Único policial uniformizado na sala, Phil Crocker era um investigador especializado em acidentes de trânsito e, com anos de experiência na Polícia

Rodoviária, era a ele que Ray recorria para todas as ocorrências relacionadas ao assunto.

— Não há muito a dizer. — Phil deu de ombros. — O tempo chuvoso explica por que não há marcas de pneus, e por isso não posso dar uma estimativa de velocidade nem dizer se o veículo tentou frear antes do impacto. Encontramos um fragmento de plástico duro a uns vinte metros do local da colisão, e o perito confirmou que pertence ao farol de neblina de um Volvo.

— Parece um dado importante — observou Ray.

— Passei os detalhes para Stumpy — informou Phil. — Fora isso, não disponho de mais nada.

— Obrigado, Phil. — Ray voltou às suas anotações. — O relatório da autópsia de Jacob mostra que a morte ocorreu por traumatismo generalizado. Ele teve múltiplas fraturas e ruptura do baço.

Ray tinha presenciado a autópsia, menos por necessidade profissional e mais por não suportar a ideia de deixar Jacob sozinho no necrotério frio. Ele tinha olhado sem ver, desviando os olhos do rosto do menino e concentrando-se em algumas palavras avulsas pronunciadas pelo patologista. Ambos sentiram-se aliviados quando o procedimento acabou.

— A julgar pelo ponto do impacto, estamos falando de um veículo pequeno, então podemos excluir vans e carros quatro por quatro. O patologista encontrou fragmentos de vidro no corpo de Jacob, mas entendo que não seja possível relacionar esse fato a um determinado veículo. Estou certo, Phil? — perguntou Ray e olhou para o investigador de acidentes.

— O vidro em si não é específico de um determinado veículo — explicou Phil. — Se tivéssemos um culpado, talvez encontrássemos partículas iguais em suas roupas, pois é quase impossível livrar-se delas. Mas não encontramos vidro no local, sugerindo que o para-brisa quebrou com o impacto, mas não se estilhaçou. Localizem o carro, e faremos a comparação com os fragmentos encontrados na vítima, mas sem isso...

— Pelo menos temos uma ideia das avarias que o carro pode ter sofrido — sugeriu Ray, tentando dar uma interpretação positiva às poucas linhas de investigação que eles de fato tinham. — Stumpy, pode recapitular o que foi feito até agora?

O investigador observou a parede do escritório de Ray, onde a investigação

estava representada em uma série de mapas, gráficos e folhas presas em cavaletes, cada um com uma lista de tarefas.

— As visitas às casas da vizinhança foram feitas naquela mesma noite, e repetido no dia seguinte por uma patrulha. Várias pessoas ouviram o que descreveram como um "estrondo" seguido de um grito, mas ninguém viu o carro. Enviamos agentes para falar com pais de alunos na saída da escola e colocamos cartas nas caixas de correio dos dois lados de Enfield Avenue em busca de testemunhas. Os anúncios de rua ainda estão expostos, e Kate faz o acompanhamento dos poucos telefonemas que recebemos em resposta.

— Nada que se possa aproveitar?

Stumpy fez que não com a cabeça.

— A perspectiva não é boa, chefe.

Ray ignorou seu pessimismo.

— Quando o *Crimewatch* vai ao ar?

— Amanhã à noite. Fizemos uma reconstituição do acidente, e eles montaram algumas imagens impressionantes de como o carro deve estar agora. No final, mostrarão a entrevista do apresentador com o chefe dos detetives.

— Preciso que alguém fique no escritório até mais tarde para o caso de recebermos alguma pista importante depois que o programa for ao ar, por favor — pediu Ray ao grupo. — O resto não é tão urgente. — Houve um silêncio geral, e ele olhou ao redor à espera de uma resposta. — Alguém precisa fazer isso...

— Não me incomodo de ficar. — Kate ergueu a mão e Ray lançou-lhe um olhar de gratidão.

— E o farol de neblina que Phil mencionou? — perguntou ele.

— A Volvo nos forneceu a referência da peça, e conseguimos uma relação das oficinas que a receberam nos últimos dez dias. Encarreguei Malcolm de fazer contato com todas, começando pelas localizadas naquela área, para obter a placa dos carros em que a peça tenha sido instalada a partir da data do acidente.

— Ótimo — disse Ray. — Ficaremos atentos a esse detalhe durante as investigações, mas lembrem-se de que esse é apenas um elemento, não uma prova. Não podemos ter certeza absoluta de que o carro que procuramos é um Volvo. Quem está encarregado do sistema de câmeras de vigilância?

— A gente, chefe. — Brian Walton levantou a mão. — Apreendemos o que

estava ao nosso alcance: todas as câmeras de vigilância municipais, as dos estabelecimentos comerciais e dos postos de gasolina da região. Temos nos restringido à meia hora anterior ou posterior ao acidente, mas mesmo assim são centenas de horas de registro para examinar.

Ray fez uma careta ao pensar no seu orçamento para horas extras.

— Tragam-me a relação das câmeras — pediu. — Não temos condições de ver tudo, por isso gostaria da ajuda de vocês para decidir o que priorizar.

Brian concordou com um gesto de cabeça.

— Temos muita coisa para fazer, então — continuou Ray.

Deu um sorriso confiante, apesar de suas dúvidas. Quinze dias já tinham se passado desde a "hora crucial", a primeira imediatamente após um crime, quando as possibilidades de encontrar o culpado são maiores e, embora a equipe estivesse trabalhando bem, não conseguia avançar. Ele fez uma pausa, antes de dar a má notícia.

— Imagino que não ficarão surpresos ao saber que todas as folgas foram canceladas até segunda ordem. Sinto muito, e farei o que puder para garantir que todos consigam passar algum tempo com suas famílias durante o período de Natal.

Houve um murmúrio geral de descontentamento enquanto os policiais deixavam o escritório, um a um, mas sem se queixar, e Ray tinha certeza de que assim continuariam. Embora ninguém houvesse dito, todos pensavam em como seria o Natal da mãe de Jacob naquele ano.

4

Minha determinação começa a vacilar quase no mesmo instante em que deixamos Bristol. Eu não tinha planejado para onde ir. Sigo às cegas na direção oeste, imaginando chegar talvez em Devon, ou na Cornualha. Penso com saudade nas férias de minha infância; nos castelos de areia que Eve e eu construíamos na praia, com a pele melada de picolé e protetor solar. A lembrança me empurra para o mar; leva-me para longe das avenidas arborizadas de Bristol, para longe do tráfego. Sinto um medo quase físico dos carros que não conseguem esperar para ultrapassar quando o ônibus para na rodoviária. Sigo sem rumo certo por algum tempo, depois entrego dez libras para um homem em um quiosque dos ônibus Greyhound, que se importa tão pouco com meu destino quanto eu.

Atravessamos a ponte Severn, e baixo os olhos para o turbilhão de água cinzenta como esgoto que é o canal de Bristol. No ônibus, reina um silêncio anônimo, e ninguém lê o *Bristol Post*. Ninguém fala em Jacob. Reclino-me no banco. Estou exausta, mas não me atrevo a fechar os olhos. Quando durmo, assaltam-me as imagens e os sons do acidente, a convicção de que, se tivesse me adiantado apenas alguns minutos, aquilo jamais teria acontecido.

O ônibus Greyhound vai para Swansea, e dou uma olhada ao redor para ver quem são meus companheiros de viagem. Percebo que quase todos são estudantes com fones nos ouvidos e estão concentrados lendo revistas. Uma mulher da minha idade lê documentos e faz anotações cuidadosas nas margens. Parece incrível que eu nunca tenha estado no País de Gales, mas agora me alegro por não conhecer ninguém aqui. É o lugar perfeito para um recomeço.

Sou a última a desembarcar, e permaneço na estação rodoviária até o ônibus se afastar; a adrenalina do início da viagem já é apenas uma lembrança distante. Agora que cheguei a Swansea não tenho para onde ir. Há um homem caído na calçada; ele ergue os olhos, murmura palavras incoerentes, então me afasto. Não posso ficar ali e não sei meu destino quando começo a caminhar. Tomo uma decisão: pegarei a próxima rua à esquerda, sem me importar para onde ela vai;

depois a segunda à direita; e sempre em frente no primeiro cruzamento. Não leio as placas de sinalização, e dou preferência à menor rua em cada junção, ao caminho menos frequentado. Estou atordoada, quase histérica. O que faço? Para onde vou? Pergunto-me se é isso que significa perder a cabeça e então percebo que para mim tanto faz. Nada mais me importa.

Caminho vários quilômetros e deixo Swansea bem para trás. Encosto-me nos arbustos quando passa algum carro, o que acontece cada vez menos à medida que a noite se aproxima. Carrego a sacola de viagem nas costas, como uma mochila e, embora as alças deixem sulcos em meus ombros, meu ritmo é firme e eu não paro. Ouço apenas a minha respiração, e começo a me acalmar. Não me permito pensar no que aconteceu nem para onde vou, só sigo em frente. Tiro o telefone do bolso e, sem verificar quantas chamadas perdidas existem, jogo-o na vala que corre ao lado. Quando ele mergulha, sinto respingos de água estagnada. É o último elo com meu passado, e, no mesmo instante, sinto-me mais livre.

Meus pés começam a doer, mas sei que se parar e deitar na beira da estrada jamais conseguirei me levantar. Diminuo o passo e então ouço um carro atrás de mim. Piso na grama e tento me afastar da estrada, mas em vez de desaparecer na curva, ele para cinco ou seis metros à frente. Ouço um leve chiado dos freios e sinto o cheiro de fumaça do cano de escape. O sangue pulsa nas minhas têmporas e, sem pensar duas vezes, dou meia-volta e começo a correr com a sacola golpeando minha coluna. Corro de maneira desastrada, meus pés cobertos de bolhas roçando o interior das botas, e sinto o suor escorrer nas costas e entre os seios. Não consigo mais ouvir o carro, e quando olho por cima do ombro com um giro brusco que quase me faz perder o equilíbrio, vejo que ele desapareceu.

Fico plantada como uma idiota na rua vazia. Estou tão cansada e com tanta fome que não consigo raciocinar direito. Pergunto-me se havia mesmo um carro ou se projetei naquela rua silenciosa o ruído de pneus no asfalto porque é só isso que ressoa na minha cabeça.

A noite chega. Sei que já estou perto da costa: sinto o gosto de sal nos lábios e ouço o som das ondas que açoitam a praia. A placa indica "Penfach", e o local é tão tranquilo que tenho a sensação de estar invadindo um terreno proibido quando caminho pelo vilarejo, erguendo os olhos para observar as cortinas fechadas que protegem os moradores contra o frio da noite de inverno. A luz da lua é límpida e branca, fazendo com que tudo pareça ter duas dimensões e

prolongando minha sombra, como se eu fosse muito mais alta do que sou. Atravesso a cidadezinha a pé até que vejo a baía, abaixo, onde penhascos cercam uma faixa de areia, como se quisessem protegê-la. Desço com cuidado um caminho sinuoso, mas a escuridão é traiçoeira e sinto o pânico do vazio antes de escorregar e dar um grito. Desestabilizada por minha mochila improvisada, perco o equilíbrio, caio, e desço rolando o resto do caminho. Ouço o atrito da areia úmida sob meu corpo e respiro fundo, na expectativa de sentir alguma dor. Mas não sinto nada. Pergunto-me por um instante se me tornei imune à dor física, se o corpo humano não teria sido concebido para suportar tanto o sofrimento físico quanto o emocional. Minha mão ainda lateja, mas é uma sensação distante, como se ela pertencesse a outra pessoa.

Tenho uma súbita necessidade de sentir alguma coisa. Qualquer coisa. Apesar do frio, tiro o calçado para experimentar a pressão dos grãos de areia sob meus pés. O céu está azul anil e sem nuvens, e a lua repousa, cheia e pesada, sobre o mar, com o reflexo cintilante de sua irmã gêmea na superfície da água. Estou longe de casa. Isso é o mais importante. Não me sinto em casa. Enrolo-me no casaco e sento-me sobre a sacola, com as costas pressionadas contra a rocha dura, e espero.

⋆ ⋆ ⋆

Quando amanhece, dou-me conta de que devo ter dormido; restos de minha exaustão são perturbados pelo ruído das ondas que quebram na costa. Estiro as pernas e os braços doloridos e congelados e me levanto para contemplar o fulgor laranja dos primeiros raios que iluminam o horizonte. O sol, no entanto, não aquece, e estou arrepiada de frio. Não foi um plano muito brilhante.

É mais fácil vencer o caminho estreito à luz do dia, e agora vejo que, ao contrário do que eu pensara, os penhascos não estão desertos. A pouco menos de um quilômetro de onde estou há um prédio baixo, atarracado e funcional, ao lado de fileiras bem organizadas de trailers. Um camping. É um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar.

⋆ ⋆ ⋆

— Bom dia — digo, e minha voz soa fraca e aguda no calor relativo da loja do

camping. — Estou à procura de um lugar para ficar.

— Está de férias? — A mulher apoia o busto generoso sobre um exemplar da revista *Take a Break*. — É estranho alguém vir para cá nesta época do ano. — Um sorriso suaviza suas palavras, e tento retribuí-lo, mas meu rosto não reage.

— Gostaria de ficar por aqui — consigo dizer. Estou consciente da aparência selvagem que devo ter: suja e despenteada. Meus dentes estão batendo e começo a tremer descontroladamente, como se o frio penetrasse em meus ossos.

— Tudo bem, então — diz a mulher com entusiasmo, sem parecer preocupada com meu aspecto. — Nesse caso, imagino que esteja à procura de um lugar para alugar, certo? Acontece que estamos fechados até o início da temporada, sabe? Até março apenas a loja fica aberta. Assim, é com Iestyn Jones que você deve falar; ele tem um chalé perto daqui. Posso ligar para ele? Que tal uma boa xícara de chá primeiro? Está fazendo um frio danado lá fora, e você parece estar congelando.

Ela me leva até um banco alto atrás do balcão e desaparece no cômodo ao lado, mas não para de falar e aumenta o tom de voz para encobrir o chiado da chaleira.

— Meu nome é Bethan Morgan. Sou gerente deste camping, o Penfach Caravan Park, e meu marido, Glynn, cuida da fazenda. — Ela espia pelo vão da porta e sorri para mim. — Bem, pelo menos esta é a ideia, embora agricultura não seja um negócio fácil hoje em dia, posso lhe garantir. Ah! Eu ia ligar para Iestyn, não é mesmo?

Bethan não espera pela resposta e desaparece por alguns minutos enquanto mordo meu lábio inferior. Tento pensar em respostas às perguntas que ela me fará quando nos sentarmos diante do chá, e o aperto que sinto no peito não para de crescer.

Quando Bethan retorna, no entanto, não pergunta nada. Nem quando cheguei, nem o que me fez escolher Penfach, nem mesmo de onde venho. Limita-se a me oferecer uma xícara lascada de chá com açúcar antes de se acomodar em sua poltrona. Veste tantas roupas diferentes, umas sobre as outras, que é impossível distinguir o formato de seu corpo, mas vejo que os braços da poltrona se enterram em sua carne macia de uma forma que não pode ser confortável. Tem quarenta e poucos anos, eu acho, mas seu rosto redondo e tranquilo a faz parecer mais jovem. Seus cabelos escuros compridos estão

amarrados em um rabo de cavalo. Usa botas de amarrar sob uma saia preta longa e várias camisetas, por cima das quais veste um casaco de lã que lhe chega aos tornozelos e arrasta no chão empoeirado quando ela senta. Atrás dela, um bastão de incenso já queimado deixou um rastro de cinzas no peitoril da janela e no ar há um cheiro doce e persistente de especiarias. Há uma guirlanda na gaveta da caixa registradora antiga que fica sobre o balcão.

— Iestyn está a caminho — avisa Bethan.

Ela colocou uma terceira caneca de chá no balcão ao seu lado, e então suponho que Iestyn, seja ele quem for, chegará em poucos minutos.

— Quem é Iestyn?

Penso se não foi um erro vir para cá, onde todos se conhecem. Devia ter escolhido uma cidade maior, um lugar mais anônimo.

— Ele é dono de uma fazenda mais adiante, nesta mesma estrada — explica Bethan. — Fica do outro lado de Penfach, mas ele cria cabras neste lado da encosta e ao longo do litoral. — Aponta na direção do mar. — Seremos vizinhas, você e eu, se decidir ficar no chalé, mas já aviso que não é nenhum palácio.

Bethan ri, e não consigo não retribuir com um sorriso. Sua franqueza me traz Eve à lembrança, embora eu suspeite que minha irmã, tão magra e elegante, ficaria chocada com a comparação.

— Não preciso de muita coisa — respondo.

— Iestyn não é muito de conversa fiada — explica Bethan, como se isso pudesse me decepcionar —, mas é muito agradável. Mantém suas ovelhas aqui perto, junto das nossas. — Ela faz um gesto sutil para o interior das terras. — E, como todos nós, precisa se virar para conseguir embolsar uma grana extra. Como se chama isso? Diversificação? — Bethan dá um sorriso sarcástico. — Em resumo, Iestyn tem uma casa de veraneio na cidade, e também tem Blaen Cedi, um chalé bem perto daqui.

— E é esse que você imagina que poderei alugar?

— Se o fizer, será a primeira inquilina em muito tempo.

A voz masculina me sobressalta e, ao virar-me, vejo um homem corpulento de pé no vão da porta.

— Não é tão ruim assim! — exclama Bethan. — Agora tome seu chá e depois leve a senhora para vê-lo.

Iestyn tem o rosto tão escuro e enrugado que fica difícil enxergar seus olhos.

Sua roupa está escondida embaixo de um macacão azul-escuro empoeirado e com manchas de graxa nas coxas. Com os olhos vidrados em mim, bebe ruidosamente seu chá através de um bigode branco amarelado pela nicotina.

— Blaen Cedi fica longe demais da estrada para a maioria das pessoas — explica ele, com um forte sotaque que me esforço para identificar. — Ninguém quer carregar sacolas até tão longe, sabe?

— Posso vê-lo?

Levanto-me, desejando que o chalé abandonado que ninguém quer seja a resposta.

Iestyn continua a tomar seu chá, enxaguando a boca com cada gole antes de engoli-lo. Quando acaba, deixa escapar um suspiro de satisfação e sai da sala. Olho para Bethan.

— Eu não disse? Um homem de poucas palavras. — Ela ri. — Vá logo, ele não vai esperar.

— Obrigada pelo chá.

— Foi um prazer. Venha me visitar quando estiver instalada.

Automaticamente prometo ir, embora saiba que não cumprirei a promessa, e saio logo. Do lado de fora, encontro Iestyn em um quadriciclo motorizado coberto por uma crosta de lama.

Dou um passo atrás. Ele espera que eu ande na sua garupa? Um homem que conheço há menos de cinco minutos?

— É o único modo de se locomover por aqui — grita ele para encobrir o ruído do motor.

Minha cabeça gira. Tento avaliar se minha necessidade prática de visitar o chalé é maior que o medo primitivo que enraíza meus pés no chão.

— Bem, suba se quiser ir comigo.

Aproximo-me devagar e me acomodo com cautela atrás dele no quadriciclo. Não tenho onde me segurar e não consigo me decidir se abraço sua cintura, então me agarro ao assento enquanto ele acelera e o veículo dispara pela trilha acidentada do litoral. A baía se estende ao nosso redor, e a maré agora muito alta choca-se contra o rochedo, mas quando chegamos ao caminho que sobe da praia, Iestyn manobra o quadriciclo e o afasta do mar. Grita alguma coisa por cima do ombro e faz sinal para que eu olhe para o lado oposto. Avançamos aos trancos pelo terreno irregular e procuro o que espero ser minha nova casa.

Bethan descreveu a moradia como um chalé, mas Blaen Cedi é pouco mais que uma cabana de pastor. Pintado originalmente de branco, a cor há muito perdeu sua batalha contra as intempéries, e as paredes têm agora um tom cinza sujo. A grande porta de madeira parece desproporcional em relação às duas janelas minúsculas que espiam por baixo dos beirais, e uma claraboia revela que deve haver um segundo andar, embora não pareça haver espaço para tanto. Agora entendo por que Iestyn tem dificuldade em alugar o chalé para férias. Até o mais criativo dos corretores de imóveis teria dificuldade em minimizar a umidade que avança pelas paredes externas e as telhas de ardósia soltas no telhado.

Enquanto Iestyn abre a porta, fico de costas para o chalé e observo o litoral. Imaginei que dali pudesse ver o camping de trailers, mas o caminho desce a partir da costa e nos deixa em um leve declive que impede a visão do horizonte. Também não vejo a baía, embora ouça o mar açoitar as rochas a intervalos regulares. Gaivotas giram no céu e, na claridade reduzida, seus pios tristes lembram gemidos de gatinhos. Sinto um calafrio involuntário e tenho uma súbita vontade de entrar.

O térreo tem quase quatro metros de comprimento, e uma mesa de madeira de tampo irregular separa a área de estar da pequena cozinha instalada sob uma imensa viga de carvalho.

No andar de cima, o espaço se divide entre o quarto e um banheiro pequeno com uma banheira minúscula. O espelho é antigo e sua superfície manchada distorce meu rosto. Tenho o tom de pele claro comum às ruivas, mas a iluminação fraca faz com que minha pele pareça ainda mais translúcida, de um branco ofuscante contrastando com o cabelo avermelhado que passa dos meus ombros. Volto para o térreo e encontro Iestyn empilhando lenha. Quando acaba, atravessa o cômodo e fica junto ao fogão.

— Ele é um pouco temperamental — diz ele.

Abre de repente o gavetão para lenha e o barulho me faz saltar de susto.

— Posso ficar com o chalé? — pergunto. — Por favor. — Há um tom de desespero na minha voz, e me pergunto o que ele vai pensar de mim.

Iestyn me olha com desconfiança.

— Você tem condições de pagar, certo?

— Tenho — respondo com firmeza, embora não tenha ideia do tempo que minhas economias poderão durar nem do que farei quando elas acabarem.

Ele não parece convencido.

— Você tem emprego?

Penso no meu ateliê com o chão coberto de argila. A dor que eu sentia na mão diminuiu, mas tenho tão pouca sensibilidade nos dedos que receio não poder mais trabalhar. Se não sou mais escultora, o que eu sou?

— Sou uma artista — respondo por fim.

Iestyn grunhe como se isso explicasse tudo.

Entramos em acordo sobre um aluguel que, embora seja ridiculamente barato, em breve acabará com o pouco dinheiro que consegui guardar. Mas pelo menos o pequeno chalé de pedra será meu pelos próximos meses, então suspiro aliviada por ter encontrado um lugar.

Iestyn rabisca um número de celular no verso de um recibo que tira do bolso.

— Pode deixar o aluguel deste mês com Bethan, se quiser.

Despede-se com um aceno de cabeça, caminha a passos largos até o quadriciclo e arranca com muito barulho.

Eu o observo se afastar, depois giro com dificuldade a chave na fechadura emperrada. Apesar do sol de inverno, corro escada acima para fechar as cortinas do quarto e trancar a janela do banheiro, que ficara entreaberta. No andar de baixo, as cortinas estão presas no varão de metal como se nunca tivessem sido usadas, e então puxo-as com força, liberando uma nuvem de poeira do meio das dobras. As janelas tremem com o vento, e as cortinas pouco fazem para conter o frio glacial que se infiltra pelas frestas dos caixilhos soltos.

Sento-me no sofá e ouço minha respiração. Não consigo ouvir o mar, mas o grito melancólico de uma gaivota solitária me traz à lembrança o choro de um bebê, por isso tapo os ouvidos com as mãos.

A exaustão toma conta de mim e me encolho com os braços em volta dos joelhos e o rosto pressionado contra o tecido áspero de minha calça jeans. Sinto que estou sendo tomada por uma onda de emoção e ela explode dentro de mim com tanta violência que mal consigo respirar. A dor é tanta que parece impossível que eu ainda esteja viva; que meu coração continue a bater mesmo dilacerado. Quero fixar uma imagem dele na minha mente, mas tudo que vejo ao fechar os olhos é seu corpo imóvel e sem vida em meus braços. Deixei você ir, e jamais me perdoarei por isso.

5

— Tem um tempinho para falar do atropelamento, chefe? — Stumpy passou a cabeça pela porta de Ray, seguido de perto por Kate.

Ray ergueu os olhos. No decorrer dos três meses anteriores, as ações referentes à investigação tinham sido reduzidas pouco a pouco, cedendo lugar a casos novos, mais prementes. Ray ainda revisava os detalhes uma ou duas vezes por semana com Stumpy e sua equipe, mas os telefonemas eram cada vez mais escassos, e fazia semanas que não recebiam um dado novo.

— Claro.

Os dois agentes entraram e se acomodaram.

— Não conseguimos localizar a mãe de Jacob — informou Stumpy, indo direto ao ponto.

— O que está querendo me dizer?

— Exatamente isto. O telefone está desligado e a casa, vazia. Ela sumiu.

Ray olhou para Stumpy e depois para Kate, que parecia pouco à vontade.

— Por favor, digam que isso é uma piada.

— Se for, não sabemos qual é o final — respondeu Kate.

— Essa mulher é nossa única testemunha! — explodiu Ray. — Além de ser a mãe da vítima! Como conseguiram perder contato com ela?

Kate corou e Ray tentou se acalmar.

— Contem exatamente o que aconteceu.

Kate olhou para Stumpy, que fez um sinal para ela falar.

— Depois da coletiva de imprensa, na verdade não precisávamos mais dela — explicou Kate. — Tínhamos seu depoimento e ela já havia sido interrogada, então a deixamos nas mãos da assistente social.

— Quem era a assistente social? — perguntou Ray.

— Diana Heath — respondeu Kate, após uma pausa —, da Polícia Rodoviária.

Ray fez uma anotação em sua agenda azul e esperou que Kate continuasse.

— No dia seguinte, Diana foi ver como estava a mãe de Jacob e deparou-se com a casa vazia. Ela tinha se mandado.

— O que os vizinhos dizem?

— Não muito — respondeu Kate. — Ela não conhecia nenhum deles tão bem a ponto de deixar seu novo endereço, e ninguém a viu ir embora. Foi como se tivesse evaporado.

Kate virou-se para Stumpy e Ray estreitou os olhos.

— O que vocês não estão me contando?

Houve um momento de silêncio antes de Stumpy começar a falar.

— Parece que surgiram comentários hostis em um fórum on-line. Algum encrenqueiro insinuou que ela era uma mãe desnaturada, esse tipo de coisa.

— Algo calunioso?

— É possível. Tudo foi apagado, mas pedi ao perito que tente recuperar os arquivos no cache. Mas isso não é tudo, chefe. Ao que parece, os agentes que a interrogaram logo após o acidente podem ter sido um pouco duros demais. Insensíveis. Tudo indica que ela entendeu que era considerada culpada e, em consequência, deduziu que não faríamos grandes esforços para encontrar o motorista que matou seu filho.

— Meu Deus! — exclamou Ray. Perguntou a si mesmo se seria demais querer que nada daquilo chegasse aos ouvidos de seus superiores. — Ela deu algum sinal de não estar satisfeita com a atuação da polícia naquele momento?

— Foi a primeira coisa que ouvimos da assistente social — explicou Stumpy.

— Falem com o pessoal da escola — sugeriu Ray. — Alguém deve continuar em contato com ela. E tentem também os médicos de família. Não deve haver mais de dois ou três naquela área e, com um filho, ela com certeza fez registro no consultório de algum deles. Se descobrirmos em qual foi, saberemos se ele enviou seus registros para um novo centro de saúde.

— Faremos isso, chefe.

— E, pelo amor de Deus, não deixem o *Post* saber que a perdemos. — Ray deu um sorriso irônico. — Seria motivo para Suzy French deitar e rolar.

Ninguém riu.

— Além do sumiço da testemunha-chave — prosseguiu Ray —, há mais alguma coisa que eu precise saber?

— Não tivemos sucesso com as investigações além-fronteiras — disse Kate. —

Recebemos a informação de dois carros roubados, mas eles foram descartados. Examinei a lista dos veículos flagrados pelas câmaras de controle de velocidade naquela noite, e fui a todas as oficinas e concessionárias em Bristol. Ninguém se lembra de algo suspeito. É o que dizem, pelo menos.

— Como Brian e Pat estão se saindo com as câmeras de segurança?

— Não desgrudam os olhos delas — respondeu Stumpy. — Já examinaram as filmagens da polícia e da prefeitura, e no momento trabalham nas dos postos de gasolina. Já flagraram o que imaginam ser o mesmo carro em três câmeras diferentes, vindo da Enfield Avenue poucos minutos após o atropelamento. O veículo fez duas ou três tentativas perigosas de ultrapassagem antes de desaparecer da tela, e não conseguimos vê-lo de novo. Estão tentando descobrir qual é a marca, embora não haja prova de seu envolvimento no caso.

— Ótimo, e obrigado pela atualização. — Ray consultou o relógio para dissimular sua decepção por não terem avançado. — Por que vocês dois não vão ao pub? Preciso ligar para o superintendente, mas encontro com vocês lá em meia hora.

— É uma boa ideia — concordou Stumpy, que nunca precisava ser persuadido a tomar uma cerveja. — Kate?

— Por que não? — disse ela. — Contanto que você pague.

★ ★ ★

Ray chegou ao Nag's Head quase uma hora depois do combinado, e os outros já estavam na segunda rodada. Ele os invejava pela capacidade que tinham de se desconectar: a conversa com o superintendente o deixara com um desconfortável nó no estômago. Seu superior havia se mostrado simpático, mas a mensagem era clara: a investigação precisava terminar. O ambiente do pub estava acolhedor, silencioso, e Ray esperava poder deixar o trabalho de lado por uma hora e falar de futebol, do tempo, ou de qualquer outro assunto que não envolvesse uma criança de cinco anos de idade e um carro desaparecido.

— É muito estranho você chegar logo depois de eu fazer o pedido — resmungou Stumpy.

— Não me diga que você abriu a carteira! — brincou Ray. Piscou para Kate. — Que milagre! — Em seguida foi pegar uma cerveja e voltou com três pacotes de batatas fritas, que largou na mesa.

— Como foi a conversa com o superintendente? — perguntou Kate.

Ray não podia ignorá-la, e com certeza também não podia mentir. Bebeu um gole de cerveja para ganhar tempo. Kate o observava, ansiosa por saber se eles haviam recebido mais recursos ou um orçamento maior. Ray detestava a ideia de decepcioná-la, mas em algum momento ela precisaria saber.

— Uma merda, para dizer a verdade. Brian e Pat voltaram para suas patrulhas normais.

— O quê? Por quê? — Kate largou sua taça com tanta força que o vinho por pouco não respingou neles.

— Foi uma sorte tê-los conosco durante todo esse tempo — disse Ray —, e eles fizeram um excelente trabalho com as câmeras de segurança. Mas suas brigadas não podem continuar a substituí-los, e a dura realidade é que não temos uma justificativa para gastar mais dinheiro nessa investigação. Sinto muito.

Ele desculpou-se como se fosse pessoalmente responsável pela decisão, mas isso não mudou em nada a reação de Kate.

— Não podemos desistir assim!

Ela pegou um porta-copos de papelão e começou a destruí-lo pelas bordas.

Ray suspirou. Era muito difícil encontrar o equilíbrio entre o custo de uma investigação e o custo de uma vida, o custo da vida de uma criança. Como colocar um preço nisso?

— Não vamos abandoná-la — garantiu ele. — Você continua com a pesquisa sobre os faróis de neblina, não é?

Kate concordou com a cabeça.

— Setenta e três foram substituídos na semana seguinte ao atropelamento. Todos os reparos feitos por conta de companhias de seguro estavam regulares, e, no momento, estou tentando identificar os proprietários que pagaram do próprio bolso.

— Viu só? Quem pode saber o que vamos descobrir com essa busca? A única coisa que faremos é reduzir um pouco o ritmo.

Ele olhou para Stumpy em busca de apoio moral, mas não o recebeu.

— Os chefes só se interessam por resultados rápidos, Kate — observou Stumpy. — Se um caso não é solucionado em uma ou duas semanas... em um ou dois dias, de preferência... ele é retirado da lista de prioridades e outro toma seu lugar.

— Sei muito bem como funciona — afirmou Kate —, mas isso não significa que seja o correto, não é? — Ela empurrou os pedacinhos do porta-copos destruído e amontoou-os no centro da mesa. Ray reparou em suas unhas sem esmalte e roídas com raiva até quase sangrar. — Tenho a sensação de que a última peça do quebra-cabeça está muito perto, entende o que quero dizer?

— Entendo — respondeu Ray —, e talvez você tenha razão. Enquanto isso, no entanto, esteja preparada para trabalhar no atropelamento intercalando com outros casos, não só no do atropelamento. A lua de mel acabou.

— Pensei em tentar conseguir alguma informação em hospitais — sugeriu Kate. — É possível que o motorista tenha se ferido com o impacto: um estiramento, algo assim. Enviamos uma patrulha ao Setor de Acidentes e Emergência naquela mesma noite, mas devemos insistir um pouco mais, para o caso de ele não ter procurado atendimento imediato.

— É uma boa ideia — concordou Ray. A sugestão fez aflorar alguma coisa no fundo de sua mente, mas ele não sabia o que era. — Não se esqueça de passar no Southmead e também no Frenchay. — Seu celular vibrou em cima da mesa e ele desvirou-o para ler a mensagem que acabava de chegar. — Merda.

Os outros olharam para ele, Kate com ar de surpresa e Stumpy com um sorriso.

— O que você se esqueceu de fazer? — perguntou Stumpy.

Ray fez uma careta, mas não respondeu. Esvaziou o copo de cerveja de um gole só, tirou uma nota de dez libras do bolso e entregou-a a Stumpy.

— Compre uma bebida para vocês. Preciso ir para casa.

⋆ ⋆ ⋆

Quando Ray chegou, Mags enchia a máquina de lavar louça e colocava os pratos nas divisões com tanta força que ele se retraiu. Ela estava com os cabelos presos em uma trança frouxa e usava calças compridas e uma camiseta velha de Ray. Ele perguntou a si mesmo quando sua mulher havia parado de se preocupar com o que vestia e no mesmo instante repeliu o pensamento. Quem era ele para fazer algum comentário a esse respeito.

— Sinto muito — desculpou-se. — Esqueci completamente.

Mags abriu uma garrafa de vinho tinto. Ray reparou que ela pegara apenas uma taça, mas não considerou prudente fazer qualquer comentário.

— É muito raro — começou ela — eu pedir que você esteja em algum lugar em um horário específico. Sei que às vezes o trabalho precisa vir em primeiro lugar. Entendo isso. De verdade. Mas essa reunião estava agendada há duas semanas. Duas semanas! E você prometeu, Ray.

Sua voz tremia e Ray passou um braço sobre os ombros dela com alguma hesitação.

— Sinto muito, Mags. A reunião foi muito ruim?

— Não, correu tudo bem. — Ela desvencilhou-se do braço de Ray, sentou-se à mesa da cozinha e tomou um grande gole de vinho. — Quer dizer, não disseram nada de alarmante, apenas que Tom não parece estar tão bem adaptado à escola quanto as outras crianças, e, por isso, estão um pouco preocupados.

— E o que os professores vão fazer? — Ray foi buscar uma taça no armário, encheu-o, e sentou-se ao lado de Mags. — Chegaram a falar com ele?

— Ao que parece, Tom disse que está tudo bem. — Mags deu de ombros. — A Sra. Hickson fez o possível para motivá-lo e torná-lo mais participativo na sala de aula, mas ele continua quieto. Ela falou que chegou a pensar que ele talvez fosse apenas um menino introvertido.

Ray sorriu com desdém.

— Introvertido? Tom?

— Bem, foi isso que ela disse. — Mags olhou para Ray. — Você realmente poderia ter participado, se estivesse lá comigo, sabe.

— Esqueci completamente. Sinto muito, Mags. Tive mais um dia cheio, e depois fui ao pub tomar uma cerveja rápida.

— Com Stumpy?

Ray concordou com a cabeça. Mags tinha muito carinho por Stumpy, que era padrinho de Tom, e desculpava as cervejas que os dois tomavam juntos depois do trabalho com a tolerância de uma esposa que reconhece a necessidade que o marido tem desses momentos "entre homens". Ele não mencionou Kate, e não sabia muito bem por quê.

Mags suspirou.

— O que vamos fazer?

— Ele vai ficar bem. Veja, é uma escola nova, e a mudança para o ensino médio é sempre um momento difícil para uma criança. Durante muito tempo Tom foi como um peixe grande em um tanque pequeno, e agora ele está

nadando com os tubarões. Vou falar com ele.

— Não dê a ele mais um de seus sermões...

— Não vou dar a ele nenhum sermão!

— ...isso só vai tornar as coisas mais difíceis.

Ray segurou a língua. Mags e ele formavam uma boa dupla, mas tinham pontos de vista muito diferentes com relação à educação dos filhos. Mags era muito mais branda com eles, mais inclinada a mimá-los em vez de deixá-los andar com seus próprios pés.

— Não vou dar nenhum sermão! — repetiu ele.

— A escola sugeriu que a gente espere para ver como as coisas evoluem nos próximos dois meses, e que volte a falar com eles algumas semanas após a metade do semestre. — Mags dirigiu-lhe um olhar de reprovação.

— Marque a data — disse ele. — Estarei lá.

6

Os faróis se refletem no asfalto molhado, cegando-os a intervalos regulares. As pessoas caminham com passos apressados nas calçadas escorregadias; ao passar, carros respingam água em seus sapatos. Montanhas de folhas encharcadas acumulam-se contra as grades, e suas cores vivas já começam a assumir um tom desbotado de marrom.

Uma rua vazia.

Jacob corre.

O guincho de freios molhados, o baque surdo quando ele atinge o para-brisa e o giro de seu corpo antes de cair no asfalto. Um para-brisa embaçado. Sangue empoçando sob a cabeça de Jacob. Um vapor branco e solitário de respiração.

⋆ ⋆ ⋆

O grito interrompe meu sono e desperto assustada. O sol ainda não surgiu, mas a luz no quarto está acesa: não suporto a escuridão ao meu redor. Meu coração bate forte e tento recuperar o fôlego.

Inspirar, expirar.

Inspirar, expirar.

O silêncio do ambiente é mais opressivo do que calmante, e cravo as unhas na palma das mãos enquanto espero o pânico cessar. Meus sonhos tornam-se cada vez mais intensos, mais reais. Eu o *vejo*. Ouço o baque repugnante de sua cabeça golpeando o asfalto...

Os pesadelos não começaram logo, mas agora que acontecem, não querem ir embora. Todas as noites, quando vou para a cama, luto contra o sono e imagino cenários diferentes, como nos livros infantis em que o leitor escolhe o final. Fecho os olhos com força e revejo o final alternativo: aquele em que saímos cinco minutos antes ou cinco minutos depois. Aquele em que Jacob continua vivo e neste instante dorme em sua cama, seus cílios escuros repousados sobre as bochechas gorduchas. Mas nada muda. Toda noite prometo a mim mesma

acordar mais cedo, como se, ao interromper o pesadelo, eu pudesse de alguma forma reverter a realidade. No entanto, parece que um padrão foi estabelecido, e agora passo semanas acordando várias vezes durante a noite com o som do impacto de um pequeno corpo no para-choque, e com meu próprio grito inútil enquanto ele rola e cai na rua molhada.

Tornei-me uma eremita, enclausurada entre as paredes de pedra deste chalé, sem me aventurar a ir além da loja do vilarejo para comprar leite, vivendo quase que só de café e torradas. Três vezes decidi visitar Bethan no camping de trailers, e três vezes mudei de ideia. Seria ótimo se eu conseguisse me obrigar a ir. Faz tempo que não tenho uma amiga e há muito preciso de uma.

Fecho o punho da mão esquerda e em seguida abro devagar os dedos enrijecidos pela noite de sono. Quase não sinto dor agora, mas perdi a sensibilidade na palma da mão, e dois dedos continuam dormentes. Aperto a mão para tentar me livrar do formigamento. Eu devia ter ido ao hospital, claro, mas meu problema parecia insignificante em comparação ao que acontecera com Jacob; era uma dor merecida. Por isso, eu mesma tratei do ferimento como pude, cerrando os dentes dia após dia enquanto retirava o curativo da pele machucada. Aos poucos a ferida melhorou, e a linha da vida na palma de minha mão ficou oculta para sempre sob uma camada de cicatrizes.

Libero minhas pernas da pilha de cobertores sobre a cama. Não há calefação no andar de cima e as paredes reluzem com a condensação do ar. Enfio rapidamente uma calça de ginástica e um casaco de moletom verde-escuro, deixo os cabelos enfiados dentro da gola, e desço. O piso frio me corta a respiração e deslizo os pés nas minhas sapatilhas antes de puxar o ferrolho para abrir a porta da frente. Sempre fui de acordar muito cedo; levantava ao raiar do dia para trabalhar em meu ateliê. Sinto-me perdida sem meu trabalho, como se buscasse desesperadamente uma nova identidade.

No verão haverá turistas, suponho. Não a esta hora, e talvez não na direção do meu chalé, mas na praia, com certeza. Por enquanto a praia é só minha, e a solidão me revigora. Um tímido sol de inverno abre caminho até o alto do rochedo, e um brilho gelado na superfície das poças salpica a trilha que contorna a costa e a baía. Começo a correr e minha respiração deixa um rastro de vapor atrás de mim. Nunca fiz corridas nem caminhadas em Bristol, mas aqui me obrigo a correr quilômetros e mais quilômetros.

Estabeleço um ritmo que ecoa as batidas do meu coração e corro em velocidade constante até o mar. Meus sapatos fazem ruído ao tocar o solo pedregoso, mas as corridas diárias trouxeram estabilidade ao piso. O caminho que desce até a praia já me parece tão familiar que eu poderia percorrê-lo com os olhos vendados, e venço os últimos metros com um salto para aterrissar na areia úmida. Envolta pelo penhasco, contorno devagar a baía, até a parede rochosa me empurrar para o mar.

A maré está no seu nível mais baixo e deixa na areia um rastro de galhos e lixo como se fosse um anel de sujeira na borda de uma banheira. Afasto-me do rochedo, acelero o ritmo e corro na beira da água com os pés afundando na areia molhada. Abaixo a cabeça para me proteger do vento cortante, luto contra a maré e corro a toda velocidade ao longo da costa até meus pulmões quase não aguentarem mais e eu sentir o sangue latejar em minhas têmporas. Quando me aproximo do final da praia, o penhasco oposto ergue-se imponente diante de mim, mas ao invés de reduzir o ritmo, acelero o passo. O vento faz meus cabelos açoitarem o rosto, por isso sacudo a cabeça para afastá-los. Corro ainda mais depressa e, uma fração de segundos antes de me chocar contra o rochedo, estendo os braços e espalmo as mãos na pedra fria. Viva. Desperta. A salvo dos pesadelos.

Quando a adrenalina diminui, começo a tremer e volto pelo mesmo caminho. A areia molhada engoliu minhas pegadas, sem deixar vestígios da corrida entre os rochedos. Vejo um pedaço de madeira aos meus pés, abaixo-me para pegá-lo e desenho um círculo irregular ao meu redor, mas a água se aproxima da madeira antes mesmo de eu tirá-la do chão. Frustrada, afasto-me alguns passos até onde a areia já começa a secar e desenho outro círculo. Fica melhor. Tenho uma súbita vontade de escrever meu nome na areia, como uma criança de férias, e minha infantilidade me faz sorrir. A madeira está escorregadia e é difícil manejá-la, mas termino as letras e recuo para admirar meu trabalho. É estranho ver meu nome escrito de maneira tão aberta e ousada. Permaneci invisível durante tanto tempo, e quem sou agora? Uma escultora que não esculpe. Uma mãe sem filho. As letras estão bem visíveis. São chamativas: grandes o suficiente para serem vistas do alto do penhasco. Sinto um arrepio de medo e entusiasmo. Estou assumindo um risco, mas gosto da sensação.

★ ★ ★

No topo do rochedo, uma cerca ineficaz lembra aos caminhantes que é perigoso se aproximar demais da borda, que pode desmoronar. Ignoro o aviso, passo por cima do arame de aço e fico a poucos centímetros da beira. À medida que o sol se eleva, a extensão de areia passa do cinza para o dourado, e meu nome continua lá, no meio da praia, desafiando-me a capturá-lo antes que desapareça.

Decido fotografá-lo antes que a maré suba e o engula, pois quero registrar o momento em que me senti corajosa. Corro até o chalé para pegar minha câmera. Meus passos estão agora mais leves e me dou conta de que é porque estou correndo em direção a alguma coisa, não fugindo dela.

A primeira foto não tem nada de especial. O enquadramento não é bom e as letras estão afastadas demais da costa. Corro de novo até a praia e cubro o trecho liso de areia com nomes do meu passado, antes de deixar que voltem a afundar na areia molhada. Escrevo outros um pouco mais adiante; personagens de livros que li quando criança, ou nomes que me encantam apenas pela curvatura das letras que eles contêm. Depois pego a câmera, agacho-me na areia enquanto brinco com os ângulos, cobrindo minhas palavras primeiro com as ondas, depois com as rochas, a seguir com um belo pedaço de céu azul. Por fim, subo o caminho íngreme até o topo do penhasco para fazer as últimas fotos, equilibrando-me precariamente na borda e ignorando o medo que sinto. A praia está coberta de letras de todos os tamanhos, como se fossem palavras sem nexo rabiscadas por um lunático, mas já consigo ver a maré enchente lamber as letras, formar remoinhos na areia à medida que avança pela praia. Esta noite, quando a maré baixar mais uma vez, a praia estará limpa e poderei recomeçar.

Perdi a noção do tempo, mas o sol está alto e devo ter uma centena de fotos na câmera. A areia úmida está colada em minha roupa e, quando passo a mão nos cabelos, percebo que estão duros pelo sal. Estou sem luvas, e sinto os dedos dolorosamente gelados. Vou para casa tomar um banho quente, depois transferir as fotos para o laptop e verificar se consegui fazer um trabalho razoável. Sou tomada por uma onda de energia; é a primeira vez desde o acidente que meu dia teve um objetivo.

Sigo na direção do chalé, mas quando chego à bifurcação hesito por um momento. Imagino Bethan na loja do camping e penso no quanto ela lembra a minha irmã. Meu peito dói de tanta saudade de casa e, antes que eu mude de ideia, pego o caminho que conduz ao camping. Que desculpa darei para ir à loja?

Não tenho dinheiro comigo, então não posso fingir que quero comprar leite ou pão. Poderia pedir alguma informação, suponho, mas não consigo pensar em algo plausível. O que quer que eu diga, Bethan saberá que é apenas uma desculpa. Ela me achará patética.

Minha determinação desaparece antes de eu percorrer cem metros, e, quando chego ao estacionamento, paro. Olho a loja do outro lado e vejo uma silhueta na janela. Não sei se é Bethan, e não espero para confirmar. Dou meia-volta e corro até o chalé.

Chego a Blaen Cedi e tiro a chave do bolso, mas, quando coloco a mão na porta, ela se movimenta um pouco, e percebo que não está trancada. A porta é antiga e o mecanismo, pouco confiável: Iestyn me mostrou como puxá-la e como girar a chave em um ângulo determinado até ouvir o clique de encaixe, mas algumas vezes tive que tentar por dez minutos ou mais antes de conseguir. Ele me deixou seu número de telefone, mas não sabe que joguei fora o celular. Existe uma linha telefônica no chalé, mas não há um aparelho instalado, por isso precisarei caminhar até Penfach e encontrar um telefone público para pedir que Iestyn venha consertar a fechadura.

Estou há poucos minutos dentro de casa quando ouço uma batida na porta.

— Jenna? É Bethan.

Penso na possibilidade de continuar onde estou, mas a curiosidade é mais forte que eu, e fico satisfeita quando abro a porta. Por mais que eu tenha querido fugir, sinto-me só em Penfach.

— Trouxe um empadão para você.

Bethan tem nas mãos um prato coberto com um guardanapo e entra sem esperar convite. Coloca-o na cozinha, ao lado do fogão.

— Obrigada. — Tento encontrar algum assunto, mas Bethan limita-se a sorrir. Tira o pesado casaco de lã e esse gesto me anima.

— Aceita um chá?

— Só se estiver preparando para você também — responde ela. — Pensei em dar uma passada para ver como você está. Imaginei que em algum momento você apareceria na loja para uma visita, mas sei como é quando nos instalamos em um lugar novo.

Ela olha ao redor e para de falar, reparando na sala quase vazia, em nada diferente de quando Iestyn me mostrou o chalé pela primeira vez.

— Não tenho muita coisa — confesso, envergonhada.

— Como nenhum de nós por aqui — diz Bethan em tom alegre. — Basta sentir-se aquecida e confortável, que é o principal.

Ando pela cozinha enquanto ela fala e preparo o chá, satisfeita por poder ocupar as mãos. Depois nos sentamos à mesa de pinho com nossas xícaras.

— O que está achando de Blaen Cedi?

— Um lugar perfeito — respondo. — Exatamente o que eu precisava.

— Minúsculo e frio, é o que você quer dizer? — Bethan dá uma gargalhada que faz com que seu chá transborde da xícara. Limpa as calças com as mãos, sem nenhum efeito, e o líquido deixa uma mancha escura em sua coxa.

— Não preciso de muito espaço, e o fogo me mantém aquecida. — Sorrio. — Gosto daqui, de verdade.

— Então, Jenna, qual é a sua história? Como veio parar em Penfach?

— É um lugar bonito — respondo apenas isso, envolvendo a xícara com as mãos e concentrando-me no chá para evitar o olhar afiado de Bethan. Ela não insiste.

— É verdade. Há lugares piores para se viver, embora aqui seja um pouco triste nesta época do ano.

— Quando você começa a alugar os trailers?

— Abrimos na Páscoa, depois o movimento continua durante os meses de verão. Você não reconhecerá o lugar. Depois fechamos em outubro. Avise-me caso sua família venha visitá-la e precise de um trailer. Você não conseguiria espremer seus hóspedes aqui.

— Agradeço a gentileza, mas não espero visita.

— Você não tem família?

Bethan me olha com firmeza, e não consigo desviar o olhar.

— Tenho uma irmã — admito —, mas não nos falamos mais.

— O que aconteceu?

— Bem, os habituais problemas entre irmãs — respondo com tranquilidade.

Mesmo depois de tanto tempo, ainda vejo o rosto enfurecido de Eve enquanto me implorava para ouvi-la. Fui muito orgulhosa, reconheço agora. Estava cega demais de amor. Se a houvesse escutado, talvez as coisas teriam sido diferentes.

— Obrigada pelo empadão — agradeço. — Foi uma enorme gentileza.

— Que bobagem — diz Bethan, sem se incomodar com a mudança de

assunto. Ela veste o casaco e passa um cachecol várias vezes ao redor do pescoço. — Para que servem os vizinhos, afinal? Agora é você quem deve ir ao camping um dia desses para tomar um chá.

Não é uma pergunta, mas concordo com a cabeça. Ela fixa em mim seus expressivos olhos castanhos e de repente sinto-me criança de novo.

— Irei sim — respondo. — Eu prometo. — E falo com convicção.

Depois que Bethan sai, retiro o cartão de memória da câmera e transfiro as fotos para o laptop. A maioria está ruim, mas algumas capturam com perfeição as palavras escritas na areia em um cenário de mar enfurecido. Coloco a chaleira no fogo para fazer mais chá, mas perco a noção do tempo e só meia hora mais tarde vejo que a água não ferveu. Estendo a mão e percebo que o fogão está frio. Apagou de novo. Eu estava tão concentrada na edição das fotos que não reparei que a temperatura caía, mas agora meus dentes começam a bater e não consigo fazê-los parar. Olho para o empadão de frango de Bethan e sinto o estômago roncar de fome. Na última vez em que o fogão apagou, levei dois dias para conseguir reacendê-lo, por isso me desespero só de pensar que isso possa se repetir.

Afasto esse pensamento. Quando me tornei tão patética? Quando perdi a capacidade de tomar decisões, de resolver problemas? Sou melhor do que isso.

— Tudo bem — digo em voz alta, e minha voz soa estranha na cozinha vazia. — Vamos resolver isso.

★ ★ ★

O sol já se ergue sobre Penfach quando me sinto aquecida de novo. Meus joelhos estão enrijecidos depois de horas agachada no chão da cozinha, e meus cabelos estão sujos de graxa. Mas, quando coloco o empadão de Bethan para esquentar no forno, tenho a sensação do dever cumprido, o que há muito tempo não acontecia. Não me importo que esteja mais perto da hora do café da manhã do que do jantar, nem que meu estômago tenha parado de roncar de fome. Arrumo a mesa para o jantar e saboreio cada pedaço do meu empadão de frango.

7

— Vamos lá! — gritou Ray da escada para Tom e Lucy, consultando o relógio pela quinta vez em cinco minutos. — Vamos nos atrasar!

Como se as manhãs de segunda-feira não fossem suficientemente estressantes, Mags havia passado a noite na casa da irmã e não voltaria antes do meio-dia, de modo que Ray precisara se virar sozinho nas últimas vinte e quatro horas. Por pura imprudência, só agora ele se dava conta, ele permitira que os filhos dormissem mais tarde na noite anterior para assistir a um filme, por isso tinha precisado arrancá-los da cama às 7h30, inclusive Lucy, sempre tão alegre e bem-humorada. Agora já eram 8h35 e eles deviam se apressar. Ray era esperado no escritório da chefe de polícia às 9h30 e, no ritmo que estavam, nesse horário ele ainda estaria ao pé da escada gritando com os filhos.

— Mexam-se!

Ray saiu em disparada para o carro e ligou o motor, deixando a porta de casa entreaberta. Lucy cruzou-a depressa, com os cabelos despenteados voando em frente ao rosto, e deslizou para o banco dianteiro ao lado do pai. A saia azul-marinho do uniforme estava amassada e uma de suas meias três quartos já estava na altura do tornozelo. Um minuto mais tarde, Tom saiu de casa com ar despreocupado e caminhou até o carro com a camisa para fora da calça e inflada pelo vento. Levava a gravata na mão, mas não dava o menor sinal de que pretendia colocá-la. Ele tinha dado um estirão de crescimento, e não parecia à vontade com sua nova altura. Andava com a cabeça sempre baixa e os ombros curvados.

Ray abriu a janela.

— A porta, Tom!

— Ahn? — Tom olhou para o pai.

— A porta da frente!

Ray cerrou os punhos. Ele jamais entenderia como Mags administrava isso todos os dias sem perder a paciência. A lista de coisas que ele precisava fazer

ocupava todos os seus pensamentos, e bem que ele gostaria de não precisar levar as crianças na escola, especialmente naquela manhã.

— Ah. — Tom arrastou-se até a casa e bateu a porta. Entrou no carro e se sentou no banco de trás. — Por que Lucy está na frente?

— Porque é minha vez.

— Não é.

— É sim.

— Chega! — gritou Ray.

Ninguém disse mais nada e, após os cinco minutos que Ray levava para chegar de carro à escola de Lucy, sua tensão já havia diminuído. Estacionou o Mondeo sobre uma faixa amarela zebrada e acompanhou Lucy até a sala de aula, beijou-a na testa e voltou para o carro no exato momento em que uma mulher anotava o número de sua placa.

— Ah, é o senhor! — exclamou ela quando ele parou ao lado do carro. Sacudiu o dedo. — Eu esperava mais do senhor, inspetor.

— Desculpe — disse Ray. — Foi uma emergência. Sabe como é.

Deixou-a batendo com o lápis no seu bloco de multas. Maldita associação de pais e mestres, uma máfia, ele pensou. Tempo livre demais, era esse o problema.

— Então — começou Ray, olhando de lado para o banco do passageiro. Tom tinha deslizado para o assento da frente assim que Lucy saiu do carro, mas olhava obstinadamente para fora. — Como vai a escola?

— Bem.

A professora de Tom dissera que, embora as coisas não tivessem piorado, elas com certeza também não haviam melhorado. Ele e Mags tinham ido à escola e ouvido a descrição de um menino que não tinha amigos, que nas aulas fazia apenas o mínimo necessário, e que jamais tomava uma iniciativa.

— A Sra. Hickson disse que haverá jogos de futebol depois da aula às quartas-feiras. Você tem interesse?

— Na verdade, não.

— Fui um jogador e tanto na minha época. Talvez um pouco da minha habilidade tenha passado para você, hein?

Mesmo sem olhar para Tom, Ray sabia que o filho devia estar revirando os olhos, contrariado, e estremeceu ao perceber que suas palavras soavam como as de seu próprio pai.

Tom enfiou os fones nos ouvidos.

Ray suspirou. A puberdade tinha transformado seu filho em um adolescente carrancudo e pouco comunicativo, e ele já temia o dia em que a mesma coisa aconteceria com Lucy. Todos imaginam que um pai não deve ter preferência entre os filhos, mas ele tinha uma leve predileção por Lucy que, aos nove anos, ainda se aninhava em seu colo na hora de dormir e pedia que ele lhe contasse uma história. Mesmo antes da crise da adolescência de Tom, ele e Ray já tinham algumas rixas. "Vocês são muito parecidos", dizia Mags, embora Ray não visse exatamente no quê.

— Pode me deixar aqui — disse Tom, desafivelando o cinto de segurança com o carro ainda em movimento.

— Mas ainda estamos a duas quadras da escola.

— Aqui está bom, pai. Vou a pé.

O menino colocou a mão na maçaneta e, por um momento, Ray pensou que ele abriria a porta e simplesmente se jogaria do carro.

— Tudo bem, já entendi! — Ray parou o carro junto ao meio-fio, ignorando a sinalização pela segunda vez naquela manhã. — Você sabe que vai perder a chamada, não é?

— Tchau.

Com isso, Tom desceu, bateu a porta e espremeu-se entre os outros veículos para atravessar a rua. O que teria acontecido com seu filho tão simpático e engraçado? Seria esse laconismo uma espécie de rito de passagem para um adolescente ou algo mais? Ray balançou a cabeça. Qualquer um diria que criar filhos era muito fácil em comparação com uma investigação criminal complexa, mas Ray preferia interrogar um suspeito a ter qualquer bate-papo com Tom. E o interrogatório pareceria muito mais uma conversa amigável, ele pensou com amargura. Por sorte, Mags buscaria as crianças na escola mais tarde.

Quando chegou à sede da polícia, Ray já tinha deixado de pensar em Tom. Não precisava ser um gênio para imaginar por que a chefe de polícia queria vê-lo. O atropelamento acontecera há quase seis meses e a investigação estava praticamente na estaca zero. Ray sentou-se em uma cadeira do lado de fora do escritório revestido com painéis de carvalho e a secretária dirigiu-lhe um sorriso solidário.

— Ela está numa ligação — disse ela. — Mas não deve demorar.

A chefe de polícia Olivia Rippon era uma mulher brilhante, mas aterrorizadora. Depois de uma rápida ascensão profissional, chefiara as polícias de Avon e Somerset durante sete anos. Quando seu nome foi indicado para ocupar o cargo de diretora geral da Polícia Metropolitana, Olivia tinha preferido, "por motivos pessoais", permanecer na sua região de origem, onde sentia prazer em reduzir oficiais superiores a nada nas reuniões mensais de desempenho. Era uma daquelas mulheres que nascem para usar uniforme, com os cabelos castanho-escuros presos em um coque sóbrio e as pernas robustas escondidas embaixo de meias pretas grossas.

Ray esfregou as palmas das mãos na calça para confirmar que estavam bem secas. Ele tinha ouvido dizer que a chefe já havia vetado a prometida promoção de um oficial a inspetor-chefe porque as mãos suadas do pobre homem não lhe "inspiravam confiança". Ray não fazia ideia se a história era verdadeira, mas preferia não arriscar. Ele conseguia manter a família com o salário que ganhava, mas a verdade é que viviam sempre um pouco apertados. Mags continuava com a ideia de se tornar professora, mas Ray tinha feito os cálculos e, se conseguisse uma ou duas promoções, eles teriam o dinheiro extra de que precisavam sem que ela tivesse que trabalhar. Ray pensou no caos daquela manhã e concluiu que Mags já fazia mais do que o suficiente. Ela não precisava procurar um emprego apenas para se permitir alguns luxos.

— Pode entrar agora — anunciou a secretária.

Ray respirou fundo e abriu a porta.

— Bom dia, senhora.

Houve um momento de silêncio enquanto a chefe fazia anotações em um bloco com a letra ilegível de sempre. Ray demorou-se junto da porta e fingiu admirar os inúmeros certificados e fotografias que cobriam as paredes. O tapete azul-marinho era mais grosso e de melhor qualidade do que no resto do prédio, e uma enorme mesa de conferência ocupava metade da sala. No lado oposto, Olivia Rippon estava sentada atrás de uma grande escrivaninha arredondada. Quando parou de escrever, ergueu os olhos.

— Quero que encerre o caso do atropelamento em Fishponds.

Estava claro que ela não o convidaria para sentar, mas Ray pegou a cadeira mais próxima de Olivia e acomodou-se nela. Ela arqueou uma sobrancelha, mas não disse nada.

— Acredito que se tivéssemos um pouco mais de tempo...

— Vocês já tiveram bastante tempo — cortou Olivia. — Cinco meses e meio, exatamente. É uma vergonha, Ray. Cada vez que o *Post* publica mais uma de suas supostas atualizações sobre a investigação, ela serve apenas para lembrar que esse é mais um caso que a polícia não conseguiu resolver. O conselheiro Lewis me ligou ontem à noite: quer o caso encerrado, e eu também.

Ray quase explodiu de raiva.

— Não foi Lewis quem se opôs ao pedido dos moradores para que a velocidade nas áreas urbanas fosse limitada a trinta quilômetros por hora?

Houve um instante de silêncio e Olivia observou-o com frieza.

— Encerre o caso, Ray.

Eles se olharam em silêncio por cima da mesa de nogueira polida. Surpreendentemente, foi Olivia quem falou primeiro, reclinada na sua cadeira e com as mãos juntas.

— Você é um excelente profissional, Ray, e sua tenacidade conta muito a seu favor. Mas se quiser progredir, precisa aceitar que policiamento tem tanto a ver com política quanto com a investigação de um delito.

— Eu entendo, senhora. — Ray lutou para sua voz não revelar a frustração que sentia.

— Bem — concluiu Olivia, enquanto tirava a tampa da caneta e pegava o próximo memorando em seu arquivo. — Estamos combinados, então. O caso será encerrado hoje.

★ ★ ★

Pela primeira vez, Ray não reclamou do tráfego intenso que enfrentou no caminho de volta para o Departamento de Investigação Criminal. Ele não estava ansioso para contar a novidade para Kate, e perguntou-se por que não parava de pensar nisso. Talvez por ela ser ainda muito nova no departamento e não ter passado pela frustração de precisar arquivar uma investigação na qual havia investido tanta energia. Stumpy ficaria mais resignado.

Assim que voltou, chamou os dois ao seu escritório. Kate chegou primeiro, com uma xícara de café, que colocou ao lado do computador dele, onde já havia outras três, todas pela metade e com o líquido frio.

— São cafés da semana passada?

— Sim. A faxineira não quer mais lavar as xícaras.

— Não é de estranhar. Você mesmo pode lavá-las, não acha?

Kate sentou-se no instante em que Stumpy entrou e cumprimentou Ray com a cabeça.

— Lembra-se do carro que Brian e Pat viram nas câmeras de segurança quando avaliaram o caso do atropelamento com fuga? — perguntou Kate assim que Stumpy se acomodou. — O que parecia ter pressa para ir embora?

Ray assentiu.

— Com as imagens obtidas, não nos foi possível identificar o modelo do carro, por isso eu gostaria de mostrá-las a Wesley. Na pior das hipóteses, isso nos permitirá eliminá-lo da lista de suspeitos.

Wesley Barton era um indivíduo anêmico e esquelético que, de algum modo, tinha conseguido ser aprovado como especialista em câmeras de segurança da polícia. Trabalhava no porão sem janelas de uma casa abafada em Redland Road e utilizava equipamentos eletrônicos variados para melhorar as imagens de câmeras de segurança e deixá-las com uma qualidade adequada para serem usadas como prova. Ray supunha que Wesley fosse um sujeito decente, já que colaborava com a polícia, mas a sensação de que havia algo de estranho em tudo aquilo o fez estremecer.

— Sinto muito, Kate, mas não posso autorizar essa despesa.

Ray detestava a ideia de contar a ela que todo o trabalho que haviam tido chegaria ao fim naquele mesmo dia. Wesley custava caro, mas era um bom profissional, e Ray estava impressionado com a criatividade de Kate. Ele não queria admitir nem para si mesmo que estivera com a atenção desviada do foco nas últimas semanas. Toda aquela história com Tom o desconcentrava, e por um momento ele sentiu um pouco de raiva do filho. Era imperdoável deixar que a vida familiar afetasse seu trabalho, ainda mais em um caso tão divulgado quanto aquele. Mas nada disso importava, pensou com amargura, agora que a chefe tomara sua decisão.

— Não é um custo tão alto — protestou Kate. — Falei com ele, e...

Ray interrompeu-a.

— Não posso autorizar nenhuma despesa — afirmou, decidido.

Stumpy olhou para Ray. Ele trabalhava ali há tempo suficiente para saber o que estava por vir.

— A chefe me mandou encerrar a investigação — desabafou Ray, sem tirar os olhos de Kate.

Por um breve momento, todos se calaram.

— Espero que você tenha dito onde ela devia enfiar essa investigação. — Kate riu, mas ninguém a acompanhou. Ela alternou o olhar entre Ray e Stumpy, e seu rosto ficou sombrio. — Está falando sério? Vamos abandonar o caso sem mais nem menos?

— Não vamos abandonar nada — retrucou Ray. — Não há mais o que fazer. Sua pesquisa sobre os faróis de neblina não trouxe resultado.

— Há pelo menos uma dezena de placas pendentes — argumentou Kate. — Você não imagina a quantidade de mecânicos que descarta a papelada referente aos consertos feitos. Isso não significa que não conseguirei localizá-los, significa apenas que preciso de mais tempo.

— É um desperdício de esforço — disse Ray em tom amável. — Às vezes é preciso saber quando parar.

— Fizemos o que podíamos — interveio Stumpy. — É como procurar uma agulha no palheiro. Não temos o número da placa, não sabemos a cor, a marca, o modelo: precisamos de mais, Kate.

Ray ficou grato pelo apoio de Stumpy.

— Não temos mais — disse Ray. — Por isso acho que precisamos dar um basta nessa investigação, por enquanto. É óbvio que daremos prosseguimento se surgir um novo fato relevante, do contrário... — Interrompeu a frase, consciente de que sua fala começava a parecer um dos comunicados de imprensa da chefe.

— Isso tem a ver com política, não é? — perguntou Kate. — Os chefes dizem "pulem" e nós perguntamos "de que altura?".

Ray percebeu que ela tomava aquilo como algo pessoal.

— Por favor, Kate, você trabalha aqui há tempo suficiente para saber que às vezes é preciso fazer escolhas difíceis. — Interrompeu Ray de repente, pois não queria tratá-la com paternalismo. — Veja bem, já se passaram quase seis meses e não temos nada de concreto que justifique irmos adiante. Não temos testemunhas, provas, nada. Poderíamos destinar todos os recursos do mundo a este trabalho e continuaríamos sem pistas sólidas. Sinto muito, mas temos outras investigações, outras vítimas pelas quais é preciso lutar.

— Você tentou, pelo menos? — perguntou Kate, com o rosto vermelho de

raiva. — Ou simplesmente deixou rolar?

— Kate — disse Stumpy em tom de advertência —, acalme-se, por favor.

Ela o ignorou e fulminou Ray com um olhar desafiador.

— Suponho que esteja pensando na sua promoção. Não seria bom comprar uma briga com a chefe, não é?

— Uma coisa não tem relação com a outra!

Ray tentava manter a calma, mas sua réplica saiu em tom mais alto do que ele pretendia. Eles se entreolharam. Pelo canto do olho, ele via que Stumpy o observava em expectativa. Ray devia dizer a Kate que saísse. Que lembrasse que era uma policial em um escritório do Departamento de Investigação abarrotado de trabalho e que, se seu chefe dizia que um caso estava encerrado, era porque estava encerrado. Ponto final. Ele abriu a boca, mas não conseguiu falar.

O problema era que Kate conseguira colocar o dedo bem na ferida. Ray tinha tão pouco interesse em encerrar o caso do atropelamento quanto ela, e houve uma época em que ele teria enfrentado a chefe e defendido seu ponto de vista com a mesma ênfase de Kate agora. Talvez ele tivesse perdido o jeito, ou talvez Kate tivesse razão: ele podia mesmo estar concentrado demais em uma promoção.

— É duro, eu sei, quando você se esforçou tanto — disse ele de maneira gentil.

— Não é pelo esforço. — Kate apontou para a foto de Jacob na parede. — É pelo menino. Não me parece justo.

Ray pensou na mãe de Jacob sentada no sofá, na dor estampada em seu rosto. Ele não teria como refutar o argumento de Kate, por isso nem tentou.

— Sinto muito, mesmo. — Limpou a garganta e procurou concentrar-se em outra coisa. — O que mais a equipe tem no momento? — perguntou a Stumpy.

— Malcolm está há uma semana no tribunal tratando do caso Grayson, e precisa dar entrada em um dossiê sobre as lesões corporais em Queen's Street. A equipe do serviço social foi apresentar uma denúncia. Estou trabalhando no caso dos roubos na cooperativa, e Dave foi destacado para o projeto de redução dos crimes com armas brancas. Hoje ele está em uma faculdade para incentivar a "participação comunitária".

Stumpy pronunciou esse termo como se fosse um palavrão, e Ray deu uma risada.

— É preciso evoluir com o tempo, Stumpy.

— Você pode falar com essa garotada até ficar sem voz — retrucou Stumpy. — Isso não os impedirá de continuar a portar uma lâmina.

— Bem, talvez não, mas pelo menos teremos tentado. — Ray rabiscou um lembrete para si mesmo na sua agenda. — Preciso de uma atualização antes da reunião de amanhã de manhã, está bem? E gostaria de ter a opinião de vocês sobre uma campanha para recolher armas brancas, que coincidiria com as férias escolares. Tentaremos retirar das ruas o maior número possível delas.

— Pode deixar.

Kate mantinha os olhos baixos e tentava arrancar a pele ao redor das unhas. Stumpy tocou de leve no seu braço e ela se virou.

— Que tal um sanduíche de bacon? — perguntou ele em voz baixa.

— Não é isso que fará com que eu me sinta melhor — resmungou Kate.

— Não — continuou Stumpy —, mas *eu* me sentirei melhor se você não passar a manhã inteira com essa cara de buldogue que engoliu uma vespa.

Kate deu um sorriso tímido.

— A gente se vê mais tarde.

Houve um momento de silêncio e Ray sentiu que ela esperava Stumpy sair da sala. Fechou a porta, voltou à sua mesa e sentou-se com os braços cruzados.

— Você está bem?

Kate assentiu.

— Queria pedir desculpas. Eu não devia ter falado com você daquele jeito.

— Já ouvi coisas piores — disse Ray com um sorriso. Kate não sorriu e ele percebeu que ela não estava com humor propício a brincadeiras. — Sei que este caso significa muito para você.

Kate olhou de novo para a foto do Jacob.

— Tenho a sensação de que o decepcionei.

Ray sentiu que suas próprias defesas desmoronavam. Era verdade, eles tinham decepcionado Jacob, mas ouvir isso não ajudaria Kate em nada.

— Você fez o que pôde. Não havia outra coisa a fazer.

— Mas não foi suficiente, não é verdade?

Ela virou-se para Ray e ele sacudiu a cabeça.

— Não. Não foi suficiente.

Kate saiu do escritório, fechou a porta, e Ray deu um soco na mesa. Sua caneta rolou pela superfície lisa e caiu no chão. Ele recostou-se na sua cadeira e

entrelaçou os dedos atrás da cabeça. Seus cabelos pareciam ralos ao toque e ele fechou os olhos, sentindo-se de repente velho demais e cansado demais. Pensou nos oficiais superiores com os quais cruzava todos os dias: mais velhos que ele, na maioria, mas um punhado deles mais jovens, que alcançavam rapidamente os escalões mais altos. Ele tinha energia para competir com eles? Alguma vez ele quis de fato competir?

Quando Ray ingressou na polícia, muitos e muitos anos atrás, tudo lhe parecia extremamente simples. Prender os criminosos e garantir a segurança das pessoas de bem. Recolher o material usado em esfaqueamentos e agressões, ajudar as vítimas de estupro e outros crimes, e fazer a sua parte para tornar o mundo um lugar melhor. Mas ele realmente fazia isso? Quase todos os dias ele se enclausurava em seu escritório das oito da manhã às oito da noite, e só saía para tratar de algum caso externo quando a papelada podia esperar; era forçado a atender as exigências da direção mesmo que elas contrariassem suas convicções.

Ray olhou para o dossiê de Jacob, recheado de resultados de buscas inúteis e averiguações infrutíferas. Pensou na amargura visível no rosto de Kate e na decepção dela por ele não ter combatido com mais ênfase a decisão da chefe, e detestou a ideia de ela agora não admirá-lo tanto quanto antes. Mas as palavras da chefe ainda ressoavam em seus ouvidos, e Ray sabia muito bem que era melhor não contrariar ordens diretas, por mais que Kate se opusesse a elas. Pegou o dossiê de Jacob e enfiou-o na última gaveta de sua mesa.

8

O céu ameaça trazer chuva desde que desci para a praia ao raiar do dia, e visto o capuz para me proteger quando sinto os primeiros pingos. Já fiz as fotos que queria, e a praia está coberta de palavras. Fiquei especialista em manter a areia lisa e intacta ao redor de minhas letras, e mais hábil no manuseio da câmera. Estudei fotografia no curso de arte, mas escultura sempre foi minha grande paixão. Agora desfruto o prazer de redescobrir a minha câmera, brincar com as configurações de acordo com a luminosidade, e levá-la comigo para onde vou, de modo que ela passou a fazer parte de mim tanto quanto a argila com a qual eu trabalhava. E embora eu ainda sinta um formigamento na mão depois de carregá-la durante um dia inteiro, tenho movimento suficiente para tirar fotos. Habituei-me a vir aqui todas as manhãs, enquanto a areia está úmida e consigo manuseá-la, mas muitas vezes volto à tarde, quando o sol está no ápice. Estou aprendendo o horário das marés e, pela primeira vez desde o acidente, começo a pensar no futuro; espero com ansiedade a chegada do verão para ver a praia banhada de sol. O camping já abriu para a temporada turística, e há muita gente em Penfach. É engraçado como logo me tornei uma "local": reclamo da invasão de turistas e sou possessiva com relação à minha praia tranquila.

A areia está marcada pelos pingos da chuva, e a maré alta começa a varrer os desenhos que fiz na praia, destruindo tanto os acertos quanto os erros. Tornou-se rotina começar o dia escrevendo meu próprio nome junto à costa, e estremeço quando o vejo ser engolido pelo mar. Embora o trabalho de minhas manhãs esteja bem guardado dentro da câmera, não estou acostumada a essa falta de permanência. Não tenho um pedaço de argila para moldar de novo e aperfeiçoar seu contorno, revelar sua verdadeira forma. Por necessidade, preciso trabalhar depressa, e considero esse processo ao mesmo tempo estimulante e cansativo.

A chuva está insistente e atravessa o casaco e as botas. Quando me viro para abandonar a praia, vejo que um homem caminha na minha direção, acompanhado de um cachorro enorme que pula sem parar. Prendo a respiração.

Ele ainda está um pouco distante, e não sei se é de propósito que se aproxima de mim ou se apenas caminha para o mar. Sinto um gosto metálico na boca e lambo os lábios na tentativa de umedecê-los, mas só encontro sal. Já vi esse homem e seu cão antes: observei-os ontem de manhã do topo do rochedo até irem embora e a praia ficar de novo deserta. Apesar do vasto espaço ao meu redor, sinto-me encurralada, e começo a caminhar ao longo da linha d'água, como se desde o início essa tivesse sido minha intenção.

— Bom dia!

Ele desvia um pouco o seu caminho até emparelhar comigo. Não consigo dizer nada.

— Lindo dia para um passeio — continua ele, erguendo a cabeça para o céu.

Deve ter cinquenta e poucos anos, imagino: cabelos grisalhos sob um chapéu impermeável, barba bem-feita que cobre quase a metade de seu rosto.

Deixo escapar um breve suspiro.

— Preciso voltar — digo vagamente. — Tenho que...

— Aproveite bem seu dia. — O homem se despede com um pequeno aceno de cabeça e chama o cão, enquanto dou meia-volta e caminho rapidamente em direção ao penhasco. No meio do caminho, ainda na praia, olho para trás por cima do ombro, mas o homem continua na beira da água, jogando um pedaço de madeira dentro do mar para que o cachorro o apanhe. Aos poucos, o ritmo de meu coração volta ao normal, e agora apenas me sinto ridícula.

Quando chego ao topo do rochedo, estou encharcada. Decido visitar Bethan e, com passo acelerado, tomo o rumo de sua loja antes que mude de ideia.

Bethan me recebe com um grande sorriso.

— Vou colocar a chaleira no fogo.

Ela continua com seus afazeres no fundo da loja, de onde mantém um monólogo animado sobre a previsão do tempo, a ameaça de suspensão de rotas de ônibus e a cerca quebrada de Iestyn, que resultou na fuga de setenta cabras na noite anterior.

— Alwen Rees não ficou nada satisfeito, isso eu garanto!

Sorrio, não tanto pela história em si, mas pelo modo como Bethan a conta, acompanhando as palavras com os gestos extravagantes de uma verdadeira atriz. Caminho pela loja enquanto ela acaba de preparar o chá. O piso é de concreto e as paredes caiadas de branco têm prateleiras que cobrem dois lados da construção.

Estavam vazias na primeira vez que vim aqui: agora estão abarrotadas de cereais, latas de conserva, frutas e vegetais frescos, tudo à disposição dos turistas. Um grande armário refrigerado abriga algumas caixas de leite e outros produtos perecíveis. Pego um pedaço de queijo.

— Esse é o queijo de cabra de Iestyn — explica Bethan. — É melhor levá-lo antes que acabe. Ele desaparece assim que os veranistas chegam. Agora venha, sente-se perto do aquecedor e me conte como está a vida lá em cima. — Um gatinho preto e branco mia entre seus tornozelos e ela o pega para colocá-lo sobre o ombro. — Você não quer por acaso um gatinho para lhe fazer companhia? Tenho três filhotes como este para dar. Nossa gata teve uma ninhada poucas semanas atrás. Vá saber quem é o pai!

— Não, obrigada.

O gatinho é encantador: uma bolinha de pelo com um rabo que se movimenta como um metrônomo. A imagem faz com que uma lembrança esquecida aflore à minha mente e me encolho na cadeira.

— Não gosta de gatos?

— Não tenho condições de cuidar — respondo. — Não consigo nem sequer manter um cacto vivo. Tudo que depende de mim morre.

Bethan ri, embora eu não estivesse brincando. Ela aproxima uma segunda cadeira e coloca uma caneca de chá sobre o balcão ao meu lado.

— Já fez algumas fotos, não é? — Bethan aponta para a câmera pendurada no meu pescoço.

— Algumas da baía, nada de mais.

— Posso ver?

Hesito por um instante, mas passo a correia por cima da cabeça, ligo a câmera e mostro a Bethan como mover rapidamente as imagens na tela.

— São lindas!

— Obrigada.

Sinto meu rosto ficar vermelho. Nunca sei como reagir quando recebo um elogio. Quando criança, os professores elogiavam meus trabalhos artísticos e os exibiam na recepção da escola, onde ficavam os visitantes, mas só aos doze anos comecei a perceber que tinha talento, embora ainda bruto e imperfeito. A escola organizou uma exposição, na verdade uma pequena apresentação para moradores locais e pais de alunos, e os meus foram juntos vê-la, o que era raro, já naquela

época. Meu pai ficou parado, sem dizer uma palavra, no setor onde estavam expostos meus quadros e também a escultura de um pássaro que eu havia feito com metal retorcido. Prendi a respiração por um longo tempo, e me peguei retorcendo os dedos nas dobras da saia.

— Incrível — disse ele, e olhou para mim como se me visse pela primeira vez. — Você é incrível, Jenna.

Eu não cabia em mim de orgulho, e deslizei minha mão na dele para levá-lo até a Sra. Beeching, que lhe falou sobre cursos superiores de Belas-Artes, bolsas de estudo e orientação técnica. Continuei sentada, com os olhos fixos em meu pai, que me achava incrível.

Fico feliz que ele não esteja mais aqui. Teria sido terrível ver decepção em seus olhos.

Bethan continua a examinar as fotos panorâmicas que fiz na baía.

— É verdade, Jenna, suas fotos são fantásticas. Pretende vendê-las?

Sinto vontade de rir, mas como ela não esboça um sorriso sequer, percebo que está falando sério.

Pergunto-me se isso seria possível. Talvez não estas. Ainda estou praticando, ainda tentando conseguir a iluminação correta, mas se trabalhar nelas...

— Talvez — respondo, surpresa comigo mesma.

Bethan examina as fotografias restantes e ri quando se depara com seu próprio nome escrito na areia.

— Sou eu!

Enrubesço.

— Estava fazendo uma experiência.

— Gostei muito. Posso comprá-la?

Bethan levanta a câmera e admira a foto de novo.

— Não diga bobagem. Imprimirei para você. É o mínimo que posso fazer, depois de toda sua gentileza comigo.

— A agência de correios tem uma dessas máquinas onde o próprio cliente faz a impressão — explica Bethan. — Adoraria ter esta, com meu nome, e aquela também, em que a maré está baixa.

Ela escolheu uma de minhas favoritas: eu a fiz no fim da tarde, enquanto o sol desaparecia no horizonte. O mar está quase plano, um espelho cintilante em tons de rosa e laranja, e os rochedos ao redor não passam de silhuetas delicadas.

— Vou imprimi-las hoje mesmo.

— Obrigada — diz Bethan. Ela deixa a câmera de lado e vira-se para mim. Seu olhar franco e direto já me é familiar. — Agora, deixe-me fazer alguma coisa por você.

— Não é preciso — começo. — Você já...

Com um gesto, Bethan rechaça meus protestos.

— Estou fazendo uma arrumação em casa e preciso me livrar de algumas coisas. — Aponta para dois sacos pretos colocados lado a lado perto da porta. — Nada de extraordinário: almofadas e mantas de quando reformamos os trailers fixos e algumas roupas que nunca mais me servirão, mesmo que eu desista de comer chocolate até o fim da vida. Nada sofisticado também, porque não há muita possibilidade de se usar vestidos de festa em Penfach, mas alguns suéteres e jeans e um ou dois vestidos que eu jamais devia ter comprado.

— Bethan, você não pode me dar suas roupas!

— E por que não?

— Porque...

Ela fixa os olhos nos meus e eu interrompo a frase. Ela é tão prática e franca que não consigo sentir vergonha, e também não posso continuar a usar as mesmas coisas dia após dia.

— Escute, acabarei levando tudo isso a um bazar beneficente, de qualquer jeito. Dê uma olhada e fique com o que puder aproveitar. É uma coisa sensata, não acha?

Deixo o camping carregada de roupas quentes e com uma sacola contendo o que Bethan chama de "acessórios de conforto". De volta ao chalé, espalho roupas e objetos no chão como se fossem presentes de Natal. Os jeans são um pouco grandes, mas ficarão bem se eu usá-los com um cinto, e quase choro de emoção com a maciez do suéter de lã grossa que ela separou para mim. O chalé é gelado e sinto frio o tempo todo. As poucas roupas que eu trouxe de Bristol — dou-me conta de que parei de dizer "minha casa" — estão usadas demais e endurecidas pelo sal e também porque as lavo à mão na banheira.

São os "acessórios de conforto" de Bethan que mais me entusiasmam. Cubro o precário sofá com uma enorme colcha de retalhos em tons vivos de vermelho e verde, e no mesmo instante o ambiente parece mais quente e acolhedor. Sobre o aparador da lareira estão vários seixos que recolhi na praia, polidos pela ação do

mar: acrescento um vaso que estava na sacola de Bethan e decido que de tarde apanharei alguns galhos de salgueiro para colocar nele. As almofadas vão para o chão, ao lado da lareira, onde costumo sentar-me para ler ou editar as fotografias. No fundo da sacola encontro duas toalhas, um tapete de banheiro e mais uma colcha.

Nem por um segundo acredito que Bethan pretendia se livrar de todas essas coisas, mas já a conheço bem o suficiente para não fazer perguntas.

Alguém bate na porta e interrompo o que estou fazendo. Bethan disse que Iestyn passaria para me ver, mas espero um instante, apenas por garantia.

— Você está aí?

Puxo o ferrolho para abrir a porta. Iestyn me cumprimenta com sua aspereza habitual, enquanto o recebo com alegria. O que no início eu tomara como indiferença, grosseria até, acabei por descobrir que era apenas a marca de um homem reservado, mais preocupado com o bem-estar de suas cabras do que com a sensibilidade de seus parentes e conhecidos.

— Trouxe um pouco de lenha — diz ele, apontando para as toras empilhadas de qualquer maneira no reboque do quadriciclo. — Você não pode ficar sem. Vou pegá-las.

— Aceita uma xícara de chá?

— Com dois tabletes de açúcar — grita Iestyn por cima do ombro, no caminho para o reboque. Começa a colocar a lenha em um balde e eu coloco a chaleira no fogo.

⋆ ⋆ ⋆

— Quanto lhe devo pela lenha? — pergunto quando estamos sentados à mesa da cozinha bebendo o chá.

Iestyn sacode a cabeça.

— São sobras de um carregamento que fiz. Pedaços que não estavam bons para venda.

A lenha que ele empilhou com cuidado ao lado da lareira deve durar um mês, pelo menos. Suspeito que aquilo tenha o dedo de Bethan mais uma vez, mas não estou em condições de recusar um presente tão generoso. Preciso pensar em como retribuir-lhe o favor, e a Bethan também.

Iestyn dá de ombros quando agradeço.

— Eu não teria reconhecido este lugar — diz ele, apontando para a colcha colorida e depois para as conchas e outros tesouros recolhidos aqui e ali. — Como o fogão tem se comportado? Não incomodou muito? — Ele aponta para o velho Aga. — Às vezes ele dá trabalho.

— Tem funcionado muito bem, obrigada. — Reprimo um sorriso. Virei uma especialista agora; faço o fogão ressuscitar em questão de minutos. É uma pequena vitória que guardo junto das outras, acumulando-as como se elas um dia pudessem anular meus fracassos.

— Bem, preciso ir — anuncia Iestyn. — A família vem neste fim de semana e você diria que é a realeza chegando, tal a agitação de Glynis. Já falei que eles não se importam se a casa está limpa ou se há flores na sala de jantar, mas ela quer que tudo esteja perfeito para a chegada. — Revira os olhos em aparente exasperação, mas seu tom de voz é amável quando fala na esposa.

— São seus filhos que vêm visitá-lo? — pergunto.

— Nossas duas filhas — responde —, com os maridos e os filhos. Ficaremos apertados, mas ninguém se importa quando se trata da família, não é?

Ele se despede e observo o quadriciclo afastar-se sacolejando no terreno irregular.

⋆ ⋆ ⋆

Fecho a porta e continuo de pé, contemplando o chalé. A sala, que pouco tempo atrás me parecia tão confortável e aconchegante, agora dá a impressão de estar vazia. Imagino uma criança — meu filho — brincando sobre o tapete em frente à lareira. Penso em Eve e nos meus sobrinhos que crescem sem que eu esteja presente em suas vidas. Posso ter perdido meu filho, mas ainda conto com uma família, não importa o que tenha acontecido entre nós.

Eve e eu nos dávamos bem quando éramos pequenas, apesar de nossos quatro anos de diferença. Eu a admirava e ela, por sua vez, tomava conta de mim, sem parecer se importar que a irmã menor a seguisse por toda parte. Éramos muito diferentes; eu com uma cabeleira ruiva e rebelde, Eve com cabelos castanhos completamente lisos. Tínhamos boas notas na escola, mas Eve era mais aplicada que eu, e continuava com a cabeça enfiada em seu livro muito depois de eu ter jogado o meu no outro lado da sala. Eu preferia passar horas no ateliê de arte na escola, ou no chão de nossa garagem, único lugar da casa onde minha mãe me

permitia manusear argila e tintas. Minha irmã, muito ranzinza, torcia o nariz para as minhas atividades, e gritava enquanto fugia dos meus braços estendidos e salpicados de argila molhada. Um dia chamei-a de "Lady Eve" e o nome pegou, mesmo depois que nos tornamos adultas e constituímos nossas próprias famílias. Sempre pensei que, no fundo, Eve gostava do apelido, sobretudo quando, ano após ano, eu a via receber elogios por um jantar maravilhoso ou pela bela embalagem de um presente.

Ficamos um pouco mais distantes depois que nosso pai nos deixou. Jamais perdoei nossa mãe por mandá-lo embora, e não entendia como Eve a tinha perdoado. Apesar de tudo, sinto desesperadamente a falta de minha irmã, e agora mais do que nunca. Cinco anos da vida de alguém é tempo demais para ser perdido apenas por um comentário inconsequente.

Abro o laptop e localizo as fotos que Bethan pediu. Acrescento mais três que quero colocar na parede do chalé com molduras que farei com madeira recolhida na praia. Todas são da baía, todas tiradas exatamente do mesmo local, mas diferentes entre si. A água azul cintilante da primeira imagem, com o sol iluminando toda a baía, dá lugar ao cinza opaco da segunda foto, onde o sol é pouco visível no céu. A terceira imagem é minha favorita: tirei-a quando o vento soprava com tanta força que precisei me concentrar para não perder o equilíbrio no alto do rochedo, e até as gaivotas tinham abandonado sua perpétua patrulha no céu. A foto mostra nuvens negras descendo na direção do mar que, por sua vez, manda ondas ao seu encontro. A baía estava tão viva naquele dia que meu coração parecia palpitar por todo o corpo enquanto eu trabalhava.

Acrescento mais uma foto ao meu cartão de memória, uma que tirei no primeiro dia em que escrevi na praia, quando cobri a areia com nomes do meu passado.

Lady Eve.

Não posso correr o risco de contar à minha irmã onde estou, mas posso dizer-lhe que estou bem. E que sinto muito.

9

— Vou ao Harry's almoçar, chefe. Quer alguma coisa?

Kate apareceu no vão da porta do escritório de Ray. Usava calça de alfaiataria cinza e um suéter justo, sobre o qual colocara um casaco leve. Estava pronta para sair.

Ray levantou-se e pegou o paletó do encosto da cadeira.

— Vou com você. Um pouco de ar fresco vai me fazer bem.

Ele em geral comia na cantina, ou na sua mesa, mas almoçar com Kate era uma perspectiva mais atraente. Além disso, o sol voltara a brilhar, finalmente, e ele não tinha tirado os olhos de sua mesa de trabalho desde que chegara, às oito da manhã. Merecia uma pausa.

⋆ ⋆ ⋆

O Harry's estava superlotado, como sempre, com uma fila que serpenteava ao longo do balcão e chegava à calçada. Era um local popular entre os oficiais, não só por estar muito perto do seu trabalho, mas também porque os sanduíches tinham preços acessíveis e eram preparados com rapidez. Nada era mais frustrante para um policial com fome do que receber uma chamada urgente antes de o pedido chegar.

Avançaram um pouco na fila.

— Posso levar o seu para o escritório, se estiver com muita pressa — propôs ela, mas Ray balançou a cabeça.

— Não estou com pressa. Estou revisando os planos para a Operação Break e posso ficar algum tempo fora. Almoçamos aqui.

— Boa ideia. Break é o caso da lavagem de dinheiro, certo? — perguntou Kate em voz baixa, atenta às pessoas à sua volta, e Ray confirmou.

— Isso mesmo. Posso lhe mostrar o dossiê, se quiser, para que tenha uma ideia de como está sendo feito.

— Ótimo, obrigada.

Eles pediram seus sanduíches e encontraram dois bancos altos junto à janela, sempre de olho em Harry, que em poucos minutos já agitava no ar os sacos de papel marrom com os lanches. Dois agentes uniformizados passaram diante da janela e Ray cumprimentou-os com a mão.

— Mais combustível para a alegação de que "o pessoal da Criminal não trabalha" — disse ele para Kate dando uma risada.

— Eles não sabem da missa a metade — retrucou Kate, tirando o tomate do sanduíche para comê-lo em separado. — Nunca trabalhei tanto quanto no caso de Jacob Jordan. E tudo por nada.

Ray não deixou de notar um tom de amargura na voz dela.

— Não foi por nada, você sabe muito bem. Um dia alguém acaba contando o que fez, a história se espalha, e pegamos os responsáveis.

— Mas isso não é um bom trabalho policial.

— O que quer dizer com isso? — Ray não tinha certeza se devia sentir-se surpreso ou insultado com tamanha franqueza.

Kate largou o sanduíche.

— É um enfoque reativo, não proativo. Não devemos ficar de braços cruzados esperando que as informações venham até nós: devíamos estar lá fora procurando por elas.

Era como ouvir um eco de si mesmo no início da carreira. Ou de Mags, talvez, embora ele não lembrasse se Mags era tão assertiva quanto Kate. Ela agora comia de novo seu sanduíche, mas mesmo isso era feito com alto grau de determinação. Ray dissimulou um sorriso. Ela dizia exatamente o que lhe vinha à cabeça, sem qualquer censura e sem se preocupar se cabia ou não a ela dizê-lo. Algumas pessoas na delegacia se irritavam com ela, mas Ray não se incomodava com quem não tinha papas na língua. Na verdade, achava essa atitude muito estimulante.

— Isso a abalou demais, não foi? — perguntou Ray.

Ela confirmou com a cabeça.

— Não suporto a ideia de o motorista ainda estar por aí, pensando que se safou. E também não suporto a ideia de a mãe de Jacob ter ido embora de Bristol pensando que não nos empenhamos o suficiente para encontrar o responsável.

Kate abriu a boca para continuar, mas logo desviou o olhar como se tivesse

refletido melhor.

— O que foi?

Suas faces ficaram levemente coradas, mas ela ergueu o queixo com ar desafiador.

— Não parei de trabalhar no caso.

Ao longo dos anos, Ray tinha descoberto em várias ocasiões papéis que mofavam em um canto, ignorados por funcionários sempre ocupados demais ou preguiçosos demais para fazer alguma coisa com eles. Mas trabalhar *demais*? Isso era novidade.

— Tenho usado meu tempo livre, e não faço nada que possa lhe causar problemas com os chefes, não se preocupe. Revi as imagens das câmeras de segurança e conferi as chamadas recebidas através do programa *Crimewatch* para verificar se não deixamos escapar alguma coisa.

Ray imaginou Kate em casa, rodeada de papéis sobre o caso espalhados pelo chão, e olhando por horas a fio as imagens granuladas na tela à sua frente.

— E fez isso porque acredita que podemos localizar o motorista?

— Fiz porque não quero desistir.

Ray sorriu.

— Vai me pedir para parar? — continuou Kate, mordendo o lábio.

Era exatamente o que ele estava a ponto de fazer, mas ela se mostrava tão interessada, tão determinada! Além disso, mesmo que ela não conseguisse nenhum avanço, que mal poderia haver em deixá-la prosseguir? Era o tipo de coisa que ele mesmo teria feito em outra época.

— Não — respondeu ele. — Não vou lhe pedir para parar. Até porque não estou convencido de que isso faria alguma diferença.

Os dois riram.

— Mas quero que me mantenha informado de tudo o que fizer e que não exagere no tempo dedicado ao caso. E que ele não tenha prioridade sobre as investigações em andamento. Combinado?

Kate olhou para ele como se pensasse no que responder.

— Combinado. Obrigada, Ray.

Ele amassou os sacos de papel até transformá-los em uma bola.

— Bem, é melhor voltarmos. Vou lhe mostrar o dossiê da Operação Break, depois preciso ir embora, caso contrário terei problemas quando chegar em casa.

Mais uma vez.

Ele revirou os olhos e fez uma careta.

— Pensei que Mags não se importasse de você trabalhar até tarde — disse Kate, enquanto faziam o caminho de volta.

— Acho que nos últimos tempos alguma coisa não anda muito bem entre nós — respondeu ele, mas no mesmo instante sentiu-se desleal. Raras vezes ele falava sobre sua vida pessoal com colegas de trabalho, a não ser com Stumpy, que conhecia Mags há quase tanto tempo quanto ele. Mas não tinha problema, ele não estava anunciando isso para todo mundo, só para Kate.

— Você *acha*? — Ela riu. — Não tem certeza?

Ray esboçou um sorriso irônico.

— Minha impressão é que no momento não sei de nada. Não é algo específico, algo que eu possa identificar, apenas... Ah, você sabe. Estamos enfrentando problemas com Tom, nosso filho mais velho. Ele não consegue se adaptar à escola, e a consequência é que anda mal-humorado e distante.

— Quantos anos ele tem?

— Doze.

— Parece um comportamento normal para a idade — ponderou Kate. — Minha mãe sempre diz que eu era um verdadeiro terror.

— Ah, acredito nisso — disse Ray. Kate fingiu que lhe daria um soco e ele riu. — Sei o que você quer dizer, mas, para ser sincero, é um comportamento realmente incomum em Tom e aconteceu quase da noite para o dia.

— Acha que ele está sofrendo bullying?

— Até já pensei nisso, mas não gosto de fazer muitas perguntas para não irritá-lo. Mags tem mais jeito do que eu para esse tipo de assunto, mas nem ela consegue arrancar alguma coisa dele. — Deu um suspiro. — Filhos... quem se arrisca a tê-los?

— Eu não — disse Kate quando chegaram à delegacia. Ela passou seu cartão de acesso para abrir a porta lateral. — Não por um bom tempo, pelo menos. Há muita coisa divertida para fazer antes de pensar em filhos. — Ela riu, e Ray sentiu uma pontada de inveja daquela vida descomplicada.

Os dois subiram as escadas. Quando chegaram ao patamar do segundo andar, onde ficava o departamento em que trabalhavam, Ray parou e apoiou a mão na porta.

— Quanto ao caso Jordan...

— Fica só entre nós dois. Eu sei.

Ela sorriu, e Ray deu um suspiro de alívio. Se a chefe soubesse que ele ainda tinha alguém, mesmo sem pagamento, tratando de um caso que ela havia expressamente dado como encerrado, não perderia um minuto antes de dizer-lhe o que pensava. Ray voltaria a usar uniforme antes mesmo de ela desligar o telefone.

De volta à sua sala, ele começou a trabalhar nos preparativos para a Operação Break. A chefe havia pedido que ele assumisse uma investigação sobre uma suposta lavagem de dinheiro. Duas casas noturnas no centro da cidade estavam sendo usadas como fachada para uma série de atividades ilícitas e havia muita informação a ser analisada. Como os dois donos das boates eram figuras importantes no mundo dos negócios, Ray sabia que a chefe queria testá-lo, então ele pretendia enfrentar o desafio.

Ele passou o resto da tarde examinando os casos da Equipe Três. Kelly Proctor, a investigadora, estava em licença-maternidade, e Ray pedira ao agente mais experiente da equipe que a substituísse. Sean estava fazendo um bom trabalho, mas Ray queria ter certeza de que nada vazaria durante a ausência de Kelly.

Não demoraria muito até ele poder transferir mais responsabilidades a Kate, pensou. Ela era tão brilhante que poderia ensinar uma ou duas coisas a alguns de seus detetives mais experientes, e ainda achar o desafio interessante. Ele lembrou-se do brilho desafiador do olhar dela quando contou o que estava fazendo no caso do atropelamento: não havia como negar que era uma profissional dedicada ao trabalho.

Ele perguntou a si mesmo o que a motivaria. Seria só porque ela não se deixava derrotar por um caso, ou porque de fato acreditava em um resultado positivo? Ele teria aceitado depressa demais a decisão da chefe de encerrar o processo? Refletiu por um momento, tamborilando no tampo da mesa. Tecnicamente já estava de folga e tinha prometido a Mags que não chegaria tarde, mas ele poderia dispor de meia hora e ainda chegar em casa em um horário decente. Antes que pudesse mudar de ideia, abriu a gaveta de sua mesa e pegou o dossiê de Jacob.

Só bem depois de uma hora ele se deu conta do horário.

10

— Ah, eu sabia que era você! — Bethan emparelha comigo no caminho para Penfach, quase sem fôlego e com o casaco batendo às suas costas. — Vou ao correio. Foi ótimo encontrá-la, tenho uma notícia para lhe dar.

— Que notícia? — Espero até Bethan recuperar o fôlego.

— Ontem recebemos a visita do representante de vendas de uma empresa de cartões de felicitações — explica ela. — Mostrei suas fotografias e ele acha que ficariam ótimas como cartões-postais.

— Está falando sério?

Bethan ri.

— Sim, claro. Ele gostaria que você imprimisse algumas e as deixasse aqui até a próxima visita dele.

Não consigo evitar um sorriso.

— É uma notícia excelente. Muito obrigada.

— E também posso deixar os postais na loja. Na verdade, se você conseguir criar um site na internet e colocar algumas fotos on-line, mandarei os detalhes para todos os nossos contatos. Com certeza deve haver muita gente querendo postais com uma bela imagem de algum lugar onde passaram férias.

— Farei isso — digo, embora não tenha a menor ideia de como criar um site.

— Você poderia escrever mensagens, além de nomes, o que acha? "Boa sorte", "Parabéns", esse tipo de coisa.

— Sim, é uma boa ideia.

Imagino uma série completa de cartões-postais criados por mim expostos em uma prateleira, reconhecíveis pelo "J" inclinado que eu usaria como logotipo. Nenhum nome, apenas uma inicial. Qualquer um poderia ter tirado as fotos. Preciso fazer alguma coisa para começar a ganhar um pouco de dinheiro. Minhas despesas são pequenas, não gasto quase nada com comida, mas daqui a pouco minhas economias acabarão, e não tenho outra fonte de renda. Além disso, sinto falta do trabalho. Uma voz dentro de minha cabeça ri de mim, e me forço a

silenciá-la. Por que eu não abriria outra empresa? Por que as pessoas não comprariam minhas fotografias, como antes compravam minhas esculturas?

— Farei isso — digo.

— Bem, então está tudo acertado — diz Bethan, satisfeita. — Aonde irá hoje?

Chegamos a Penfach sem que eu percebesse.

— Pensei em explorar um pouco mais a costa — respondo. — Tirar fotos de outras praias.

— Você não encontrará um lugar mais bonito do que Penfach — afirma Bethan. Ela consulta o relógio. — Mas há um ônibus daqui a dez minutos para Port Ellis, que é um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar.

Quando o ônibus chega, subo nele cheia de gratidão. Está vazio e sento-me bem longe do motorista para evitar qualquer tipo de conversa. O ônibus segue por caminhos estreitos, e observo o mar se afastar, mas o vejo de novo quando nos aproximamos do nosso destino.

⋆ ⋆ ⋆

A estrada tranquila onde o ônibus para está espremida entre paredes de pedra que parecem percorrer Port Ellis do início ao fim. Como não há calçada, caminho pela própria estrada na direção do que imagino ser o centro da cidadezinha. Quero explorar o interior, depois seguir para a costa.

O saco está parcialmente encoberto pelo arbusto; um saco plástico preto fechado com um nó e jogado na vala ao lado da estrada. Por pouco não o ignoro, pois parece tratar-se apenas de lixo descartado por turistas.

Mas então percebo que o saco se movimenta de leve.

Tão de leve que quase acredito estar imaginando coisas, que deve ser o vento que faz o plástico se mexer. Agacho-me para pegar o saco, e no mesmo instante tenho a inconfundível sensação de que há um ser vivo dentro.

Ajoelho-me no chão e rasgo o saco de lixo. Um odor fétido de medo e excremento me atinge em cheio e sinto uma forte náusea, mas contenho-a ao ver dois animais no seu interior. Um filhote de cachorro está imóvel, com a pele do dorso em carne viva, lacerada pelo cão inquieto que se contorce ao seu lado e geme baixinho. Deixo escapar um soluço e pego o filhote vivo, aninhando-o dentro de meu casaco. Levanto-me com dificuldade, olho ao redor, e grito para um homem que atravessa a estrada uns cem metros adiante.

— Por favor, me ajude!

O homem vira-se e caminha na minha direção, embora pareça indiferente a meus gritos de pânico. É velho, tem as costas curvadas e o queixo enfiado no peito.

— Há um veterinário por aqui? — pergunto, assim que ele se aproxima.

O homem observa o filhote, agora calado e imóvel no calor do meu casaco, e espia dentro do saco preto no chão. Estala a língua e balança devagar a cabeça.

— O filho de Alun Mathews — responde.

Faz um sinal com a cabeça, presumivelmente para me indicar onde encontrar essa pessoa, depois pega o saco preto com seu conteúdo macabro. Eu o sigo, sentindo o calor do filhote espalhar-se por meu peito.

A clínica veterinária fica em um pequeno prédio branco no final de uma rua, e uma placa acima da porta diz: "Clínica Veterinária Port Ellis". Na salinha de espera há uma mulher em uma cadeira de plástico com uma cesta para transportar gatos no colo. A sala cheira a desinfetante e a cachorro.

A recepcionista ergue os olhos do computador.

— Olá, Sr. Thomas, em que podemos ajudá-lo?

Meu companheiro a cumprimenta com um aceno de cabeça e deposita o saco preto sobre o balcão.

— Esta moça encontrou dois filhotes jogados entre os arbustos — explica. — Uma situação muito triste. — Ele inclina-se e bate de leve em meu braço. — Eles a ajudarão aqui — diz, e deixa a clínica, fazendo com que a sineta acima da porta soe com entusiasmo.

— Obrigada por trazê-los. — A recepcionista usa um crachá no jaleco azul com o nome "Megan" gravado em preto. — Pouca gente faria isso, sabe?

Suas chaves balançam penduradas em um cordão enfeitado com emblemas coloridos de animais e instituições de caridade, do tipo usado por enfermeiras na ala infantil de alguns hospitais. Ela abre o saco e empalidece por alguns instantes antes de desaparecer discretamente com ele.

Segundos depois, uma porta se abre na sala de espera e Megan sorri para mim.

— Quer entrar com o filhote? Patrick o examinará agora.

— Obrigada.

Sigo Megan e entro em uma sala de formato estranho com armários espalhados pelos cantos. Na extremidade oposta há um balcão de cozinha e uma pequena pia

de aço inoxidável, onde um homem lava as mãos com um sabão verde diferente cuja espuma chega aos seus antebraços.

— Olá, sou Patrick. O veterinário — acrescenta ele, depois ri. — Suponho que tenha deduzido.

É um homem alto, mais alto que eu, o que é incomum, com cabelos louros sujos penteados sem qualquer estilo definido. Sob o jaleco azul, veste jeans e uma camisa xadrez com as mangas dobradas até os cotovelos. Seu sorriso largo revela dentes brancos e alinhados. Calculo que tenha trinta e cinco anos, talvez um pouco mais.

— Eu me chamo Jenna.

Abro o casaco para tirar o filhote preto e branco que adormeceu e ressona tranquilamente, sem parecer afetado pelo fim traumático do irmão.

— E quem temos aqui? — pergunta o veterinário, pegando com delicadeza o cachorrinho de meus braços. O movimento desperta o filhote, que se encolhe e tenta se afastar dele. Patrick devolve-o para mim. — Pode me ajudar e segurá-lo em cima da mesa? Não quero que se agite mais ainda. Se tiver sido um homem quem os colocou no saco, pode ter certeza de que será preciso algum tempo até ele voltar a confiar em um de nós outra vez. — Ele acaricia o dorso do filhote, enquanto me agacho e sussurro algumas palavras no seu ouvido, sem me importar com o que Patrick possa pensar de minha conversa sem sentido.

— De que raça ele é? — pergunto.

— Meio a meio.

— Meio a meio? — Levanto-me e mantenho com cautela a mão sobre o filhote, que já está relaxado agora que Patrick o examina com extremo cuidado.

O veterinário sorri.

— Você sabe: metade isto, metade aquilo. Na maior parte spaniel, eu diria, a julgar pelas orelhas, mas sabe-se lá que outra raça entra nessa mistura. Collie, talvez, ou até mesmo um pouco de terrier. Eles não teriam sido jogados ali se fossem cães de raça, isto é certo.

Ergue o cachorro e o coloca nos meus braços.

— Que horror! — exclamo, sentindo o calor do filhote. Ele enfia o nariz no meu pescoço. — Quem faria uma coisa dessas?

— Informaremos a polícia, mas as chances de descobrirem alguma coisa são quase nulas. Os habitantes daqui são muito reservados.

— O que acontecerá com este? — pergunto.

Patrick enfia as mãos nos bolsos do jaleco e apoia-se na pia.

— Poderia ficar com ele?

O veterinário tem linhas brancas muito finas nos cantos dos olhos, como se os apertasse para protegê-los do sol. Deve passar muito tempo ao ar livre.

— Considerando as condições em que ele foi encontrado, é pouco provável que alguém venha atrás dele — explica Patrick —, e estamos lutando para conseguir mais espaço nos canis. Seria ótimo se pudesse dar-lhe um lar. Ele tem todo o jeito de ser um bom animal.

— Ah, meu Deus, não tenho condições de cuidar de um cachorro! — exclamo. Não consigo afastar a sensação de que isso só aconteceu porque vim hoje a Port Ellis.

— Por que não?

Hesito antes de responder. Como explicar que coisas ruins acontecem ao meu redor? Eu adoraria voltar a cuidar de alguma coisa, ou de alguém, mas ao mesmo tempo a ideia me apavora. E se eu não conseguir cuidar do cãozinho? E se ele adoecer?

— Nem sei se meu senhorio permitiria — digo, por fim.

— Onde você mora? Em Port Ellis?

— Não, em Penfach. Em um chalé não muito longe do camping.

Percebo um lampejo de reconhecimento nos olhos de Patrick.

— Você aluga a casa de Iestyn?

Concordo com a cabeça. Não me surpreendo mais ao descobrir que todo mundo conhece Iestyn.

— Deixe-o comigo — diz Patrick. — Iestyn Jones foi colega de escola de meu pai, e sei de tanta sujeira dele que você poderia levar para casa uma manada de elefantes, se quisesse.

Sorrio. Não consigo ficar séria.

— Acho que eu não chegaria aos elefantes — digo, e no mesmo instante sinto meu rosto corar.

— Os spaniels se dão muito bem com crianças — acrescenta ele. — Você tem filhos?

A pausa parece durar uma eternidade.

— Não — respondo por fim. — Não tenho filhos.

O cachorro se liberta de minha mão e começa a lamber furiosamente meu queixo. Sinto seu coração bater contra o meu.

— Está bem. Fico com ele.

11

Ray saiu da cama com cuidado para não incomodar Mags. Havia prometido a ela um fim de semana inteiro sem trabalho, mas, se levantasse agora, teria uma hora para colocar seus e-mails em dia e adiantar a análise do dossiê da Operação Break antes de ela acordar. Ele e sua equipe executariam dois mandados simultâneos nas boates, e, se suas fontes fossem confiáveis, encontrariam grande quantidade de cocaína em ambas, além de documentos que mostrariam o fluxo de entrada e saída de dinheiro dos negócios supostamente lícitos.

Ele vestiu as calças e foi preparar café. Enquanto esperava a chaleira ferver, ouviu um leve ruído de passos na cozinha, às suas costas, e virou-se.

— Papai! — Lucy abraçou-o pela cintura. — Não sabia que você já tinha acordado!

— Há quanto tempo está de pé? — perguntou ele, libertando-se do abraço da filha para curvar-se e dar-lhe um beijo. — Desculpe, não a vi ontem antes de você deitar. Como foi na escola?

— Bem, eu acho. Como foi no trabalho?

— Bem, eu acho.

Os dois sorriram.

— Posso ver tevê? — Lucy prendeu a respiração e olhou para o pai com olhos suplicantes. Mags tinha regras rígidas quanto à liberação da televisão de manhã, mas era fim de semana, e assim Ray ficaria livre para trabalhar um pouco.

— Tudo bem, vá lá.

Ela correu para a sala antes que Ray mudasse de ideia, e ele ouviu o clique da televisão e a seguir as vozes esganiçadas dos personagens de um desenho animado. Ray sentou-se à mesa da cozinha e ligou seu BlackBerry.

Às oito horas ele já respondera grande parte de seus e-mails, e preparava uma segunda xícara de café quando Lucy entrou na cozinha para se queixar que estava morrendo de fome e perguntar onde estava o café da manhã.

— Tom ainda está dormindo? — perguntou Ray.

— Sim. É um preguiçoso.

— Não sou preguiçoso! — Uma voz indignada veio do alto da escada.

— É sim — gritou Lucy.

Passos ressoaram no patamar e Tom desceu as escadas com cara de poucos amigos e os cabelos desgrenhados. Sua testa estava marcada por espinhas.

— NÃO sou! — gritou ele, empurrando a irmã com a mão espalmada.

— Ai! — gritou Lucy, e logo seus olhos se encheram de lágrimas. Seu lábio inferior tremeu.

— Nem doeu.

— Doeu, sim.

Ray suspirou e perguntou a si mesmo se todos os irmãos brigavam tanto quanto aqueles dois. No momento em que se preparava para separar os filhos à força, Mags desceu as escadas.

— Quem acorda às oito da manhã está longe de ser preguiçoso, Lucy — disse ela com voz tranquila. — Tom, não bata na sua irmã. — Ela pegou o café da mão do marido. — É para mim?

— Sim. — Ray devolveu a chaleira ao fogo. Olhou para os filhos que, sentados à mesa, planejavam o que fariam nas férias de verão, já esquecidos da briga... por enquanto, pelo menos. Mags sempre conseguia acabar com as brigas das crianças de um modo que para ele era impossível. — Como você consegue?

— É o que se chama de dever dos pais — respondeu Mags. — Você devia tentar o mesmo um dia.

Ray não respondeu. Ultimamente eles pareciam se criticar o tempo todo, e ele não estava disposto a enfrentar outro debate sobre o significado de trabalhar em tempo integral *versus* exercer a paternidade em tempo integral.

Mags movimentou-se pela cozinha para organizar o café da manhã, preparando torradas com grande habilidade e servindo suco entre goles de café.

— A que horas você chegou ontem? — perguntou ela. — Não o ouvi entrar.

Ela colocou um avental por cima do pijama e começou a bater os ovos. O avental tinha sido presente de Natal de Ray muitos anos atrás. Embora sua intenção fosse apenas fazer uma brincadeira, como os maridos que presenteiam as esposas com panelas ou tábuas de passar roupa, Mags o usava desde então. Era estampado com uma dona de casa dos anos 1950 e a frase: "Adoro cozinhar com vinho... Às vezes até coloco um pouco na comida." Ray lembrou-se de quando

voltava do trabalho e abraçava a esposa pela cintura quando ela estava no fogão, sentindo o avental enrugar-se sob seus dedos. Há quanto tempo não fazia isso!

— Perto da uma hora, eu acho — respondeu ele.

Tinha havido um assalto à mão armada em um posto de gasolina nos arredores de Bristol. A patrulha conseguira identificar os quatro envolvidos apenas poucas horas após o ocorrido, e Ray ficara no escritório mais como um gesto de solidariedade com sua equipe do que por uma necessidade real.

O café estava quente demais, mas Ray tomou um gole assim mesmo e queimou a língua. Seu BlackBerry vibrou e ele olhou para a tela. Era um e-mail de Stumpy para informar que os quatro bandidos tinham sido indiciados e conduzidos ao tribunal naquele sábado de manhã, onde os magistrados haviam decretado prisão preventiva. Ray escreveu uma rápida mensagem para o superintendente.

— Ray! — gritou Mags. — Nada de trabalho! Você prometeu!

— Desculpe, eu só estava me inteirando das novidades sobre o caso de ontem à noite.

— São apenas dois dias, Ray. Eles terão que se virar sem você.

Ela colocou a frigideira com os ovos mexidos na mesa e sentou-se.

— Cuidado, está quente — disse para Lucy e olhou para Ray. — Não vai tomar o café da manhã?

— Não, obrigado, como alguma coisa mais tarde. Vou tomar um banho agora. — Encostou-se no batente da porta por um momento e observou-os comer.

— Segunda-feira precisamos deixar o portão aberto para o rapaz que vem limpar as janelas — disse Mags. — Você vai se lembrar de destrancá-lo quando tirar o lixo amanhã de noite? Ah, falei com os vizinhos sobre as árvores, e eles prometeram mandar podá-las no decorrer das próximas duas semanas, mas preciso ver para crer.

Ray se perguntou se o *Post* faria uma reportagem sobre o caso da véspera. Afinal de contas, eles não perdiam tempo na hora de publicar o que a polícia não conseguia resolver.

— Isso é ótimo — disse ele.

Mags largou o garfo e olhou para o marido.

— O que foi? — perguntou Ray. Ele subiu para tomar banho e pegou o BlackBerry para mandar uma mensagem para o assessor de imprensa de plantão.

Seria uma pena não tirar proveito de um trabalho bem-feito.

★ ★ ★

— Obrigada por hoje — disse Mags. Eles estavam sentados no sofá, mas nenhum dos dois tinha se preocupado em ligar a televisão.

— Pelo quê?

— Por deixar o trabalho de lado pelo menos uma vez. — Mags jogou a cabeça para trás e cerrou as pálpebras. As rugas nos cantos de seus olhos se abrandaram e ela pareceu mais jovem: Ray deu-se conta da quantidade de vezes que ela franzia a testa ultimamente, e ficou pensando se ele fazia o mesmo.

Mags tinha o tipo de sorriso que a mãe de Ray costumava chamar de "generoso".

"Isso significa apenas que tenho uma boca grande." Mags tinha rido ao ouvi-la dizer isso pela primeira vez.

Ray esboçou um sorriso ao se lembrar daquele momento. Talvez ela sorrisse um pouco menos agora, mas continuava a mesma Mags de todos aqueles anos. Com frequência reclamava dos quilos que ganhara desde o nascimento dos filhos, mas Ray gostava de como ela era hoje, com a barriga macia e arredondada, os seios mais baixos e fartos. Como ela parecia não ouvir os elogios dele, ele há muito desistira de fazê-los.

— Foi ótimo — disse Ray. — Devíamos fazer isso mais vezes.

Haviam passado o dia em casa, descansando, jogando críquete no jardim, tirando o máximo proveito do dia de sol. Ray pegara no galpão uma bola velha de espirobol, e ele e os filhos tinham jogado durante o resto da tarde, apesar de Tom ter se queixado diversas vezes em voz alta que aquele jogo era muito chato.

— Foi bom ver Tom rir — observou Mags.

— Isso não tem acontecido com muita frequência, não é verdade?

— Estou preocupada com ele.

— Quer falar de novo com a escola?

— Não vejo sentido nisso — respondeu Mags. — Já estamos quase no fim do ano letivo. Espero que a mudança de professor conserte as coisas, e ele também deixará de ser um dos mais novos. Talvez isso lhe dê um pouco de confiança.

Ray tentava entender o filho, que chegara ao último trimestre na escola com a mesma falta de entusiasmo que preocupara seu professor no início do ano.

— Eu só queria que ele conversasse com a gente — disse Mags.

— Ele jura que não há nada de errado — afirmou Ray. — É um adolescente típico, apenas isso, mas ele precisa tomar jeito, porque se continuar com a mesma atitude no ensino médio, a situação ficará muito complicada.

— Parece que vocês dois se entenderam melhor hoje.

Era verdade. Eles tinham conseguido passar o dia inteiro sem discutir. Ray tinha ignorado as ocasionais observações insolentes de Tom, que não tinha revirado os olhos nem feito cara feia tantas vezes quanto de costume. Havia sido um dia bom.

— E não foi tão terrível desligar o BlackBerry, ou foi? — perguntou Mags. — Você teve palpitações? Suores frios? Tremedeiras?

— Ha-ha. Não, não foi tão ruim.

Ele não o tinha desligado, claro, e o telefone vibrara no seu bolso o tempo todo. No fim do dia ele tinha se fechado no banheiro para examinar as mensagens e se certificar de que não havia perdido nada urgente. Tinha respondido um e-mail da chefe sobre a Operação Break, e lido muito superficialmente uma mensagem de Kate sobre o atropelamento, mas estava louco para lê-la com atenção. O que Mags não entendia era que ignorar o BlackBerry durante um fim de semana inteiro o deixaria com tanta coisa para fazer segunda-feira que ele seria obrigado a passar o resto da semana colocando tudo em dia e sem condições de assumir outra tarefa que surgisse.

Levantou-se.

— Mas agora vou para o escritório trabalhar durante uma hora, no máximo.

— O quê? Ray, você disse que não trabalharia!

Ray estava confuso.

— Mas as crianças já estão na cama.

— Sim, mas eu estou... — Mags calou-se e sacudiu de leve a cabeça, como se tivesse algo no ouvido.

— O quê?

— Nada. Está tudo bem. Faça o que tiver que fazer.

— Descerei em uma hora, eu prometo.

★ ★ ★

Já tinham se passado quase duas horas quando Mags empurrou a porta do

escritório.

— Imaginei que você gostaria de tomar um chá.

— Obrigado.

Ray espreguiçou-se e gemeu ao sentir um estalo nas costas.

Mags colocou a xícara sobre a mesa e espiou por cima do ombro de Ray o calhamaço que ele estava lendo.

— É o caso da boate? — Ela passou os olhos pela primeira folha. — Jacob Jordan? Não é o menino que morreu atropelado no ano passado?

— Sim, é ele mesmo.

Mags parecia confusa.

— Pensei que o caso tivesse sido arquivado.

— E foi.

Mags sentou-se no braço da poltrona que eles tinham colocado no escritório porque não combinava com o tapete da sala. Na verdade, tampouco ficava bem no escritório de Ray, mas era a poltrona mais confortável em que ele já tinha sentado, e esse era o motivo pelo qual se recusava a se desfazer dela.

— Então por que seu departamento continua a trabalhar no caso?

Ray suspirou.

— Não continua — respondeu ele. — O caso está encerrado, mas nunca arquivei a documentação. Nós apenas a estamos revisando com um olhar completamente novo, para ver se não deixamos escapar alguma coisa.

— *Nós*?

Ray fez uma pausa.

— A equipe. — Ele não sabia por que não mencionava Kate, mas seria estranho falar nela agora. Era melhor mantê-la de fora para o caso de a chefe algum dia tomar conhecimento dessa história. Não havia necessidade de a ficha de Kate ficar manchada em uma etapa tão inicial de sua carreira.

— Ray — disse Mags em voz baixa —, você não está envolvido até a raiz dos cabelos nos casos em andamento? Por que então revisar os encerrados?

— Este ainda é muito recente — explicou Ray. — E não consigo deixar de pensar que o abandonamos cedo demais. Tenho a sensação de que se voltarmos a examiná-lo encontraremos algo.

Houve uma pausa antes de Mags voltar a falar.

— Não é como Annabelle, você sabe.

Ray segurou a alça da xícara com força.

— Pare com isso.

— Você não pode se torturar assim com cada caso que não consegue resolver. — Mags inclinou-se e colocou a mão no joelho do marido. — Vai acabar enlouquecendo.

Ray tomou um gole de chá. O caso de Annabelle Snowden tinha sido o primeiro sob sua responsabilidade quando assumiu o cargo de inspetor-detetive. Ela havia desaparecido depois da escola e seus pais estavam desesperados. Pelo menos, pareciam desesperados. Duas semanas mais tarde, Ray incriminara o pai por assassinato depois de o corpo de Annabelle ser encontrado escondido em um compartimento embaixo de uma cama em seu apartamento; ela havia sido mantida viva ali por mais de uma semana.

— Eu sabia que havia algo estranho com Terry Snowden — disse ele, por fim, olhando para Mags. — Eu devia ter me empenhado mais para prendê-lo assim que a menina desapareceu.

— Não havia provas — argumentou Mags. — Instinto de policial é sempre bom, mas você não pode conduzir uma investigação na base da intuição. — Devagar, ela fechou o dossiê de Jacob. — É um caso diferente. Pessoas diferentes.

— Ainda uma criança — comentou Ray.

Mags segurou as mãos dele.

— Mas ele está morto, Ray. Você pode trabalhar quanto quiser que não conseguirá mudar a situação. Não pense mais nisso.

Ray não respondeu. Virou-se para sua mesa e abriu de novo o dossiê. Mal percebeu que Mags saiu do escritório e foi para a cama. Quando Ray abriu a caixa de e-mails havia uma nova mensagem de Kate, enviada dois minutos antes. Ele digitou uma resposta rápida.

Ainda acordada?

A resposta veio em segundos.

Vendo se a mãe de Jacob está no Facebook. E acompanhando um leilão no eBay. E você?

Examinando relatórios de veículos queimados nas delegacias vizinhas. Aqui por mais algum tempo.

Ótimo, me mantenha acordada!

Ray imaginou Kate enroscada no sofá, com o laptop de um lado e um monte de comida para beliscar do outro.

Sorvete do Ben and Jerry's?, digitou ele.

Como sabia?!

Ray sorriu. Arrastou a janela de e-mail para um canto da tela onde pudesse ficar de olho em novas mensagens e começou a ler os relatórios dos hospitais enviados por fax.

Você não prometeu a Mags que teria um fim de semana de folga?

Estou tendo um fim de semana de folga! Só estou adiantando um pouco o trabalho agora que as crianças foram dormir. Alguém precisa lhe fazer companhia...

Isto é uma honra. Existe melhor maneira de passar uma noite de sábado?

Ray riu.

Algum resultado no Facebook?, digitou ele.

Uma ou duas possibilidades, mas sem muitas fotos no perfil. Espere, o telefone está tocando. Volto em um minuto.

Contrariado, ele fechou o e-mail e voltou sua atenção para a pilha de registros hospitalares. Jacob tinha morrido há meses, e uma voz irritante na cabeça de Ray dizia que todo aquele trabalho extra era inútil. O fragmento do farol de neblina do Volvo pertencia, afinal, a uma dona de casa que tinha derrapado no gelo e atingido uma das árvores plantadas ao longo da rua. Tantas horas de trabalho para nada, e ainda assim eles seguiam em frente. Ray estava brincando com fogo, contrariando a vontade da chefe, e ainda por cima deixava Kate fazer o mesmo. Mas ele agora estava envolvido demais. Não conseguiria parar, mesmo que quisesse.

12

Fará mais calor ao longo do dia, mas, no momento, o ar ainda está fresco. Ergo os ombros até as orelhas.

— Faz frio hoje — digo em voz alta.

Comecei a falar sozinha, como a velha que costumava caminhar pela ponte suspensa de Clifton carregada de sacolas plásticas cheias de jornais. Pergunto-me se ela continua lá; se ainda atravessa a ponte todas as manhãs e de noite faz o caminho inverso. Quando alguém deixa um lugar, é fácil imaginar que a vida lá continua a mesma, embora nada de fato permaneça igual por muito tempo. Minha vida em Bristol poderia ter pertencido a outra pessoa.

Afasto esse pensamento, calço minhas botas e enrolo um cachecol no pescoço. Empreendo minha batalha diária com a fechadura, que prende a chave e se recusa a deixá-la girar. Por fim, consigo trancar a porta e coloco a chave no bolso. Beau corre nos meus calcanhares. Ele me segue como uma sombra, sem querer me perder de vista. Quando eu o trouxe para casa, ele chorou a noite toda porque queria entrar no meu quarto e dormir na minha cama. Eu me recriminava por isso, mas cobria a cabeça com o travesseiro e ignorava seus gritos, pois sabia que, se me aproximasse demais dele, me arrependeria. Só muitos dias depois ele parou de chorar, e até hoje dorme ao pé da escada e acorda ao primeiro rangido das tábuas do quarto.

Confiro se estou com a lista das encomendas do dia. Lembro-me de todas, mas não posso me permitir cometer algum erro. Bethan continua a oferecer minhas fotos aos veranistas, e, embora eu mal consiga acreditar, agora tenho trabalho. Não como antes, quando fazia exposições e recebia encomendas, mas pelo menos me mantenho ocupada. Duas vezes reabasteci a loja do camping com cartões-postais e recebo um ou outro pedido através do site amador que criei. É muito diferente do site que eu tinha antes, que era mais sofisticado, mas cada vez que olho para o atual sinto orgulho por tê-lo criado sozinha, sem nenhuma ajuda. É um negócio pequeno, mas aos poucos começo a pensar que talvez eu não seja tão

inútil quanto um dia cheguei a acreditar.

Não coloquei meu nome no site: apenas uma galeria de fotos, um sistema de pedidos bastante simples e básico, e o nome do novo negócio: "Escrito na areia." Bethan me ajudou a escolhê-lo uma noite, enquanto bebíamos uma garrafa de vinho no meu chalé. Ela falava no meu negócio com tanto entusiasmo que não pude deixar de me envolver. "O que você acha?", ela repetia sem parar. Há muito tempo ninguém pedia minha opinião.

Agosto é o mês de maior movimento no camping, e, embora eu ainda veja Bethan pelo menos uma vez por semana, sinto falta da tranquilidade do inverno, quando conversávamos durante uma hora ou mais, com os pés grudados no radiador a óleo instalado no canto da loja. As praias estão lotadas, e preciso levantar-me assim que amanhece para garantir uma boa extensão de areia ainda sem pegadas para fazer as fotos.

Uma gaivota passa por nós e grita, e Beau corre pela areia, latindo enquanto a ave parece zombar dele ao voar para a segurança do céu. Chuto os detritos na praia e recolho um pedaço comprido de madeira. A maré começa a baixar, mas a areia está quente e já quase seca. Escreverei as mensagens de hoje perto do mar. Tiro um pedaço de papel do bolso e confiro o primeiro pedido.

— Julia — leio em voz alta. — Bem, é bastante simples.

Beau me olha com ar de dúvida. Pensa que falo com ele. Talvez ele tenha razão, embora eu não deva cair na tentação de me tornar dependente dele. Eu o vejo como imagino que Iestyn vê seus cães pastores: ferramentas de trabalho, que estão ali para desempenhar uma função. Beau é meu cão de guarda. Ainda não preciso de proteção, mas poderei precisar.

Curvo-me e desenho um grande J, depois recuo para verificar seu tamanho, antes de escrever o resto do nome. Satisfeita com o resultado, descarto a madeira e pego a câmera. O sol agora já transpôs a linha do horizonte e sua luz baixa projeta um brilho rosado na areia. Tiro uma dúzia de fotos, agachando-me para olhar no visor até que o nome escrito na areia esteja todo preenchido pela espuma branca do mar.

Para a encomenda seguinte, procuro um trecho limpo da praia. Trabalho depressa, recolhendo braçadas de galhos e madeiras rejeitados pelo mar. Quando o último pedaço de madeira à deriva está no lugar, observo minha criação com olhar crítico. Tiras de algas ainda brilhantes suavizam as arestas dos troncos e

seixos que usei para emoldurar a mensagem. O coração de madeira tem quase dois metros de largura: grande o suficiente para abrigar as letras ornamentadas com as quais escrevi "Alice, me perdoe". Quando estendo o braço para mover um pedaço de madeira, Beau sai da água a toda velocidade, latindo, agitado.

— Quieto! — grito.

Protejo com o braço a câmera que carrego pendurada no pescoço para o caso de ele pular em mim. Mas Beau me ignora, sai correndo entre respingos de areia molhada e vai até o outro lado da praia, onde pula ao redor de um homem que caminha na areia. No início, imagino que seja o passeador de cachorros que conversou comigo uma vez, mas quando ele enfia as mãos nos bolsos de sua jaqueta impermeável, respiro fundo porque o gesto me é familiar. Como é possível? Não conheço ninguém aqui, a não ser Bethan e Iestyn, mas esse homem, que deve estar a uns cem metros de distância, agora caminha claramente na minha direção. Posso ver seu rosto. Eu o conheço, mas não sei quem é, e minha incapacidade de reconhecê-lo me deixa vulnerável. Sinto um nó de pânico na garganta e chamo Beau.

— Você é Jenna, certo?

Quero correr, mas sinto meus pés presos no chão. Repasso mentalmente todas as pessoas que conheci em Bristol. Sei que já o vi em algum lugar.

— Desculpe, não queria assustá-la — diz o homem, e percebo que estou tremendo. Ele parece de fato arrependido e dá um largo sorriso, como se quisesse se redimir. — Sou Patrick Mathews. O veterinário de Port Ellis. — No mesmo instante me lembro dele e do modo como colocou as mãos nos bolsos do jaleco azul.

— Desculpe — digo, recuperando por fim a voz, que soa fraca e insegura. — Não o reconheci.

Olho até o final do caminho ao longo da costa vazia. Logo as pessoas começarão a chegar para mais um dia na praia: protegidas contra qualquer condição meteorológica adversa com casacos corta-vento, protetores solares e guarda-sóis. Pela primeira vez estou contente que seja alta temporada e Penfach esteja cheia de gente: o sorriso de Patrick é caloroso, mas já me deixei levar uma vez por um sorriso caloroso como esse.

Ele se abaixa para acariciar as orelhas de Beau.

— Parece que você fez um bom trabalho com este garoto. Qual nome lhe

deu?

— Beau. — Não consigo evitar: dou dois passos quase imperceptíveis para trás, e no mesmo instante sinto que o nó na minha garganta se desfaz. Tento manter meus braços ao lado do corpo, mas quase sem sentir ergo as mãos e coloco-as na cintura.

Patrick ajoelha-se e brinca com Beau, que rola na areia e fica de barriga para cima enquanto é acariciado, feliz com essa demonstração de afeto à qual não está habituado.

— Não parece nem um pouco nervoso.

A descontração de Beau me tranquiliza. Não dizem que os cães sempre acertam ao julgar o caráter de alguém?

— Ele se comporta muito bem — digo.

— Dá para perceber. — Patrick levanta-se e varre com as mãos a areia dos joelhos. Continuo onde estou.

— Imagino que Iestyn não tenha criado problemas, estou certo? — pergunta Patrick com um sorriso.

— Certíssimo. Na verdade, ele parece acreditar que é fundamental ter um cão em casa.

— Sou forçado a concordar com ele. Eu mesmo teria um, mas trabalho tantas horas por dia que não seria justo. De todo modo, tenho contato com muitos animais durante o dia, por isso não posso reclamar.

Ele dá a impressão de sentir-se em casa à beira-mar, com as botas cobertas de areia e o casaco com vincos esbranquiçados pelo sal. Faz um gesto com a cabeça na direção do coração que desenhei na areia.

— Quem é Alice, e por que você pede seu perdão?

— Ah, o pedido de perdão não é meu. — Ele deve me achar estranha por fazer desenhos na areia. — Pelo menos o sentimento não é meu. Estou fazendo uma foto para outra pessoa.

Patrick parece confuso.

— Trabalho com isso — explico. — Sou fotógrafa. — Levanto a câmera, como se ele não acreditasse em mim sem vê-la. — As pessoas me enviam mensagens que querem ver escritas na areia, eu venho aqui, escrevo-as e envio a foto.

Eu me calo, mas ele parece realmente interessado.

— Que tipo de mensagens?

— Em geral são cartas de amor ou propostas de casamento, mas recebo encomendas de todos os tipos. Esta foi um pedido de perdão, como você pode ver, mas às vezes me pedem para escrever citações famosas, ou letras de canções favoritas. Cada vez é uma solicitação diferente.

Eu paro, e sinto o rosto queimar.

— E ganha a vida com isso? Que trabalho incrível!

Procuro sarcasmo em sua voz, mas não encontro, e me permito sentir uma pitada de orgulho. É um trabalho incrível, e eu o criei a partir do zero.

— Eu vendo outras fotos, também, principalmente da baía. É tão linda que muita gente quer levar um pedaço dela consigo — explico.

— É verdade. Adoro este lugar.

Permanecemos em silêncio por alguns segundos, contemplando a formação das ondas, que depois quebram na areia. Começo a me sentir inquieta e tento pensar em algo mais para dizer.

— E você, o que o traz à praia? — pergunto. — Pouca gente se aventura a vir aqui a esta hora, a não ser que tenha um cachorro para passear.

— Precisava libertar um pássaro — diz Patrick. — Uma mulher me levou um alcatraz com uma asa quebrada e o mantive na clínica enquanto se recuperava. Ficou conosco durante algumas semanas e hoje levei-o para o alto da falésia para soltá-lo. Sempre tentamos libertá-los no mesmo lugar onde foram encontrados, para que tenham todas as chances possíveis de sobrevivência. Quando vi sua mensagem na praia não resisti e desci para descobrir para quem ela havia sido escrita. Só quando cheguei aqui a reconheci.

— O alcatraz conseguiu voar sem problema?

Com a cabeça, Patrick confirma.

— Ele ficará bem. Isso acontece com frequência. Você não é daqui, certo? Lembro-me de ouvi-la dizer que fazia pouco tempo que havia chegado a Penfach quando levou Beau à clínica. Onde morava antes de vir para cá?

Antes mesmo de eu pensar em uma resposta, um telefone soa, e seu toque, embora baixo, parece não combinar com a atmosfera da praia. Suspiro aliviada, apesar de já ter, a esta altura, uma história bem convincente que criei para Iestyn e Bethan, e também para quem tenta conversar comigo. Sou artista de profissão, mas como machuquei a mão em um acidente e não posso trabalhar, passei para a

fotografia. Não é muito diferente da verdade, afinal. Ninguém tem me perguntado sobre filhos, e imagino que seja porque a resposta está visível em mim.

— Desculpe — diz Patrick. Ele revira os bolsos e tira de um deles um pequeno *pager* enterrado em um punhado de ração para cavalos e pedaços de palha que caem na areia. — Preciso mantê-lo no volume mais alto, caso contrário não escuto. — Olha para a tela. — Tenho que ir, sinto muito. Sou voluntário no posto de salva-vidas em Port Ellis. Faço plantão uma ou duas vezes por mês, e parece que precisam de mim agora. — Volta a guardar o aparelho no bolso. — Foi um prazer revê-la, Jenna. Um enorme prazer.

Levantando um braço em despedida, ele atravessa a praia correndo até chegar ao caminho de areia, onde desaparece antes que eu consiga dizer que também tive prazer em revê-lo.

★ ★ ★

De volta ao chalé, Beau desaba na sua cesta, exausto. Descarrego no computador as imagens da manhã enquanto espero a chaleira ferver. Estão melhores do que eu esperava, levando em conta a interrupção: as letras se destacam contra a areia quase seca, e o coração de galhos e madeira recolhidos na praia faz uma moldura perfeita. Deixo a melhor imagem aberta na tela para olhá-la de novo mais tarde, e subo com meu café para tomá-lo lá em cima. Sei que me arrependerei disto, mas não consigo evitar.

Sentada no chão, coloco a caneca sobre o assoalho descoberto e enfio a mão embaixo da cama para pegar a caixa na qual não toco desde que cheguei a Penfach. Com as pernas cruzadas, abro a tampa e respiro lembranças junto com poeira. Logo sinto um aperto no coração e sei que devo fechar a caixa sem examinar seu conteúdo. Mas como uma viciada em busca de droga, estou decidida.

Pego o pequeno álbum de fotos acomodado sobre uma pilha de documentos. Uma por uma, acaricio com os dedos as imagens de um tempo tão distante que tenho a sensação de estar contemplando fotografias de outra pessoa. Aqui sou eu, de pé no jardim; eu de novo, agora na cozinha, preparando algo. Nesta estou grávida, mostrando com orgulho a barriga e sorrindo para a câmera. O nó na garganta aumenta e sinto a familiar ardência nos olhos. Pisco repetidas vezes para

afastar as lágrimas. Sentia-me tão feliz naquele verão, convencida de que a nova vida que carregava dentro de mim mudaria tudo e seríamos capazes de recomeçar do zero. Pensei que seria uma retomada para nós. Acaricio a foto, acompanho com o dedo o contorno do meu ventre e imagino onde estaria sua cabeça, seus membros dobrados, os dedos ainda não inteiramente formados de seus pés.

Com cuidado extremo, como se para não perturbar meu filho ainda por nascer, fecho o álbum de fotos e o coloco de volta na caixa. Eu deveria descer agora, enquanto ainda controlo a situação. Mas é como mexer em um dente dolorido ou coçar a casca de uma ferida. Hesito até que meus dedos tocam o tecido macio do coelho com o qual eu dormia todas as noites durante a gravidez para que, ao dá-lo a meu filho, ele estivesse impregnado do meu cheiro. Agora aperto-o contra o rosto e inspiro, desesperada por um sinal de meu bebê. Deixo escapar um gemido abafado e Beau sobe a escada em silêncio e entra no quarto.

— Desça, Beau.

Ele me ignora.

— Saia! — grito. Pareço uma louca com um brinquedo de criança nas mãos. Grito e não consigo parar, ainda que não seja Beau que estou vendo, mas o homem que tirou meu bebê de mim; o homem que acabou com minha vida quando acabou com a de meu filho. — Saia! Saia! Saia!

Beau encolhe-se no chão, com o corpo tenso e as orelhas grudadas na cabeça. Mas não desiste. Devagar, centímetro a centímetro, aproxima-se de onde estou, sem tirar os olhos de mim.

Minha raiva some com a mesma rapidez que chegou.

Beau coloca-se ao meu lado, ainda colado ao assoalho, e repousa a cabeça no meu colo. Fecha os olhos, e sinto o peso e o calor de seu corpo através da calça jeans. Inconscientemente, estendo a mão e o acaricio, e minhas lágrimas começam a rolar.

13

Ray tinha formado sua equipe para a Operação Break. Deixara Kate encarregada dos documentos incriminatórios, uma grande responsabilidade para alguém que trabalhava no departamento há apenas dezoito meses, mas ele estava convencido de sua capacidade.

— É claro que conseguirei! — disse ela, quando ele mencionou essa preocupação. — E sempre posso consultá-lo caso tenha algum problema, não é mesmo?

— A qualquer momento — confirmou Ray. — Tomamos um drinque após o trabalho?

— Nem tente me impedir!

Eles se encontravam duas ou três vezes por semana depois do trabalho para discutir o caso do atropelamento do menino. À medida que as questões pendentes iam sendo solucionadas, eles passavam menos tempo falando do atropelamento e mais de suas vidas pessoais. Ray tinha ficado surpreso ao descobrir que Kate era uma torcedora do Bristol City tão fanática quanto ele, e haviam passado várias noites agradáveis lamentando o recente rebaixamento do time do coração. Pela primeira vez em muitos anos, Ray sentia que não era apenas marido, pai, ou policial. Era Ray.

Ele tivera a precaução de não trabalhar no caso do atropelamento durante o horário de expediente. Estava violando diretamente a ordem da chefe, mas, contanto que não se ocupasse da investigação no seu horário habitual, não havia motivo para ela reclamar. E se eles apresentassem uma pista que resultasse na prisão de algum suspeito... bem, ela com certeza logo mudaria seu discurso.

A necessidade de esconder a investigação do restante do departamento significava que Ray e Kate deveriam se reunir em um pub bem distante dos locais tradicionalmente frequentados pelos policiais. O Horse and Jockey era um lugar tranquilo, com mesas reservadas e poltronas de espaldar alto, onde eles podiam espalhar a papelada sem medo de serem vistos, e cujo proprietário jamais levantava

os olhos de suas palavras cruzadas. Era um modo agradável de terminar o dia e relaxar antes de voltar para casa, e Ray se surpreendia consultando o relógio o tempo todo até o momento de deixar o escritório.

Como quase sempre acontecia, um telefonema às cinco horas da tarde o atrasou, e, quando ele conseguiu chegar ao pub, encontrou Kate já com o copo pela metade. O acordo tácito era que quem chegava primeiro pedia as bebidas, e uma caneca de Pride já estava à sua espera na mesa.

— O que o segurou no escritório? — perguntou Kate, empurrando a bebida para ele. — Algo interessante?

Ray tomou um gole de cerveja.

— Algumas informações que podem nos ajudar — respondeu ele. — Há um traficante em Creston que usa seis ou sete pequenos revendedores para fazer o trabalho sujo. Ao que tudo indica, ele montou um belo de um negócio.

Um deputado do Partido Trabalhista que gostava muito de aparecer tinha passado a usar o problema das drogas para enfatizar da forma mais pública possível a ameaça que representavam as "zonas sem lei" para a sociedade, e Ray sabia que a chefe fazia questão que sua equipe provasse ter iniciativa. Se a Operação Break corresse bem, ele esperava que a chefe o considerasse merecedor de assumir também essa investigação.

— A Unidade de Violência Doméstica fez contato com Dominica Letts — disse ele a Kate —, namorada de um dos traficantes, e agora quer convencê-la a apresentar queixa contra ele. É óbvio que não nos interessa assustá-lo envolvendo a polícia no momento em que tentamos montar uma operação, mas ao mesmo tempo temos o dever de proteger a tal namorada.

— Ela corre perigo?

Ray fez uma pausa antes de responder.

— Não sei. O pessoal da Violência Doméstica classificou o caso como de alto risco, mas ela está inflexível e não quer testemunhar contra ele. No momento não colabora em nada com a unidade.

— Quanto tempo até que possamos agir?

— Poderia levar semanas — respondeu Ray. — Tempo demais. Precisamos encontrar um lugar seguro para a jovem, contanto que ela concorde e que possamos manter as alegações de maus tratos até conseguir enquadrá-lo por envolvimento com drogas.

— Decisão difícil — disse Kate, cautelosa. — O que é mais importante, tráfico de drogas ou violência doméstica?

— Não é tão simples assim, concorda? E a violência causada pelo uso de drogas? Os roubos cometidos por viciados para pagar mais uma dose? As consequências do tráfico podem não ser tão imediatas quanto um soco na cara, mas têm um longo alcance e são igualmente dolorosas. — Ray percebeu que falava mais alto que o habitual, e parou de repente.

Kate colocou a mão sobre a dele para acalmá-lo.

— Ei, estou bancando a advogada do diabo. Não é uma decisão fácil.

Ray esboçou um sorriso constrangido.

— Desculpe, eu tinha esquecido que sempre acabo me envolvendo nesse tipo de coisa.

De fato, há muito tempo ele não pensava nisso. Na mesma função há tantos anos, sua verdadeira motivação profissional estava soterrada por questões burocráticas e pessoais. Era bom que algo o fizesse se lembrar do que realmente importava.

Por um momento, seus olhos encontraram os de Kate e ele sentiu o calor da pele dela na sua. Um segundo depois, ela retirou a mão e deu um sorriso constrangido.

— Tomamos uma saideira? — sugeriu Ray.

Quando voltou para a mesa com as bebidas, a magia do momento tinha acabado, e ele perguntou a si mesmo se tudo não seria apenas fruto de sua imaginação. Largou as cervejas, abriu um saco de batatas fritas e colocou-o entre eles.

— Não tenho novidades sobre o caso Jacob — anunciou ele.

— Eu também não — disse Kate com um suspiro. — Teremos que desistir, não acha?

— Parece que sim. É uma pena.

— Obrigada por me deixar levar a investigação adiante com você.

— Sua decisão de não desistir foi acertada — disse Ray —, e estou feliz por termos prosseguido.

— Mesmo sem conseguir avançar?

— Sim, porque agora parece certo parar, não é? Fizemos o que foi possível.

Kate concordou com um lento movimento de cabeça.

— Sim, agora é diferente. — Olhou para Ray com ar analítico.

— O que foi?

— Acho que você não é uma pessoa que diz amém para tudo que os chefes falam. — Ela sorriu e Ray deu uma risada. Ele estava contente por ter subido no conceito dela.

Comeram as batatas fritas em um silêncio cúmplice, e Ray consultou o telefone para ver se Mags tinha enviado alguma mensagem.

— Como estão as coisas em casa?

— Tudo na mesma — respondeu Ray, enfiando o telefone de novo no bolso. — Tom continua reclamando durante as refeições, e Mags e eu continuamos discutindo sobre o que fazer a respeito. — Deu uma risada curta, mas Kate não o acompanhou.

— Quando será a próxima reunião com a professora?

— Voltamos à escola ontem — respondeu Ray com expressão séria. — O ano letivo começou há seis semanas apenas e parece que Tom já está matando aula. — Tamborilou na mesa. — Não entendo esse garoto. Estava tudo bem durante o verão, mas desde que aulas recomeçaram ele voltou a ser o mesmo Tom de sempre: fechado, mal-humorado, não colaborativo.

— Vocês acham que ele continua a sofrer bullying?

— A escola diz que não, mas eles jamais admitiriam isso, não acha?

Ray não tinha uma opinião muito boa sobre a professora, que se apressara em reclamar de Mags e dele por não se apresentarem como uma "frente unida" nas reuniões de pais. Mags ameaçara ir ao escritório de Ray e arrastá-lo à força para a reunião seguinte, e ele tinha ficado tão preocupado em não esquecer que decidiu trabalhar em casa o dia inteiro para poder ir direto à reunião com Mags. Não que isso tivesse feito alguma diferença.

— A professora diz que Tom exerce má influência sobre o resto da turma — prosseguiu Ray. — Pelo visto, é um "subversivo". — Deu uma risada de escárnio. — "Na idade dele!" É de um ridículo atroz! Se eles não conseguem lidar com crianças pouco colaborativas, não deviam ter se tornado professores. Tom não é subversivo, é apenas do contra.

— Eu gostaria de saber a quem ele puxou — disse Kate, reprimindo um sorriso.

— Cuidado com o que diz, detetive Evans! Ou quer volta ao seu antigo

posto? — brincou ele.

A risada de Kate transformou-se em bocejo.

— Desculpe, estou exausta. Acho que é hora de voltar para casa. Meu carro está na oficina, e preciso ver o horário dos ônibus.

— Posso levá-la.

— Tem certeza? Não moro exatamente no seu caminho.

— Não tem problema. Vamos, assim poderá me mostrar como é o lado chique da cidade.

O apartamento de Kate ficava em uma rua com prédios elegantes no centro de Clifton, onde, na opinião de Ray, os preços eram exorbitantes.

— Meus pais me ajudaram com a entrada — explicou Kate. — Caso contrário, eu jamais teria conseguido comprá-lo. Além disso, é pequeno; teoricamente tem dois quartos, mas só se não se colocar uma cama no menor deles.

— Com certeza você teria conseguido um apartamento muito maior pelo mesmo preço se tivesse comprado em outro lugar, não é?

— É provável que sim, mas Clifton tem tudo! — Kate fez um movimento amplo com o braço. — Em que outro bairro eu conseguiria comprar um falafel às três da manhã?

Como a única coisa que Ray tinha vontade de fazer às três da manhã era xixi, ele não conseguia ver atrativo nessa facilidade.

Kate soltou o cinto de segurança e parou, com a mão na maçaneta da porta.

— Gostaria de subir para conhecer o apartamento?

Sua voz parecia tranquila, mas a atmosfera logo ficou carregada de tensão pelo que poderia acontecer, e no mesmo instante Ray teve certeza de que estava cruzando uma linha cuja existência ele havia se recusado a reconhecer durante meses.

— Adoraria — respondeu.

O apartamento de Kate ficava no último andar, e um elevador requintado chegou em poucos segundos. Quando as portas se abriram, eles estavam em um pequeno hall acarpetado, com uma porta de entrada creme bem na frente. Ray saiu do elevador atrás de Kate, e ambos permaneceram em silêncio enquanto as portas se fechavam. Ela olhou diretamente para ele, com o queixo um pouco erguido e uma mecha de cabelo caída sobre a testa. Ray percebeu de repente que

estava sem pressa de ir embora.

— Aqui estamos — disse Kate, sem desgrudar os olhos dos dele.

Ele fez um leve movimento com a cabeça e estendeu a mão para colocar a mecha atrás da orelha dela. Depois, antes que pudesse se perguntar o que estava acontecendo, beijou-a.

14

Beau enfia o nariz na dobra do meu joelho e me abaixo para afagar suas orelhas. Não consegui não gostar dele, e o resultado é que ele agora dorme na minha cama, como queria desde o início. Quando tenho pesadelos e acordo aos gritos, ele está ao meu lado para lamber minha mão e me tranquilizar. Aos poucos, sem me dar conta, minha tristeza se transformou; passou de uma dor viva, dilacerante, impossível de ser apaziguada, para um sofrimento surdo e constante, que consigo relegar a um canto da minha mente. Se for deixado ali, calado e sem que nada o perturbe, sinto-me capaz de fingir que tudo está muito bem. Que nunca tive outra vida.

— Vamos, então.

Estendo o braço para apagar a lâmpada de cabeceira, que não consegue competir com a luminosidade do sol que entra pela janela. Conheço as estações na baía agora, e sinto-me feliz por já estar há quase um ano em Penfach. A baía nunca é a mesma de um dia para o outro. Mudanças de marés, clima imprevisível e até o lixo jogado na praia a transformam a cada hora. Hoje o mar está alto, por conta da chuva ontem à noite, e a areia cinzenta e encharcada sob nuvens pesadas. No momento não há barracas no camping, apenas os trailers fixos de Bethan e alguns de propriedade dos veranistas que aproveitam os descontos de final de temporada. Dentro de pouco tempo o camping será fechado, e a baía voltará a ser só minha.

Beau corre à minha frente e desce para a praia. A maré está alta e ele mergulha no mar, latindo para as ondas geladas. Eu rio da sua agitação. Ele agora lembra mais um spaniel do que um collie, com as pernas um pouco compridas demais, como as de um adolescente, e sua energia é tanta que chego a me perguntar se ela algum dia se esgotará.

Observo o rochedo com atenção, mas ele está vazio, e me permito sentir uma pontada de decepção, que logo rebato. É ridículo esperar ver Patrick, já que só nos encontramos na praia uma vez, mas não consigo deixar de pensar nele.

Encontro uma faixa de areia onde posso escrever. Suspeito que as encomendas diminuirão durante o inverno, mas por enquanto o negócio vai bem. Recebo uma injeção de alegria cada vez que chega um pedido, e gosto de adivinhar as histórias por trás das mensagens. A maioria de meus clientes tem alguma ligação com o mar, e muitos me enviam e-mails depois de receber a encomenda para dizer que adoraram a foto; contam que passaram a infância na praia, ou que economizavam para passar férias com a família na costa. Às vezes me perguntam qual é a praia, mas nunca respondo.

Quando estou pronta para começar o trabalho, Beau late e, ao levantar os olhos, vejo que um homem caminha na nossa direção. Prendo a respiração, mas o homem ergue a mão para me cumprimentar e percebo que é ele. É Patrick. Não consigo dissimular um sorriso e, embora meu coração esteja acelerado, não é por medo.

— Esperava encontrá-la por aqui — diz ele, antes mesmo de chegar onde estou. — Precisa de um ajudante?

Hoje ele não usa botas, e suas calças de veludo estão cobertas de areia molhada. A gola de sua jaqueta impermeável está levantada de um lado, e resisto à tentação de estender a mão para colocá-la no lugar.

— Bom dia — respondo. — Um ajudante?

Ele faz um gesto largo com o braço esquerdo, abrangendo grande parte da praia.

— Pensei que talvez pudesse auxiliá-la no trabalho.

Não tenho certeza se ele fala sério ou se está apenas brincando comigo. Não respondo.

Patrick tira da minha mão o pedaço de madeira e fica na expectativa, parado no trecho vazio de areia. De repente sinto-me confusa.

— É mais difícil do que parece, você sabe — digo, adotando um tom sério para encobrir meu constrangimento. — Não pode haver nenhuma pegada na foto, e é preciso trabalhar depressa, caso contrário as ondas se aproximarão demais.

Não me lembro de alguma vez que alguém tenha querido compartilhar essa parte da minha vida: a arte sempre foi algo que eu trancava em outro local, algo que eu fazia sozinha, como se não pertencesse ao mundo real.

— Entendi. — O rosto dele tem um ar de concentração que me comove. Afinal, trata-se apenas de uma mensagem na areia.

Leio o pedido em voz alta. "Mensagem amável e simples. Apenas: 'Obrigada, David'".

— Sim, mas obrigada *pelo qu*ê, exatamente, eu me pergunto — diz Patrick, inclinando-se para escrever a primeira palavra. — Obrigada por alimentar o gato? Obrigada por salvar minha vida? Obrigada por concordar em se casar comigo, mesmo depois do meu caso com o carteiro?

Quase não consigo segurar o riso.

— Obrigada por me ensinar dança flamenca — sugiro, fingindo falar sério.

— Obrigada pela seleção de finos charutos cubanos.

— Obrigada por aumentar o limite do meu cheque especial.

— Obrigada por... — Patrick estende o braço para completar a última palavra e perde o equilíbrio, cai à frente e só consegue ficar de pé quando pisa com força no meio das palavras. — Ah, droga! — Recua um passo para contemplar a mensagem arruinada e me olha com ar consternado.

Dou uma gargalhada.

— Eu avisei que era mais difícil do que parecia.

Ele me devolve o pedaço de madeira.

— Curvo-me diante da superioridade de suas habilidades artísticas. Mesmo que não levemos em conta a marca do meu pé, minha obra não chega a impressionar... Cada uma das letras tem um tamanho diferente.

— Foi uma tentativa corajosa — digo. Olho ao redor para ver por onde anda Beau, depois grito para que ele se afaste do caranguejo com o qual tenta brincar.

— Que tal esta? — pergunta Patrick.

Olho a mensagem que ele escreveu na areia, esperando ver uma segunda tentativa com "obrigada".

"*Um drinque*?"

— Está melhor agora — respondo —, embora não seja uma das... — Interrompo a frase, sentindo-me uma idiota. — Ah, entendi.

— No Cross Oak? Esta noite? — Patrick hesita um pouco, e percebo que também está nervoso. Isso me dá confiança.

Hesito, mas apenas por um segundo. Ignoro as batidas fortes do meu coração.

— Eu adoraria.

★ ★ ★

Durante o resto do dia me arrependo de minha impetuosidade e, quando chega a noite, estou tão ansiosa que meu corpo inteiro treme. Penso em tudo que pode dar errado e em tudo que Patrick já me disse, na tentativa de encontrar sinais de alerta. Ele é de fato tão direto quanto parece? Alguém é? Penso em caminhar até Penfach para telefonar para a clínica veterinária e cancelar o encontro, mas sei que não teria coragem. Tomo um banho para passar o tempo, e deixo a água esquentar tanto que minha pele fica vermelha, depois sento-me na cama para decidir que roupa usar. Há dez anos não saio com ninguém, e tenho medo de quebrar as regras. Bethan continua a esvaziar seu armário, livrando-se das roupas que não lhe servem mais. A maioria é grande demais para mim, mas experimento uma saia roxa que, apesar de precisar de um lenço para ficar presa à cintura, não me parece de todo ruim. Dou alguns passos pelo quarto, e a sensação desconhecida de minhas pernas roçando uma na outra enquanto caminho é agradável, assim como o balanço do tecido sobre minhas coxas. Por um instante, volto a ser a jovem que fui, mas quando me olho no espelho, percebo que a saia não me chega aos joelhos e revela um pedaço grande demais de minhas pernas. Livro-me dela depressa, jogo-a no fundo do armário e me decido pelo jeans que acabara de tirar. Visto uma camiseta limpa e escovo os cabelos. Sou exatamente a mesma de uma hora atrás. Exatamente a mesma de sempre. Penso na garota que passava horas se preparando para sair: música de fundo, maquiagem espalhada pelo banheiro, o ar carregado de perfume. Eu não tinha ideia, naquela época, de como era a vida real.

Caminho até o camping, onde combinei encontrar com Patrick. No último minuto decido levar Beau comigo, e sua presença me devolve um pouco da coragem que senti de manhã na praia. Quando chego, Patrick está junto da porta aberta da loja conversando com Bethan. Eles riem de alguma coisa, e não consigo deixar de pensar que talvez seja de mim.

Bethan me vê, e Patrick se vira e sorri quando me aproximo. No início, imagino que vai beijar meu rosto, mas ele limita-se a tocar de leve no meu braço e dizer "olá". Eu queria saber se pareço tão apavorada quanto me sinto.

— Comportem-se! — Bethan recomenda com um sorriso.

Patrick ri e seguimos em direção ao vilarejo. Ele logo puxa conversa e, embora eu tenha certeza de que exagera ao contar as travessuras de alguns pacientes, sou grata pelas histórias e sinto-me mais relaxada quando chegamos ao nosso destino.

O proprietário do Cross Oak é Dave Bishop, que veio de Yorkshire e chegou a Penfach apenas alguns anos antes de mim. Dave e sua esposa Emma já estão bem enraizados na comunidade e, como o resto dos habitantes de Penfach, sabem o nome de todos e o que cada um faz. Nunca entrei no pub, mas sempre cumprimento Dave quando passo com Beau a caminho da pequena agência dos correios.

Qualquer esperança que eu pudesse ter tido de tomar um drinque com tranquilidade desaparece do momento em que entramos pela porta.

— Patrick! Esta rodada é por sua conta, certo?

— Preciso que você dê mais uma olhada em Rosie, ela ainda não se recuperou.

— Como está seu pai? Não sente muita falta do clima galês?

O ruído de vozes, combinado com o ambiente limitado do bar, me deixa ansiosa. Seguro com força a correia de Beau e sinto o couro deslizar na minha mão úmida. Patrick tem uma palavra para cada um, mas não se detém para bater papo. Coloca a mão nas minhas costas e me conduz com delicadeza pelo meio da multidão até o bar. Sinto o calor de sua mão na parte inferior de minhas costas e fico ao mesmo tempo aliviada e desapontada quando ele a retira e cruza os braços sobre o balcão.

— O que gostaria de beber?

Eu preferiria que ele tivesse feito seu pedido primeiro. Estou louca por uma cerveja gelada e percorro o pub com os olhos para ver o que as mulheres estão bebendo.

Dave tosse educadamente.

— Um gim-tônica — respondo, nervosa. Nunca provei gim. Minha incapacidade de tomar decisões não é nova, mas não me lembro de quando começou.

Patrick pede uma cerveja e observo o ar se condensando na parte de fora do copo.

— Então é você a fotógrafa que mora em Blaen Cedi? Estávamos nos perguntando onde você se escondia.

O homem que fala comigo tem mais ou menos a idade de Iestyn. Usa costeletas e um boné de tweed.

— Esta é Jenna — diz Patrick. — Ela estava montando um negócio, por isso

não tinha muito tempo para vir se encher de cerveja com vocês, companheiros.

O homem ri, e sinto meu rosto corar. Estou grata pela explicação simples de Patrick sobre o motivo de minha reclusão. Escolhemos uma mesa no canto, e, embora eu saiba que todos os olhos se concentram em nós e que as fofocas sem dúvida já circulam pelo pub, instantes depois os homens voltam para suas cervejas.

Tenho cuidado para não falar demais, e felizmente Patrick tem muitas histórias interessantes para contar sobre a região.

— É um excelente lugar para viver — digo.

Ele estende as longas pernas.

— É verdade. Não que eu pensasse assim quando era pequeno. As crianças não valorizam uma bela paisagem nem o sentido de comunidade, não é mesmo? Eu importunava meus pais o tempo todo para nos mudarmos para Swansea. Tinha certeza de que essa mudança transformaria minha vida e que de repente eu me tornaria muito conhecido, teria uma vida social intensa e dezenas de namoradas. — Patrick sorri. — Mas eles nunca pensaram em se mudar, e estudei aqui mesmo.

— Você sempre quis ser veterinário?

— Desde muito pequeno. Dizem que eu colocava todos os meus bichos de pelúcia em fila na sala e pedia que minha mãe os levasse para a cozinha, um a um, para que eu os operasse. — Enquanto fala, seu rosto se anima e os cantos dos olhos se franzem por uma fração de segundo antes de ele abrir um sorriso. — Conquistei todos os conceitos A de que precisava e entrei na Universidade de Leeds para cursar Veterinária, onde afinal consegui ter a vida social com que sonhava.

— E as dezenas de namoradas? — pergunto. Patrick sorri.

— Bem, talvez uma ou duas. Mas depois de tanto tempo tentando como um desesperado ir embora de Gales, senti muita falta daqui. Logo que acabei meus estudos, consegui um emprego perto de Leeds, mas quando surgiu a oportunidade de me associar a uma clínica em Port Ellis não a deixei escapar. Meus pais começavam a envelhecer e eu não via a hora de voltar para perto do mar.

— Então seus pais viviam em Port Ellis?

Sempre tive curiosidade em conhecer pessoas que têm relações estreitas com os pais. Não as invejo, apenas não consigo imaginar como vivem. Se meu pai tivesse permanecido em casa, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

— Minha mãe nasceu aqui. Meu pai se mudou para cá com a família, ainda

adolescente, e se casou com minha mãe quando ambos tinham dezenove anos.

— Seu pai era veterinário também?

Faço perguntas demais, mas tenho medo de, se parar, ser a única a ter que dar respostas. Patrick não parece se importar e me conta em detalhes a história de sua família, e isso o faz dar um sorriso nostálgico.

— Era engenheiro. Está aposentado agora, mas trabalhou a vida inteira em uma empresa de gás em Swansea. Foi por influência dele que me tornei salva-vidas voluntário. Ele fez isso durante anos. Muitas vezes saía correndo no meio do almoço de domingo, e minha mãe nos fazia rezar para que todos fossem levados em segurança para terra firme. Eu o via como um verdadeiro super-herói. — Ele toma um gole de cerveja. — Isso foi na época da antiga estação de salvamento de Penfach, antes de construírem uma nova em Port Ellis.

— Você é chamado muitas vezes?

— Depende. Mais no verão, quando os campings estão lotados. Não importa a quantidade de placas que alertam sobre o perigo das falésias ou que recomendam não nadar com maré alta, as pessoas as ignoram. — Seu rosto fica sombrio. — Preste atenção quando nadar na baía; a corrente é muito forte.

— Não sou grande nadadora — explico. — Ainda não deixei a água passar de meus joelhos.

— Continue assim — recomenda Patrick. A intensidade do seu olhar me assusta, e me remexo no assento. Patrick baixa os olhos e toma um grande gole de cerveja. — A maré carrega as pessoas — diz em voz baixa.

Prometo seguir seu conselho e não nadar na praia.

— Parece estranho, mas o lugar mais seguro para nadar é em mar aberto. — Os olhos de Patrick se iluminam. — No verão é ótimo pegar um barco, entrar na baía e mergulhar de cabeça na água profunda. Posso levá-la um dia, se quiser.

É um oferecimento sem compromisso, mas estremeço. A ideia de ficar sozinha com Patrick... ou com qualquer pessoa... no meio do oceano me deixa aterrorizada.

— A água não é tão fria quanto você imagina — explica ele, interpretando mal meu desconforto. Ele se cala, e o silêncio entre nós se torna constrangedor.

Inclino-me para acariciar Beau, que dorme embaixo da mesa, e procuro pensar em algo para dizer.

— Seus pais ainda vivem aqui? — pergunto, por fim. Será que sempre fui

chata assim? Tento me lembrar do meu tempo de universitária, quando eu era a vida e a alma de qualquer festa e os amigos davam boas gargalhadas quando eu abria a boca para dizer o que quer que fosse. Agora, a simples ideia de pensar em conversar com alguém já representa um grande esforço.

— Eles se mudaram para a Espanha poucos anos atrás. Minha mãe tem artrite e parece que o clima quente é bom para as articulações. Pelo menos é a desculpa que ela dá. E você? Seus pais continuam vivos?

— Não exatamente.

Patrick parece intrigado e percebo que eu devia ter me limitado a responder "não". Respiro fundo.

— A verdade é que nunca me dei bem com minha mãe. Ela mandou meu pai embora quando eu tinha quinze anos e não o vejo desde então. Jamais a perdoei por isso.

— Ela deve ter tido suas razões.

Sua entonação é de pergunta, mas mesmo assim me coloco na defensiva.

— Meu pai era um homem maravilhoso — explico. — Ela não o merecia.

— Então você também não vê sua mãe?

— Mantivemos contato durante anos, mas houve um desentendimento entre nós depois que eu... — Interrompo a frase. — Houve um desentendimento. Poucos anos atrás minha irmã me escreveu para dizer que ela havia morrido.

Vejo compaixão nos olhos de Patrick, mas dou de ombros para mostrar indiferença. Que confusão eu sempre provoco! Não me encaixo no modelo de vida organizada que Patrick deve levar: imagino que esteja arrependido de ter me convidado para sair. A noite deve se tornar cada vez mais difícil para nós. Ficamos sem assunto e não consigo pensar em mais nada para dizer. Tenho medo das perguntas que vejo se formarem na cabeça de Patrick: por que vim para Penfach; o que me fez deixar Bristol; qual o motivo de estar aqui sozinha. Perguntará apenas por educação, sem perceber que não quer saber a verdade. Sem dar-se conta de que não posso lhe contar a verdade.

— É melhor eu ir para casa — digo.

— Já? — Ele deve sentir-se aliviado, embora não demonstre. — Ainda é cedo, podemos beber mais alguma coisa ou pedir algo para comer.

— Não, realmente é melhor eu ir. Obrigada pelo drinque.

Levanto-me antes que ele se sinta obrigado a sugerir que voltemos a nos ver

outro dia, mas ele afasta sua cadeira ao mesmo tempo.

— Vou acompanhá-la até sua casa.

Um sinal de alerta ressoa na minha mente. Por que quer me acompanhar? Faz um calor agradável no pub, e seus amigos estão aqui; sua cerveja ainda está pela metade. Minha cabeça lateja. Penso no meu chalé isolado; ninguém me ouvirá se ele se recusar a sair. Patrick pode parecer amável e honesto agora, mas sei com que velocidade isso pode mudar.

— Não. Obrigada.

Abro caminho entre os frequentadores do bar, sem me importar com o que possam pensar de mim. Consigo não correr até deixar o pub e dobrar a esquina, mas então desço a toda velocidade a trilha que conduz ao camping e a seguir o caminho pelo litoral que me levará para casa. Beau corre nos meus calcanhares, surpreso com a súbita mudança de ritmo. O ar gelado faz mal aos meus pulmões, mas não paro até chegar ao chalé onde, mais uma vez, luto para girar a chave na fechadura. Por fim consigo entrar, passo rapidamente a tranca e me apoio na porta.

Meu coração está acelerado e tenho dificuldade para recuperar o fôlego. Nem sei ao certo agora se é de Patrick que sinto medo; essa sensação se confunde na minha cabeça com o pânico que me domina todos os dias. Não confio mais no meu instinto; ele falhou feio em outras ocasiões. O mais seguro, então, é manter-me bem afastada.

15

Ray virou-se e enterrou o rosto no travesseiro para evitar a luz da manhã que atravessava as persianas. Por um momento, não conseguiu reconhecer com precisão o sentimento que lhe oprimia o peito, mas logo o identificou. Culpa. Onde ele estava com a cabeça? Nunca se sentira tentado a trair Mags, nem uma única vez em quinze anos de casamento. Repassou mentalmente os acontecimentos da véspera. Teria se aproveitado de Kate? De repente, a ideia de que ela poderia denunciá-lo cruzou sua mente, mas no mesmo instante ele se desprezou por tal pensamento. Ela não era assim. No entanto, a preocupação quase deixou a culpa em segundo plano.

A respiração regular ao seu lado deu-lhe a certeza de que apenas ele estava acordado. Com cautela, saiu da cama e contemplou a silhueta adormecida, coberta até a cabeça com o edredom. Se Mags descobrisse... melhor nem pensar.

Quando ficou de pé, o edredom se mexeu e Ray se sentiu paralisado. Apesar de parecer covardia, ele tinha esperança de escapar sem precisar falar com a esposa. Mais cedo ou mais tarde teria que enfrentá-la, mas precisava de algumas horas para assimilar o ocorrido.

— Que horas são? — murmurou Mags.

— Seis e pouco — respondeu Ray com um sussurro. — Vou mais cedo para o trabalho. Preciso colocar uma papelada em dia.

Ela resmungou e voltou a dormir, e Ray deu um suspiro silencioso de alívio. Tomou uma ducha rápida e em pouco mais de meia hora já estava no escritório, com a porta fechada e mergulhado no trabalho, como se isso pudesse apagar o que acontecera. Por sorte, Kate tinha saído para uma investigação, e na hora do almoço Ray arriscou uma ida rápida à cantina com Stumpy. Encontraram uma mesa livre e Ray pegou duas porções do que o cartaz informava ser lasanha, mas que tinha muito pouca semelhança com o prato anunciado. Moira, responsável pela comida, tinha desenhado com giz uma bandeira italiana ao lado do prato do dia e sorrido quando eles o pediram, por isso Ray sentiu-se obrigado a comer a

enorme porção, tentando ignorar a náusea que o atormentava desde o início do dia. Moira era uma mulher volumosa e de idade indefinida, sempre alegre apesar de um problema de pele que fazia com que escamas esbranquiçadas voassem de seus braços quando ela tirava o casaco.

— Está tudo bem, Ray? Algum problema? — perguntou Stumpy enquanto raspava o prato com o garfo. Dotado de um estômago de avestruz, Stumpy parecia não só tolerar a comida de Moira, mas também saboreá-la.

— Está tudo bem, sim — respondeu Ray, aliviado por Stumpy não insistir. Quando ergueu os olhos e viu Kate entrar na cantina, desejou ter almoçado mais depressa. Stumpy levantou-se e as pernas metálicas da cadeira arranharam o chão.

— Nós nos vemos no escritório, chefe.

Incapaz de pensar em uma razão plausível para pedir que Stumpy voltasse para a mesa, ou para abandonar seu prato antes de Kate se sentar, Ray forçou um sorriso.

— Olá, Kate. — Sentiu uma onda de calor subir ao seu rosto. Sua boca estava seca e ele mal conseguia engolir a saliva.

— Olá. — Ela sentou-se e desembrulhou seus sanduíches sem parecer reparar no desconforto de Ray.

Seu rosto estava impenetrável, e a náusea de Ray aumentou. Ele empurrou o prato para o lado e decidiu que o descontentamento de Moira era o menor dos males. Olhou ao redor para confirmar que ninguém poderia ouvi-lo.

— Quanto a ontem... — começou ele, sentindo-se um adolescente envergonhado.

Kate interrompeu-o.

— Sinto muito. Não sei o que aconteceu comigo... Você está bem?

Ray suspirou.

— Mais ou menos. E você?

Kate inclinou a cabeça.

— Um pouco constrangida, para ser sincera.

— Não há motivo para estar constrangida — disse Ray. — Eu jamais devia...

— Aquilo nunca devia ter acontecido — cortou Kate. — Ainda que tenha sido só um beijo. — Sorriu para Ray e deu uma mordida no sanduíche, falando com a boca cheia de queijo e picles. — Um beijo muito bom, mas apenas um beijo.

Ray deixou escapar mais um suspiro. Tudo acabaria bem. O que acontecera era terrível e, se Mags um dia descobrisse, as consequências seriam devastadoras, mas tudo acabaria bem. Ambos eram adultos e conseguiriam esquecer a experiência e seguir em frente como se nada tivesse ocorrido. Pela primeira vez em doze horas, Ray permitiu-se pensar em como tinha sido agradável beijar uma pessoa tão cheia de energia, tão viva. Sentiu o rosto de novo em brasa e tossiu para afastar a lembrança.

— Contanto que você esteja bem — disse ele.

— Ray, está tudo bem. De verdade. Não apresentarei queixa contra você, se é isso que o preocupa.

Ray ficou vermelho.

— Meu Deus, claro que não! Isso nem passou por minha cabeça. É que, você sabe, sou casado, e...

— E eu estou saindo com alguém — disse Kate, sem rodeios. — E nós dois sabemos como o jogo funciona. Então, vamos esquecer o que aconteceu, combinado?

— Combinado.

— Bem — prosseguiu Kate, com atitude profissional —, o motivo de eu ter vindo procurá-lo foi para saber o que você acha de um apelo a testemunhas no caso Jacob Jordan, que completa um ano agora.

— Um ano, já?

— No próximo mês. É pouco provável que tenhamos uma resposta positiva, mas se alguém falar, podemos conseguir alguma informação. Pelo menos, há sempre a possibilidade de alguém estar finalmente pronto para aliviar a consciência. Alguém deve saber quem estava na direção daquele carro.

Os olhos de Kate brilhavam e ela tinha no rosto a expressão determinada que ele conhecia muito bem.

— Faremos isso — concordou ele. Imaginava a reação da chefe diante da proposta, e sabia que isso não acrescentaria nada à sua carreira. Mas fazer um apelo depois de um ano parecia uma boa ideia. Era algo que se fazia de tempos em tempos com inquéritos não concluídos, mesmo que fosse apenas para tranquilizar as famílias e mostrar que a polícia não havia desistido por completo, ainda que o caso não estivesse mais sendo investigado de forma ativa. Valia a pena tentar.

— Ótimo. Tenho alguns documentos do trabalho de hoje de manhã para

examinar agora, mas podemos nos encontrar à tarde e decidir sobre o apelo? — Kate despediu-se de Moira com um aceno e um sorriso quando saiu da cantina.

Ray gostaria de ter a capacidade de Kate de esquecer o que acontecera na véspera. Ele tinha dificuldade em olhar para ela sem pensar no seu abraço. Escondeu a sobra da lasanha sob um guardanapo de papel e depositou o prato no carrinho ao lado da porta.

— Uma delícia, Moira! — mentiu ele quando passou por ela.

— Obrigada. Amanhã tem comida grega! — gritou ela.

Ele não podia se esquecer de levar um sanduíche.

★ ★ ★

Ray estava ao telefone quando Kate abriu a porta do seu escritório sem bater. Ao dar-se conta de que ele estava ocupado, articulou uma desculpa silenciosa e ameaçou recuar, mas com um gesto ele indicou-lhe uma cadeira. Ela fechou a porta com cuidado e acomodou-se em uma das cadeiras baixas para esperar que ele terminasse. Ele percebeu que ela observava a foto de Mags com os filhos sobre a mesa, e sentiu uma nova pontada de remorso, precisando se esforçar para manter o foco no telefonema da chefe de polícia.

— É mesmo necessário, Ray? — Olivia estava perguntando. — As chances de alguém se apresentar como testemunha são escassas, e minha preocupação é que isso apenas chame atenção para o fato de não termos prendido ninguém pela morte do garoto.

O nome dele é Jacob, Ray murmurou com os lábios, repetindo as palavras pronunciadas pela mãe do menino quase um ano antes. Ele perguntou a si mesmo se a chefe de fato se importava tão pouco quanto parecia.

— Além disso, como não há ninguém clamando por justiça, parece-me desnecessário voltar ao caso. Imaginei que você tivesse trabalho suficiente, ainda mais com as comissões de avaliação se aproximando.

O subentendido era óbvio.

— Pensei em lhe pedir para assumir o caso Creston, das drogas — prosseguiu a chefe —, mas se preferir se dedicar a um inquérito antigo...

A operação Break tinha sido um sucesso, e não era a primeira vez nas últimas semanas que a chefe o tentava com um caso ainda mais importante. Ele hesitou por um momento, e então seus olhos cruzaram com os de Kate. Ela o observava

com atenção. Trabalhar com Kate lhe trazia à lembrança o motivo pelo qual entrara para a polícia tantos anos antes. Ele reencontrara sua antiga paixão pelo trabalho, e a partir de agora faria o que era certo, não o que convinha aos chefes.

— Posso fazer as duas coisas — respondeu com firmeza. — Apresentarei o apelo. Acredito que seja a decisão correta.

Houve um momento de silêncio antes de Olivia voltar a falar.

— Um artigo no *Post*, Ray, e alguns cartazes na beira da estrada lembrando o acidente. Nada mais. E tudo será esquecido dentro de uma semana. — Ela encerrou a ligação.

Kate esperou que ele falasse, batendo ansiosamente com a caneta no braço da cadeira.

— Tudo certo — disse Ray.

O rosto de Kate iluminou-se com um enorme sorriso.

— Bom trabalho! Ela está irritada?

— Isso passa. Ela só quer deixar claro que não aprova, para poder nos dar uma lição de moral quando o tiro sair pela culatra e perdermos a confiança das pessoas.

— Isso é um pouco cínico!

— É assim que funciona lá em cima.

— E você ainda espera uma promoção? — Os olhos de Kate brilharam, e Ray riu.

— Não posso ficar aqui para sempre — disse ele.

— Por que não?

Ray pensou que seria muito bom poder ignorar o jogo das promoções e concentrar-se apenas no trabalho, um trabalho que ele adorava.

— Porque tenho dois filhos para sustentar até a universidade. De qualquer maneira, comigo será diferente, não esquecerei como é estar na rua.

— Vou lembrá-lo disso quando você for chefe de polícia e me disser que não posso fazer um apelo às testemunhas.

Ray sorriu.

— Já falei com o *Post*: Suzy French não vê problema em voltarmos ao assunto e aproveitarmos o artigo que publicarão no aniversário do acidente para fazer um apelo a testemunhas e pedir informações que levem a... você sabe. Escreverão o básico sobre a história de Jacob, mas peço que você faça contato com Suzy para dar a ela os detalhes do apelo junto com o número de telefone e uma declaração

oficial da polícia garantindo a confidencialidade das possíveis testemunhas.

— Claro, sem problema. O que faremos com relação à mãe?

Ray deu de ombros.

— Suponho que não teremos a cooperação dela. Faremos contato com a diretora da escola de Jacob e perguntaremos se ela aceita falar com o jornal. Seria bom conseguir um ângulo não obtido antes, se isso for possível. Talvez a escola tenha um trabalho manual feito por ele. Um desenho, ou algo assim. Vamos esperar para ver se o apelo nos traz alguma pista antes de começarmos a procurar a mãe; ela parece ter sumido da face da Terra.

Ray estava furioso com a assistente social por não ter mantido controle sobre a mãe de Jacob. Não que estivesse surpreso por ela ter sumido. Por experiência, sabia que em geral as pessoas manifestavam dois tipos de reação quando perdiam alguém: ou juravam nunca mudar de casa, mantendo todas as peças exatamente como haviam sido deixadas, transformando-a em uma espécie de santuário; ou faziam um rompimento definitivo, pela incapacidade de suportar a ideia de viver cada dia como se nada houvesse mudado quando, na verdade, o mundo inteiro estava diferente.

Depois de Kate deixar seu escritório, Ray contemplou a foto de Jacob, ainda presa ao quadro de cortiça na parede. As bordas estavam um pouco retorcidas, e ele tirou-a com cuidado da cortiça para alisá-la. Apoiou a foto do menino na imagem emoldurada de Mags com os filhos, onde podia vê-la melhor.

O apelo às testemunhas era uma última chance, e era pouco provável que o resultado fosse positivo, mas pelo menos eles tentariam. E, se isso não funcionasse, ele arquivaria o caso e passaria a outra coisa.

16

Estou sentada à mesa da cozinha diante do laptop, com os joelhos encolhidos e enfiados embaixo do enorme suéter de tricô que eu costumava usar no meu ateliê durante os meses de inverno. Embora esteja colada no aquecedor, continuo tremendo e por isso puxo as mangas para cobrir as mãos. Ainda não é hora do almoço, mas já me servi de um cálice grande de vinho tinto. Digito algo na ferramenta de busca e logo me detenho. Há muitos meses não me torturo com isso. Não servirá para nada — nunca serve –, mas como não pensar nele, ainda mais hoje?

Tomo um gole de vinho e teclo "Enter".

Em questão de segundos a tela é inundada com novos detalhes sobre o acidente; mensagens e homenagens a Jacob. A cor do texto dos links mostra que já visitei todos os sites.

Mas hoje, exatamente um ano após meu mundo desabar, há um novo artigo na edição on-line do *Bristol Post*.

Deixo escapar um soluço abafado e cerro os punhos com tanta força que os nós dos meus dedos ficam brancos. Depois de devorar o breve artigo, volto ao início e recomeço a leitura. Não há elementos novos: nenhuma pista consistente, nenhuma informação sobre o carro, apenas algumas linhas para lembrar que o motorista é procurado pela polícia por ter causado uma morte em decorrência de condução perigosa. A expressão usada me enoja, e saio da internet, mas nem a foto da baía no fundo de tela me tranquiliza. Não voltei à costa desde meu encontro com Patrick. Tenho encomendas pendentes, mas sinto tanta vergonha de meu comportamento que não suporto a ideia de dar de cara com ele na praia. Quando acordei, no dia seguinte ao nosso encontro, pareceu-me ridículo ter sentido medo e quase tive coragem de ligar para ele e pedir desculpas. Com o passar dos dias, no entanto, desisti, e até agora, quase duas semanas depois, ele não tentou entrar em contato comigo. Sinto uma súbita vontade de vomitar. Despejo o vinho na pia e decido levar Beau para um passeio na praia.

Caminhamos por quilômetros, pelo menos é a sensação que tenho, circundando o promontório que precede Port Ellis. Abaixo de nós há uma construção acinzentada que imagino ser o posto de salva-vidas. Paro por um momento e penso nas vidas salvas pelos voluntários que ali trabalham. Não posso deixar de pensar em Patrick enquanto sigo pelo caminho que leva a Port Ellis. Não tenho uma rota definida, apenas avanço até chegar à cidadezinha, depois tomo a direção da clínica veterinária. Só quando abro a porta e a campainha toca acima da minha cabeça é que me pergunto qual desculpa darei.

— Em que posso ajudá-la? — É a mesma recepcionista, mas eu não a teria reconhecido sem seus emblemas coloridos.

— Posso falar com Patrick por um momento? — Talvez eu devesse dar um motivo, mas ela não perguntou.

— Volto já.

Constrangida, fico de pé na sala de espera, onde há uma mulher sentada com uma criança pequena e alguma coisa dentro de uma cestinha de vime. Beau está agitado e seguro sua correia com firmeza.

Poucos minutos depois ouço passos e Patrick aparece. Veste calças de veludo marrom com camisa xadrez, e seus cabelos estão desalinhados, como se os tivesse penteado com os dedos.

— Algum problema com Beau? — pergunta ele com educação, mas sem sorrir, e minha determinação esmorece um pouco.

— Não. Eu gostaria de falar com você. Um minuto apenas.

Ele hesita, e tenho certeza de que dirá não. Sinto o rosto queimar e tenho plena consciência de que a recepcionista nos observa.

— Entre, por favor.

Sigo-o até a sala onde Beau foi examinado pela primeira vez, e Patrick se apoia na pia. Não diz nada; é óbvio que não pensa em me facilitar as coisas.

— Eu queria... pedir desculpas. — Sinto uma ardência nos olhos e luto para não chorar.

Patrick sorri com ironia.

— Já levei alguns foras antes, mas nunca em tão pouco tempo. — Seu olhar está mais brando, e arrisco um sorriso tímido.

— Sinto muito.

— Fiz algo errado? Disse alguma coisa que não devia?

— Não. De jeito nenhum. Você foi... — Esforço-me para encontrar a palavra certa, mas desisto. — A culpa é minha, não sou muito boa nesse tipo de coisa.

Há um momento de silêncio, e Patrick sorri para mim.

— Talvez lhe falte um pouco de prática.

Não posso deixar de rir.

— É, talvez.

— Escute, tenho ainda dois pacientes para atender, mas depois estarei liberado. Posso convidá-la para jantar? Estou com um ensopado cozinhando em fogo lento em casa, e é mais do que suficiente para dois. Posso até separar uma porção para Beau.

Se eu recusar o convite agora, não voltarei a vê-lo.

— Eu adoraria.

Patrick consulta o relógio.

— Encontre-me aqui em uma hora. Pode ser?

— Sim, claro. Eu queria mesmo tirar algumas fotos de Port Ellis.

— Ótimo. Até daqui a pouco, então. — Ele sorri com mais ânimo agora, e seus olhos também se alegram, formando pequenas rugas nos cantos. Acompanha-me até a porta e meu olhar cruza com o da recepcionista.

— Tudo resolvido?

Pergunto a mim mesma se ela imagina qual o motivo para eu procurar Patrick, mas logo decido que para mim tanto faz. Fui corajosa: posso ter fugido, mas voltei, e esta noite jantarei com um homem que gosta de mim e que não se incomoda com meu nervosismo.

⋆ ⋆ ⋆

A frequência com que olho para o relógio não faz o tempo passar mais depressa, e Beau e eu damos várias voltas completas na redondeza antes de voltarmos à clínica. Não quero entrar, e fico aliviada quando Patrick sai, vestindo uma jaqueta impermeável e com um sorriso nos lábios. Acaricia as orelhas de Beau e depois caminhamos até uma pequena casa geminada na rua ao lado da clínica. Ele nos leva até a sala, onde Beau logo se acomoda na frente da lareira.

— Uma taça de vinho?

— Sim, obrigada.

Sento-me, mas estou nervosa e me levanto quase no mesmo instante. A sala é

pequena, porém acolhedora, com um tapete que cobre quase todo o chão. Há uma poltrona de cada lado da lareira e me pergunto qual será a de Patrick; nada indica que uma esteja mais usada que a outra. A pequena televisão parece destoar da sala, mas duas estantes enormes preenchem os nichos ao lado das poltronas. Inclino a cabeça para ler as lombadas.

— Tenho uma quantidade exagerada de livros — diz Patrick quando chega com duas taças de vinho tinto. Pego uma, grata por ter algo a fazer com as mãos. — Na verdade, eu devia me desfazer de alguns, mas acabei me apegando a todos.

— Adoro ler — digo —, embora não tenha aberto um único livro desde que me mudei para cá.

Patrick senta-se em uma das poltronas. Acomodo-me na outra, enquanto brinco com a base da taça.

— Há quanto tempo é fotógrafa?

— Na verdade não sou — respondo, e essa sinceridade me surpreende. — Sou escultora. — Penso no ateliê que eu tinha no jardim: na argila amassada, nas lascas das esculturas já acabadas e prontas para entrega. — Era, pelo menos.

— Não esculpe mais?

— Não posso. — Vacilo, mas então mostro a palma de minha mão esquerda, coberta por feias cicatrizes que sobem até o pulso. — Sofri um acidente. Agora já consigo usar a mão de novo, mas perdi a sensibilidade nos dedos.

Patrick deixa escapar um pequeno assobio.

— Coitada! Como isso aconteceu?

Logo me vem à cabeça aquela noite, um ano atrás, e obrigo-me a afastar a lembrança.

— Parece pior do que de fato é — digo. — Eu devia ter tido mais cuidado. — Não consigo olhar para Patrick, mas ele habilmente muda de assunto.

— Está com fome?

— Morta de fome. — Meu estômago ronca com o cheiro delicioso que vem da cozinha. Sigo Patrick por uma sala muito espaçosa, onde um móvel de pinho ocupa uma parede inteira.

— Era da minha avó — explica ele, enquanto desliga o fogo. — Meus pais o herdaram quando ela morreu, mas eles se mudaram para o exterior alguns anos atrás e então fiquei com ele. É enorme, não? Há de tudo um pouco aí dentro. Aconteça o que acontecer, nunca abra essas portas.

Observo Patrick servir com cuidado dois pratos de ensopado e depois passar a ponta de um pano de prato na borda de um deles para limpar um pingo de molho, o que só fez aumentar ainda mais a mancha.

Ele leva os pratos quentes para a mesa e coloca um na minha frente.

— É praticamente a única coisa que sei preparar — diz em tom de desculpa. — Espero que esteja bom. — Serve algumas colheradas em uma tigela de metal e logo aparece Beau, que espera sem reclamar até Patrick colocar o recipiente no chão.

— Ainda não, amigo — diz Patrick. Ele pega um garfo e mexe a carne na tigela para esfriá-la.

Baixo os olhos para esconder um sorriso. É possível saber muito sobre uma pessoa pela maneira como ela trata os animais, e não posso deixar de sentir uma grande ternura por Patrick.

— Parece delicioso — digo. — Obrigada. — Não me lembro da última vez em que fui tão bem tratada. Sempre foi responsabilidade minha cozinhar, limpar, tomar conta da casa. Passei tantos anos tentando construir uma família feliz, para no fim ver tudo desabar ao meu redor.

— Aprendi com minha mãe — explica Patrick. — Ela sempre tenta adicionar alguma receita ao meu repertório quando vem me visitar. Deve imaginar que vivo à base de pizza e batata frita quando ela não está aqui, como meu pai faz.

Sorrio.

— Este ano faz quarenta anos que eles estão juntos — diz ele. — Não consigo imaginar o que isso significa. Você consegue?

Também não consigo.

— Você já foi casado? — pergunto.

Os olhos de Patrick se entristecem.

— Não. Cheguei a pensar que me casaria, mas não foi o que aconteceu.

Há um breve silêncio, e imagino ter visto alívio em seu rosto quando fica evidente que não perguntarei o motivo.

— E você?

Respiro fundo.

— Fui casada durante algum tempo, mas no final queríamos coisas diferentes. — Sorrio do eufemismo.

— Você está muito isolada em Blaen Cedi — observa Patrick. — Isso não a

incomoda?

— Gosto de lá. É um ótimo lugar para viver, e Beau me faz companhia.

— Não se sente sozinha, sem outras casas por perto?

Penso nas minhas noites de sono agitado, quando acordo gritando, sem ninguém para me confortar.

— Vejo Bethan quase todos os dias.

— É uma boa amiga. Conheço-a há anos.

Eu me pergunto qual teria sido o grau de intimidade entre Patrick e Bethan. Ele começa a me contar que uma vez os dois pegaram um barco do pai dele, sem pedir permissão, e foram remar na baía.

— Fomos flagrados em poucos minutos, e eu via de longe meu pai de pé na praia com os braços cruzados, ao lado do pai de Bethan. Sabíamos que tínhamos nos metido em uma tremenda enrascada, por isso continuamos no barco, e eles na praia. Isso durou horas.

— O que aconteceu depois?

Patrick riu.

— Acabamos nos rendendo, claro. Voltamos remando e enfrentamos as consequências. Como Bethan era alguns anos mais velha que eu, foi ela quem levou a maior parte da culpa, mas mesmo assim eu fiquei de castigo por duas semanas.

Sorrio enquanto ele balança a cabeça, como se o castigo tivesse sido exagerado. Imagino-o menino, com os cabelos despenteados, como agora, e a cabeça cheia de travessuras.

Ele substitui meu prato vazio por uma tigela com *crumble* de maçã e creme. O aroma de canela quente me deixa com água na boca. Com a colher, separo o creme da cobertura e como só o recheio, fazendo o possível para não parecer grosseira.

— Não gostou?

— Está delicioso, mas evito comer doce. É difícil abandonar o hábito de fazer dieta.

— Você não sabe o que está perdendo. — Patrick termina sua porção em poucas colheradas. — Não fui eu que fiz, ganhei de uma das meninas do trabalho.

— Desculpe.

— Não tem problema. Vou deixar esfriar um pouco, depois Beau pode lamber

o prato.

As orelhas do cão ficam de pé quando ouve seu nome.

— É um cãozinho adorável — diz Patrick —, e tem muita sorte.

Concordo com ele, embora eu saiba agora que preciso de Beau tanto quanto ele de mim. Eu é que tenho muita sorte. Patrick apoia um cotovelo na mesa e descansa o queixo na palma da mão em concha enquanto acaricia Beau. Relaxado e satisfeito: um homem sem segredos nem mágoas.

Ele levanta os olhos e me surpreende observando-o. Com uma sensação incômoda, desvio o olhar e percebo que há outra prateleira no canto da cozinha.

— Mais livros?

— Não consigo evitar — responde Patrick com um sorriso. — Esses, na maioria, são livros de receitas que minha mãe me deu ao longo dos anos, embora haja também alguns romances policiais. Leio qualquer coisa que tenha um enredo decente.

Ele começa a tirar a mesa enquanto me recosto na poltrona e o observo.

Posso contar-lhe uma história, Patrick?

A história de Jacob, de um acidente. De alguém que foge porque não consegue ver outra forma de sobreviver a não ser recomeçando do zero; de alguém que acorda todas as noites gritando, porque é incapaz de esquecer o que aconteceu.

Posso contar-lhe essa história?

Vejo-o atento às minhas palavras, com os olhos cada vez mais arregalados enquanto falo do chiado dos freios, do ruído do impacto da cabeça de Jacob contra o para-brisa. Quero que ele estenda o braço e segure minha mão do outro lado da mesa, mas não posso obrigá-lo, nem mesmo na minha imaginação. Quero que me diga que entende a situação; que não foi culpa minha; que isso podia ter acontecido com qualquer um. Mas ele balança a cabeça, levanta-se da mesa, me empurra. Está enojado. Indignado.

Jamais poderia lhe contar.

— Você está bem? — Patrick me olha com ar estranho, e por um segundo tenho a impressão de que consegue ler meus pensamentos.

— Foi um jantar delicioso — respondo. Tenho duas opções: ou me afasto de Patrick, ou lhe escondo a verdade. Detesto mentir para ele, mas não suporto a ideia de perdê-lo. Olho para o relógio na parede. — Preciso ir agora.

— Como a Cinderela, de novo?

— Desta vez não. — Meu rosto fica vermelho, mas Patrick sorri. — O último ônibus para Penfach sai às nove horas.

— Você não tem carro?

— Não gosto de dirigir.

— Eu a levo. Bebi pouco vinho, não tem problema.

— É sério, prefiro voltar sozinha.

Percebo um toque de exasperação no olhar de Patrick.

— Talvez possamos nos ver amanhã de manhã na praia, o que acha? — sugiro.

Ele relaxa e sorri.

— Seria ótimo. Foi muito bom vê-la de novo. Fico feliz que tenha voltado.

— Eu também.

Ele pega minhas coisas e paramos no pequeno corredor enquanto visto o casaco. Quase não tenho espaço para mover os cotovelos, e a proximidade me deixa sem graça. Atrapalho-me com o zíper.

— Espere — diz ele. — Deixe comigo.

Observo-o encaixar com cuidado as duas partes do casaco e puxar o zíper até o alto. Estou tensa, ansiosa, mas ele detém a mão antes de chegar ao meu queixo e colocar o cachecol no meu pescoço.

— Pronto. Vai me ligar quando chegar em casa? Anote meu número.

Sua preocupação me deixa confusa.

— Eu ligaria, mas não tenho telefone.

— Não tem um celular?

Quase rio de sua incredulidade.

— Não. Há uma linha telefônica no chalé, para a internet, mas não tenho um aparelho de telefone conectado. Chegarei bem, fique tranquilo.

Patrick apoia as mãos em meus ombros e, antes que eu tenha tempo de reagir, inclina-se e me beija com ternura na bochecha. Sinto sua respiração no meu rosto e de repente vacilo.

— Obrigada — digo e, embora isso seja não só inapropriado, mas também pouco original, ele sorri como se eu tivesse dito algo profundo, e penso em como é fácil estar com alguém que não exige nada.

Prendo a guia na coleira de Beau e nos despedimos. Sei que Patrick nos acompanhará com o olhar, e quando dobro a esquina no final da rua ainda o vejo

parado na porta.

17

O celular de Ray tocou enquanto ele tomava o café da manhã. Lucy se esforçava para conquistar o título de melhor cozinheira de brownies e levava isso muito mais a sério do que a ocasião merecia. A ponta de sua língua se projetava pelo canto da boca enquanto ela transferia com cuidado fatias de bacon queimado e ovos emborrachados para os pratos dos pais. Tom passara a noite na casa de um amigo e não estaria de volta antes do meio-dia: Ray tinha concordado com Mags quando ela comentou que era muito bom o filho ter conseguido fazer amigos, embora, na verdade, ele estivesse apenas aproveitando a paz de uma casa onde não havia gritos nem batidas violentas de portas.

— Parece delicioso, querida. — Ray pegou o telefone do bolso e espiou a tela. Olhou para Mags. — Trabalho. — Talvez fosse alguma novidade sobre a Operação Falcão, nome atribuído à investigação sobre o tráfico de drogas em Creston. A chefe o tentara com o caso por mais de uma semana antes de finalmente confiá-lo a ele, com a ordem expressa de dar prioridade absoluta a essa investigação. Ela nem mencionou o apelo a testemunhas. Não era preciso.

Mags olhou para Lucy, concentrada na organização dos alimentos nos pratos.

— Tome o seu café da manhã primeiro. Por favor.

De má vontade, Ray pressionou o botão vermelho para ignorar a chamada e desviá-la para o correio de voz. Ele tinha acabado de encher o garfo com ovos com bacon quando o telefone de casa tocou. Mags atendeu.

— Olá, Kate, bom dia. É urgente? Estamos no meio do café da manhã.

De repente Ray se sentiu desconfortável. Correu a lista de e-mails no seu BlackBerry para se ocupar com alguma coisa, ao mesmo tempo em que lançava olhares rápidos para Mags, cujos ombros rígidos deixavam claro seu descontentamento com o telefonema. Por que Kate tinha ligado para o telefone de casa? Em pleno domingo? Aguçou o ouvido para tentar captar as palavras dela do outro lado da linha, mas não conseguiu. A já familiar náusea que o havia atormentado nos últimos dias voltou, e ele olhou sem entusiasmo para os ovos

com bacon.

Mags passou o telefone para Ray sem dizer uma palavra.

— Olá, Ray. — Kate parecia alegre, alheia ao conflito interno que o atormentava. — O que está fazendo?

— Nada de mais. Estou com a família. O que houve?

Ele sentiu que Mags o observava e percebeu que estava sendo mais lacônico que o habitual.

— Desculpe incomodá-lo — disse Kate em tom seco —, mas imaginei que você não gostaria de esperar até amanhã.

— O que houve?

— Uma resposta ao apelo no caso do atropelamento de Jacob. Temos uma testemunha.

⋆ ⋆ ⋆

Em meia hora Ray estava no escritório.

— Então, o que temos?

Kate passou os olhos pelo e-mail recebido do Centro de Investigações da Polícia.

— Um sujeito afirma ter sido cortado por um carro vermelho em disparada mais ou menos na hora em que ocorreu o acidente — resumiu ela. — Pensou em denunciá-lo, mas nunca o fez.

Ray sentiu uma onda de adrenalina.

— Por que ele não entrou em contato quando foi feito o primeiro apelo a testemunhas?

— Ele não é daqui — explicou Kate. — Tinha ido visitar a irmã pelo aniversário dela, e é por isso que tem certeza da data, mas voltou para Bournemouth no mesmo dia e não ouviu falar do atropelamento. Ele só ligou os fatos quando a irmã comentou com ele ontem de noite, por telefone, sobre o apelo a testemunhas.

— Podemos acreditar nesse sujeito? — perguntou Ray. Testemunhas constituíam uma espécie imprevisível. Algumas lembravam-se dos mínimos detalhes, outras não conseguiam nem sequer dizer a cor da camisa que vestiam sem conferir primeiro; e ainda assim erravam.

— Não sei. Ainda não falamos com ele.

— Por que não?

— São nove e meia — defendeu-se Kate em tom seco. — Recebemos a informação apenas cinco minutos antes de eu lhe telefonar, e pensei que você gostaria de falar com ele pessoalmente.

— Desculpe.

Kate ignorou o pedido de desculpas.

— Desculpe também pelo modo como falei quando você me ligou. Fiquei um pouco... você sabe... constrangido.

— Está tudo bem?

A pergunta era capciosa. Ray concordou com a cabeça.

— Tudo bem, sim. É que não me senti à vontade, só isso.

Eles se olharam por um momento, mas logo Ray voltou a falar.

— Tudo bem, então. Vamos convocá-lo. Quero todos os detalhes que ele possa fornecer sobre o tal carro. A marca, a cor, a placa; qualquer coisa também sobre o condutor. Parece que nos foi dada uma segunda chance; faremos a coisa certa desta vez.

⋆ ⋆ ⋆

— Nem uma maldita pista! — Ray caminhava de um lado para o outro na frente da janela de seu escritório, sem ao menos tentar dissimular sua frustração. — Ele não consegue nos dizer a idade do motorista, se era negro ou branco... Meu Deus! Ele nem sabe se era homem ou mulher! — Coçou a cabeça com força, como se a estimulação pudesse desencadear uma ideia.

— A visibilidade era ruim — lembrou-o Kate —, e ele estava preocupado em manter o controle do seu próprio veículo.

Ray não estava disposto a ser generoso.

— O cara não devia ter pegado a estrada se sabia que um pouco de chuva o afetaria tanto. — Sentou-se pesadamente e bebeu um gole de café, fazendo uma careta ao perceber que estava frio. — Um dia ainda consigo tomar uma xícara inteira de café — murmurou ele.

— Um Ford pequeno com o para-brisa trincado — disse Kate, lendo suas anotações. — Possivelmente um Fiesta ou um Focus. Já é alguma coisa.

— Bem, é melhor que nada — concordou Ray. — Mãos à obra. Peço que dê prioridade à localização da mãe de Jacob. Se, ou quando, conseguirmos colocar as

mãos no culpado, quero que ela saiba que não deixamos de procurar quem matou seu filho.

— Entendido — disse Kate. — Minha conversa com a diretora da escola foi muito boa quando telefonei para falar com ela sobre o apelo a testemunhas. Ligarei agora de novo e tentarei conseguir mais alguma informação. Alguém deve ter feito contato com ela.

— Direi a Malcolm que se encarregue do carro. Pediremos ao departamento de trânsito a relação de todos os Ford Fiesta e Focus registrados em Bristol, depois podemos almoçar juntos para analisar a lista.

★ ★ ★

Ray deixou de lado a sobra do que Moira tinha lhe oferecido com exagerado otimismo como uma *paella* e espalmou a mão sobre a pilha de papéis à sua frente.

— Novecentos e quarenta e dois. — Ele assobiou.

— E apenas nesta área — observou Kate. — E se ele estivesse só de passagem?

— Podemos tentar reduzir um pouco esse número. — Dobrou o documento impresso e entregou-o a Kate. — Compare esta lista com a relação das placas: digamos que a partir de meia hora antes do atropelamento até meia hora depois. Veremos quantos deles estavam na rua nesse período, e começaremos a eliminá-los a partir daí.

— Estamos chegando perto — disse Kate, com brilho nos olhos. — Tenho quase certeza.

Ray sorriu.

— É melhor não se precipitar. Que outros casos você tem no momento?

Ela enumerou-os com os dedos.

— O roubo no Londis, uma série de assaltos a taxistas asiáticos e uma possível agressão sexual cuja queixa devemos receber em breve. Ah, e na próxima semana tenho um curso de dois dias sobre diversidade.

Ray deu uma risada sarcástica.

— Considere-se liberada da diversidade. E me passe a relação dos outros casos para que eu possa redistribuí-los. Quero que se dedique em tempo integral à investigação sobre o atropelamento.

— Oficialmente, desta vez? — perguntou Kate, arqueando uma sobrancelha.

— Claro que sim — confirmou Ray com um sorriso. — Mas vá com calma

quanto às horas extras.

18

Quando o ônibus chega a Port Ellis, Patrick já está à minha espera. Temos nos encontrado na praia todas as manhãs durante as últimas duas semanas, e quando ele sugeriu passarmos a sua tarde de folga juntos, hesitei por apenas um instante. Não quero passar a vida inteira com medo.

— Aonde vamos? — pergunto, e olho ao redor em busca de alguma pista. A casa dele é na direção oposta, então passamos pelo pub local sem parar.

— Você vai ver.

Saímos da cidadezinha e seguimos pela estrada que desce até o mar. Enquanto caminhamos, nossas mãos se tocam e seus dedos entrelaçam os meus. Sinto uma descarga elétrica e deixo minha mão relaxar na sua.

A notícia de que tenho me encontrado com Patrick espalhou-se por Penfach com uma rapidez incrível. Ontem encontrei Iestyn por acaso na lojinha local.

— Ouvi dizer que anda saindo com o filho de Alun Mathews — comentou ele, com um sorriso oblíquo. — É um bom rapaz esse Patrick; você poderia ter encontrado alguém muito pior.

Senti meu rosto enrubescer.

— Quando poderá dar uma olhada na minha porta? — perguntei, para mudar de assunto. — Não ficou boa: a fechadura prende a chave de tal modo que às vezes não consigo fazê-la girar.

— Não se preocupe — respondeu Iestyn. — Não há ladrões por aqui.

Precisei respirar fundo antes de fazer qualquer comentário, pois era claro que ele me achava estranha pelo simples fato de trancar a porta.

— Mesmo assim, me sentirei melhor se ela for consertada.

Mais uma vez Iestyn prometeu passar no chalé para resolver o problema, mas quando saí para almoçar ele ainda não tinha dado sinal de vida, e por isso demorei dez longos minutos até conseguir passar a chave na porta.

A estrada continua a se estreitar, e já consigo ver a ondulação do oceano no fim do caminho. A água está cinzenta e implacável, e a espuma branca das ondas

furiosas projeta-se a grande altura. As gaivotas descrevem círculos vertiginosos, impulsionadas pelo vento que as envolve na baía. Por fim percebo para onde Patrick está me levando.

— O posto de salva-vidas! Poderemos entrar?

— Esta é a ideia — responde ele. — Você conheceu a clínica veterinária; achei que gostaria de conhecer este lugar também. Tenho a impressão de que passo tanto tempo aqui quanto lá.

O posto de salva-vidas de Port Ellis é um prédio estranho, baixo, que poderia ser confundido com uma fábrica, não fosse pela torre de vigilância empoleirada no alto; suas quatro janelas de vidro me trazem à lembrança uma torre de controle de tráfego aéreo.

Passamos por duas enormes portas azuis de correr na fachada do prédio, e Patrick tecla o código de acesso em um painel cinza junto a uma porta lateral menor.

— Venha, quero lhe mostrar por dentro.

No interior, o posto cheira a suor e a mar; sinto o cheiro forte do sal que se impregna nas roupas. O ancoradouro está dominado pelo que Patrick chama de "o barco"; um bote inflável Zodiac laranja-vivo.

— Usamos cintos de segurança — explica ele —, e quando o tempo está ruim, às vezes é a única coisa que podemos fazer para nos manter no bote.

Passeio pela casa de barcos. Leio os avisos afixados na porta e vejo que as listas de inspeção diária dos equipamentos estão cuidadosamente conferidas. Observo na parede uma placa em homenagem a três voluntários que perderam a vida em 1916.

— Comandante P. Grant e tripulantes Harry Ellis e Glyn Barry — leio em voz alta. — Terrível!

— Foram atender ao chamado de um barco a vapor que apresentou problema na península de Gower — explica Patrick. Aproxima-se de mim e coloca um braço sobre meus ombros. Deve conseguir ver meu rosto, porque acrescenta: — Era muito diferente naquela época; não havia nem a metade dos equipamentos que temos agora.

Ele segura minha mão e me leva da casa de barcos para uma pequena sala onde um homem com uma jaqueta de lã azul prepara café. Tem o rosto curtido de quem passa a vida embaixo do sol.

— Tudo bem, David? — pergunta Patrick. — Esta é Jenna.

— Ele está lhe mostrando os cabos, Jenna? — David pisca o olho para mim, e rio do que imagino ser uma brincadeira antiga deles.

— Nunca pensei muito nos botes salva-vidas — confesso. — Para mim eles simplesmente existiam e ponto final.

— E não existirão por muito tempo se não continuarmos a lutar por eles — diz David, enquanto coloca uma colher cheia de açúcar no café já doce. — Nosso funcionamento é custeado pela Royal National Lifeboat Institution, não pelo governo, por isso estamos sempre tentando arrecadar fundos, sem falar na busca constante por voluntários.

— David é nosso chefe de operações — explica Patrick. — É ele quem administra o posto, quem nos mantém na linha.

David ri.

— Ele não está muito longe da verdade.

O som estridente de um telefone ecoa na sala de controle vazia e David se desculpa e sai. Segundos depois ele reaparece e corre para a sala de barcos, já com a mão no zíper da jaqueta.

— Uma canoa virou na baía de Rhossili — grita para Patrick. — Pai e filho estão desaparecidos. Helen ligou para Gary e Aled.

Patrick abre um armário e pega um macacão de borracha amarela, um colete salva-vidas vermelho e um impermeável azul-escuro.

— Desculpe, Jenna, preciso ir. — Ele veste o macacão por cima do jeans e da camiseta. — Pegue as chaves e me espere na minha casa. Voltarei assim que puder. — Patrick movimenta-se com rapidez e, antes que eu consiga responder, corre até a sala dos barcos no exato momento em que dois homens entram apressados pela porta de correr que se abre num piscar de olhos. Em poucos minutos, os quatro homens empurram o bote para a água e embarcam de um salto só, sem nenhum esforço. Um dos tripulantes, não sei dizer qual, puxa a corda que aciona o motor de popa e o bote se distancia da praia como uma flecha, quicando sobre as ondas picadas.

Parada no mesmo lugar, observo o ponto laranja tornar-se cada vez menor até ser engolido pelo cinza.

— São rápidos, não é verdade?

Viro-me e vejo uma mulher apoiada na porta da sala de controle. Aparenta ter

mais de cinquenta anos e seus cabelos pretos já revelam mechas grisalhas. Veste uma blusa estampada com um distintivo da RNLI preso no peito.

— Sou Helen — diz. — Atendo o telefone, dou explicações aos visitantes, esse tipo de coisa. Você deve ser a namorada de Patrick.

Fico envergonhada com tamanha intimidade.

— Sou Jenna. Minha cabeça está confusa: eles não devem ter demorado mais de quinze minutos entre receber o telefonema e sair com o barco.

— Doze minutos e trinta e cinco segundos — diz Helen. Ela sorri diante de minha evidente surpresa. — Precisamos manter um registro de todas as chamadas e de nosso tempo de resposta. Todos os voluntários moram a poucos minutos daqui. Gary tem uma casa no alto, no fim da rua, e Aled é dono do açougue na rua principal.

— O que acontece com o açougue quando o chamam?

— Ele pendura um aviso na porta. Os moradores daqui estão acostumados; ele é voluntário há vinte anos.

Viro-me para olhar o mar, onde agora não se vê nenhuma embarcação, a não ser um enorme navio bem ao longe. Há nuvens escuras tão pesadas e baixas que o horizonte sumiu; céu e oceano formam uma única massa cinzenta e agitada.

— Tudo acabará bem — sussurra Helen. — A gente nunca deixa de se preocupar, mas depois se acostuma.

Olho para ela, intrigada.

— David é meu marido — explica Helen. — Depois que se aposentou ele passava mais tempo no posto de salvamento do que em casa, por isso pensei: "Se não pode vencê-los, junte-se a eles." Achei horrível a primeira vez que o vi partir para atender um chamado. Uma coisa era me despedir dele em casa, mas vê-los de fato entrar no barco... e quando o tempo está como hoje... bem... — Ela estremece. — Mas eles voltam. Sempre voltam.

Ela coloca a mão em meu braço, e fico grata por sua compreensão.

— Isso a faz perceber muitas coisas, não é? — pergunto. — O quanto... — Interrompo a frase, porque sou incapaz de admiti-lo, até para mim mesma.

— O quanto preciso que ele volte para casa? — completa Helen, em voz baixa.

Inclino a cabeça.

— Sim.

— Quer que eu lhe mostre o resto do posto?

— Não, obrigada. É melhor eu ir para a casa de Patrick e esperar por ele.

— Ele é um homem bom.

Pergunto-me se ela tem razão. Pergunto-me como ela sabe. Subo a colina e de tempos em tempos me viro, na esperança de ver de novo o bote laranja. Mas não vejo nada, e a angústia me deixa com o estômago embrulhado. Algo ruim vai acontecer, eu sei.

★ ★ ★

É estranho estar na casa de Patrick sem ele, e resisto à tentação de subir a escada e dar uma olhada no andar de cima. Para me ocupar, sintonizo o rádio em uma emissora local e começo a lavar a louça acumulada na pia.

"Um homem e seu filho adolescente estão desaparecidos desde que a canoa em que estavam virou a um quilômetro e meio da baía de Rhossili."

A estática faz o rádio chiar e mexo no botão da sintonia para tentar captar um sinal melhor.

"A equipe de salvamento de Port Ellis partiu em socorro logo que moradores locais deram o alarme, mas até agora os dois desaparecidos não foram encontrados. Voltaremos ao assunto mais tarde."

O vento agita as árvores, vergando-as até quase o chão. Da casa não consigo ver o mar, e não tenho certeza se isso me alegra ou se devo ceder à vontade de descer até o posto de salvamento para tentar ver a pequena mancha cor de laranja.

Acabo de lavar a louça e enxugo as mãos em um pano de prato enquanto caminho pela cozinha. O armário está repleto de papéis e acho essa desordem curiosamente reconfortante. Coloco a mão no puxador da porta e as palavras de Patrick ressoam em minha cabeça.

Aconteça o que acontecer, nunca abra essas portas.

O que há ali dentro que ele não quer que eu veja? Olho para trás, como se Patrick pudesse entrar a qualquer momento, e abro a porta do armário de uma só vez. No mesmo instante alguma coisa cai na minha direção e prendo a respiração enquanto estendo a mão a tempo de agarrar um vaso e impedir que ele se quebre no piso de cerâmica. Devolvo-o ao seu lugar, no meio de outros objetos de cristal; o ar dentro do armário está impregnado de um leve aroma de lavanda que vem da roupa de cama guardada ali. Não há nada sinistro no seu interior; apenas

um punhado de lembranças.

Estou prestes a fechar a porta quando reparo na borda prateada de um porta-retratos no meio de uma pilha de toalhas de mesa. Puxo-o com cuidado. É uma foto de Patrick com o braço sobre os ombros de uma mulher de cabelos loiros curtos e dentes muito brancos e alinhados. Ambos sorriem, não para a câmera, mas um para o outro. Quem é ela, e por que Patrick escondeu de mim a foto? Será esta a mulher com quem ele pensou que um dia se casaria? Contemplo a foto em busca de algum detalhe que revele quando foi tirada. Patrick tem a mesma aparência de agora e me pergunto se essa mulher pertence ao seu passado ou se ainda faz parte de sua vida. Talvez eu não seja a única a ter segredos. Recoloco o porta-retratos entre as toalhas e fecho a porta do armário, deixando o seu interior como encontrei.

Caminho inquieta pela cozinha, mas minha agitação me cansa e preparo uma xícara de chá que tomo sentada em uma das cadeiras.

⋆ ⋆ ⋆

A chuva fustiga meu rosto, embaçando minha visão e enchendo meus olhos de formas sombrias. Mal consigo ouvir o barulho do motor por causa do vento, mas ainda escuto o ruído surdo quando ele bate no capô antes de cair com violência no asfalto.

E de repente o que me turva a visão não é a chuva, mas a água do mar. E o barulho que ouço não é do motor de um carro, mas o tuc-tuc-tuc do bote salva-vidas. E embora o grito seja meu, o rosto voltado para mim — os olhos escuros com cílios molhados — não é de Jacob, mas de Patrick.

⋆ ⋆ ⋆

— Desculpe — digo, sem saber ao certo se estou falando alto —, eu não queria...

Sinto uma mão sacudir meu ombro, forçando-me a sair do sono. Confusa, levanto a cabeça tombada sobre meus braços cruzados. O quadrado da mesa de madeira ainda guarda o calor de minha respiração, e o ar frio da cozinha golpeia meu rosto. Aperto os olhos para evitar a luz forte da lâmpada e ergo um braço para cobrir o rosto.

— Não!

— Jenna, acorde. Jenna, você está sonhando.

Aos poucos, abaixo o braço, abro os olhos e vejo Patrick ajoelhado na frente de minha cadeira. Abro a boca, mas não consigo falar, atordoada por meu pesadelo e aliviada por ele estar ali.

— Com o que estava sonhando?

Faço um esforço para reunir as palavras.

— Eu... não sei mais. Estava com medo.

— Agora você não precisa mais ter medo — diz Patrick. Ele penteia com os dedos as mechas úmidas grudadas nas minhas têmporas e, com as mãos em concha, segura meu rosto. — Estou aqui.

Ele está pálido, com os cabelos molhados, e gotas de chuva escorrem de seus cílios. Seu olhar, em geral tão cheio de brilho, está vazio e sombrio. Parece destroçado e, sem parar para refletir, inclino-me à frente e o beijo nos lábios. Ele corresponde avidamente, ainda com meu rosto entre as mãos, depois me solta e apoia a testa na minha.

— Suspenderam as buscas.

— Suspenderam? Quer dizer que eles continuam desaparecidos?

Patrick balança a cabeça e percebo a intensa emoção que entristece seu olhar. Ele deixa cair todo o peso do corpo sobre os calcanhares.

— Retomaremos amanhã ao nascer do dia — diz ele em tom neutro —, mas ninguém tem esperança. — Fecha os olhos, repousa a cabeça no meu colo e chora por esse pai e seu filho adolescente que saíram confiantes em seu barco apesar de todos os sinais de alerta.

Acaricio seus cabelos e deixo que minhas lágrimas rolem. Choro por um adolescente sozinho no mar; choro por sua mãe; choro pelos sonhos que atormentam minhas noites; por Jacob; por meu bebê.

19

É véspera de Natal quando os corpos são resgatados do mar, dias depois de Patrick e os outros membros da equipe de salvamento terem encerrado as buscas. Ingenuamente, eu havia imaginado que os dois apareceriam juntos, mas a essa altura já devia saber que as marés são imprevisíveis. O filho apareceu primeiro, arrastado com suavidade até a baía de Rhossili por um mar ondulante que parecia calmo demais para infligir os terríveis ferimentos detectados no pai, encontrado a mais de um quilômetro de distância.

Estamos na praia quando Patrick recebe a ligação e, pelo modo como cerra o maxilar, deduzo que a notícia não é boa. Ele se afasta um pouco de mim, como se quisesse me proteger, e vira-se para observar o mar enquanto ouve David em silêncio. Quando desliga, fica plantado no mesmo lugar e varre o horizonte com os olhos como se buscasse respostas. Eu me aproximo e apoio a mão em seu braço; ele estremece, como se tivesse esquecido por completo a minha presença.

— Sinto muito — digo, numa tentativa desesperada de encontrar as palavras certas.

— Namorei uma garota — começa ele, sem desviar os olhos do mar. — Nós nos conhecemos na universidade e vivemos juntos em Leeds.

Eu o escuto, sem ter certeza de onde quer chegar.

— Quando voltei para cá, trouxe-a comigo. Ela não queria vir, mas como não conseguíamos ficar separados, abriu mão do seu trabalho e mudou-se comigo para Port Ellis. Ela detestava o lugar. Era pequeno demais, tranquilo demais, monótono demais para seu estilo de vida.

Sinto-me constrangida, como se me intrometesse em sua vida. Quero pedir que se cale, que não me conte essa história, mas tenho a impressão de que ele não consegue parar.

— Tivemos uma discussão um dia, em pleno verão. O motivo foi o de sempre: ela queria voltar para Leeds, eu queria continuar aqui e abrir uma clínica. Ela saiu enfurecida e foi para o mar surfar, mas acabou engolida por uma onda

violenta e nunca mais voltou.

— Meu Deus, Patrick! — Sinto um nó na garganta. — Que horror!

Ele afinal vira-se para mim.

— Sua prancha foi devolvida pelo mar no dia seguinte, mas nós nunca encontramos o corpo.

— *Nós*? — exclamo. — Você participou das buscas? Não consigo imaginar o quanto isso deve ter sido doloroso.

Ele encolhe os ombros.

— Todos nós participamos. É nosso trabalho, não é verdade?

— Sim, mas... — Deixo a frase inacabada. É claro que ele participou das buscas. Como poderia ser diferente?

Abraço Patrick e ele apoia-se em mim, com o rosto enfiado em meu pescoço. Eu tinha imaginado que ele levava uma vida perfeita: que era exatamente aquela pessoa descontraída e divertida que aparenta ser. No entanto, os fantasmas contra os quais luta são tão reais quanto os meus. Pela primeira vez estou com um homem que precisa de mim tanto quanto eu dele.

Caminhamos a passos lentos até o chalé, onde Patrick me pede para esperar enquanto vai até o carro pegar alguma coisa.

— O que é? — pergunto, intrigada.

— Você verá. — O brilho volta aos seus olhos, e fico maravilhada com a capacidade de lidar com tanta tristeza em sua vida. Pergunto-me se foi o passar dos anos que lhe deu essa força, e fico esperançosa de que um dia também me sinta assim.

Quando Patrick retorna, está com uma árvore de Natal nos ombros. Sinto uma pontada de tristeza ao lembrar o meu antigo entusiasmo na época do Natal. Quando éramos crianças, Eve e eu seguíamos rituais rígidos de decoração: primeiro as luzes, depois as guirlandas, a seguir a solene colocação das bolas, e por fim o já maltratado anjo equilibrando-se no topo da árvore. Imagino que ela ainda siga essas tradições com os filhos.

Não quero a árvore em casa. Decoração natalina é para crianças; para famílias. Mas Patrick insiste.

— Agora não vou levá-la de volta — diz, carregando-a porta adentro e deixando um rastro de espinhos de pinheiro no chão. Coloca-a sobre um suporte de madeira bruta e verifica se ela se mantém de pé. — Além disso, é Natal. Você

precisa ter uma árvore.

— Mas não tenho enfeites para ela! — protesto.

— Dê uma olhada na minha bolsa.

Abro a mochila azul-marinho e vejo uma velha caixa de sapatos fechada com uma fita elástica grossa. Levanto a tampa e descubro uma dúzia de bolas de Natal vermelhas com o vidro marcado pelo tempo.

— Ah, são lindas. — Ergo uma e ela gira refletindo meu rosto uma centena de vezes.

— Eram de minha avó. Eu não disse que havia todo tipo de coisa dentro daquele armário velho dela?

Meu rosto fica corado quando lembro que mexi no armário de Patrick e descobri sua foto com a mulher que, agora entendo, deve ser a jovem que se afogou.

— São magníficas. Obrigada.

Decoramos a árvore juntos. Patrick trouxe uma guirlanda com lâmpadas minúsculas e eu encontro uma fita que coloco entre os galhos. Há apenas doze bolas, mas a luz se reflete em cada uma delas dando-lhes um aspecto de estrelas cadentes. Aspiro o perfume do pinheiro com a esperança de conservar para sempre aquela imagem de um momento de felicidade.

Quando terminamos de enfeitar a árvore, sento-me com a cabeça apoiada no ombro de Patrick e observo a luz refletir-se no vidro e projetar formas variadas na parede. Com o dedo, ele desenha círculos no meu punho, e percebo que há anos não me sentia tão à vontade. Viro-me para beijá-lo, minha língua buscando a dele, e quando abro os olhos vejo que os dele também estão abertos.

— Vamos subir — sussurro. Não sei o que me faz desejar isso agora, neste exato momento, mas sinto uma necessidade física de estar com ele.

— Tem certeza? — Patrick afasta-se um pouco e me olha diretamente nos olhos.

Confirmo com a cabeça, em silêncio. Não tenho certeza, não absoluta, pelo menos, mas quero descobrir. Preciso saber se consigo viver um momento diferente.

Ele passa as mãos em meus cabelos, beija meu pescoço, rosto, lábios. Levanta-se e me leva com ternura escada acima, sempre roçando a palma da minha mão com o polegar, como se não pudesse deixar de me acariciar nem por um segundo.

Enquanto subo a escada estreita ele me segue e suas mãos tocam de leve minha cintura. Sinto meu coração disparar.

Longe do fogo e do calor do fogão, o quarto está frio, mas é a expectativa, não a temperatura, que me faz tremer. Patrick senta-se na cama e me puxa delicadamente para que me deite ao seu lado. Ele ergue a mão e afasta os cabelos do meu rosto, depois passa um dedo atrás da minha orelha e o desliza pelo meu pescoço. Estou angustiada: penso em como sou desinteressante, enfadonha, pouco ousada, e me pergunto se ele ainda terá vontade de continuar comigo quando se der conta disso. Mas desejo-o demais, e essa sensação é tão inesperada que acaba sendo ainda mais excitante. Aproximo-me tanto de Patrick que nossas respirações se misturam. Durante um minuto permanecemos assim: nossos lábios se roçam, mas não se beijam, se tocam, mas não se entregam. Lentamente, ele desabotoa minha blusa, sem desgrudar os olhos dos meus.

Não consigo esperar mais. Abro minha calça jeans e tiro-a mexendo as pernas com uma pressa imprudente, para depois desabotoar de qualquer jeito a camisa de Patrick. Beijamo-nos avidamente enquanto tiramos as roupas, até ele ficar nu e eu só de calcinha e camiseta. Ele segura a barra da minha camiseta e, por uma fração de segundo, sacudo a cabeça.

Ele para. Espero que insista, mas ele me olha por um momento, depois baixa a cabeça e beija meus seios através do algodão macio. Enquanto percorre meu corpo, curvo as costas para trás e me entrego às suas carícias.

⋆ ⋆ ⋆

Estou em um turbilhão de lençóis, braços e pernas quando sinto, mais do que vejo, Patrick estender a mão para apagar a luz de cabeceira.

— Deixe-a acesa, por favor — peço, e ele não pergunta por quê. Limita-se a me abraçar e beijar minha testa.

⋆ ⋆ ⋆

Assim que acordo, percebo algo diferente, mas ainda estou tonta de sono e não consigo saber o que é. Não se trata da presença de alguém na minha cama, embora essa seja uma sensação estranha, mas da constatação de que dormi de verdade. Um sorriso tímido se desenha no meu rosto. Despertei de forma natural.

Não foi um grito que me tirou de repente do sono, nem o chiado de freios ou o impacto de crânio contra vidro. É a primeira noite em mais de doze meses que não sonho com o acidente.

Penso em levantar-me e fazer café, mas o calor da cama me segura embaixo das cobertas e prefiro abraçar o corpo nu de Patrick. Percorro com a mão seu quadril, sua barriga firme, sua coxa musculosa. Sinto um estremecimento entre as pernas e de novo me surpreendo com a reação de meu corpo, que anseia por carícia. Patrick se mexe, levanta a cabeça durante uma fração de segundo e sorri para mim, embora seus olhos continuem fechados.

— Feliz Natal.

— Quer um café? — Beijo seu ombro nu.

— Mais tarde — responde ele, puxando-me para debaixo das cobertas.

★ ★ ★

Ficamos na cama até o meio-dia, entregues ao prazer e saboreando deliciosos pãezinhos com geleia de groselha. Patrick desce as escadas para pegar mais café e, quando volta, traz os presentes que colocamos embaixo da árvore na noite anterior.

— Um casaco! — exclamo, ao rasgar o papel do pacote malfeito que Patrick me entrega.

— Não é muito romântico — diz ele, envergonhado —, mas você não pode continuar a usar aquela capa de chuva velha, já que vai para a praia com qualquer tempo. Acabaria congelada.

Coloco-o no mesmo instante. É grosso, quente e impermeável, com bolsos fundos e capuz. É um milhão de vezes melhor do que aquele que usei até agora, que encontrei pendurado na varanda do chalé quando me mudei.

— Acredito que querer me manter aquecida e seca é muito romântico de sua parte — digo, e dou um beijo em Patrick. — Adorei, obrigada.

— Tem algo mais no bolso — acrescenta ele. — Não é exatamente um presente, apenas uma coisa que acho que você deve ter.

Enfio a mão nos bolsos e encontro um telefone celular.

— É um aparelho antigo que eu guardava em casa. Não tem nada de especial, mas funciona, o que significa que você não precisará ir até o camping toda vez que quiser fazer uma ligação.

Estou prestes a dizer que a única pessoa para quem ligo é ele, quando percebo que talvez seja isso que ele quis dizer. Que não gosta de saber que estou sempre inacessível. Não tenho certeza de como me sinto com relação a isso, mas agradeço o presente, e lembro a mim mesma que não preciso mantê-lo sempre ligado.

Ele me entrega mais um presente, em uma linda embalagem de papel roxo com um laço.

— Não fui eu que embrulhei este — confessa sem necessidade.

Desembrulho o pacote com cuidado e abro a caixa estreita com a reverência que ela merece. Dentro há um broche de madrepérola no formato de uma concha. A luz incide sobre ele e uma dúzia de cores dançam na sua superfície.

— Ah, Patrick. — Estou atordoada. — É lindo. — Tiro o broche da caixa e prendo-o no casaco novo. Sinto vergonha do desenho a lápis que fiz para Patrick reproduzindo a praia de Port Ellis com o bote salva-vidas voltando em segurança para a costa, em vez de saindo para o mar.

— Você é muito talentosa, Jenna — diz ele, erguendo o desenho emoldurado para admirá-lo. — Você está perdendo seu tempo aqui na baía. Devia organizar uma exposição, tornar seu nome conhecido lá fora.

— Não conseguiria — respondo, mas não explico o motivo. Apenas sugiro darmos uma caminhada para eu estrear meu casaco novo, e levamos Beau até a praia.

A baía está deserta e a maré, em seu ponto mais baixo, revela uma vasta extensão de areia pálida. Nuvens carregadas de neve acumulam-se sobre o rochedo, parecendo ainda mais brancas em contraste com o azul intenso do mar. As gaivotas nos sobrevoam em círculo. Seus gritos queixosos ressoam no vazio, e as ondas se chocam contra a areia sempre no mesmo ritmo.

— Parece quase um pecado deixar pegadas. — Deslizo minha mão na de Patrick enquanto passeamos. Pela primeira vez, não trouxe minha câmera. Caminhamos até o mar, deixando que a espuma gelada envolva a ponta de nossas botas.

— Minha mãe costumava nadar no mar no dia de Natal — diz Patrick. — Ela sempre discutia com meu pai por causa disso. Ele sabia como as marés podiam ser perigosas, e a considerava irresponsável. Mas ela pegava uma toalha e corria para dar um mergulho assim que os presentes eram abertos. Achávamos divertido, claro, e a incentivávamos de longe.

— Que loucura. — Penso na jovem que se afogou, e me pergunto como ele consegue se aproximar da água após a tragédia. Beau corre em direção às ondas e abre a boca para mordê-las cada vez que uma quebra na areia.

— E você? — pergunta Patrick. — Havia tradições um pouco malucas na sua família?

Reflito por um instante e sorrio ao lembrar-me da emoção que sentia com a aproximação do Natal.

— Nada parecido — respondo por fim —, mas eu adorava passar o Natal em família. Meus pais começavam a preparar as festividades em outubro, e a casa ficava repleta de pacotes escondidos em armários e embaixo das camas. Mantivemos esse costume depois que meu pai foi embora, mas nunca mais foi a mesma coisa.

— Alguma vez tentou encontrá-lo? — Ele aperta minha mão.

— Sim. Quando eu estava na universidade. Localizei-o e descobri que ele tinha uma nova família. Mandei uma carta, e ele me respondeu dizendo que era melhor deixar o passado no passado. Fiquei com o coração partido.

— Jenna, isso é terrível.

Dou de ombros, fingindo não me importar.

— Você tem bom relacionamento com sua irmã?

— Já tive. — Pego uma pedra e tento fazê-la quicar na superfície da água, mas as ondas estão rápidas demais. — Eve ficou do lado da mamãe depois que meu pai nos deixou, e eu tinha raiva de minha mãe por tê-lo mandado embora. Apesar disso, sempre nos preocupamos uma com a outra, embora eu não a veja há anos. Poucas semanas atrás mandei um cartão para Eve. Não sei se ela recebeu nem mesmo se ainda mora no mesmo lugar.

— Vocês brigaram?

— Sim, ela não gostava do meu marido. — Parece-me ousadia dizer isso em voz alta, e um arrepio de medo percorre minha espinha.

— *Você* gostava dele?

É uma pergunta estranha, e faço uma pausa antes de responder. Passei tanto tempo odiando Ian, sentindo medo dele.

— Gostei dele no passado — respondo afinal. Lembro-me de como ele era encantador, diferente dos outros rapazes da universidade com suas trapalhadas e seu humor ácido.

— Há quanto tempo está divorciada?

Não o corrijo.

— Há algum tempo. — Pego um punhado de pedras e começo a jogá-las no mar. Uma pedra para cada ano desde a última vez que me senti amada. Que me senti protegida. — Às vezes me pergunto se ele poderia voltar. — Dou uma risada, mas ela soa falsa até para mim, e Patrick me olha com ar pensativo.

— E não tiveram filhos?

Curvo-me para a frente e finjo que estou à procura de seixos.

— Ele nunca gostou muito da ideia — respondo. Não estava muito longe da verdade, afinal. Ian nunca quis saber do filho.

Patrick passa um braço pelos meus ombros.

— Desculpe, estou fazendo perguntas demais.

— Não se preocupe — digo, e percebo que estou sendo sincera. Sinto-me segura com Patrick. Andamos sem pressa pela praia. O caminho está escorregadio por causa do gelo e o braço de Patrick em meus ombros me faz bem. Contei para ele mais do que pretendia, mas não posso contar-lhe tudo. Se o fizer, ele vai embora, e não terei ninguém que me ajude a não cair.

20

Ray acordou sentindo-se otimista. Ele folgara no Natal e, embora tivesse ido ao escritório uma ou duas vezes e levado trabalho para casa, precisava admitir que o descanso lhe fizera bem. Perguntou-se como Kate estaria se saindo com a investigação do atropelamento.

Da lista de aproximadamente novecentos carros Ford Focus e Fiesta vermelhos licenciados em Bristol, apenas pouco mais de quarenta tinham ativado o sistema de registro automático de placas. As imagens eram apagadas após noventa dias, mas, munida de uma lista placas, Kate estava entrando em contato com todos os proprietários registrados para saber de seus itinerários no dia do acidente. Nas últimas quatro ou cinco semanas ela havia feito alguns avanços na lista, mas os resultados eram cada vez menos satisfatórios. Carros vendidos sem a documentação correta; proprietários que se mudaram sem fornecer o novo endereço... era um milagre que tivesse eliminado tantos, especialmente levando em conta a época do ano. Agora que as festas haviam acabado, era hora de avançar um pouco mais.

★ ★ ★

Ray espiou pela porta do quarto de Tom. Apenas o topo da cabeça do filho estava visível embaixo das cobertas, e Ray voltou a fechar a porta em silêncio. Seu otimismo de Ano-Novo não se aplicava ao filho, cujo comportamento tinha piorado muito, culminando em duas advertências formais enviadas pela diretora. A próxima resultaria em expulsão temporária, que Ray considerava uma punição absurda para uma criança que já perdia mais aulas do que assistia, e que claramente odiava a ideia de frequentar a escola.

— Lucy ainda está dormindo? — perguntou Mags quando ele entrou na cozinha.

— Os dois estão.

— Precisamos dar um jeito de mandá-los para a cama mais cedo hoje — observou Mags. — Eles voltam para a escola daqui a três dias.

Ray interrompeu-a.

— Tenho alguma camisa limpa?

— Você quer dizer que não lavou nenhuma? — Mags desapareceu na lavanderia e voltou com uma pilha de camisas passadas. — Por sorte alguém fez isso. Não esqueça que esta noite vamos tomar um drinque com os vizinhos.

Ray soltou um grunhido.

— Precisamos mesmo ir?

— Precisamos. — Mags entregou-lhe as camisas.

— Quem convida vizinhos logo depois do Ano-Novo? — resmungou Ray. — É um dia ridículo para fazer festa.

— Emma diz que todos estão ocupados demais entre Natal e Ano-Novo. Ela acha que o melhor momento para esses encontros de vizinhos é logo quando as festas de fim de ano acabam.

— Pois não é — retrucou Ray. — Esses encontros são um verdadeiro martírio. Sempre são. A única coisa que essa gente faz é reclamar que foram multados por dirigir a sessenta por hora em uma zona onde o limite é cinquenta, mesmo sem ter escola perto, e dizer que isso é uma tremenda injustiça. O interesse deles é apenas denegrir a imagem da polícia.

— É só uma tentativa de puxar conversa com você, Ray — argumentou Mags, tranquila. — Vocês se veem tão pouco...

— Há uma boa razão para isso.

— ...que o único assunto que eles têm é seu trabalho. Tenha calma com eles. Se isso o incomoda tanto, mude de assunto. Diga qualquer bobagem.

— Odeio papo furado.

— Tudo bem. — Mags largou uma panela em cima do balcão com força desnecessária. — Então você não vai, Ray. Sinceramente, se é para ficar de mau humor, é melhor mesmo que não vá.

Ray desejou que ela não o tratasse como um de seus filhos.

— Eu não disse que não vou, disse apenas que será uma chatice.

Mags olhou para ele com uma expressão agora menos de impaciência e mais de decepção.

— Nem tudo na vida pode ser emocionante, Ray.

★ ★ ★

— Feliz Ano-Novo aos dois. — Ray entrou no escritório do Departamento de Investigação Criminal e jogou uma caixa de bombons Quality Street na mesa de Stumpy. — Imaginei que isto poderia ser uma compensação por terem sido obrigados a trabalhar no Natal e no Ano-Novo.

O escritório funcionara com um número reduzido nos feriados, e Stumpy tivera o azar de ser um dos escolhidos.

— Será preciso mais do que uma caixa de bombons para compensar um expediente que começa às sete da manhã no primeiro dia do ano.

Ray sorriu.

— De todo modo, você está velho demais para festejar até alta madrugada, Stumpy. Mags e eu fomos dormir muito antes da meia-noite no dia 31.

— Acho que ainda estou me recuperando — disse Kate, com um bocejo.

— Estava boa a festa? — perguntou Ray.

— O pouco de que me lembro, sim. — Ela riu, e Ray sentiu uma pontada de inveja. Duvidava de que as festas de Kate envolvessem conversas tediosas sobre multas por excesso de velocidade e lixo jogado em via pública, que era o esperado para aquela noite.

— O que temos hoje? — perguntou ele.

— Uma boa notícia para você — respondeu Kate. — Uma placa.

Ray abriu um sorriso.

— Já era hora. Está confiante de que seja a que procuramos?

— Sim, muito confiante. Não há sinal do veículo no sistema de registro automático de placas desde o atropelamento e, embora o pagamento dos impostos esteja pendente, não consta anotação de sua baixa, o que me leva a supor que ele foi abandonado ou queimado. O carro está registrado com um endereço em Beaufort Crescent, a uns oito quilômetros de onde Jacob foi atropelado. Stumpy e eu estivemos lá ontem, mas não encontramos ninguém. Como o imóvel é alugado, Stumpy está tentando conseguir hoje o registro predial para ver se o proprietário tem outro endereço do inquilino.

— Mas temos um nome? — perguntou Ray, sem esconder sua ansiedade.

— Sim, temos um nome. — Kate sorriu. — Não há sinal dele no sistema nacional de registro da polícia nem no cartório eleitoral, e não encontrei nada na

internet, mas conseguiremos alguma coisa hoje. Tivemos permissão para consultar dados em empresas públicas, e imagino que começaremos a receber as respostas agora que as festas acabaram.

— Também fizemos algum progresso com relação à mãe de Jacob — disse Stumpy.

— Isso é ótimo! — exclamou Ray. — Eu devia tirar férias mais vezes no ano. Falou com ela?

— Não conseguimos nenhum número de telefone — respondeu Stumpy —, mas Kate finalmente fez contato com uma professora substituta na escola Saint Mary que a conhecia. Parece que, após o acidente, a mãe de Jacob teve a sensação de que todos a culpavam. Ela ficou arrasada com essa reação e também furiosa por termos deixado o motorista escapar impune...

— Por termos deixado o motorista escapar impune? — repetiu Ray. — Quer dizer que cruzamos os braços e não fizemos nada, foi isso?

— Só estou repetindo o que me disseram — defendeu-se Stumpy. — De todo modo, ela rompeu todos os vínculos que tinha com o lugar e foi embora de Bristol para tentar um recomeço. — Ray bateu com o dedo no dossiê, que parecia ter engrossado alguns centímetros desde a última vez que o vira. — Estou à espera de um e-mail da polícia local, mas devemos receber um endereço até o fim do dia.

— Bom trabalho. É muito importante termos a mãe do nosso lado se formos ao tribunal. A última coisa que queremos é que alguém em oposição à polícia fale com a imprensa e diga que levamos mais de um ano para incriminar alguém.

O telefone de Kate tocou.

— Departamento de Investigação Criminal, detetive Evans falando.

Ray já dera alguns passos na direção de seu escritório quando Kate começou a gesticular para ele e Stumpy.

— Fantástico! — disse ela ao telefone. — Muito obrigada.

Rabiscou apressadamente alguma coisa em um bloco que pegou de sua mesa, e continuava a sorrir quando desligou o telefone um segundo depois.

— Temos o motorista — disse ela, agitando o pedaço de papel com ar triunfante.

Stumpy abriu um sorriso, o que era raro de acontecer.

— Foi a companhia telefônica que informou — explicou Kate, indócil em sua

cadeira. — Processaram nosso pedido de permissão para consulta de dados e conseguiram um endereço!

— Qual é?

Kate arrancou a primeira folha do bloco e entregou-a a Stumpy.

— Foi um trabalho brilhante — disse Ray. — Vamos nos movimentar, então. — Pegou dois molhos de chaves de carro no armário metálico preso na parede e jogou um deles para Stumpy, que o apanhou com destreza. — Stumpy, pegue a pasta com os dados que temos sobre a mãe de Jacob. Vá até a polícia local e diga que não podemos esperar pelo telefonema deles e que precisamos do endereço agora. Não volte antes de encontrar a mãe, e quando estiver com ela deixe bem claro que ninguém escapará impune e que estamos fazendo o possível para que haja justiça no caso da morte de Jacob. Kate e eu nos encarregaremos de prender o motorista. — Fez uma pausa e jogou o outro molho de chaves para Kate. — Pensando bem, é melhor você dirigir. Preciso cancelar o que foi planejado para esta noite.

— Você ia a algum lugar interessante? — perguntou Kate.

Ray sorriu.

— Acredite em mim, prefiro estar aqui.

21

A batida na porta me sobressalta. Já? Não vejo o tempo passar enquanto edito as fotos. Beau levanta as orelhas, mas não late, e acaricio sua cabeça no caminho até a porta. Puxo o ferrolho.

— Você deve ser a única pessoa na baía que tranca a porta com chave — resmunga Patrick com bom humor. Entra e me dá um beijo.

— É um hábito da cidade grande, suponho — digo em tom despreocupado. Volto a fechar a porta e tenho dificuldade para girar a chave.

— Iestyn ainda não consertou a fechadura?

— Você sabe como ele é. Continua prometendo que vai resolver logo, mas nunca aparece. Disse que virá ainda esta noite, embora eu não tenha muita esperança. Imagino que ele considere um absurdo eu querer trancar a porta.

— Bem, ele não deixa de ter razão. — Patrick apoia-se na porta e pega a chave enorme, girando-a com força na fechadura. — Acho que não há registro de roubo em Penfach desde 1954. — Dá um sorriso e eu ignoro a provocação. Patrick não sabe que revisto a casa inteira todas as noites, quando ele não está comigo, nem que acordo assustada ao menor ruído do lado de fora. Os pesadelos podem ter acabado, mas o medo continua presente.

— Venha até a cozinha para se aquecer — sugiro. Faz muito frio do lado de fora e Patrick parece congelado.

— A previsão é que o tempo continue assim por um bom período. — Ele segue meu conselho e inclina-se sobre o velho fogão. — Você ainda tem lenha? Posso trazer um pouco amanhã.

— Iestyn deixou o suficiente para algumas semanas — respondo. — Ele vem receber o aluguel no primeiro dia do mês, e em geral me traz uma boa quantidade no reboque, mas não aceita pagamento.

— É um bom sujeito. Ele e meu pai se conhecem há séculos; costumavam passar a noite inteira no pub, e quando voltavam para casa, quase se arrastando, tentavam fingir para minha mãe que não estavam bêbados. Não imagino que ele

tenha mudado muito.

Rio ao imaginar a cena.

— Gosto dele. — Pego duas cervejas da geladeira e entrego uma a Patrick. — Então, qual é o ingrediente do jantar misterioso?

Ele telefonou de manhã para dizer que se encarregaria do jantar, e estou curiosa para ver o que há na sacola térmica deixada ao lado da porta de entrada.

— Recebi hoje de manhã de um cliente agradecido — explica Patrick, abrindo o fecho da sacola e enfia a mão no seu interior. Então, como um mágico que tira um coelho da cartola, exibe uma lagosta reluzente preta com reflexos azulados, que movimenta preguiçosamente suas pinças na minha direção.

— Oh meu Deus! — Estou ao mesmo tempo encantada e assustada com o menu proposto, pois jamais cozinhei algo tão complicado. — Muitos de seus clientes pagam com lagostas?

— Um número surpreendente. Outros pagam com faisões, coelhos. Às vezes me entregam pessoalmente, mas com muita frequência volto do trabalho e encontro alguma coisa na soleira da porta. — Ele sorri. — Aprendi a não perguntar de onde vêm os presentes. É complicado pagar impostos com faisões, mas por sorte ainda temos uma boa quantidade de pessoas que nos pagam com cheque, o que nos permite manter a clínica funcionando. Eu não conseguiria negar atendimento a um animal doente apenas por uma questão de dinheiro.

— Você é um manteiga-derretida — digo, enquanto o abraço e beijo seus lábios com ternura.

— Não diga uma coisa dessas — retruca ele, quando nos afastamos —, ou você arruinará a imagem de macho que venho tentando construir. Além disso, não sou muito sensível na hora de esfolar um coelho felpudo ou ferver uma lagosta. — Dá uma risada exagerada como a de um vilão de desenho animado.

— Que bobo! — digo, e rio dele. — Espero que saiba prepará-la, porque com certeza eu não sei. — Olho a lagosta com cautela.

— Veja e aprenda, senhora — diz Patrick, colocando um pano de prato sobre o braço antes de fazer uma mesura extravagante. — O jantar será servido em breve.

Pego minha maior panela e Patrick devolve a lagosta com segurança à sacola térmica enquanto esperamos que a água ferva. Encho a pia para lavar a alface e começamos a trabalhar em um silêncio cúmplice. De tempos em tempos, Beau

circula entre nossas pernas e assim nos lembra carinhosamente de sua presença. A tarefa é simples e fácil, e sorrio para mim mesma enquanto espio Patrick com o canto do olho, concentrado na preparação do molho.

— Está tudo bem? — pergunta ele quando nossos olhos se cruzam. Apoia a colher de pau na panela. — No que está pensando?

— Em nada — respondo, e tento voltar à minha salada.

— Vamos, diga.

— Estava pensando em nós.

— Agora você *precisa* me dizer! — exclama Patrick, com uma risada. Molha a mão na pia e respinga algumas gotas de água em mim.

Dou um grito. Não posso evitar. Antes que minha mente consiga raciocinar e me diga que quem está ali é Patrick — apenas Patrick brincando comigo — afasto-me dele e cubro a cabeça com os braços. Uma reação visceral, instintiva, que faz meu coração acelerar e deixa minhas mãos suadas. Tudo gira ao meu redor e, por um segundo, sou transportada para outro tempo. Para outro lugar.

O silêncio é palpável, e pouco a pouco me recomponho. Meu coração parece explodir dentro do peito. Os braços de Patrick estão caídos ao lado do corpo e sua expressão é de horror. Tento falar, mas minha boca está seca e o pânico me deixa com um nó na garganta. Olho para Patrick, vejo confusão e culpa em seu rosto, e sei que preciso me explicar.

— Desculpe — começo. — Eu... — Em desespero, levo as mãos ao rosto.

Patrick dá um passo à frente. Tenta me abraçar, mas o afasto, envergonhada por minha reação e lutando contra o impulso repentino de contar-lhe tudo.

— Jenna — diz ele com ternura —, o que aconteceu com você?

Alguém bate à porta e nos olhamos.

— Eu abro — diz Patrick, mas sacudo a cabeça.

— Deve ser Iestyn. — Sou grata pela interrupção, e esfrego os dedos no rosto. — Volto em um minuto.

★ ★ ★

Logo que abro a porta, sei exatamente o que está acontecendo.

Tudo que sempre quis foi fugir: fingir para mim mesma que a vida antes do acidente pertencia a outra pessoa, e me iludir que poderia voltar a ser feliz. Muitas vezes me perguntei qual seria minha reação caso fosse encontrada. Queria saber

como me sentiria se quisessem me levar de volta, e se eu lutaria contra isso.

Mas quando o policial diz meu nome eu apenas confirmo.

— Sim, sou eu.

Ele é mais velho que eu, tem cabelos pretos muito curtos, e veste um terno escuro. Parece amável, e me pergunto que tipo de vida leva; se tem filhos, esposa.

A mulher ao seu lado dá um passo à frente. Parece mais jovem e tem cabelos escuros cacheados que emolduram seu rosto.

— Detetive Kate Evans. — Apresenta-se e abre uma carteira de couro para mostrar o distintivo de metal. — Departamento de Investigação Criminal de Bristol. A senhora está presa por condução perigosa seguida de morte e por fugir do local do acidente. Você tem o direito de permanecer calada, mas sua defesa poderá ser prejudicada caso não mencione, quando questionada, algo que mais tarde venha a declarar diante do juiz...

Fecho os olhos e dou um longo suspiro. É hora de parar de fingir.

PARTE DOIS

22

Você estava sentada a uma mesa no canto do bar do diretório estudantil quando a vi pela primeira vez. Não reparou em mim, não naquele momento, embora eu devesse chamar atenção: era o único homem de terno no meio de um bando de estudantes. Rodeada de amigas, você ria tanto que às vezes até precisava enxugar os olhos. Levei meu café para a mesa ao lado, onde folheei o jornal e escutei suas conversas, que passavam sem mais nem menos de um tópico para outro, como as mulheres costumam fazer. Por fim, deixei o jornal de lado e apenas a observei. Entendi que todas eram estudantes de arte e que você estava no último ano. Devia ter adivinhado, pela confiança com que dominava o local, gritando para seus amigos do outro lado do bar e rindo sem se importar com o que os outros pudessem pensar. Foi nesse momento que descobri seu nome: Jenna. Confesso que fiquei um pouco decepcionado. Seus magníficos cabelos e sua pele pálida deixavam-na com um ar pré-rafaelita, o que me levou a imaginar um nome um pouco mais clássico. Aurelia, talvez, ou Eleanor. No entanto, não havia dúvida de que você era a mais atraente do grupo. Todas as outras eram impetuosas demais; vulgares demais. Você devia ter a mesma idade delas — quinze anos mais jovem que eu, pelo menos —, mas possuía uma maturidade que seu rosto já revelava naquela época. A todo instante seus olhos percorriam o ambiente, como se procurasse alguém, e eu sorri para você, mas você não me viu, e poucos minutos depois precisei sair para dar minha aula.

Eu tinha aceitado fazer seis das palestras como orador convidado, parte de um programa que visava a integrar a universidade à comunidade empresarial. Era uma tarefa bastante fácil: ou os alunos cochilavam ou se mostravam extremamente interessados, e inclinavam-se à frente para assimilar cada palavra que eu pronunciava sobre empreendedorismo. Nada mau para alguém que nunca colocara os pés em uma faculdade. Embora fosse surpreendente para um curso sobre negócios, havia um grande número de garotas inscritas, e não deixei de perceber a troca de olhares entre elas quando entrei no anfiteatro no primeiro dia.

Eu era novidade, imaginei: mais velho que os rapazes do campus, embora mais jovem que seus professores e palestrantes residentes. Meus ternos eram feitos sob medida, minhas camisas tinham excelente corte e abotoaduras de prata. Eu não tinha cabelos grisalhos, não naquela época, nem a típica barriga da meia-idade para esconder embaixo do paletó.

Enquanto falava, eu tinha o hábito de fazer uma pausa no meio da frase e manter contato visual com uma das alunas, uma diferente a cada semana. Elas coravam quando nossos olhos se cruzavam, mas retribuíam meu sorriso antes de desviar o olhar, enquanto eu prosseguia com a palestra. Eu me deliciava com as supostas razões que elas encontravam para atrasar a saída depois da aula, tropeçando umas nas outras no esforço de se aproximar de mim antes de eu reunir meus livros e ir embora. Eu sentava na beira da mesa, apoiando meu peso em uma das mãos quando me inclinava à frente para ouvir suas perguntas, e via o brilho de esperança em seus olhos diminuir quando percebiam que eu não as convidaria para sair. Elas não me interessavam. Ao contrário de você.

Na semana seguinte, lá estava você de novo com suas amigas, e quando passei por sua mesa você me olhou e sorriu; não por educação, mas com um sorriso aberto que iluminou também seus olhos. Você vestia uma blusa de alcinha azul-vivo, que deixava à mostra as alças e a borda rendada de um sutiã preto, e calça cargo de cintura baixa, cuja cintura chegava aos seus quadris. Uma pequena fatia de pele macia e bronzeada se projetava entre as duas peças, e eu me perguntei se você teria percebido e, em caso positivo, por que isso não a incomodava.

O assunto da conversa passou de tarefas referentes ao curso para relacionamentos. Com garotos, suponho, embora vocês os chamassem de homens. Suas amigas falavam em voz baixa e precisei fazer um grande esforço para escutar. Eu queria ouvir sua parte naquela ladainha de aventuras de uma só noite e de flertes inconsequentes. Mas eu a tinha julgado corretamente, e só ouvi de você muita risada e comentários bem-humorados sobre suas amigas. Você não era como elas.

Pensei em você durante toda aquela semana. Na hora do almoço andei pelo campus, na esperança de esbarrar em você. Vi uma de suas amigas, aquela alta com cabelos tingidos, e caminhei atrás dela por algum tempo, mas ela se enfiou na biblioteca e não pude segui-la até lá dentro para ver se iria ao seu encontro.

Cheguei antes da hora no dia da quarta palestra e meus esforços foram

recompensados, pois a vi sentada, sozinha, na mesma mesa em que a vira nas duas ocasiões anteriores. Você lia uma carta, e percebi que chorava. Seu rímel tinha escorrido e sujado sob seus olhos embora soubesse que você não acreditaria se eu lhe dissesse, achei-a muito mais bonita assim. Levei meu café para a sua mesa.

— Incomodo se sentar aqui?

Você enfiou a carta na bolsa.

— Não. Pode sentar.

— Acho que já nos vimos aqui antes — falei, e sentei-me à sua frente.

— É mesmo? Desculpe, não me lembro.

Fiquei irritado por você ter me esquecido tão depressa, mas você estava chateada, talvez sem conseguir raciocinar direito.

— Estou dando aulas aqui, no momento. — Desde cedo eu descobrira que fazer parte do corpo docente atraía de imediato a atenção das alunas. Eu não tinha certeza se era pela vontade de ter alguém para dar uma recomendação ou por pura comparação com os estudantes do sexo masculino mal saídos da adolescência, mas o certo é que a tática ainda não havia falhado.

— É mesmo? — Seus olhos se iluminaram. — Qual matéria?

— Estudos empresariais.

— Ah. — A centelha desapareceu de seus olhos, e não gostei de você perder tão depressa o interesse por um tema de tamanha importância. Afinal de contas, sua arte mal conseguira alimentar e vestir uma família ou revitalizar uma cidade.

— Então, o que faz quando não está dando aula? — perguntou você.

Não devia importar o que você pensava, mas de repente achei necessário impressioná-la.

— Tenho uma empresa de software — respondi. — Vendemos programas para o mundo todo. — Não mencionei Doug, cuja participação era de sessenta por cento enquanto a minha era de quarenta, e também não especifiquei que "o mundo todo" na verdade significava a Irlanda. A empresa estava em crescimento; eu não estava dizendo nada que já não falara ao gerente do banco na hora de pedir nosso último empréstimo.

— Você está no último ano, certo? — perguntei para mudar de assunto.

Você concordou com a cabeça e respondeu:

— Sim. De...

Ergui a mão.

— Não me diga, deixe-me adivinhar.

Você riu, pareceu gostar da brincadeira, e fingi refletir por um momento, deixando meus olhos passearem por seu vestido listrado de Lycra e pelo lenço que prendia seus cabelos. Você estava um pouco mais gorda naquela época, e o volume de seus seios esticava o tecido sobre o peito. Eu podia ver o contorno de seus mamilos e me perguntei se seriam rosados ou escuros.

— Você estuda arte — falei por fim.

— Isso mesmo! — Sua expressão era de espanto. — Como sabe?

— Você parece uma artista — respondi, como se isso fosse evidente.

Você não disse nada, mas seu rosto ficou vermelho e iluminou-se com um sorriso que se espalhava por ele.

— Ian Petersen. — Estendi a mão para apertar a sua e senti o frescor de sua pele contra meus dedos, por isso segurei-a por uma fração de tempo maior que o necessário.

— Jenna Gray.

— Jenna — repeti. — Não é um nome comum. É um diminutivo?

— Sim, de Jennifer. Mas sempre fui chamada de Jenna.

Você deu uma risada despreocupada. O último vestígio de suas lágrimas tinha desaparecido e com ele a vulnerabilidade que tanto me atraíra.

— Não pude deixar de reparar que você estava um pouco triste. — Apontei para a carta dentro de sua bolsa aberta. — Recebeu uma notícia ruim?

Seu rosto ficou sombrio no mesmo instante.

— Do meu pai.

Não falei nada, apenas inclinei um pouco a cabeça e esperei. As mulheres quase nunca precisam que alguém as incentive a falar de seus problemas, e você não foi exceção.

— Ele foi embora quando eu tinha quinze anos, e não o vejo desde então. No mês passado localizei seu endereço e lhe mandei uma carta, mas ele não quer saber de mim. Diz que tem uma nova família e que devemos "deixar o passado no passado".

Você desenhou aspas no ar e assumiu um ar sarcástico que não escondia sua amargura.

— Isso é terrível — comentei. — Não posso imaginar que alguém não queira vê-la.

Sua expressão logo se suavizou e você corou.

— Pior para ele — disse você, embora seus olhos estivessem baixos e úmidos de novo.

Aproximei-me um pouco mais.

— Posso lhe oferecer um café?

— Eu adoraria.

Quando voltei para a mesa, você estava com um grupo de amigos. Reconheci duas das garotas, mas havia uma terceira, além de um rapaz com piercing nas orelhas e cabelos longos. Eles tinham ocupado todas as cadeiras, e precisei pegar uma de outra mesa para poder sentar. Entreguei-lhe sua xícara, e esperei vê-la explicar aos outros que estávamos no meio de uma conversa, mas você limitou-se a agradecer o café e me apresentar seus amigos, cujos nomes logo esqueci.

Uma de suas amigas me fez uma pergunta, mas eu só tinha olhos para você, que estava envolvida em uma conversa séria com o rapaz de cabelos compridos sobre o trabalho de final de curso. Uma mecha de cabelos caiu sobre seu rosto e você enfiou-a com impaciência atrás da orelha. Você deve ter percebido meu olhar na sua direção, pois virou-se para mim. Seu sorriso foi um pedido de desculpas, e imediatamente perdoei-a pela falta de cortesia de seus amigos.

Meu café esfriou. Eu não queria ser o primeiro a sair e me tornar o assunto da conversa, mas minha palestra começaria em poucos minutos. Levantei-me e esperei que você reparasse em mim.

— Obrigada pelo café.

Eu queria perguntar se poderíamos nos ver de novo, mas como fazer isso com tantos amigos ao seu redor?

— Até a próxima semana, talvez? — perguntei, como se isso realmente não fizesse diferença para mim. Mas você já voltara a dar atenção aos amigos, e fui embora com sua risada ecoando em meus ouvidos.

Aquela risada me dissuadiu de voltar na semana seguinte, e quando nos reencontramos, quinze dias mais tarde, o alívio que vi em seu rosto provou que eu tinha agido certo ao me afastar por algum tempo. Dessa vez não pedi para sentar à sua mesa, apenas apareci com dois cafés; o seu preto e com pouco açúcar.

— Você se lembrou de como gosto do café!

Dei de ombros, como se isso fosse irrelevante, embora eu tivesse anotado esse detalhe na minha agenda no dia em que nos conhecemos, como sempre faço.

Dessa vez, tive o cuidado de perguntar mais coisas a seu respeito, e reparei que você se abria como uma folha em busca de umidade. Você me mostrou seus trabalhos de arte, e folheei as páginas de desenhos com boa técnica, mas pouca originalidade, sempre comentando que eram excepcionais. Quando seus amigos chegaram me levantei para pegar mais cadeiras, mas você disse a eles que estava ocupada e que os encontraria mais tarde. Naquele momento todas as minhas dúvidas sumiram, e fixei meus olhos nos seus até que você baixou o rosto, ruborizada e sorridente.

— Não a verei na próxima semana. Hoje é minha última palestra.

Fiquei comovido com o ar de decepção que vi em seu rosto.

Você abriu a boca para falar, mas se conteve, e eu esperei, saboreando aquele instante de expectativa. Eu mesmo poderia ter feito o convite, mas preferi que partisse de você.

— Que tal sairmos um dia desses para beber alguma coisa?

Demorei um pouco para responder, como se essa ideia não tivesse me ocorrido.

— E por que não jantar? Abriu um restaurante francês novo na cidade. Poderíamos experimentá-lo neste fim de semana, o que acha?

Sua indisfarçável alegria era cativante. Pensei em Marie, tão fria e indiferente a tudo; tão imperturbável com qualquer tipo de surpresa e entediada com a vida. Até então eu nunca pensara que isso pudesse ter relação com a idade, mas quando vi seu prazer infantil diante da perspectiva de jantar em um restaurante elegante, tive certeza de que não me enganara ao procurar alguém mais jovem. Alguém com menos vivência. Eu não a considerava totalmente ingênua, claro, mas pelo menos você ainda não se tornara uma pessoa cínica e desconfiada.

Fui buscá-la no alojamento da universidade, ignorando os olhares curiosos dos alunos que passavam por sua porta. Fiquei encantado ao vê-la sair com um elegante vestido preto e suas longas pernas enfiadas em meias pretas grossas. Quando abri a porta do carro para fazê-la entrar, você teve um sobressalto de surpresa.

— Assim eu fico mal-acostumada.

— Você está linda, Jennifer — elogiei, e você riu.

— Ninguém me chama de Jennifer.

— Isso a incomoda?

— Não, acho que não. Apenas soa estranho.

★ ★ ★

O restaurante não merecia as críticas elogiosas que eu tinha lido, mas isso não parecia incomodá-la. Você pediu batata sauté para acompanhar seu frango e eu fiz um comentário sobre a escolha.

— É raro encontrar uma mulher que não se preocupe em ganhar alguns quilos. — Sorri, para mostrar que eu não dava importância a isso.

— Não faço dieta — disse você. — A vida é curta demais.

No entanto, embora tenha comido o molho cremoso do frango, você deixou as batatas de lado. Quando o garçom nos ofereceu o cardápio de sobremesas, dispensei-o com a mão.

— Apenas café, por favor. — Percebi sua decepção, mas você não precisava daqueles doces carregados de gordura. — O que fará quando se formar? — perguntei.

Você suspirou.

— Não sei. Gostaria de abrir uma galeria algum dia, mas por enquanto preciso apenas encontrar um emprego.

— Como artista?

— Ah, se fosse fácil assim! Sou acima de tudo escultora, e tentarei vender o que faço, mas isso significará aceitar o trabalho que aparecer, seja em um bar, em um supermercado, qualquer coisa que me ajude a pagar as contas. É provável que eu acabe voltando a morar com minha mãe.

— Você se dá bem com ela?

Você franziu o nariz como uma criança.

— Para falar a verdade, não. Ela é muito ligada à minha irmã, mas nós duas nunca nos entendemos muito bem. Foi por culpa dela que meu pai foi embora sem se despedir.

Servi mais uma taça de vinho para nós dois.

— O que ela fez?

— Expulsou-o de casa. Ela me disse que sentia muito, mas que precisava viver a vida também, e que não aguentava mais continuar daquele jeito. A partir de então, recusou-se a tocar no assunto. Acho que foi a atitude mais egoísta que já vi.

Percebi a dor que havia em seus olhos e repousei minha mão sobre a sua.

— Vai responder ao seu pai?

Você sacudiu a cabeça com determinação.

— Ele deixou bem claro em sua carta que eu devo deixá-lo em paz. Não sei o que minha mãe fez, mas foi ruim o suficiente para ele não querer voltar a nos ver.

Entrelacei meus dedos nos seus e acariciei a pele macia entre seu polegar e o indicador.

— Não podemos escolher nossos pais — falei —, o que é uma pena.

— Você se relaciona bem como os seus?

— Eles já morreram. — Eu havia dito essa mentira tantas vezes que quase acreditava nela. Podia até ser verdade, mas como saber? Nunca cheguei a mandar-lhes meu endereço quando me mudei para o sul, e não acredito que tenham perdido muitas horas de sono com minha partida.

— Sinto muito.

Você apertou minha mão com os olhos cheios de compaixão.

Senti que começava a ficar excitado e baixei os olhos para a mesa.

— Foi há muito tempo.

— Temos alguma coisa em comum, então — disse você. Seu sorriso corajoso mostrava que você acreditava que me entendia. — Nós dois sentimos falta de nossos pais.

Não ficou claro se sua ambiguidade era intencional – você estava equivocada nos dois sentidos –, mas deixei-a pensar que tinha me convencido.

— Esqueça-o, Jennifer. Você não merece ser tratada assim, e está melhor sem ele.

Você fingiu concordar, mas percebi que não acreditava em mim. Não naquele momento, pelo menos.

Você esperava que eu a acompanhasse até o alojamento, mas eu não tinha vontade de passar uma hora em um dormitório de estudantes bebendo café barato em xícaras lascadas. Eu a teria levado para minha casa, mas as coisas de Marie ainda estavam lá, e eu sabia que isso a desagradaria. Além do mais, eu sentia que agora havia algo diferente. Não queria alguém para uma noite só. Queria você.

Acompanhei-a até sua porta.

— Parece que o cavalheirismo não morreu, afinal. — Você brincou.

Fiz uma pequena reverência e, quando você riu, senti uma satisfação incrível

por tê-la deixado feliz.

— Acho que eu nunca saí com um autêntico cavalheiro antes.

— Nesse caso — disse, e levei sua mão aos lábios —, devemos fazer disso um hábito.

Você corou e mordeu o lábio. Levantou um pouco o queixo, pronta para receber meu beijo.

— Durma bem — continuei. Virei-me, caminhei até o carro, e não olhei para trás. Você me desejava, isso era óbvio, mas ainda não o suficiente.

23

Ray estava espantado com a falta de emoção de Jenna Gray. Não houve um grito de indignação, uma negativa veemente, uma demonstração de remorso. Observou o rosto dela com atenção enquanto Kate efetivava a prisão, mas tudo o que viu foi uma ínfima centelha do que lhe pareceu ser alívio. Ele sentia-se estranhamente desconfortável, como se suas pernas tivessem sido separadas do corpo. Depois de mais de um ano de busca pela pessoa que matou Jacob, Jenna Gray não era em absoluto quem ele esperava encontrar.

Era uma pessoa interessante, mais do que bonita. Tinha nariz fino, embora longo, e sua pele clara era coberta de sardas que se acumulavam em alguns pontos. Seus olhos verdes ligeiramente oblíquos davam-lhe uma aparência felina, e seus cabelos castanho-escuros caíam em cascata sobre os ombros. Não usava maquiagem e, apesar da roupa larga que escondia sua silhueta, seus pulsos finos e o pescoço magro indicavam que era uma pessoa esbelta.

Jenna perguntou se poderia dispor de alguns instantes para reunir suas coisas.

— Estou com um amigo em casa e preciso lhe explicar a situação. Podemos ficar a sós por um ou dois minutos? — Sua voz era tão baixa que Ray precisou curvar-se para a frente para ouvi-la.

— Sinto muito, mas não é possível — respondeu ele. — Entraremos com a senhora.

Ela mordeu o lábio e hesitou por um instante, mas logo recuou para permitir que Ray e Kate entrassem no chalé. Havia um homem de pé na cozinha com um copo de vinho na mão. A emoção que faltava no rosto de Jenna estava presente em dose dupla no rosto do indivíduo que Ray supôs ser o namorado dela.

O lugar era tão pequeno que seria quase impossível ele não ter ouvido tudo, pensou Ray, examinando a sala abarrotada de objetos. Pedras alinhadas com cuidado acumulavam poeira em cima da lareira, diante da qual havia um tapete vermelho escuro salpicado de pequenas manchas de queimado. Uma manta cobria o sofá em um caleidoscópio de cores, supostamente na tentativa de alegrar o

ambiente, mas a luz era fraca, e o teto baixo do chalé fazia com que até Ray precisasse curvar-se para evitar a viga que separava a área de estar da cozinha. Que lugar horrível para se viver. Longe de tudo e gelado, apesar da lareira. Por que ela o teria escolhido? Talvez tivesse pensado que poderia esconder-se melhor ali do que em outro lugar.

— Este é Patrick Mathews — apresentou-o Jenna, como se estivessem em uma reunião social. Logo, porém, deu as costas para Kate e Ray, que teve a sensação de estar se intrometendo onde não devia. — Preciso acompanhar estes policiais. — Seu tom de voz era seco e neutro. — Aconteceu uma coisa terrível no ano passado e devo prestar esclarecimentos.

— O que houve? Para onde a levarão?

Ou ele não tinha ideia do que ela havia feito, ou fingia muito bem, pensou Ray.

— Para Bristol — respondeu ele, enquanto se aproximava de Patrick para entregar-lhe um cartão —, onde ela será interrogada.

— Isso não pode esperar até amanhã? Posso levá-la de carro a Swansea logo cedo.

— Desculpe, Sr. Mathews — começou Ray, com a paciência já quase no fim. Tinham levado três horas para chegar a Penfach e mais uma hora para localizar o chalé de Blaen Cedi. — Em novembro do ano passado um menino de cinco anos de idade foi atropelado e morto por um carro cujo motorista fugiu. Receio que o caso não possa esperar até amanhã.

— Mas o que isso tem a ver com Jenna?

Houve um momento de silêncio. Patrick olhou primeiro para Ray, depois para Jenna. Balançou a cabeça devagar.

— Não. Deve haver algum engano. Você nem dirige.

Ela sustentou o olhar dele.

— Não há nenhum engano.

Ray sentiu um calafrio ao perceber a frieza na voz dela. Durante um ano ele tentara imaginar que tipo de pessoa teria o sangue frio de seguir viagem sem prestar socorro a uma criança agonizante. Agora que estava cara a cara com ela, esforçava-se para manter uma atitude profissional. Sabia que isso não acontecia só com ele: seus colegas também achariam difícil lidar com essa situação, do mesmo modo como consideravam um desafio tratar com educação abusadores sexuais e

pedófilos. Olhou para Kate e percebeu que o sentimento dela era igual ao seu. Quanto mais cedo voltassem para Bristol, melhor.

— Precisamos ir — disse Ray a Jenna. — Quando chegarmos à casa de custódia, a senhora será interrogada e terá a oportunidade de nos contar o que aconteceu. Até então, não podemos falar sobre o caso. Está claro?

— Sim. — Jenna pegou uma pequena mochila que havia pendurado no espaldar de uma cadeira. Olhou para Patrick. — Você pode ficar aqui e tomar conta de Beau? Tentarei ligar quando souber o que está acontecendo.

Ele assentiu com a cabeça, mas não respondeu. Ray perguntou-se o que estaria passando por sua cabeça. O que deve pensar uma pessoa que descobre ter sido enganada por alguém que julgava conhecer?

Ray colocou as algemas nos pulsos de Jenna e confirmou que não estavam apertadas demais. Percebeu que ela não esboçava a menor reação ao que ele fazia. Reparou na cicatriz na palma de sua mão, mas ela logo cerrou o punho e ele não viu mais nada.

— O carro está longe — disse ele. — Só conseguimos chegar até o camping.

— Não é longe, a estrada acaba a oitocentos metros daqui — disse Jenna.

— Só isso? — perguntou Ray. O caminho lhe parecera mais longo enquanto ele e Kate o percorriam devagar. Ray tinha encontrado uma lanterna no porta-malas do carro, mas as baterias estavam fracas e ele precisara sacudi-la a cada poucos metros para que funcionasse.

— Telefone assim que puder — pediu Patrick, enquanto Jenna saía escoltada. — E consiga um advogado! — gritou ele em seguida, mas a noite escura engoliu suas palavras e ela não respondeu.

Eles formavam um trio estranho, seguindo aos tropeções pelo caminho que levava ao estacionamento de trailers, e Ray estava satisfeito com a cooperação de Jenna. Embora fosse magra, era tão alta quanto ele, e era evidente que conhecia o caminho muito melhor que eles. Ray estava desorientado e não sabia sequer a que distância estavam do precipício. Em alguns momentos o estrondo das ondas era tão ensurdecedor que ele quase esperava sentir respingos no rosto. Ficou aliviado quando chegaram ao destino sem contratempos, e abriu a porta traseira do Corsa à paisana para Jenna, que entrou sem dar um pio.

Kate e ele se afastaram um pouco do carro para conversar.

— Você acha que ela tem consciência da situação? — perguntou Kate. — Não

disse mais do que duas ou três palavras.

— Como saber? Talvez esteja em estado de choque.

— Imagino que tenha pensado que ficaria impune, depois de tanto tempo. Como alguém pode ser tão insensível? — Kate balançou a cabeça.

— Precisamos primeiro ouvir o que ela tem a dizer, não acha? — sugeriu Ray. — Antes de levá-la para a forca. — Após a euforia de conseguir afinal identificar o motorista, a prisão tinha parecido particularmente um anticlímax.

— Você deve saber que jovens bonitas podem ser assassinas também, não é? — brincou Kate. Mas antes que ele tivesse tempo de responder, ela tomou as chaves de sua mão e seguiu com passo firme para o carro.

⋆ ⋆ ⋆

A viagem de volta parecia interminável, com o tráfego engarrafado ao longo de toda a M4. Ray e Kate conversaram em voz baixa sobre temas banais: as fofocas do escritório; os carros novos; as ofertas de vagas publicadas no boletim interno semanal. Ray pensou que Jenna tivesse adormecido, mas quando se aproximaram de Newport ela falou.

— Como conseguiram me encontrar?

— Não foi muito difícil — disse Kate quando percebeu que Ray não responderia. — Você tem uma conta de banda larga em seu nome. Confirmamos a informação com seu senhorio para não haver dúvida de que tínhamos o endereço correto. Ele nos ajudou muito.

Ray olhou para trás para ver a reação de Jenna, mas ela apenas observava o tráfego pela janela. O único sinal de que não estava totalmente relaxada eram seus punhos cerrados sobre os joelhos.

— Deve ter sido difícil viver com o que fez — continuou Kate.

— Kate! — exclamou Ray em tom de reprimenda.

— Foi mais difícil para a mãe de Jacob, claro...

— Basta, Kate — cortou Ray. — Espere pelo interrogatório. — Seu olhar era de advertência e ela o encarou com ar desafiador. A noite seria longa.

24

Na escuridão do carro da polícia permito-me chorar. Lágrimas quentes caem nos meus punhos cerrados enquanto a detetive fala comigo sem fazer o mínimo esforço para esconder o tom de desprezo em sua voz. Sei que mereço, mas mesmo assim é difícil aguentar. Nem por um segundo parei de pensar na mãe de Jacob. Nem por um segundo deixei de lamentar sua perda, uma perda muito maior que a minha. Eu me odeio pelo que fiz.

Respiro fundo várias vezes para disfarçar meus soluços; não quero atrair ainda mais a atenção dos policiais. Imagino-os batendo na porta de Iestyn, e minhas bochechas queimam de vergonha. A notícia de que eu estava saindo com Patrick espalhou-se muito depressa pelo vilarejo: o escândalo mais recente também já deve ter chegado aos ouvidos de todos.

Nada poderia ser pior do que a expressão nos olhos de Patrick quando voltei à cozinha com os policiais. Percebi claramente que ele se sentia traído, como se isso estivesse escrito em sua testa com todas as letras. Tudo que ele acreditava saber sobre mim não passava de uma mentira, uma mentira construída para encobrir um crime imperdoável. Não posso culpá-lo pela expressão em seus olhos. Eu devia ter pensado melhor antes de me aproximar de alguém; antes de deixar alguém se aproximar de mim.

Já estamos nos arredores de Bristol. Preciso clarear minhas ideias. Os policiais me levarão para uma sala de interrogatório, imagino; dirão que posso contratar um advogado. Farão perguntas e as responderei com toda calma possível. Não vou chorar nem dar desculpas. Serei acusada, irei a julgamento, e tudo estará acabado. A justiça por fim será feita. É assim que ela funciona? Não tenho certeza. Meu conhecimento sobre a polícia vem de romances policiais e artigos de jornais; nunca pensei que um dia estaria do outro lado. Na minha imaginação vejo uma pilha de jornais com minha foto ampliada para mostrar os detalhes de meu rosto. O rosto de uma assassina.

Uma mulher foi presa por envolvimento na morte de Jacob Jordan.

Não sei se os jornais publicarão meu nome, mas mesmo que não o façam, estou certa de que darão a notícia. Levo a mão ao peito e sinto meu coração disparar. Estou com calor e transpiro como se estivesse com febre. Tudo em mim está se desfazendo.

O carro diminui a velocidade e entra no estacionamento de um austero conjunto de prédios cinzentos, separado dos blocos de escritórios apenas pelo escudo da polícia de Avon e Somerset colocado acima da entrada principal. O carro é estacionado com habilidade em um pequeno espaço entre duas viaturas policiais, e a detetive abre a porta traseira.

— Está tudo bem? — pergunta ela. Sua voz está mais suave agora, como se lamentasse as palavras duras que me dirigira mais cedo.

Inclino a cabeça em patética gratidão.

Não há espaço para abrir totalmente a porta, e tenho dificuldade para sair com os pulsos algemados. Isso me deixa ainda mais assustada e desorientada, e me pergunto qual o verdadeiro objetivo das algemas. Afinal, se eu escapasse agora, para onde iria? O pátio é rodeado de muros altos e portões elétricos que bloqueiam a saída. Quando por fim consigo ficar de pé, a detetive Evans me conduz pelo braço para longe do carro. Ela não me segura com força, mas seu gesto me oprime e sinto uma vontade quase irresistível de empurrá-la. Ela me leva até uma porta metálica, onde seu colega pressiona um botão e fala em um interfone.

— Detetive Stevens — anuncia ele. — Zero nove com uma mulher.

A pesada porta se abre com um clique e entramos em uma grande sala com paredes brancas sujas. A porta fecha-se às nossas costas com um estrondo que parece permanecer em meus ouvidos por um longo minuto. O ar está viciado, apesar do barulhento aparelho de ar-condicionado instalado no teto, e um som cadenciado vem do labirinto de corredores que partem da área central. No fundo da sala há um banco metálico cinzento aparafusado ao chão, onde está sentado um jovem de uns vinte anos que rói as unhas sem parar e cospe as lascas no chão. Veste calças esportivas azuis com a bainha desfiada, tênis, e um casaco de moletom cinza sujo com um logotipo ilegível. O mau cheiro que seu corpo exala penetra em minha garganta e viro-me antes que ele perceba em meus olhos uma mistura de medo e pena.

Não consigo. Sou lenta demais.

— Deu uma boa olhada, não foi, querida? — A voz do homem é alta e anasalada, como de um menino. Volto a olhar para ele, mas não digo nada. — Venha conferir minha mercadoria, se estiver a fim! — Ele coloca a mão entre as pernas e solta uma risada que soa incongruente naquela caixa cinzenta e triste.

— Pare com isso, Lee — grita o detetive Stevens, e o homem dá um sorriso malicioso e se joga de novo contra a parede, rindo de sua sagacidade.

A detetive Evans segura mais uma vez meu cotovelo e sinto suas unhas na minha pele enquanto me conduz até uma escrivaninha alta do outro lado da sala. Há um policial uniformizado atrás de um computador, e reparo na sua camisa branca esticada sobre uma enorme barriga. Ele acena para a detetive, mas não me concede mais do que um olhar superficial.

— Circunstâncias da detenção?

A detetive retira minhas algemas e tenho a imediata sensação de que consigo respirar melhor. Esfrego os sulcos vermelhos em meus pulsos, e a dor que sinto me provoca um prazer perverso.

— Sargento, esta é Jenna Gray. No dia 26 de novembro de 2012, Jacob Jordan foi atropelado por um carro no bairro de Fishponds. O motorista não parou. O veículo foi identificado como um Ford Fiesta vermelho, placa J634 OUP, registado em nome de Jenna Gray. Fomos hoje a Blaen Cedi, um chalé perto de Penfach, no País de Gales, onde, às 19h33, detive Gray por suspeita de homicídio por condução perigosa e por fugir do local do atropelamento.

Um assobio baixo chega do banco localizado no fundo da sala de custódia e o detetive Stevens vira-se para fuzilar Lee com um olhar de advertência.

— O que esse cara faz aqui, afinal? — pergunta Ray para ninguém em particular.

— Está à espera da imputação. Vou tirá-lo daqui agora. — Sem se virar, o sargento grita: — Sally, pode levar Roberts de volta para a cela dois, por favor?

Uma carcereira corpulenta sai do escritório contíguo ao balcão de custódia e reparo no enorme molho de chaves preso ao seu cinto. Está comendo alguma coisa, e espana com a mão as migalhas acumuladas em sua gravata. Ela conduz Lee para as entranhas do prédio e, ao deixar a sala, ele me olha com desprezo. Será assim na prisão, imagino, quando descobrirem que matei uma criança. Repulsa no rosto das outras presas; pessoas dando-me as costas quando eu passar. Então mordo o lábio inferior ao perceber que será pior, muito pior. O medo provoca

um nó em meu estômago e, pela primeira vez, me pergunto se terei forças para suportar tudo isso. Lembro a mim mesma que sobrevivi a coisas piores.

— O cinto — diz o sargento, com um saco plástico transparente na mão.

— Como? — Ele fala comigo como se eu conhecesse as regras, mas já estou perdida.

— Seu cinto. Tire. Está usando alguma joia? — Ele começa a ficar impaciente, e desafivelo o cinto depressa, tiro-o das presilhas da calça e coloco-o no saco.

— Não, não estou usando nenhuma joia.

— Aliança?

Nego com a cabeça e instintivamente apalpo a tênue marca no meu quarto dedo. A detetive Evans está revistando minha bolsa. Não há nada importante dentro dela, mas ainda assim tenho a sensação de que estou observando um assaltante revirar minha casa para roubar. Um absorvente rola sobre o balcão.

— Precisará dele? — pergunta a detetive. Ela fala com total naturalidade, e embora nem o detetive Stevens nem o agente de custódia façam qualquer comentário, sinto meu rosto arder.

— Não.

Ela joga-o no saco plástico antes de abrir minha carteira para esvaziar seu conteúdo, deixando as moedas de lado. É nesse momento que reparo no cartão azul-claro misturado a recibos e cartões de bancos. A sala parece ficar em silêncio e quase consigo ouvir as batidas do meu coração. Quando me viro para a detetive Evans, percebo que ela parou de escrever e me olha com atenção. Não quero encará-la, mas não consigo evitar. *Deixe para lá*, penso, *apenas deixe para lá*. Lenta e deliberadamente ela pega o cartão e o examina. Imagino que me fará perguntas, mas apenas o relaciona no formulário e coloca-o no saco com o resto de meus pertences. Respiro aliviada.

Tento me concentrar no que o sargento diz, mas estou perdida em uma ladainha de regras e direitos. Não, não quero avisar ninguém que estou aqui. Não, não quero advogado...

— Tem certeza? — interrompe o detetive Stevens. — Imagino que saiba que tem direito a um defensor público enquanto estiver aqui.

— Não preciso de advogado — insisto em voz baixa. — Fui eu.

Há um momento de silêncio. Os três policiais trocam olhares.

— Assine aqui — diz o sargento de custódia — e aqui, e aqui, e aqui. — Pego

a caneta e rabisco meu nome ao lado de grossas cruzes pretas. Ele olha para o detetive Stevens. — Direto para o interrogatório?

★ ★ ★

A sala de interrogatório está abafada e tem cheiro de tabaco velho, apesar do adesivo "Proibido fumar" que já começa a descolar da parede. O detetive Stevens indica com um gesto onde devo me sentar. Tento aproximar a cadeira da mesa, mas ela está aparafusada ao chão. Na superfície da mesa, alguém escreveu com caneta esferográfica uma série de palavrões. O detetive Stevens liga um botão em uma caixa preta na parede ao seu lado, e ouço um som agudo. Ele limpa a garganta.

— São 22h45 de quinta-feira, 2 de janeiro de 2014, e estamos na sala de interrogatório número três no distrito policial de Bristol. Sou o detetive Ray Stevens, matrícula 431, e comigo está a detetive Kate Evans, matrícula 3908. — Olha para mim. — Pode fornecer seu nome e data de nascimento para a gravação, por favor?

Engulo em seco e tento umedecer a boca para conseguir falar.

— Jenna Alice Gray, 28 de agosto de 1976.

Deixo-me envolver por suas palavras; a gravidade da acusação contra mim, as consequências do atropelamento seguido de fuga da família e da comunidade como um todo. Ele não diz nada que eu não saiba, e também não conseguiria acrescentar nada ao peso da culpa que já sinto.

Por fim, chega minha vez.

Falo em voz baixa, com os olhos fixos na mesa entre nós, e espero que ele não me interrompa. Quero contar tudo de uma vez só.

— O dia havia sido longo. Eu fazia uma exposição no outro lado de Bristol e estava cansada. Chovia e eu não estava conseguindo enxergar direito. — Mantenho a voz pausada e tranquila. Quero explicar como tudo aconteceu, mas sem me colocar na defensiva. Como eu poderia me defender diante do ocorrido? Pensei muitas vezes no que diria se algum dia este momento chegasse, mas agora que estou aqui as palavras parecem inconvenientes e falsas.

— Ele surgiu do nada — continuo. — Em um minuto a rua estava vazia, e de repente ele apareceu e atravessou correndo. Um menino com um gorro de lã azul e luvas vermelhas. Era tarde demais, tarde demais para fazer alguma coisa.

Agarro a borda da mesa com as duas mãos para me ancorar no presente enquanto o passado ameaça ressurgir. Ouço o chiado dos freios, sinto o cheiro acre de borracha queimada sobre o asfalto molhado. Quando bateu no para-brisa, Jacob ficou por um instante a poucos centímetros de mim. Eu poderia ter estendido o braço e tocado em seu rosto através do vidro. Mas ele girou no ar e caiu no asfalto. Só então vi sua mãe, agachada sobre o corpo inerte, buscando sentir seu pulso. Quando não o sentiu, ela gritou; um som primitivo que a deixou totalmente sem ar, e eu vi, horrorizada, através do para-brisa trincado, uma poça de sangue formar-se sob a cabeça do menino, manchando a estrada molhada até o asfalto se cobrir de vermelho sob o feixe de luz dos faróis.

— Por que não parou? Não saiu do carro? Não pediu ajuda?

Sou levada de volta para a sala de interrogatório e olho o detetive Stevens nos olhos. Eu tinha quase esquecido que ele continuava ali.

— Não pude.

25

— É claro que ela podia ter parado! — exclamou Kate, percorrendo várias vezes a curta distância entre sua mesa e a janela. — A frieza dela me provoca arrepios.

— Quer fazer o favor de se sentar? — Ray tomou seu café de um gole só e reprimiu um bocejo. — Você está me deixando ainda mais exausto. — Já passava da meia-noite quando Ray e Kate decidiram, a contragosto, suspender o interrogatório para permitir que Jenna dormisse um pouco.

Kate sentou-se.

— Por que você acha que ela contou tudo com tanta facilidade agora, depois de mais de um ano?

— Não sei — respondeu Ray, reclinando-se em sua cadeira e colocando os pés sobre a mesa de Stumpy. — Tem alguma coisa que não se encaixa muito bem nessa história.

— O quê, por exemplo?

Ray balançou a cabeça.

— É só um pressentimento. Deve ser porque estou cansado. — A porta do escritório se abriu e Stumpy entrou. — Você demorou a voltar. Como foi em Londres?

— Estressante — respondeu Stumpy. — Só Deus sabe por que alguém escolhe viver lá.

— Conseguiu trazer a mãe de Jacob para o nosso lado?

— Consegui. Ela não pretende criar nenhum fã-clube no momento, mas está conosco. Depois da morte do filho ela se sentiu muito criticada pela comunidade. Disse que já havia sido difícil ser aceita como estrangeira e que o acidente apenas ajudou a botar mais lenha na fogueira.

— Quando ela foi embora? — perguntou Kate.

— Logo após o funeral. Há uma grande comunidade polonesa em Londres, e Anya instalou-se com alguns primos em uma casa compartilhada. Lendo nas entrelinhas, acredito que haja um ponto de interrogação quanto à sua permissão

para trabalhar, o que não nos ajudou em nada na hora de encontrá-la.

— Ela ficou contente de falar com você? — Ray esticou os braços, entrelaçou os dedos e os estalou. Kate estremeceu.

— Sim — respondeu Stumpy. — Na verdade, tenho a impressão de que ficou aliviada por ter com quem falar sobre Jacob. Sabia que ela não contou para ninguém da família o que aconteceu? Disse que está muito envergonhada.

— Envergonhada? Por que diabos ela se sentiria assim? — perguntou Ray.

— É uma longa história — Stumpy começou. — Anya chegou ao Reino Unido com dezoito anos. Ela foi muito cautelosa ao falar sobre as circunstâncias de sua chegada, mas o fato é que ela acabou trabalhando informalmente como faxineira em empresas da zona industrial de Gleethorne. Envolveu-se com um dos sujeitos que trabalhavam lá e, quando menos esperava, engravidou.

— E ela não está mais com o pai da criança. — Kate adivinhou.

— Exato. Ao que parece, os pais de Anya ficaram horrorizados ao saber que ela tinha tido um filho solteira e exigiram que ela voltasse para a Polônia, onde poderiam ficar de olho nela, mas ela se recusou. Disse que queria provar que seria capaz de seguir em frente sozinha.

— E agora ela se culpa. — Ray balançou a cabeça. — Pobre garota. Quantos anos ela tem?

— Vinte e seis. Quando Jacob morreu, ela teve a sensação de que estava sendo punida por não ouvi-los.

— Que história triste. — Kate estava sentada em silêncio, com os joelhos colados no peito. — Mas ela não teve culpa; não era ela que estava dirigindo aquele maldito carro!

— Foi o que eu lhe disse, claro, mas ela se culpa o tempo inteiro pelo que aconteceu. De todo modo, falei que tínhamos um suspeito e que esperávamos incriminá-lo... isto é, supondo que vocês dois tenham feito um bom trabalho. — Olhou de lado para Kate.

— Nem tente me irritar — retrucou Kate. — Já é tarde e meu senso de humor acabou há muito tempo. Conseguimos pegar Gray, claro, mas como estava tarde, mandamos que fosse dormir até amanhã de manhã.

— Que é exatamente o que eu farei também — disse Stumpy. — Se estiver tudo bem para você, chefe. — Desfez o nó da gravata.

— Eu também vou — disse Ray. — Vamos, Kate, chega por hoje.

Voltaremos amanhã de manhã para ver se conseguimos fazer com que Gray nos diga onde está o carro.

Eles caminharam até o pátio, nos fundos do conjunto de prédios. Stumpy despediu-se com um aceno e cruzou os enormes portões metálicos ao volante de seu carro, deixando Ray e Kate sozinhos na escuridão quase total.

— Que dia longo — comentou Ray. Apesar do cansaço, ele percebeu que não tinha vontade de ir para casa.

— É verdade.

Estavam tão próximos um do outro que ele conseguia sentir o perfume de Kate. Seu coração disparou. Se a beijasse agora, não haveria como voltar atrás.

— Boa noite, então — disse Kate, sem se mexer.

Ray deu um passo para o lado e tirou as chaves do bolso.

— Boa noite, Kate. Durma bem.

Ele deu um longo suspiro quando saiu com o carro. Estivera muito perto de cruzar a linha.

Perto demais.

★ ★ ★

Eram duas da madrugada quando Ray enfiou-se na cama, e teve a impressão de que apenas poucos segundos haviam se passado quando o despertador mandou-o de volta para o trabalho. Tivera um sono agitado, sem conseguir parar de pensar em Kate, e lutou para tirá-la da cabeça durante a reunião matinal.

Às dez da manhã eles se encontraram na cantina. Ray perguntou a si mesmo se Kate teria passado a noite pensando nele, mas no mesmo instante repreendeu-se pela ideia. Estava sendo ridículo e, quanto antes a tirasse da cabeça, melhor.

— Estou velho demais para ficar acordado até tão tarde — disse ele, enquanto esperavam na fila para se servir de uma das especialidades de Moira para o café da manhã, mais conhecida como "bloqueador", graças à sua capacidade de entupir artérias. Ray tinha alguma esperança de que Kate refutasse sua afirmação, mas logo sentiu-se ridículo por pensar nisso.

— Sou grata por não fazer mais plantão — disse ela. — Lembra-se da depressão das três da madrugada?

— Como esquecer? Eu lutava para ficar acordado e desejava com todas as minhas forças que houvesse uma perseguição de carro ou algo parecido para me

animar. Não conseguiria fazer isso de novo.

Os dois levaram os pratos com bacon, salsichas, ovos, chouriço e pão frito para uma mesa vazia, onde Kate folheou um exemplar do *Bristol Post* enquanto comia.

— Os artigos brilhantes de sempre — ironizou ela. — Eleições municipais, festividades escolares, reclamações sobre cocô de cachorro. — Dobrou o jornal e deixou-o sobre a mesa, de onde a foto de Jacob na primeira página olhava para eles.

— Conseguiu arrancar mais alguma coisa de Gray esta manhã? — perguntou Ray.

— Ela repetiu o depoimento de ontem. Pelo menos é coerente. Mas não respondeu as perguntas sobre a localização atual do carro e o motivo para não ter parado naquela noite.

— Bem, felizmente nosso trabalho é descobrir *o que* aconteceu, e não *por que* aconteceu. — Ray lembrou-a. — Temos o suficiente para acusá-la. Entre em contato com a Procuradoria-Geral e veja se eles tomarão uma decisão ainda hoje.

Kate parecia intrigada.

— O que houve?

— Quando você disse ontem que alguma coisa não se encaixava... — Ela interrompeu a frase.

— Sim? — perguntou Ray.

— Tenho a mesma sensação. — Kate tomou um gole de chá e repousou com cuidado a xícara sobre a mesa sem desgrudar os olhos dela, como se ali dentro pudesse encontrar a solução.

— Acha que ela pode ter inventado essa história?

Isso acontecia de vez em quando, ainda mais em casos muito divulgados, como aquele. Aparecia uma pessoa que confessava um crime e, no meio do interrogatório, a polícia descobria que era impossível ela ter cometido o delito. Ela omitia algum fato essencial, algo deliberadamente ocultado da imprensa, e sua história desmoronava.

— Não, inventado acredito que não. O carro é dela, afinal de contas, e seu relato coincide com o de Anya Jordan em quase todos os detalhes. Acontece que... — Ela recostou-se na cadeira e olhou para Ray. — Lembra que, durante o interrogatório, ela descreveu o ponto exato do impacto?

Ray fez um sinal com a cabeça para que ela prosseguisse.

— Ela deu muitos detalhes sobre a aparência de Jacob. O que ele vestia no momento, a mochila que carregava...

— Porque tem boa memória. E também porque ninguém consegue esquecer um fato desses, eu imagino. — Ray estava fazendo o papel de advogado do diabo; antecipando o que o superintendente diria, o que a chefe diria. Por dentro, ele tinha a mesma sensação estranha que o havia incomodado no dia anterior. Jenna Gray escondia alguma coisa.

— Pelas marcas dos pneus, sabemos que o carro não diminuiu a velocidade — continuou Kate —, e a própria Gray disse que Jacob apareceu "do nada". — Desenhou aspas no ar. — Então, se tudo aconteceu tão depressa, como ela conseguiu ver tantos detalhes? E se não foi tudo tão rápido, e ela teve tempo para vê-lo e reparar na sua roupa e na mochila, como ainda assim o atingiu?

Ray ficou em silêncio por um momento. Os olhos de Kate brilhavam, apesar das poucas horas de sono, e ele reconheceu a expressão determinada de seu rosto.

— O que está insinuando?

— Não quero acusá-la ainda.

Ele balançou a cabeça devagar. Liberar uma pessoa suspeita depois de uma confissão completa: a chefe subiria pelas paredes.

— Quero encontrar o carro.

— Isso não fará diferença — observou Ray. — O máximo que conseguiremos será o DNA de Jacob no capô e as impressões digitais de Gray no volante. Isso não nos revelará nada que já não saibamos. Estou mais interessado em encontrar seu celular. Ela afirma que o jogou fora quando saiu de Bristol porque não queria contato com ninguém, mas e se ela o descartou porque era uma prova? Quero saber para quem ela telefonou imediatamente antes e depois do acidente.

— Então a liberamos mediante pagamento de fiança — concluiu Kate, dirigindo a Ray um olhar questionador.

Ele titubeou. Incriminar Jenna seria o caminho mais fácil. Aplausos na reunião matinal; tapinhas nas costas por parte da chefe. Mas seria possível acusá-la mesmo sabendo que poderia haver algo mais? As evidências apontavam para um lado; seu instinto, para outro.

Ray pensou em Annabelle Snowden, viva no apartamento do pai, mesmo enquanto ele pedia à polícia que encontrasse o sequestrador. Seu instinto estava certo, mas ele o ignorou.

Se liberassem Jenna por algumas semanas, poderiam analisar a situação com mais clareza e ter certeza de que nenhum detalhe seria ignorado quando chegasse a hora de levá-la ao tribunal.

Ele fez um sinal com a cabeça para Kate.

— Pode liberá-la.

26

Esperei quase uma semana para voltar a lhe telefonar depois daquele primeiro encontro, e percebi insegurança em sua voz quando você atendeu a ligação. Você se questionava se havia interpretado mal os sinais, não é verdade? Se havia dito alguma coisa que não devia, ou escolhido o vestido errado...

— Está livre hoje? — perguntei. — Adoraria encontrá-la de novo. — Enquanto falava, dei-me conta de como estava ansioso por vê-la. Tinha sido surpreendentemente difícil esperar uma semana para voltar a falar com você.

— Seria ótimo, mas já tenho compromisso. — Havia pesar em sua voz, mas há anos eu conhecia essa tática. As artimanhas que as mulheres utilizam no início de um relacionamento são variadas, mas em geral muito evidentes. Você tinha, sem dúvida, dissecado nosso encontro com suas amigas, que devem ter dado todo tipo de conselho, como lavadeiras que não têm nada melhor a fazer do que se meter na vida alheia.

Não se mostre muito interessada.

Faça jogo duro.

Quando ele ligar, finja que está ocupada.

Era cansativo e infantil.

— Que pena — limitei-me a dizer. — Consegui dois ingressos para o show do Pulp esta noite e imaginei que você gostaria de assistir.

Pela sua hesitação, pensei que a tivesse convencido, mas você se manteve firme.

— Não posso mesmo, sinto muito. Prometi acompanhar Sarah ao Ice Bar. Ela terminou o namoro há pouco tempo e não quero deixá-la sozinha.

Achei a desculpa convincente, mas ainda assim fiquei em dúvida se você não teria preparado a mentira com antecedência. Deixei que o silêncio se instalasse entre nós.

— Estou livre amanhã de noite — disse você, com uma inflexão que transformava a afirmação em pergunta.

— Desculpe, mas já tenho programa para amanhã. Outra hora, talvez. Divirta-se esta noite. — Desliguei e continuei sentado ao lado do telefone por um bom tempo. Senti um músculo tremer no canto do olho e esfreguei-o com raiva. Eu não esperava que você usasse artimanhas, e fiquei desapontado por você ter julgado isso necessário.

Não consegui me acalmar pelo resto do dia. Limpei a casa, recolhi os pertences de Marie espalhados por todos os cômodos e amontoei-os em um só quarto. Havia muito mais coisas do que eu imaginava, mas não pretendia devolvê-las. Enfiei tudo em uma mala que depois jogaria no lixo.

Às sete da noite bebi uma cerveja, e depois outra. Sentei-me no sofá com os pés sobre a mesa de centro, diante da televisão que transmitia um programa de auditório ridículo, e pensei em você. Considerei a possibilidade de ligar para o seu alojamento para deixar um recado e fingir surpresa ao saber que você estava lá. No entanto, quando terminei minha terceira cerveja eu já havia mudado de ideia.

Peguei o carro, fui até o Ice Bar e encontrei um lugar para estacionar não muito longe da entrada. Fiquei sentado ao volante por algum tempo, observando as pessoas que entravam no bar. As garotas usavam saias curtíssimas, mas meu interesse não passava de mera curiosidade. Eu só pensava em você. Estava perturbado pelo modo como já naquela época você dominava meus pensamentos, e como de repente parecia importante eu saber se havia me contado a verdade. Eu tinha ido lá para lhe dar um flagrante: entraria no bar lotado e não a encontraria, porque você estava em seu quarto, sentada na cama com uma garrafa de vinho barato e um filme de Meg Ryan. Percebi, porém, que não era isso que eu queria: queria vê-la chegar ao bar, pronta para passar a noite com a amiga infeliz e abandonada pelo namorado. Queria estar equivocado. Era uma sensação tão inusitada que quase ri.

Saí do carro e entrei no bar. Comprei duas cervejas e tentei abrir caminho no salão lotado. Alguém esbarrou em mim e a cerveja respingou em meus sapatos, mas eu estava concentrado demais em encontrá-la para exigir um pedido de desculpas.

E então a vi. Você estava de pé nos fundos do bar e agitava em vão uma nota de dez libras para os garçons, que tentavam como podiam atender aos clientes que formavam uma fila quádrupla. Você me viu e por um segundo seu olhar me pareceu perdido, como se não me reconhecesse, mas logo sorriu, embora fosse

um sorriso mais contido do que o da última vez que a vi.

— O que está fazendo aqui? — perguntou você, quando consegui me aproximar. — Pensei que estivesse no show do Pulp. — Você parecia cautelosa. As mulheres fingem gostar de surpresas, mas na verdade preferem saber das coisas com antecedência para poder se preparar.

— Dei os ingressos para um colega de trabalho. Não tive vontade de ir sozinho.

Você parecia constrangida por ser a causa da minha mudança de planos.

— E como você veio parar aqui? Já esteve neste bar antes?

— Encontrei um amigo por acaso. — Menti e mostrei as duas cervejas que eu tivera a precaução de comprar. — Fui até o bar e agora não consigo encontrá-lo. Imagino que ele tenha se dado bem!

Você riu. Eu lhe ofereci uma das cervejas.

— Não podemos deixá-la ir para o lixo, não acha?

— Preciso mesmo voltar agora, me desculpe. Sou eu que devo pagar esta rodada, isto é, se conseguir ser atendida. Sarah está guardando uma mesa ali adiante. — Você olhou para o canto da sala, onde uma jovem alta com cabelos tingidos estava sentada em uma mesa pequena, conversando com um sujeito de uns vinte e poucos anos. Enquanto os observávamos, ele inclinou-se e a beijou.

— Ela está com quem? — perguntei.

Você refletiu e balançou a cabeça devagar.

— Não tenho a menor ideia.

— Nesse caso, parece que ela superou bem a separação do ex-namorado — acrescentei. Você riu.

— Então... — Ofereci-lhe de novo a cerveja. Você sorriu e aceitou, brindando com a minha antes de tomar um gole para depois, ao baixar a garrafa, lamber o lábio inferior. Foi um gesto intencional e provocativo, que me deixou excitado. Você sustentou meu olhar com expressão desafiadora enquanto bebia outro gole.

— Vamos para minha casa — sugeri de repente. Sarah tinha desaparecido, sem dúvida com o novo namorado. Perguntei-me se ele não se importava que ela fosse tão fácil.

Você hesitou por um segundo, ainda olhando para mim, mas logo encolheu de leve os ombros e deslizou sua mão na minha. O bar estava lotado, e abri caminho

aos empurrões, apertando sua mão para não perder você. Seu entusiasmo em me acompanhar me deixou tão animado quanto aflito: eu não conseguia parar de pensar em quantas vezes você havia feito o mesmo, e com quem.

Saímos em disparada da sauna em que se transformara o Ice Bar e você tremeu com o impacto do frio.

— Não trouxe um casaco?

Você negou com a cabeça e eu tirei minha jaqueta para colocá-la em seus ombros enquanto caminhávamos até o carro. Você me deu um sorriso de agradecimento e isso me reconfortou.

— Está em condições de dirigir?

— Estou bem — limitei-me a dizer. Seguimos em silêncio durante algum tempo. Sua saia tinha subido quando você entrou no carro, e coloquei minha mão esquerda logo acima do seu joelho, roçando com os dedos o interior de sua coxa. Você moveu a perna: um pouco apenas, mas o suficiente para minha mão tocar seu joelho e não sua coxa.

— Você está linda hoje.

— Acha mesmo? Obrigada.

Retirei a mão para trocar de marcha. Quando voltei a colocá-la sobre sua perna, deslizei-a alguns centímetros para cima, e acariciei com delicadeza sua pele. Dessa vez você não se mexeu.

⋆ ⋆ ⋆

Já na minha casa, você circulou pela sala de estar e examinou todos os objetos, um a um. Foi desconcertante, e preparei o café mais rápido que pude. O ritual não tinha sentido: nenhum de nós queria café, embora você tenha dito que sim. Repousei as xícaras sobre a mesa de tampo de vidro e você sentou-se ao meu lado no sofá, olhando-me de lado. Coloquei seus cabelos atrás das orelhas e segurei seu rosto por um instante antes de beijá-la. Sua reação foi imediata, sua língua explorou minha boca e suas mãos acariciaram minhas costas e meus ombros. Empurrei-a com delicadeza para trás, sem parar de beijá-la, até deitar em cima de você. Senti que suas pernas se enroscavam nas minhas: era ótimo estar com uma pessoa tão ávida, com reações tão imediatas. Marie tinha tão pouco entusiasmo que, às vezes, era como se estivesse totalmente ausente, seu corpo movendo-se como um autômato, mas a mente em outro lugar.

Deslizei minha mão por sua perna e senti a carne macia da parte interna de sua coxa. Ao subi-la, meus dedos roçaram rendas, e então você afastou bruscamente sua boca da minha, e contorceu-se no sofá para afastar-se da minha mão.

— Vá com calma — pediu você, mas seu sorriso indicava que não era isso que queria dizer.

— Não posso. Você é linda demais e não consigo me conter.

Um rubor espalhou-se por seu rosto. Apoiei-me em um braço e com o outro levantei sua saia até a cintura. Lentamente, passei um dedo sob o elástico de sua calcinha.

— Eu não...

— Não diga nada — pedi, beijando-a. — Não estrague este momento. Você é a coisa mais preciosa que existe, Jennifer, e me deixa muito excitado.

Você retribuiu meu beijo e parou de fingir. Era óbvio que desejava aquilo tanto quanto eu.

27

O trem leva quase duas horas de Bristol até Swansea, e embora eu esteja louca para ver o mar, sinto-me contente de poder ficar sozinha e ter tempo para refletir. Não dormi nada durante a detenção e minha cabeça funcionou sem parar enquanto eu esperava o dia amanhecer. Receava que, se fechasse os olhos, os pesadelos voltariam. Foi por isso que fiquei acordada, sentada no fino colchão de plástico e ouvindo gritos e batidas de um lado e de outro do corredor. Hoje de manhã a carcereira me ofereceu um banho e indicou uma cabine de concreto em um canto da ala feminina. Os azulejos estavam molhados e um chumaço de cabelo cobria o ralo como uma aranha escarrapachada. Recusei a oferta, e o fedor rançoso da sala de detenção continua impregnado em minha roupa.

Fui interrogada mais uma vez pela detetive e pelo homem mais velho. Os dois se irritaram com meu silêncio, mas recusei-me a fornecer mais detalhes.

— Eu o matei — repeti. — Isto não basta?

Eles acabaram desistindo e me mandaram sentar no banco metálico junto à escrivaninha da sala de custódia enquanto falavam em voz baixa com o sargento.

— Vamos liberá-la sob fiança — disse por fim o detetive Stevens. Olhei-o com ar de espanto e ele então me explicou o que significava aquilo. Eu não esperava que me soltassem, e me senti culpada pelo alívio que me provocou a notícia de que teria mais algumas semanas de liberdade.

As duas mulheres sentadas do outro lado do corredor desembarcam em Cardiff, carregadas de bolsas de compras e casacos que por pouco não esquecem no trem. Elas deixam para trás um exemplar do *Bristol Post* de hoje, e estendo o braço para pegá-lo, ainda em dúvida se quero mesmo lê-lo.

Está na primeira página: *Presa a motorista que atropelou menino e fugiu*.

Minha respiração acelera enquanto percorro o artigo à procura do meu nome, e deixo escapar um suspiro de alívio quando vejo que não o publicaram.

Uma mulher de cerca de trinta anos foi presa pela morte de Jacob Jordan, de cinco anos de idade, falecido em novembro de 2012, em consequência de atropelamento seguido de fuga

em Fishponds. A mulher foi liberada sob fiança e deverá apresentar-se na delegacia central de Bristol no próximo mês.

Imagino o jornal em todas as casas de Bristol: famílias sacudindo a cabeça e abraçando seus filhos. Releio o artigo para confirmar que não deixei escapar nada que possa revelar meu endereço, e então dobro-o com cuidado para que o artigo não fique à mostra.

Na estação rodoviária de Swansea, procuro uma lixeira e enfio o jornal embaixo de latas de Coca-Cola e embalagens usadas de comida. A tinta da impressão manchou minhas mãos e tento tirá-la esfregando uma na outra, mas meus dedos continuam pretos.

O ônibus para Penfach está atrasado, e quando por fim chego ao meu destino já começa a escurecer. A loja que funciona no mesmo espaço do Correio ainda está aberta, e pego uma cesta para comprar alguns mantimentos. O estabelecimento tem dois balcões, um em cada extremidade, e ambos são atendidos por Nerys Maddock, que conta com a ajuda da filha de dezesseis anos depois da escola. Não é possível comprar envelopes no balcão do supermercado, assim como não se pode comprar uma lata de atum e um pacote de maçãs no balcão do Correio, por isso é preciso esperar que Nerys feche a caixa registradora de um lado e atravesse a loja para atender no outro. Hoje é a filha quem está no balcão do supermercado. Encho a cesta com ovos, leite e frutas, pego um saco de ração para cachorro e coloco as compras sobre o balcão. Sorrio para a menina, que sempre foi muito simpática comigo, e ela levanta os olhos da revista que está lendo, mas não diz nada. Olha-me por um instante e logo volta à sua leitura.

— Olá? — digo. Meu desconforto é cada vez maior e transforma minha saudação em pergunta.

A sineta acima da porta soa e entra na loja uma mulher idosa, que reconheço. A menina levanta-se e grita alguma coisa em galês para alguém no cômodo ao lado, e poucos segundos depois Nerys aparece ao seu lado, atrás da caixa registradora.

— Olá, Nerys, vou levar estas compras, por favor — digo. O rosto de Nerys está tão impassível quanto o da filha, e eu me pergunto se teriam discutido. Ela não me dá atenção e dirige-se à mulher atrás de mim.

— *Alla i eich helpu chi?*

As duas começam a conversar. As palavras em galês me soam

incompreensíveis, como sempre, mas os olhares ocasionais na minha direção e o desprezo no olhar de Nerys deixam muito claro o assunto da conversa. Elas falam de mim.

A mulher passa à minha frente, estende o braço para entregar o dinheiro do jornal e Nerys registra a venda. Pega então a cesta com minhas compras, coloca-a no chão, atrás do balcão, e desaparece.

Meu rosto está em brasa. Guardo de novo a carteira na bolsa e dou meia-volta, tão desesperada para sair da loja que esbarro em uma gôndola e vários pacotes de mistura para molho rolam pelo chão. Ouço um estalo de língua de contrariedade antes de abrir a porta com violência. Caminho depressa pelo vilarejo, sem olhar para os lados para evitar novas confrontações e, quando por fim chego ao camping, estou chorando de forma incontrolável. A persiana da loja está erguida, o que significa que Bethan deve estar lá, mas não me atrevo a entrar. Sigo pelo caminho que leva ao chalé e só então me dou conta de que o carro de Patrick não estava no estacionamento do camping. Não sei por que eu esperava que estivesse. Não telefonei para ele da delegacia de polícia, então ele não teria como saber que eu estava de volta, mas sua ausência me deixa apreensiva. Não sei se ele ficou no chalé ou se foi embora assim que a polícia me levou. Talvez não queira mais nada comigo. Consolo-me ao pensar que, mesmo que tenha decidido se afastar de mim, ele não abandonaria Beau.

Já estou com a chave na mão quando percebo que os traços vermelhos na porta não são uma ilusão de ótica provocada pelo sol que se põe, mas manchas de tinta, feitas grosseiramente com um tufo de grama que agora vejo aos meus pés. As palavras foram escritas às pressas; pingos de tinta cobrem a soleira de pedra.

VÁ EMBORA.

Olho ao redor, talvez na expectativa de descobrir que alguém me observa, mas o crepúsculo está chegando e não consigo enxergar nada poucos metros adiante. Estremeço, me atrapalho com a chave, impaciente com a fechadura temperamental e, frustrada, chuto a porta com força. Uma lasca de tinta seca se desprende e me descontrolo, liberando minha emoção reprimida em um súbito acesso de fúria irracional. Isso não faz a fechadura funcionar, claro, e por fim paro e apoio a testa na porta de madeira para me acalmar antes de tentar abri-la mais uma vez.

O chalé está frio e inóspito, como se tivesse se unido ao vilarejo no desejo de

me querer longe dali. Não preciso chamar Beau para saber que ele não está, e quando entro na cozinha para verificar se o aquecedor está ligado, vejo um bilhete em cima da mesa.

Beau está no canil da clínica. Mande mensagem quando estiver de volta.
P.

Isso me basta para saber que está tudo acabado. Meus olhos enchem-se de lágrimas e aperto as pálpebras com força para contê-las. Lembro a mim mesma que escolhi este caminho e que agora preciso trilhá-lo.

Com a mesma concisão de Patrick, envio-lhe uma mensagem de uma linha e ele responde dizendo que trará Beau depois do trabalho. Uma parte de mim esperava que ele mandasse alguém, e fico ao mesmo tempo ansiosa e apreensiva com a expectativa de vê-lo.

Tenho duas horas até a chegada dele. Já está escuro lá fora, mas não quero ficar em casa. Volto a vestir o casaco e saio.

A praia é um lugar curioso de ser visitado à noite. Não há ninguém no alto do rochedo. Aproximo-me do mar para sentir a água, e a ponta de minhas botas desaparece por alguns segundos a cada onda que chega. Dou um passo à frente e a água lambe a bainha da minha calça. Sinto a umidade subir por minhas pernas.

E então sigo adiante.

Em Penfach, o fundo de areia tem uma inclinação suave e gradual até uma centena de metros mar adentro, depois a profundidade despenca. Contemplo o horizonte e coloco um pé na frente do outro, sentindo que minhas botas afundam na areia. A água passa dos meus joelhos e salpica minhas mãos, e isso me traz à lembrança a época em que eu brincava no mar com Eve, saltando sobre as cristas de espuma das ondas com nossos baldes cheios de algas. A água está gelada e quase perco o fôlego quando ela chega às minhas coxas, mas ainda assim avanço. Já não penso; apenas caminho mar adentro. Ouço um rugido que parece vir do mar, mas não sei se é uma advertência ou um chamado. Está mais difícil avançar agora: as ondas chegam ao meu peito e preciso lutar contra o peso da água. De repente caio, piso no vazio e afundo. Digo a mim mesma que não devo nadar, mas ignoro essa voz interna e meus braços se agitam por vontade própria. Então penso em

Patrick, forçado a sair em busca do meu corpo até que a maré o devolva, destroçado pelas rochas e comido pelos peixes.

Como se eu acabasse de receber uma bofetada, sacudo violentamente a cabeça e consigo respirar. Não posso fazer isso. Não posso passar a vida inteira fugindo dos erros que cometi. Em meio ao meu pânico, perco de vista a costa e giro em círculos, até que as nuvens se movimentam e a lua volta a iluminar os penhascos. Começo a nadar. A corrente me levou para muito longe, e embora eu movimente os pés desesperada em busca de apoio, nada sinto além da água gelada. Uma onda me atinge, me engasgo com a golfada de água salgada que engulo, e vomito enquanto tento respirar mesmo quase sufocada pela tosse. Minhas roupas molhadas afundam na água, e não consigo me livrar das botas que pesam demais e me puxam para baixo.

Meus braços doem e sinto uma pressão no peito, mas ainda raciocino com clareza e prendo a respiração para mergulhar, concentrada em vencer as ondas com movimentos ritmados das mãos. Quando ergo a cabeça para respirar de novo, imagino que estou um pouco mais perto da costa, e repito os movimentos uma vez, outra vez e muitas vezes mais. Estendo a perna para baixo e toco em alguma coisa com a ponta da bota. Dou mais algumas braçadas, estendo a perna de novo, e dessa vez piso em terra firme. Nado, corro e rastejo para sair do mar; tenho água salgada nos pulmões, nos ouvidos e nos olhos, e quando chego à areia seca me apoio nas mãos e nos joelhos e tento recuperar o fôlego antes de me levantar. Tremo sem conseguir me controlar, tanto pelo frio quanto pela percepção de que sou capaz de algo tão imperdoável.

Quando chego ao chalé, tiro minhas roupas e deixo-as no chão da cozinha. Visto outras, secas e quentes, e logo desço para acender o fogo. Não percebo a aproximação de Patrick, mas ouço o latido de Beau, e abro a porta antes mesmo de Patrick bater. Agacho-me para afagar Beau e também para esconder minha insegurança ao rever Patrick.

— Quer entrar? — pergunto, quando por fim me levanto.

— Preciso voltar logo.

— Só um minuto. Por favor.

Ele hesita, mas entra e fecha a porta. Não faz menção de sentar-se, e ficamos de pé por um instante, Beau no chão entre nós. Por cima do meu ombro, Patrick olha para a cozinha, onde uma poça de água se formou sob minhas roupas

encharcadas. Uma expressão de dúvida passa por seu rosto, mas ele não diz nada, e nesse momento percebo que quaisquer sentimentos que pudesse ter tido por mim, não existem mais. Não lhe interessa saber por que minhas roupas estão encharcadas, ou por que até o casaco que ele me deu está pingando. A única coisa que lhe interessa é o terrível segredo que escondi dele.

— Desculpe. — É uma palavra inadequada, porém sincera.

— Pelo quê? — Ele não vai facilitar as coisas para mim.

— Por eu ter mentindo para você. Devia ter lhe contado que eu tinha... — Não consigo terminar a frase, mas Patrick se adianta.

— Matado alguém?

Fecho os olhos. Quando volto a abri-los, Patrick está de saída.

— Eu não sabia como lhe contar — digo, atropelando as palavras na minha pressa para falar. — Tive medo do que você poderia pensar.

Ele balança a cabeça, como se não soubesse o que fazer comigo.

— Diga-me uma coisa: você fugiu mesmo e abandonou o menino? Até posso entender o acidente, mas fugir com o carro sem parar para ajudar? — Seus olhos procuram nos meus uma resposta que não posso dar.

— Sim — confirmo. — Sim, foi o que fiz.

Ele abre a porta com tanta força que sou obrigada a recuar, e então desaparece.

28

Você passou a noite comigo, naquela primeira vez. Coloquei o edredom sobre nós e deitei-me ao seu lado para vê-la dormir. Seu rosto estava calmo e sereno; apenas minúsculos movimentos eram visíveis sob a pele translúcida de suas pálpebras. Enquanto você dormia, eu não precisava fingir nem ter cuidado para não deixá-la perceber que eu estava cada vez mais apaixonado. Eu podia sentir o perfume de seus cabelos, beijar seus lábios, sentir sua respiração suave contra a minha. Enquanto dormia, você era perfeita.

Você sorriu antes mesmo de abrir os olhos. Abraçou-me espontaneamente, deitei de costas e deixei que você fizesse amor comigo. Pela primeira vez, eu estava feliz por ter alguém na minha cama ao acordar, e tive certeza de que não queria que você partisse. Se não fosse um absurdo, eu teria dito ali mesmo que a amava. Em vez disso, preparei o café da manhã, depois levei-a de volta para a cama porque queria mostrar-lhe o quanto eu a desejava.

Fiquei feliz quando você propôs que voltássemos a nos encontrar. Isso significava que eu não precisaria passar outra semana sozinho, à espera do momento certo para lhe telefonar. Assim, eu a deixava acreditar que era você quem dava as cartas, e saímos de novo naquela noite, e mais uma vez duas noites depois. Não demorou muito para você passar a vir todas as noites.

— Que tal deixar algumas coisas suas aqui? — sugeri um dia.

Você demonstrou surpresa, e percebi que eu estava quebrando as regras: não é o homem que acelera o ritmo de uma relação. Mas quando eu voltava do trabalho, dia após dia, uma caneca emborcada no escorredor de louça era o único indício de que você estivera ali, e a inconstância de sua presença me angustiava. Não havia motivo para você voltar; nada que a mantivesse em minha casa.

Naquela noite você chegou com uma sacola: colocou uma escova de dentes nova no copo do banheiro e roupa de baixo limpa na gaveta que eu tinha esvaziado para você. De manhã eu lhe servi chá na cama e beijei-a antes de sair para o trabalho, e senti o sabor de seu beijo nos lábios enquanto dirigia até o

escritório. Liguei para casa assim que cheguei à minha mesa, e pela sua voz pastosa eu poderia jurar que você tinha voltado a dormir.

— O que houve? — perguntou você.

Como eu poderia confessar que só queria ouvir de novo sua voz?

— Poderia arrumar a cama hoje? — perguntei. — Você nunca faz isso.

Você riu, e eu desejei não ter ligado. Quando voltei para casa, subi direto, sem sequer tirar os sapatos. Mas estava tudo bem: sua escova de dentes continuava lá.

Arrumei espaço no guarda-roupa e, aos poucos, você trouxe mais coisas.

— Não dormirei aqui esta noite — disse você um dia, enquanto eu me sentava na cama para colocar a gravata. Você estava do outro lado da cama tomando seu chá, despenteada e com a maquiagem da véspera ainda ao redor dos olhos. — Vou sair com colegas do curso.

Não fiz nenhum comentário; estava concentrado em dar um nó perfeito na minha gravata azul-marinho.

— Você não se importa, não é?

Virei-me.

— Você sabe que hoje faz exatamente três meses que nos conhecemos no bar do diretório estudantil?

— É mesmo?

— Reservei uma mesa no Le Petit Rouge para esta noite. É o restaurante onde a levei no nosso primeiro encontro. — Levantei-me e vesti o casaco. — Eu devia ter lhe falado antes, pois não há motivo para você se lembrar de algo tão bobo quanto aquele dia.

— Claro que me lembro! — Você largou o chá, empurrou o edredom para um lado e atravessou a cama para se ajoelhar perto de mim. Você estava nua, e quando me abraçou senti o calor de seus seios sobre minha camisa. — Lembro-me de tudo daquele dia: de como você foi gentil comigo e de como eu queria voltar a vê-lo.

— Tenho uma coisa para você — falei de repente. Eu esperava que ainda estivesse na gaveta da mesa de cabeceira. Procurei com a mão e descobri o que queria bem no fundo, embaixo de uma caixa de preservativos. — Encontrei.

— É o que eu estou pensando? — Você sorriu, e eu balancei a chave no ar. Percebi que tinha me esquecido de tirar o chaveiro de Marie, e o coração de prata girou sob a luz.

— Você vem aqui todos os dias. É bom que tenha uma chave.

— Obrigada. Isto significa muito para mim.

— Preciso ir para o escritório agora. Divirta-se esta noite. — Dei-lhe um beijo.

— Não, decidi cancelar. Você teve tanto trabalho. Eu adoraria sair para jantar. E agora, que tenho isto — disse, erguendo a chave —, estarei aqui quando você voltar.

Minha dor de cabeça começou a diminuir no caminho para o trabalho, mas só sumiu por completo depois que liguei para o Le Petit Rouge e reservei uma mesa para aquela noite.

⋆ ⋆ ⋆

Você cumpriu sua palavra, e quando cheguei em casa encontrei-a à minha espera com um vestido que desenhava suas curvas de maneira provocante e deixava à mostra suas longas pernas bronzeadas.

— Como estou? — Você deu um giro e sorriu para mim, com uma das mãos no quadril.

— Encantadora.

A frieza da minha voz era evidente, e sua pose desmoronou. Seus ombros se curvaram um pouco e você alisou com a mão a frente do vestido.

— Acha apertado demais?

— Você está ótima — respondi. — Que outra roupa trouxe para cá?

— Está apertado demais, não é? Só tenho aqui o jeans que usei ontem e uma blusa limpa.

— Perfeito — exclamei, e aproximei-me para beijá-la. — Pernas como as suas ficam muito melhor em calças, e acho você fantástica com aquele jeans. Corra para se trocar porque ainda vamos tomar um drinque antes do jantar.

⋆ ⋆ ⋆

Eu receava que pudesse ter cometido um erro ao dar-lhe uma cópia da chave, mas você parecia gostar das atividades de casa. Quase todos os dias, quando eu voltava do trabalho, sentia o cheiro gostoso de um bolo recém-saído do forno ou de um frango assado e, embora seus pratos fossem básicos, você gostava de

aprender. Quando preparava algo intragável eu não comia, e logo você refazia o prato e se esforçava para acertar. Um dia encontrei-a lendo um livro de receitas, com caneta e papel ao lado.

— O que é molho *roux*? — perguntou você.

— Como posso saber? — Meu dia havia sido difícil, e eu estava cansado.

Você não pareceu perceber.

— Estou fazendo uma lasanha. Autêntica, sem nenhum produto industrializado. Tenho todos os ingredientes, mas é como se a receita estivesse em outro idioma.

Olhei para os produtos espalhados na bancada: pimentões vermelhos reluzentes, tomates, cenouras e carne moída crua. Os legumes estavam nos sacos de papel pardo da mercearia, e até a carne parecia ter sido comprada no açougue, não no supermercado. Você deve ter passado a tarde inteira nos preparativos.

Não sei o que me levou a estragar seu prazer. Tinha algo a ver com o orgulho que vi em seu rosto, ou talvez com o fato de você parecer tão à vontade, tão segura. Segura demais.

— Para falar a verdade, não estou com tanta fome assim.

Seu rosto ficou sombrio e no mesmo instante me senti melhor, como se eu tivesse arrancado um curativo, ou coçado a crosta de uma ferida que me incomodava.

— Sinto muito. Você teve muito trabalho?

— Não se preocupe — respondeu você, mas era evidente que estava chateada. Fechou o livro. — Farei em outra ocasião.

Eu esperava que você não passasse a noite toda de mau humor e, de fato, ele logo sumiu e você abriu uma garrafa daquele vinho barato de que tanto gostava. Servi-me de um dedo de uísque e sentei na sua frente.

— Mal consigo acreditar que acabo meu curso no próximo mês — disse você. — O tempo voou.

— Já pensou no que fará depois?

Você franziu o nariz.

— Na verdade não. Pretendo descansar no verão, talvez viajar.

Era a primeira vez que eu a ouvia falar em viajar e me perguntei quem teria colocado essa ideia na sua cabeça, com quem você planejava ir.

— Podíamos viajar para a Itália — sugeri. — Eu gostaria de levá-la a Veneza.

Você adoraria a arquitetura da cidade, e há galerias de arte incríveis.

— Seria fantástico. Sarah e Izzy passarão um mês na Índia, e eu poderia acompanhá-las durante duas semanas, ou talvez percorrer de trem uma parte da Europa. — Você riu. — Ah, não sei. Quero fazer tudo, esse é o problema!

— Talvez você devesse esperar um pouco. — Girei o copo com o resto do uísque. — Se todos vocês viajarem durante o verão, acabarão voltando juntos e tentando entrar no mercado de trabalho ao mesmo tempo. Você devia adiantar-se aos outros enquanto eles se divertem ao redor do mundo.

— É, talvez.

Eu seria capaz de jurar que você não estava convencida.

— Estive pensando sobre o que você fará quando sair da universidade, e achei que seria bom mudar-se de vez para cá.

Você ergueu uma sobrancelha, como se minha proposta pudesse conter uma armadilha.

— Faz sentido: você praticamente já mora aqui, e não teria condições de pagar um aluguel com o tipo de trabalho que espera conseguir no início, por isso acabaria precisando dividir um lugar qualquer.

— Penso em voltar para a casa de minha mãe durante algum tempo.

— Fico surpreso que queira procurar sua mãe depois que ela a impediu de ver seu pai.

— Ela é legal — disse você, mas já sem muita convicção.

— Estamos tão bem juntos — argumentei. — Por que mudar esta situação? Sua mãe vive a mais de uma hora de distância daqui e seria muito difícil nos vermos. Não quer mais ficar comigo?

— Claro que quero!

— Você poderia se mudar para cá e assim não teria preocupação com dinheiro. Eu me encarregaria das contas e você poderia aproveitar para organizar um portfólio e tentar vender suas esculturas.

— Não seria justo. Eu teria que contribuir com alguma coisa.

— Você poderia se encarregar da cozinha e ajudar a manter a casa arrumada, mas na verdade não precisaria fazer nada disso. Para mim, basta acordar ao seu lado todas as manhãs e encontrá-la aqui na volta do trabalho.

Um sorriso iluminou seu rosto.

— Tem certeza?

— Nunca tive tanta certeza de uma coisa em toda a minha vida.

★ ★ ★

Você se mudou no último dia de aula, depois de arrancar das paredes todos os seus pôsteres e acomodar seus pertences em um carro emprestado por Sarah.

— Pegarei o resto na casa de minha mãe na próxima semana — disse você. — Espere, tem mais uma coisa no carro. É uma surpresa para você. Para nós.

Você correu para o carro, abriu a porta do passageiro e pegou uma caixa de papelão que estava no chão. Levou-a com tanto cuidado para dentro de casa que imaginei conter algo quebrável, mas quando a peguei de suas mãos, percebi que era leve demais para ser porcelana ou vidro.

— Abra. — Você quase não conseguia conter a emoção.

Levantei a tampa da caixa e uma minúscula bola peluda ergueu os olhos para mim.

— É um gato — constatei com frieza. Nunca entendi o interesse das pessoas por animais, especialmente por cães e gatos, que enchem a casa de pelo e exigem passeios, carinho e companhia.

— É um gatinho! Não é a coisa mais linda do mundo? — Você tirou-o com cuidado da caixa e apertou-o contra o peito. — A gata de Eve teve filhotes e ela já conseguiu dar todos, mas separou este e me deu de presente. Chama-se Gizmo.

— Não lhe ocorreu me perguntar se eu queria um gato antes de trazê-lo para minha casa? — Não me preocupei em moderar o tom de voz, e você começou a chorar. A tática era tão evidente e patética que só serviu para me deixar ainda mais irritado. — Você não tem visto os vários anúncios que recomendam pensar muito bem antes de ter um animal de estimação? Não é de admirar que tantos sejam abandonados; isso acontece por causa de pessoas como você, que tomam decisões impulsivas!

— Achei que você gostaria dele — justificou-se você, ainda em lágrimas. — Pensei que ele poderia me fazer companhia enquanto você estiver no trabalho, e até me ver pintar, talvez.

Parei de reclamar. Ocorreu-me que o gato poderia de fato distraí-la enquanto eu estivesse fora de casa. Eu me esforçaria para me controlar e conviver com ele, se isso a fazia feliz.

— Só lhe peço que o mantenha bem longe dos meus ternos! — falei.

Subi a escada e, quando voltei, você já tinha preparado uma cama e colocado duas tigelas na cozinha, além de uma caixa de areia perto da porta.

— É só até ele poder ir lá fora. — Você me olhou com ar de desconfiança e odiei que tivesse me visto perder o controle. Forcei-me a acariciar o gatinho e você suspirou aliviada. Em seguida se aproximou e me abraçou pela cintura. — Obrigada. — Beijou-me daquele jeito que sempre acabava em sexo, e quando pressionei suavemente seus ombros, você se ajoelhou sem um murmúrio.

Você passou a ter obsessão pelo gato. A comida, os brinquedos, até a caixa de areia para o cocô pareciam de algum modo mais interessantes do que arrumar a casa ou preparar o jantar. Muito mais interessante do que falar comigo. Você passava noites inteiras brincando com ele, arrastando pelo chão um camundongo de pelúcia amarrado em um barbante. Dizia que trabalhava em seu portfólio durante o dia, mas quando eu voltava do trabalho sempre encontrava suas coisas espalhadas pela sala, na mesma posição do dia anterior.

Mais ou menos duas semanas depois que você se mudou, cheguei em casa e encontrei um recado na mesa da cozinha.

Saí com Sarah! Não me espere acordado!

Tínhamos falado por telefone duas ou três vezes naquele dia, como sempre, mas você nem pensou em me avisar. Como você não havia deixado nada preparado para comer, imaginei que fosse jantar com Sarah, sem se preocupar comigo. Peguei uma cerveja na geladeira. O gatinho miou e tentou escalar minhas calças, enfiando as unhas na minha perna. Sacudi-a e ele caiu no chão. Tranquei-o na cozinha e liguei a televisão, mas não consegui me concentrar. Eu não parava de pensar na última vez em que você saiu com Sarah: na velocidade com que ela desapareceu com um cara que tinha acabado de conhecer, e na facilidade com que você veio para minha casa.

Não me espere acordado.

Quando lhe propus morar comigo não foi para eu passar as noites no sofá da sala sozinho. Eu já tinha sido feito de idiota por uma mulher, e não deixaria que isso se repetisse. Os miados continuavam e fui pegar outra cerveja. Eu podia ouvir o gato na cozinha e, quando abri a porta bruscamente, ele deslizou pelo chão até ir de encontro à parede oposta. Foi uma situação cômica que me animou por um instante, mas então voltei para a sala e reparei na bagunça das suas coisas espalhadas por todo lado. Sem muita convicção, você parecia ter tentado

empilhá-las em um canto, mas havia uma bola de argila em cima de uma folha de jornal, cuja tinta estava sem dúvida manchando o chão de madeira, e potes de geleia em uma bandeja, cheios de substâncias escuras.

O gato miou. Tomei um gole de cerveja. A televisão mostrava um documentário sobre vida selvagem, e vi a cena de uma raposa estraçalhando um coelho. Aumentei o volume, mas continuei a ouvir os miados. Aquele som quase fazia minha cabeça explodir e minha raiva cresceu ainda mais; uma raiva incandescente que reconheci, mas sobre a qual eu não tinha controle. Levantei-me e fui para a cozinha.

⋆ ⋆ ⋆

Já passava da meia-noite quando você voltou para casa. Eu estava sentado na cozinha, no escuro, com uma garrafa vazia de cerveja na mão. Ouvi quando você fechou a porta da frente com extremo cuidado, tirou as botas e entrou na cozinha na ponta dos pés.

— A noite foi divertida?

Você gritou, o que teria sido engraçado se eu não estivesse tão furioso.

— Meu Deus, Ian, você quase me mata de susto! O que está fazendo sentado aqui, no escuro? — Você ligou o interruptor e a lâmpada fluorescente piscou antes de iluminar o ambiente.

— Estava à sua espera.

— Eu disse que chegaria tarde.

Sua voz estava pastosa e eu me perguntei quantos drinques você teria tomado.

— Fomos todos para a casa da Sarah quando saímos do pub, e... — Você viu a expressão do meu rosto e interrompeu o que dizia. — O que há de errado?

— Esperei por você para não deixá-la descobrir sozinha.

— Descobrir o quê? — De repente você parecia sóbria. — O que aconteceu?

Apontei para a caixa de areia, ao lado da qual estava o gatinho, deitado de lado, imóvel. Ele tinha enrijecido nas últimas duas horas, e uma pata apontava para o alto.

— Gizmo! — Você levou as mãos à boca e pensei que fosse vomitar. — Meu Deus! O que aconteceu?

Levantei-me para confortá-la.

— Não sei. Quando cheguei do trabalho, vi que ele tinha vomitado na sala.

Procurei ajuda na internet, mas em menos de meia hora ele estava morto. Sinto muito, Jennifer, sei o quanto você o amava.

Você chorava, soluçava com o rosto enfiado na minha camisa enquanto eu a abraçava com força.

— Ele estava bem quando saí. — Você ergueu os olhos para mim, em busca de uma resposta. — Não entendo como isso aconteceu.

Você deve ter percebido a hesitação em meu rosto, porque se afastou de mim.

— O que houve? O que está me escondendo?

— Não deve ter sido nada — respondi. — Não quero tornar as coisas ainda mais difíceis para você.

— Fale!

Suspirei.

— Quando cheguei em casa, ele estava na sala.

— Deixei-o fechado na cozinha, como sempre faço — argumentou você, mas já sem muita certeza.

Dei de ombros.

— A porta estava aberta quando cheguei. E Gizmo tinha estraçalhado um dos jornais empilhados ao lado do seu material de trabalho. Era evidente o fascínio dele com tudo aquilo. Não sei o que havia no pote de geleia com a etiqueta vermelha, mas vi que estava sem tampa e Gizmo estava com o focinho enfiado nele.

Você empalideceu.

— É o verniz que uso nas esculturas.

— É tóxico?

Você concordou com a cabeça e disse:

— Sim. Contém carbonato de bário na fórmula. É uma substância muito perigosa e sempre tenho o cuidado de deixá-lo a uma distância segura. Ah, meu Deus, a culpa é toda minha. Pobre Gizmo!

— Minha querida, não se culpe. — Abracei-a, apertei-a contra meu corpo e beijei seus cabelos. Você cheirava a cigarro. — Foi um acidente. Você tenta fazer coisas demais. Devia ter ficado em casa e terminado sua escultura enquanto o material estava espalhado. Com certeza Sarah teria entendido. — Você se apoiou em mim e seus soluços começaram a diminuir. Tirei seu casaco e coloquei sua bolsa em cima da mesa. — Venha, vamos subir. Amanhã acordarei antes de você

e me encarregarei de Gizmo.

No quarto, você ficou em silêncio e eu a deixei escovar os dentes e lavar o rosto. Apaguei a luz e entrei na cama, e você aninhou-se no meu corpo como uma criança. Fiquei feliz por você precisar tanto de mim. Comecei a acariciar suas costas em círculos e a beijar seu pescoço.

— Você se importa se não transarmos esta noite? — perguntou você.

— Será bom para você — argumentei. — Quero que se sinta melhor.

Você ficou imóvel embaixo de mim, e não reagiu quando a beijei. Entrei em você com ímpeto excessivo, porque queria provocar uma reação, qualquer reação, mas você fechou os olhos e não emitiu nenhum som. Você estragou meu prazer, e seu egoísmo só me fez comê-la com mais força ainda.

29

— O que é isso? — Ray estava atrás de Kate e observava o retângulo de papel que ela girava entre os dedos.

— Um cartão que encontrei na bolsa de Gray. Ela empalideceu quando o peguei, como se não esperasse vê-lo ali. Estou tentando descobrir do que se trata.

O papel tinha o tamanho de um cartão de visita comum. Era azul-claro, informava em duas linhas um endereço no centro de Bristol, e nada mais. Ray tomou-o da mão de Kate e esfregou-o entre o indicador e o polegar.

— O material é muito barato — avaliou. — Alguma ideia do que esse logotipo representa? — Na parte superior do cartão, impresso em tinta preta, havia o que parecia ser dois números oito incompletos, um dentro do outro.

— Não, nenhuma ideia. Não me remete a nada.

— Imagino que o endereço não tenha ativado nada em nossa base de dados, certo?

— Nada relacionado a informações confidenciais nem ao registro de eleitores.

— Seria um cartão de algum antigo emprego dela? — Ray examinou de novo o logotipo.

Kate abanou a cabeça.

— Não acredito, a julgar pela reação dela quando o peguei. Parece que fez com que ela se lembrasse de alguma coisa. Alguma coisa que ela não queria que eu soubesse.

— Bem, vamos em frente, então. — Ray caminhou até o armário de metal na parede e pegou um molho de chaves do carro. — Só há um modo de resolver essa questão.

— Aonde vamos?

Ray levantou o cartão azul em resposta, e Kate pegou o casaco e correu atrás dele.

⋆ ⋆ ⋆

Ray e Kate levaram algum tempo para encontrar o número 127 da Grantham Street. Era uma construção de tijolos vermelhos sem grandes atrativos, localizada no meio de uma fileira interminável de casas geminadas de tijolos vermelhos semelhantes, onde os números ímpares ficavam inexplicavelmente longe de seus correspondentes pares. Eles pararam diante do imóvel por um momento, contemplando o maltratado jardim da frente e as redes encardidas que cobriam as janelas. No jardim da casa vizinha havia dois colchões, sobre os quais descansava um gato com olhar vigilante, que miou quando eles se encaminharam para a porta da frente. Ao contrário das casas próximas, que tinham portas baratas de PVC, a do número 127 era de madeira com pintura de boa qualidade e olho mágico. Não havia a tradicional fenda para correspondência, mas sim uma caixa de correio metálica fixada na parede ao lado da porta e fechada com cadeado.

Ray tocou a campainha. Kate enfiou a mão no bolso do casaco para pegar seu crachá de identificação, mas Ray segurou-a pelo braço.

— Melhor não — sugeriu ele —, pelo menos até sabermos quem mora aqui.

Ouviram o ruído de passos em um chão de ladrilho. O som parou, e Ray olhou diretamente no pequeno olho mágico no centro da porta. Independentemente do teste que lhes haviam aplicado, eles com certeza tinham se saído bem, porque depois de poucos segundos Ray ouviu uma tranca ser aberta e depois outra. A porta se entreabriu alguns centímetros, bloqueada por uma corrente. As excessivas medidas de segurança levaram Ray a esperar ver uma pessoa idosa, mas a mulher que espiou pela pequena abertura aparentava ter a mesma idade que ele. Usava um vestido estampado cruzado na frente, um casaco de lã azul-marinho e um lenço amarelo-claro no pescoço, amarrado com um nó.

— Em que posso ajudá-los?

— Estou à procura de uma amiga — respondeu Ray. — Seu nome é Jenna Gray. Ela morava nesta rua, mas não consigo lembrar o número da casa. Por acaso a conhece?

— Eu creio que não.

Ray espiou o interior da casa por cima do ombro da mulher, e ela fechou um pouco mais a porta, fixando o olhar no dele, sem desviá-los um instante sequer.

— Mora aqui há muito tempo? — perguntou Kate, ignorando as reticências da mulher.

— O tempo suficiente — respondeu ela secamente. — Agora, se me dão

licença...

— Desculpe-nos por tê-la incomodado — disse Ray, segurando o braço de Kate. — Venha, querida, vamos embora. Darei alguns telefonemas para ver se conseguimos o endereço certo. — Pegou seu celular ainda na frente da mulher.

— Mas...

— Agradecemos muito, de todo modo. — Ray cutucou Kate com o cotovelo.

— Vamos, então — disse ela, por fim, quando entendeu a deixa. — Daremos alguns telefonemas. Obrigada por sua atenção.

A mulher fechou a porta com força e Ray ouviu a chave girar duas vezes. Ele manteve o braço enganchado no de Kate até ter certeza de que não poderiam mais ser vistos da casa, plenamente consciente da proximidade entre os dois.

— O que acha? — perguntou Kate assim que entraram no carro. — Gray teria vivido nesse lugar? Ou a mulher sabe mais do que nos disse?

— Ah, ela sabe de alguma coisa, não tenho dúvida — afirmou Ray. — Reparou na roupa dela?

Kate pensou por um momento.

— Vi que usava um vestido e um casaco escuro.

— Algo mais?

Kate balançou a cabeça, confusa.

Ray tocou numa tecla do seu telefone, e a tela iluminou-se. Entregou-o a Kate.

— Tirou uma foto dela?

Ray abriu um sorriso largo. Com dois dedos deu um zoom, ampliou a foto e apontou para o nó do lenço amarelo da mulher, onde havia uma pequena marca circular.

— É um distintivo — explicou ele. Ampliou mais a foto e lá estavam elas. Linhas pretas grossas como dois algarismos oito, um encaixado dentro do outro.

— O mesmo símbolo do cartão! — exclamou Kate. — Excelente trabalho!

— Não há dúvida de que Jenna tem algum tipo de ligação com esta casa — concluiu Ray. — Mas qual?

30

Nunca entendi por que você insistia tanto para que eu conhecesse sua família. Você odiava sua mãe e, embora falasse com Eve uma vez por semana ou mais, ela nunca se preocupou em vir a Bristol, então por que ir a Oxford sempre que ela lhe pedia?

Mas você ia, como uma boa menina, deixando-me sozinho por uma noite — às vezes mais —, para paparicar o barrigão de sua irmã e, sem dúvida, flertar com o marido rico dela. Todas as vezes você me pedia para acompanhá-la, mas eu sempre me recusava.

— Eles acabarão pensando que eu o inventei — disse você um dia, e sorriu para mostrar que era brincadeira, embora houvesse um tom de desespero em sua voz. — Quero passar o Natal com você. Não foi a mesma coisa no ano passado, sem sua companhia.

— Então fique aqui comigo. — Era uma decisão fácil de tomar. Por que eu não lhe bastava?

— Mas também quero estar com minha família. Nem precisamos passar a noite lá. Podemos ir só para o almoço.

— E não beber nada? Que belo almoço de Natal!

— Eu dirijo. Por favor, Ian, estou louca para apresentá-lo a eles.

Era quase uma súplica. Aos poucos você vinha reduzindo a maquiagem, mas naquele dia passou batom nos lábios, e reparei na curva vermelha de sua boca enquanto me implorava.

— Tudo bem. — Dei de ombros. — Mas no próximo Natal seremos só nós dois.

— Obrigada! — Você sorriu e jogou-se em meus braços.

— Imagino que precisamos levar presentes. É brincadeira, claro, considerando o dinheirão que eles têm.

— Não se preocupe com isso, está tudo resolvido — disse você, feliz demais para perceber meu tom sarcástico. — Eve sempre quer algum perfume, e Jeff fica

satisfeito com uma garrafa de uísque escocês. Com certeza correrá tudo bem. Você vai adorá-los.

Eu tinha minhas dúvidas. Já ouvira falar em "Lady Eve" mais do que o suficiente para ter minha própria opinião a respeito dela, embora estivesse curioso para saber o motivo de sua obsessão por sua irmã. Eu jamais tinha dado muita importância ao fato de não ter irmãos, e ficava irritado ao ouvi-la falar ao telefone com Eve com tanta frequência. Eu entrava de propósito na cozinha enquanto vocês conversavam, e se você se calasse de repente eu sabia que o assunto era eu.

— Como foi seu dia? — perguntei, para mudar de assunto.

— Ótimo. Participei de um almoço no Three Pillars com artesãos de um desses grupos de trabalho da indústria criativa. É incrível a quantidade de pessoas que, como eu, trabalham em suas próprias casas ou em pequenos escritórios. Ou em mesas de cozinha... — Seu olhar parecia conter um pedido de desculpas.

Tinha se tornado impossível comer na cozinha por causa da constante camada de tinta, pó de argila e esboços de desenhos espalhados pela mesa. Suas coisas estavam por toda parte, e eu já não tinha um lugar onde me sentisse à vontade. A casa não parecia pequena quando a comprei, e mesmo quando Marie morava comigo havia espaço suficiente para nós dois. Marie era mais tranquila do que você. Menos exuberante. Era mais fácil conviver com ela, de certa forma, a não ser pelas mentiras. Mas eu aprendera a lidar com isso, e sabia que não seria enganado de novo.

Você não parava de falar no almoço com os artesãos, e eu tentava me concentrar em suas palavras.

— Por isso pensamos que nós seis juntos conseguiremos pagar o aluguel.

— Que aluguel?

— O aluguel de um ateliê coletivo. Não tenho condições de pagar sozinha, mas o que ganho com as aulas é suficiente para dividi-lo com os outros, e assim conseguiria ter um forno adequado e poderia tirar este material do seu caminho.

Eu não tinha percebido que você ganhava dinheiro com as aulas que dava. Eu mesmo havia lhe sugerido dar aulas de cerâmica, o que me parecia um uso mais sensato de seu tempo do que fazer bonequinhos e vendê-los por uma ninharia. Esperava que você se oferecesse para me ajudar a pagar a hipoteca antes de entrar em algum tipo de parceria de negócio. Afinal, você estava vivendo de graça todo aquele tempo.

— Em princípio parece uma ideia ótima, querida, mas o que acontecerá quando um de vocês sair? Quem pagará essa parte do aluguel? — Era evidente que você não havia pensado nisso.

— Preciso de um lugar para trabalhar, Ian. Dar aulas é muito bom, eu concordo, mas não é o que quero fazer para sempre. Minhas esculturas estão começando a ser vendidas, e se eu puder produzi-las com mais rapidez e aceitar novas encomendas, acredito que conseguirei montar um negócio rentável.

— Você sabe quantos escultores e artistas conseguem de fato fazer isso? — perguntei. — Sério, você precisa ser realista. Esse negócio talvez nunca seja mais do que um passatempo que lhe daria apenas uns trocados para o seu dia a dia.

Você não gostou de ouvir a verdade.

— Mas trabalhando em cooperativa poderemos ajudar uns aos outros. Os mosaicos de Avril combinam muito bem com o tipo de peças que produzo, e Grant faz pinturas a óleo incríveis. Eu adoraria envolver alguns ex-colegas da universidade também, mas há séculos não tenho notícias deles.

— Isso só lhe trará problemas — acrescentei.

— É possível. Pensarei melhor.

Percebi que você já tinha se decidido. Eu a perderia para esse novo sonho.

— Escute — falei, minha voz negando a angústia que me consumia —, há algum tempo venho pensando em trocarmos de casa.

— É mesmo? — Você pareceu duvidar.

— Sim, encontraremos um lugar com bastante espaço externo, e construiremos um ateliê no jardim.

— Um ateliê só para mim?

— Claro. Um ateliê completo, com forno e tudo. Lá você poderá fazer a bagunça que quiser.

— Faria isso por mim? — Um largo sorriso espalhou-se em seu rosto.

— Faria qualquer coisa para você, Jennifer, você sabe muito bem.

Era verdade. Eu teria feito qualquer coisa para não perdê-la.

⋆ ⋆ ⋆

Enquanto você estava no chuveiro o telefone tocou.

— Jenna está? É Sarah.

— Olá, Sarah. Desculpe, mas Jenna saiu com alguns amigos. Ela não retornou

sua última ligação? Dei o recado.

Houve uma pausa.

— Não.

— Ah. Bem, direi que você ligou de novo.

Enquanto você ainda estava lá em cima, revirei sua bolsa. Não havia nada de especial; todos os recibos eram de lugares onde você havia me dito que estivera. Senti que minha tensão se dissipava. Por puro hábito, dei uma olhada na parte reservada às notas de dinheiro na sua carteira. Estava vazia, mas senti alguma coisa sob meus dedos. Olhei com mais cuidado e percebi que havia uma fenda no forro, pela qual você tinha enfiado algumas notas dobradas. Guardei-as no bolso. Se fosse um dinheiro destinado às compras de casa e estivesse escondido apenas por precaução, você perguntaria se eu o tinha visto. Caso contrário, eu saberia que você me escondia alguma coisa. Que roubava meu dinheiro.

Você nunca tocou no assunto.

★ ★ ★

Quando você me deixou, nem reparei que tinha ido embora de vez. Fiquei à sua espera, e só quando fui me deitar percebi que sua escova de dentes tinha sumido. Conferi as malas, mas senti falta apenas de uma bolsa pequena. Ele prometeu comprar tudo que você precisasse? Disse que lhe daria o que você quisesse? E o que você lhe ofereceu em troca? Você me dá nojo. Mas deixei que fosse embora. Disse a mim mesmo que ficaria melhor sozinho e que, desde que você não corresse até a polícia para me acusar do que eles sem dúvida chamariam de *maus-tratos*, eu a deixaria ir para onde quisesse. Eu poderia ter ido à sua procura, mas não quis. Você me entende? Eu não a queria. E a teria deixado em paz, se não tivesse lido uma pequena notícia no *Bristol Post* de hoje. Não publicaram seu nome, mas acha que eu não saberia que se tratava de você?

Imaginei a polícia perguntando sobre sua vida, seus relacionamentos. Vi-os colocando-a à prova, colocando palavras na sua boca. Vi-a chorar e contar tudo a eles. Eu sabia que você desmoronaria e que não levaria muito tempo até eles baterem na minha porta para me fazer perguntas sobre assuntos que não lhes dizem respeito. Para me chamar de brigão, de agressor, de marido violento. Nunca fui esse tipo de pessoa: nunca lhe dei algo que você não merecesse.

Adivinhe aonde fui hoje. Vamos, dê um palpite. Não sabe? Fui a Oxford

visitar sua irmã. Pensei que, se alguém soubesse onde você estava, seria ela. A casa não mudou muito nos últimos cinco anos. Ainda estão lá as árvores muito bem podadas de cada lado da porta de entrada; a campainha continua com o mesmo toque irritante.

O sorriso de Eve desapareceu no instante em que me viu.

— Ian — cumprimentou-me com voz fria. — Que surpresa.

— Há quanto tempo não nos vemos — respondi. Ela nunca teve coragem de me dizer abertamente o que pensava de mim. — Você está deixando o calor escapar — acrescentei, já colocando um pé no piso preto e branco do hall de entrada. Eve não teve escolha senão recuar para me abrir caminho, e deixei meu braço roçar seus seios quando passei por ela para ir à sala de estar. Ela seguiu-me com passo apressado para deixar bem claro que ainda era ela quem mandava na casa. Foi patético.

Sentei-me na cadeira de Jeff, ciente de que Eve detestaria que eu tomasse essa iniciativa, e ela sentou-se à minha frente. Senti que se controlava para não perguntar o que eu fazia ali.

— Jeff não está? — Algo estranho no olhar de Eve chamou minha atenção. Ela sentia medo de mim, percebi, e achei isso peculiarmente excitante. Mais uma vez me perguntei como seria Lady Eve na cama; se seria tão contida quanto você.

— Ele foi à cidade com as crianças.

Ela estava indócil na sua poltrona, e deixei que o silêncio se instalasse até ela não aguentar mais.

— O que faz aqui?

— Estou só de passagem — respondi, enquanto meus olhos percorriam a enorme sala de estar. Ela mudou a decoração desde nossa última visita, e você teria adorado. Escolheram cores claras, os mesmos tons pastel que você queria para nossa cozinha. — Faz muito tempo, Eve.

Ela concordou com um leve movimento de cabeça, mas não respondeu.

— Estou à procura de Jennifer.

— O que aconteceu? Não me diga que minha irmã finalmente o deixou! — Ela pronunciou as palavras com um entusiasmo que eu nunca vira nela.

Ignorei a provocação.

— Nós nos separamos.

— Ela está bem? Onde está morando agora?

Sua irmã teve o descaramento de parecer preocupada com você. Depois de tudo o que ela disse. Cadela hipócrita.

— Quer dizer que ela não correu para se consolar com você?

— Não sei onde ela está.

— Não sabe mesmo? — perguntei, sem acreditar nela nem por um segundo. — Mas se eram tão unidas, você deve ter alguma ideia. — Um músculo começou a pulsar no canto do meu olho, e esfreguei-o para fazê-lo parar.

— Não nos falamos há cinco anos, Ian. — Ela levantou-se. — Acho que agora você já pode ir.

— Está me dizendo que não teve notícias dela durante todo esse tempo? — Estiquei as pernas e recostei-me na poltrona. — Eu mesmo decidirei a hora de ir.

— Não, não tive — respondeu Eve. Vi que ela olhou rapidamente para a lareira. — Agora vá, por favor.

Não havia nada de especial na lareira, apenas uma estufa a gás dentro dela e carvões falsos. Sobre a moldura pintada de branco havia inúmeros cartões e convites apoiados em um relógio.

Percebi no mesmo instante o que ela não queria que eu visse. Você devia ter pensado um pouco mais, Jennifer, antes de mandar uma prova tão óbvia. Lá estava, deslocado entre tantos convites com borda dourada, um postal que reproduzia a foto de uma praia tirada do alto de um penhasco. Na areia, uma sequência de letras: *Lady Eve*.

Levantei-me e deixei que Eve me levasse até a porta. Quando me inclinei para beijar seu rosto, ela recuou para impedir minha aproximação. Resisti ao impulso de empurrá-la contra a parede por ter mentido para mim.

Ela abriu a porta e fingi que procurava minhas chaves.

— Devo tê-las largado em algum lugar — falei. — Não demoro.

Deixei-a no hall de entrada e voltei para a sala. Peguei o cartão-postal e olhei o verso, mas não encontrei o endereço que esperava ver, apenas uma mensagem melosa para Eve com a letra incompreensível que eu conhecia tão bem. Você costumava escrever bilhetes para mim e deixá-los embaixo do meu travesseiro ou na minha maleta. Por que parou de fazer isso? Senti um nó na garganta. Examinei a foto. Onde você estava? Minha tensão era enorme, e rasguei o cartão pela metade, depois de novo pela metade, e mais uma vez, e no mesmo instante me senti melhor. Escondi os pedaços atrás do relógio no exato momento em que Eve

entrou na sala.

— Encontrei as chaves — apressei-me a dizer, e bati de leve no bolso.

Ela passou os olhos pelo ambiente, e imagino que esperasse ver alguma coisa fora do lugar. Deixe que ela olhe, pensei. Que descubra a foto rasgada.

— Foi um prazer revê-la, Eve. Passarei aqui na próxima vez que vier a Oxford. — Dirigi-me para a porta de entrada.

Eve abriu a boca, mas as palavras não saíram, por isso falei por ela:

— O prazer foi meu.

★ ★ ★

Fiz uma busca na internet assim que cheguei em casa. Havia alguma coisa claramente britânica naqueles rochedos que rodeavam a praia por três lados e naquele céu cinzento com nuvens ameaçadoras. Procurei por "praias do Reino Unido" e examinei todas as imagens. Muitas e muitas vezes cliquei na página seguinte, mas só encontrei fotos de prospectos turísticos que mostravam praias repletas de crianças sorridentes. Troquei a busca para "praias do Reino Unido com penhascos" e continuei a examinar foto por foto. Eu a encontrarei, Jennifer. Onde quer que você esteja, eu a encontrarei.

E então irei buscá-la.

31

Bethan caminha com passo firme na minha direção, com um gorro de tricô enfiado até as orelhas. Começa a falar quando ainda está a uma boa distância de mim. É um truque inteligente: não consigo ouvir o que ela diz, mas não posso ir embora enquanto ela fala comigo. Paro e espero que ela venha até onde estou.

Beau e eu temos caminhado pelos campos, sempre evitando os rochedos e o mar bravio. Ando com muito medo de me aproximar de novo do mar, embora não seja da água que sinto receio, mas da minha própria mente. Tenho a impressão de que estou enlouquecendo, e por mais que eu caminhe, não consigo afastar essa sensação.

— Imaginei que fosse você, aqui em cima.

Quase não é possível ver o camping daqui: ela deve ter me visto apenas como um pontinho na encosta. O sorriso de Bethan continua sincero e caloroso, como se nada tivesse mudado desde a última vez em que nos falamos, mas ela deve saber que estou em liberdade sob fiança. O vilarejo inteiro sabe.

— Pensei em dar uma caminhada — diz ela. — Quer vir comigo?

— Você nunca sai para caminhadas.

Bethan dá um leve sorriso.

— Bem, então talvez seja porque eu queria muito vê-la, não é?

Começamos a caminhar juntas. Beau corre à nossa frente em uma interminável busca por coelhos. O dia está fresco e claro, e o vapor de nossa respiração é visível enquanto caminhamos. É quase meio-dia, mas o solo ainda está duro pela geada da manhã, e a primavera parece muito distante. Comecei a marcar os dias no calendário; o dia em que devo me apresentar está assinalado com uma grande cruz preta. Restam-me ainda dez dias. Sei, pelo documento que me foi entregue na delegacia, que talvez precise esperar mais algum tempo pelo julgamento, mas é pouco provável que eu passe outro verão em Penfach. Pergunto-me quantos perderei.

— Imagino que já saiba — digo, sem conseguir suportar o silêncio por mais

tempo.

— É difícil não saber das coisas em Penfach. — Bethan respira com dificuldade, e diminuo um pouco meu ritmo. — Não que eu dê muita atenção a fofocas. Preferia ouvir de sua própria boca, mas tenho a nítida impressão de que você tem me evitado.

Não nego.

— Quer falar sobre o assunto?

Instintivamente digo que não, mas logo percebo que quero. Respiro fundo.

— Matei um menino. Chamava-se Jacob.

Ouço um leve som emitido por Bethan: um suspiro, talvez, ou apenas um movimento com a cabeça, mas ela não diz nada. Vejo um pedaço do mar quando nos aproximamos do penhasco.

— Era noite e tinha chovido. Quando o vi, já era tarde demais.

Bethan deu um longo suspiro.

— Foi um acidente. — Não é uma pergunta, e sua lealdade me comove.

— Sim.

— Mas isso não é tudo, certo?

O alcance dos boatos em Penfach é impressionante.

— Não, isso não é tudo.

Chegamos ao alto do rochedo, viramos à esquerda e começamos a caminhada em direção à baía. Acho difícil falar.

— Não parei. Fui embora e deixei-o caído no asfalto com a mãe. — Não consigo olhar para Bethan, e ela fica calada por um longo momento. Quando por fim fala, vai direto ao ponto.

— Por quê?

É a pergunta mais difícil de responder, mas aqui, pelo menos, posso dizer a verdade.

— Porque estava apavorada.

Por fim atrevo-me a olhar para Bethan, mas não consigo decifrar sua expressão. Ela está virada para o mar e paro ao lado dela.

— Você me odeia pelo que fiz?

Ela dá um sorriso triste.

— Jenna, você fez algo terrível, e pagará por isso dia após dia pelo resto de sua vida. Já me parece castigo suficiente, não acha?

— Não quiseram me atender na loja. — Sinto-me mesquinha por reclamar de não ter conseguido fazer minhas compras, mas a humilhação me magoa mais do que eu gostaria de admitir.

Bethan dá de ombros.

— Esse pessoal é muito engraçado. Não gosta de forasteiros, e quando encontra um pretexto para se unir contra eles, aí então...

— Não sei o que fazer.

— Ignore-os. Faça suas compras fora daqui e mantenha a cabeça erguida. O que aconteceu precisa ser resolvido entre você e a justiça, e não interessa a mais ninguém.

Dou-lhe um sorriso de agradecimento. A praticidade de Bethan me reconforta.

— Precisei levar um dos gatos ao veterinário ontem — diz ela, como se quisesse apenas mudar de assunto.

— Falou com Patrick?

Bethan para de andar e vira-se para mim.

— Ele não sabe o que lhe dizer.

— Na última vez em que o vi ele parecia administrar bem a situação. — Lembro-me da frieza na voz dele e da falta de emoção em seu olhar quando foi embora.

— Ele é homem, Jenna, e os homens são criaturas simples. Fale com ele. Fale com ele como falou comigo. Diga-lhe quanto estava assustada. Ele compreenderá que está arrependida do que fez.

Penso na relação tão próxima que Patrick e Bethan mantinham quando eram jovens, e por um breve momento pergunto-me se ela estaria certa: eu ainda teria uma chance com ele? Mas ela não viu como ele me olhou.

— Não — digo. — Acabou.

Chegamos à baía. A não ser por um casal que passeia com o cachorro junto ao mar, ela está deserta. A maré sobe aos poucos e lambe a areia enquanto avança cada vez mais pela praia, onde uma gaivota dá bicadas na carapaça de um caranguejo. Quando penso em me despedir de Bethan, percebo algo na areia, perto da água. Estreito os olhos para ver melhor, mas as ondas movimentam a areia e não consigo ler o que está escrito. Surge mais uma onda e tudo some por completo, mas tenho certeza de que vi algo, certeza absoluta. Sinto um frio repentino e encolho-me dentro do meu casaco. Ouço um ruído na trilha às nossas

costas e me viro assustada, mas não vejo nada. Meus olhos percorrem o caminho costeiro, o alto do penhasco, e voltam para a praia. Ian estará ali, em algum lugar? Estará me observando?

Bethan vira-se para mim, assustada.

— O que houve? Aconteceu alguma coisa?

Olho para ela, mas não a vejo. Vejo apenas alguma coisa escrita: alguma coisa que não tenho certeza se vi na praia ou na minha cabeça. As nuvens brancas parecem rodopiar à minha volta, e o sangue ruge em meus ouvidos até quase encobrir o barulho do mar.

— Jennifer — digo em voz baixa.

— Jennifer? — pergunta Bethan. Ela baixa os olhos na direção da praia, onde o mar lava a areia lisa. — Quem é Jennifer?

Tento engolir a saliva, mas minha boca está seca.

— Sou eu. Eu sou Jennifer.

32

— Desculpe — disse Ray. Ele sentou-se na beira da mesa de Kate e entregou-lhe um pedaço de papel.

Kate largou-o na mesa sem ler.

— É a decisão final da Procuradoria?

— Sim. Não há nenhuma prova que reforce a teoria de que Jenna esconde alguma coisa, e não podemos atrasar mais o processo. Ela precisa se apresentar hoje à tarde e então será acusada. — Ele percebeu a expressão de Kate. — Você fez um bom trabalho. Não se ateve às evidências, e é exatamente isso que um bom detetive faz. Mas um bom detetive também sabe o momento certo de parar.

Ele se levantou e pressionou de leve o ombro dela antes de deixá-la sozinha para ler a decisão da Procuradoria. Era frustrante, mas esse era o risco assumido por quem seguia seus instintos, que nem sempre eram confiáveis.

Às duas da tarde ligaram da recepção para informar que Jenna havia chegado. Ray conduziu-a à sala de custódia e lhe pediu que esperasse no banco metálico junto à parede enquanto preparava o documento de acusação. Ela estava com os cabelos presos em um rabo de cavalo, o que deixava à mostra as maçãs do seu rosto e sua pele pálida e clara.

O sargento entregou o ato de acusação a Ray, que foi então até o banco.

— Nos termos do Artigo 1 da Lei de Trânsito Rodoviário de 1988, a senhora é acusada de ter causado a morte de Jacob Jordan por condução perigosa, no dia 26 de novembro de 2012. É acusada também, de acordo com a Seção 170 (2) da Lei de Trânsito Rodoviário de 1988, de não parar nem comunicar o acidente. Tem algo a dizer? — Ray observou-a com atenção em busca de algum sinal de apreensão ou medo, mas ela limitou-se a fechar os olhos e sacudir a cabeça.

— Não.

— A senhora ficará em detenção provisória e deverá apresentar-se amanhã de manhã perante o Tribunal de Bristol.

A carcereira, que aguardava, deu um passo à frente, mas Ray interveio.

— Eu a levo. — Segurou de leve o braço de Jenna acima do cotovelo e conduziu-a para a ala reservada às mulheres. O ruído de suas solas de borracha provocou uma cacofonia de perguntas enquanto avançavam pelo bloco de celas.

— Posso sair para fumar um cigarro?

— O sumário do meu caso ainda não chegou?

— Pode me conseguir mais um cobertor?

Ray ignorou-as, porque não se intrometeria no território do sargento de custódia, e as vozes se transformaram pouco a pouco em resmungos de insatisfação. Ele parou diante da cela sete.

— Tire os sapatos, por favor.

Jenna desamarrou os cordões e usou a ponta de cada pé para tirar as botas, empurrando-as pelo calcanhar. Deixou-as do lado de fora da porta, e um punhado de areia caiu de dentro delas e se espalhou no chão cinzento reluzente. Olhou para Ray, que indicou a cela vazia, e ela entrou e sentou-se no colchão de plástico azul.

Ray encostou-se na moldura da porta.

— O que não está nos contando, Jenna?

Ela virou bruscamente a cabeça e o encarou.

— Como assim?

— Por que seguiu com o carro?

Jenna não respondeu. Afastou os cabelos do rosto e ele viu de novo a feia cicatriz na palma da mão dela. Uma queimadura, talvez. Ou algum tipo de acidente de trabalho.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou ele, apontando para a cicatriz.

Ela desviou o olhar, evitando a pergunta.

— O que acontecerá comigo no tribunal?

Ray suspirou. Ele com certeza não conseguiria arrancar mais nada de Jenna Gray.

— Amanhã será apenas a audiência inicial. A senhora terá a oportunidade de apresentar seus fundamentos, então o caso será enviado para o Tribunal de Justiça.

— E depois?

— Virá sua condenação.

— Irei para a prisão? — perguntou Jenna, levantando os olhos para Ray.

— Talvez.

— Por quanto tempo?

— Será uma condenação de até quatorze anos. — Ray olhou para Jenna e percebeu que seu rosto começava a refletir o medo que sentia.

— Quatorze anos — repetiu ela e engoliu em seco.

Ray prendeu a respiração. Por um segundo, pensou que ela lhe contaria o que a tinha feito fugir do local do atropelamento naquela noite e não parar para prestar socorro. Mas ela lhe deu as costas, deitou-se no colchão de plástico azul e fechou os olhos.

— Eu gostaria de tentar dormir um pouco agora, por favor.

Ray observou-a por um momento antes de ir embora. A batida da porta da cela ecoou às suas costas.

★ ★ ★

— Bom trabalho! — Mags beijou Ray no rosto assim que ele entrou em casa. — Vi no noticiário. Você tinha razão quando decidiu não desistir do caso.

Ele deu uma resposta evasiva, ainda perturbado pelo comportamento de Jenna.

— A chefe ficou satisfeita com o resultado?

Ray seguiu Mags até a cozinha, onde ela abriu uma lata de cerveja e serviu-lhe um copo.

— Ficou encantada! Claro, a ideia de fazer um apelo a testemunhas no aniversário do acidente foi dela... — Ele esboçou um sorriso irônico.

— Isso não o incomoda?

— Na verdade, não — respondeu Ray, tomando um gole de cerveja e largando o copo com um suspiro de satisfação. — Não importa quem recebe o crédito por um trabalho, contanto que ele seja investigado com critério e tenhamos um bom resultado no tribunal. Além disso — acrescentou —, foi Kate quem fez a parte mais difícil do processo.

Pode ter sido apenas fruto de sua imaginação, mas ele percebeu um leve estremecimento em Mags à menção do nome de Kate.

— Qual deve ser a pena de Gray? — perguntou ela.

— Seis ou sete anos, talvez. Depende do juiz que for indicado, e também se decidirão fazer desse caso um exemplo ou não. Existe sempre uma carga emotiva quando há uma criança envolvida.

— Seis anos não é nada. — Ray sabia que ela estava pensando em Tom e

Lucy.

— A não ser quando seis anos é tempo demais — disse Ray, de certa forma para si mesmo.

— O que você quer dizer com isso?

— Há alguma coisa estranha em todo esse caso.

— Como assim?

— Acreditamos que possa haver nessa história algo além do que Gray nos conta. Mas agora já a acusamos, o caso está encerrado. Dei a Kate o tempo que pude.

Mags olhou para ele com ar severo.

— Pensei que você fosse o único a conduzir o inquérito. Foi Kate quem teve a impressão de que havia algo mais? Foi por isso que você liberou Gray sob fiança?

Ray ergueu os olhos, surpreso com a dureza do tom de Mags.

— Não — respondeu ele devagar. — Só a liberei porque vi nisso um artifício que nos daria mais tempo para esclarecer os fatos e também a garantia de que estávamos acusando a pessoa certa.

— Obrigada, detetive Stevens, sei muito bem como as coisas funcionam. Posso passar o dia transportando as crianças para lá e para cá, preparando merendas e não sei o que mais, mas também já fui detetive, e por isso lhe peço que não fale comigo como se eu fosse uma idiota.

— Desculpe. Declaro-me culpado. — Ray levantou as mãos como se para se defender, mas Mags não riu. Molhou um pano com a água quente da torneira e começou a limpar a bancada da cozinha com movimentos bruscos.

— Estou surpresa, só isso. Essa mulher foge do local do acidente, abandona o carro, se esconde no meio do nada, e quando é encontrada, um ano depois, admite toda a história. Para mim, pelo menos, é um caso encerrado.

Ray lutava para esconder sua irritação. O dia havia sido longo, e tudo que ele queria era sentar-se com uma cerveja na mão e relaxar.

— O caso não é tão simples. E confio em Kate; ela tem um bom faro. — Sentiu o rosto vermelho e perguntou a si mesmo se não estaria defendendo Kate com ênfase excessiva.

— Tem, é? — perguntou Mags secamente. — Bom para ela.

Ray deu um longo suspiro.

— Aconteceu alguma coisa?

Mags continuou a limpar a cozinha.

— É o Tom?

Ela começou a chorar.

— Meu Deus, Mags, por que não me falou antes? O que aconteceu? — Ele levantou-se, passou o braço pelos ombros dela, afastou-a da pia e tirou com delicadeza o pano de sua mão.

— Acho que ele pode estar roubando.

A raiva que invadiu Ray foi tão grande que, por um instante, ele não conseguiu falar.

— O que a leva a dizer isso? — Era só o que faltava. Uma coisa era matar aula, fazer birra e ter ataques de mau humor em casa, mas *roubar*?

— Bem, não tenho certeza. Ainda não falei com ele sobre isso... — Ela reparou na expressão de Ray, e ergueu a mão em sinal de advertência. — Nem quero falar. Não até saber o que de fato está acontecendo.

Ray respirou fundo.

— Conte-me tudo.

— Eu estava limpando o quarto dele mais cedo — Mags fechou os olhos por um instante, como se a simples lembrança lhe fosse insuportável —, e reparei numa caixa com várias coisas embaixo da cama. Havia um iPod, alguns DVDs, milhões de balas, e um par de tênis novinhos em folha.

Ray balançou a cabeça, mas permaneceu em silêncio.

— Sei que ele não tem dinheiro — prosseguiu Mags —, porque ainda está nos pagando a janela que quebrou, e não posso imaginar de que outra forma compraria tanta coisa, a menos que tenha roubado.

— Que beleza! — exclamou Ray. — Ele vai acabar na cadeia. Isso terá uma excelente repercussão, não é? O filho do detetive preso por roubar lojas.

Mags olhou para ele com espanto.

— É só nisso que você consegue pensar? Seu filho passou os últimos dezoito meses em extrema infelicidade. Seu filho, até então alegre, equilibrado e inteligente, agora falta aulas e rouba, e a primeira coisa que você pensa é: "Como isso afetará o futuro da minha carreira?" — Ela se calou e ergueu as mãos como se para encerrar a conversa. — Não posso falar com você sobre isso agora.

Mags deu-lhe as costas e caminhou em direção à porta, mas logo se virou para

encarar Ray.

— Deixe Tom comigo. Você só vai piorar a situação. Além disso, está claro que você tem coisas mais importantes com que se preocupar.

Ray ouviu-a correr escada acima e bater a porta do quarto. Ele sabia que não havia nenhum sentido em segui-la; era evidente que ela não estava disposta a discutir. A carreira dele não havia sido sua *primeira* consideração, apenas *uma* consideração. E como ele era o único a trazer dinheiro para o sustento da família, parecia um pouco demais Mags descartá-lo com um simples gesto de mão. Quanto a Tom, deixaria que ela se encarregasse de tudo, se assim o desejava. Além disso, para ser sincero, ele não saberia por onde começar.

33

A casa em Beaufort Crescent era muito maior que a antiga. Não me deram uma hipoteca pelo valor total, por isso peguei um empréstimo, esperando conseguir pagá-lo. O valor das parcelas seria puxado, mas valia a pena. A casa tinha um amplo jardim para o seu ateliê, e vi como seus olhos brilharam quando escolhemos o local onde ele ficaria.

— É perfeito — disse você. — Aqui terei tudo de que preciso.

Tirei uns dias de folga no trabalho e comecei a construir o ateliê na semana em que nos mudamos, e você não sabia o que fazer para me retribuir. A toda hora me levava canecas de chá fumegante no fundo do jardim, ou me chamava para tomar uma tigela de sopa com pão caseiro. Eu não queria que aquilo acabasse e, quase sem perceber, comecei a diminuir o ritmo. Em vez de ir para o jardim às nove horas todas as manhãs, ia às dez. Prolongava o intervalo de almoço, e à tarde sentava na estrutura de madeira do ateliê e deixava o tempo passar até você me chamar.

— Não é bom trabalhar com tão pouca luz, querido — dizia você. — E, veja, suas mãos estão geladas! Entre para eu aquecê-las. — Você me beijava e contava que estava animada por ter um espaço só seu para trabalhar; que nunca alguém tinha se preocupado tanto com você; que me amava.

Precisei voltar ao trabalho e prometi que equiparia o interior do ateliê no fim de semana. Mas quando cheguei em casa naquele primeiro dia você tinha enfiado uma mesa velha lá dentro e espalhado seus vernizes e ferramentas. O forno novo estava em um canto, e o torno no meio da sala. Você estava sentada em um banquinho, concentrada na argila que girava entre suas mãos. Observei-a pela janela enquanto o pote tomava forma com os toques mais delicados. Eu esperava que minha presença chamasse sua atenção, mas você não levantou os olhos e então abri a porta.

— Não ficou fantástico?

Ainda assim, você não olhou para mim.

— Adoro trabalhar aqui. — Você tirou o pé do pedal e aos poucos o torno reduziu a velocidade até parar. — Vou trocar de blusa e depois servir o jantar. — Você me deu um beijo rápido no rosto, atenta para não encostar as mãos na minha roupa.

Permaneci no ateliê por algum tempo, observando as paredes que eu planejara encher de prateleiras; o canto onde eu tinha pensado em construir uma mesa especialmente para você. Dei um passo à frente e, sem querer, toquei no pedal do torno. Ele girou de repente e mal chegou a completar uma volta, mas, sem suas mãos experientes, o pote inclinou-se para um lado e se desfez.

Depois disso, tive a sensação de passar dias sem vê-la. Você instalou um aquecedor para poder ficar mais tempo no ateliê, e até nos fins de semana eu a via vestir uma roupa suja de argila para ir trabalhar assim que o dia clareava. Montei as prateleiras, mas nunca construí a mesa que planejara, e vê-la usar aquela mesa velha de loja de sucata sempre me deixava irritado.

Acredito que estávamos na casa nova há mais ou menos um ano quando precisei viajar para Paris a trabalho. Doug tinha uma indicação de um possível novo cliente, e esperávamos causar uma boa impressão para conseguir um pedido grande de programas de computador. Nosso negócio estava demorando a engrenar, e os lucros eram menores e menos frequentes do que tínhamos imaginado. Eu fizera um cartão de crédito para poder continuar a levá-la a restaurantes e lhe oferecer flores, mas estava cada vez mais difícil honrar os pagamentos. O cliente de Paris poderia nos ajudar a retomar o equilíbrio.

— Posso ir também? — perguntou você. Deve ter sido a única vez em que a vi demonstrar interesse por meu trabalho. — Adoro Paris.

Eu tinha reparado no olhar atravessado de Doug quando uma vez levei Marie a uma festa do escritório, e também no modo como ela se comportou. Não pensava em cometer o mesmo erro.

— Devo trabalhar o tempo inteiro; não será divertido para você. Iremos juntos quando eu não tiver tantos compromissos. Além disso, você tem encomendas para entregar.

Você tinha passado semanas percorrendo lojas e galerias da cidade com amostras de seu trabalho, para no final conseguir apenas duas lojas interessadas, cada uma com um pedido de uma dúzia de potes e vasos para vender em regime de comissão. Você estava tão satisfeita que parecia ter ganhado a loteria, e

esforçava-se em cada vaso muito mais do que em qualquer outra peça que já fizera.

— Quanto mais tempo levar, menos ganhará. — Eu a lembrara, mas parecia que eu desperdiçava minha experiência no mundo dos negócios, pois você continuava a passar horas e horas envolvida com tintas e vernizes.

Liguei assim que desembarquei em Paris e senti uma saudade repentina quando ouvi sua voz. Doug levou o cliente para jantar, mas aleguei uma dor de cabeça para não acompanhá-lo, e pedi um filé ao serviço de quarto, desejando que você tivesse ido comigo. A cama impecável parecia grande demais e pouco atraente, e perto da meia-noite desci para o bar do hotel. Pedi um uísque e depois outro, antes mesmo de terminar o primeiro. Mandei uma mensagem, mas você não respondeu: imaginei que estivesse no ateliê, longe do celular.

Havia uma mulher em uma mesa perto do balcão onde eu bebia. Estava com um sóbrio conjunto risca de giz cinza, sapatos pretos de salto alto e mantinha uma maleta aberta na cadeira ao seu lado. Estava revisando alguns documentos e, quando ergueu a cabeça e nossos olhares se cruzaram, deu um sorriso triste. Sorri também.

— Você é inglês — afirmou ela.

— É assim tão evidente?

Ela riu.

— Quando alguém viaja tanto quanto eu, aprende a identificar os sinais. — Reuniu a papelada, colocou-a na maleta e fechou-a com uma pancada seca. — Basta por hoje.

Ela não parecia ter vontade de sair dali.

— Posso lhe fazer companhia? — perguntei.

— Será um prazer.

⋆ ⋆ ⋆

Eu não tinha planejado nada, mas aconteceu exatamente o que eu precisava. Só perguntei seu nome de manhã, quando ela saiu do banheiro enrolada em uma toalha.

— Emma. — Ela não perguntou o meu, e fiquei imaginando com que frequência ela faria aquilo em quartos de hotel anônimos em cidades anônimas.

Quando ela foi embora liguei para você e escutei tudo que você queria me

contar sobre seu dia; sobre como o proprietário da loja de presentes ficara fascinado com os vasos, e sobre sua vontade louca de me ver de novo. Você disse que sentia minha falta e que não suportava ficar longe de mim, e isso me devolveu a segurança.

— Amo você — afirmei. Sabia que você precisava ouvir isso: que não lhe bastava ver toda a minha atenção, todo o meu cuidado. Ouvi seu breve suspiro.

— Também te amo.

★ ★ ★

Era evidente que Doug tinha feito um bom trabalho com o cliente durante o jantar e, pelas piadas que eles trocaram na nossa reunião matinal, ficou claro que haviam ido a um clube de *striptease*. Ao meio-dia já tínhamos fechado o negócio, e Doug ligou para o banco para tranquilizar nosso gerente e informar que estávamos com dinheiro em caixa de novo.

Pedi que o recepcionista do hotel chamasse um táxi.

— Onde posso encontrar as melhores joalherias? — perguntei.

Ele deu um sorriso cúmplice que me irritou.

— Alguma coisinha para uma dama, senhor?

Ignorei-o.

— Qual é o melhor lugar?

Seu sorriso ficou um pouco mais formal.

— Faubourg Saint-Honoré, *monsieur*.

Ele continuou solícito enquanto eu esperava pelo táxi, mas sua presunção custou-lhe uma gorjeta, e só no final da corrida consegui recuperar um pouco a calma.

Percorri de ponta a ponta a Faubourg Saint-Honoré antes de me decidir por uma pequena joalheria com o nome pouco criativo de "Michel", onde vi na vitrine bandejas pretas repletas de diamantes cintilantes. Eu precisava de tempo para escolher com calma, mas os vendedores em seus ternos sóbrios não saíam de perto de mim, oferecendo ajuda e sugestões, sem deixar eu me concentrar. Por fim, fiz minha escolha: um anel que você não recusaria. Um diamante branco quadrado engastado em um aro de platina simples. Entreguei meu cartão de crédito e disse a mim mesmo que você merecia.

Na manhã seguinte peguei o avião de volta para casa com a caixinha de couro

queimando no meu bolso. Eu tinha pensado em convidá-la para jantar fora, mas quando abri a porta você correu e me abraçou com tanta força que não consegui esperar.

— Case comigo.

Você riu, mas deve ter percebido sinceridade em meu olhar, porque se deteve e levou a mão à boca.

— Eu te amo — falei. — Não posso viver longe de você.

Você não disse nada, e eu vacilei. Isso não fazia parte do meu plano. Eu esperava que você se jogasse em meus braços, me beijasse, chorasse, talvez, mas, acima de tudo, respondesse que sim. Catei a caixinha no bolso e coloquei-a em sua mão.

— Estou falando sério, Jennifer. Quero que seja minha para sempre. Diga que sim, por favor, diga que aceita.

Você sacudiu de leve a cabeça, abriu a caixa e ficou boquiaberta.

— Não sei o que dizer.

— Diga que sim.

Seu silêncio foi tão longo que senti um aperto no peito de medo que você recusasse. Mas sua resposta foi sim.

34

Um forte ruído metálico me sobressalta. Depois que o detetive Stevens deixou minha cela ontem de noite, fixei os olhos na pintura descascada do teto, sentindo o frio da base de concreto através do colchão, até o sono me vencer. Quando tento me levantar da cama, minhas pernas doem e minha cabeça lateja.

Ouço de novo o ruído na porta e percebo que o som metálico vem da portinhola quadrada situada no centro dela, através da qual alguém empurra uma bandeja plástica.

— Venha, não posso ficar o dia inteiro à sua disposição.

Pego a bandeja.

— Pode me conseguir um analgésico?

A carcereira está de pé junto à portinhola, e não consigo ver seu rosto, apenas seu uniforme preto e uma mecha de cabelos loiros.

— O médico não está aqui. Terá que esperar até chegar ao tribunal. — Ela mal termina de falar e a portinhola se fecha com uma pancada seca que ecoa em todo o corredor enquanto seus passos pesados se afastam.

Sento-me na cama e pego o chá, que derramou e sujou a bandeja. Está apenas morno e doce demais, mas o bebo com sofreguidão, dando-me conta de que não tinha tomado nada desde o almoço da véspera. O café da manhã consiste em salsicha e feijão branco em um recipiente para micro-ondas. O plástico derreteu nas bordas e o feijão está coberto por com crosta de molho alaranjado. Deixo a comida na bandeja ao lado da xícara vazia e vou ao banheiro. Não há tampo no vaso sanitário, apenas uma privada de metal e folhas de papel áspero. Apresso-me para acabar antes que a carcereira volte.

A comida que abandonei já esfriou há muito tempo quando escuto passos de novo. Eles param diante da minha cela e ouço o tilintar de chaves, depois a pesada porta se abre e surge uma jovem carrancuda de pouco mais de vinte anos. O uniforme preto e os cabelos loiros gordurosos identificam-na como a carcereira que me trouxe o café da manhã, e aponto para a bandeja que deixei sobre o

colchão.

— Desculpe, não consegui comer.

— Isso não me surpreende — diz a carcereira, com um sorriso. — Eu não tocaria nisso nem que estivesse morrendo de fome.

★ ★ ★

Sento-me no banco metálico no fundo da sala de custódia e calço minhas botas. Estou na companhia de outras três pessoas: são três homens vestidos com calças de moletom e casacos do mesmo material, com capuz, tão parecidos que logo imagino que seja uma espécie de uniforme. Eles se sentam com as costas apoiadas na parede, e parecem tão à vontade neste lugar quanto eu me sinto deslocada. Viro-me e vejo uma série de avisos na parede acima de nossas cabeças, mas nenhum faz sentido. São informações sobre advogados, intérpretes, delitos "levados em consideração". Eu devia saber o que está acontecendo? Cada vez que sou tomada pelo pânico, lembro-me do que fiz, e digo a mim mesma que não tenho direito de sentir medo.

Esperamos durante meia hora ou talvez um pouco mais até que soa um alarme e o sargento de custódia olha para a tela da câmera de segurança na parede, agora ocupada por um enorme caminhão branco.

— A limusine já está aqui, rapazes — anuncia ele.

O homem ao meu lado estala a língua e murmura algo que não consigo nem quero entender.

O sargento abre a porta para dois agentes de segurança, um homem e uma mulher.

— Tenho quatro para você hoje, Ash — diz ele para o agente. — A propósito, a City esteve agitada ontem à noite, não? — Sacode a cabeça devagar, num gesto de solidariedade, embora tenha um largo sorriso no rosto, e o homem chamado Ash dá um tapinha em seu ombro.

— Nosso dia chegará — diz. Olha pela primeira vez na nossa direção. — Bem, você tem a papelada desse pessoal?

Os homens continuam a falar de futebol, e a agente de segurança aproxima-se de mim.

— Tudo bem, querida? — pergunta. Ela é gorducha, tem um ar maternal que não combina com seu uniforme, e sinto uma vontade ridícula de chorar. Ela me

manda ficar de pé, passa a palma da mão em meus braços, costas e pernas. Enfia um dedo no cós da minha calça e, por cima da blusa, verifica o elástico do meu sutiã. Percebo que os rapazes no banco se cutucam e sinto-me tão exposta quanto se estivesse nua. A oficial algema meu pulso direito ao seu esquerdo e me conduz para fora.

⋆ ⋆ ⋆

Somos levados ao tribunal em um caminhão compartimentado que me faz lembrar dos veículos de transporte de cavalos que eu via nas feiras às quais minha mãe costumava levar Eve e eu. Luto para me manter no banco estreito quando o caminhão dobra uma esquina, porque tenho os pulsos presos a uma corrente que vai de um lado ao outro do cubículo. A falta de espaço me dá claustrofobia e olho pela janela de vidro escurecido que faz com que os prédios de Bristol passem por mim em um caleidoscópio de formas e cores. Tento encontrar sentido nas voltas e mais voltas que damos, mas o balanço do veículo me deixa enjoada e por isso fecho os olhos e apoio a testa no vidro frio.

Minha cela ambulante é substituída por uma fixa nas profundezas do Tribunal de Primeira Instância. Servem-me chá — quente, desta vez — e uma torrada que se desfaz em mil pedaços na minha garganta. Sou informada de que meu advogado chegará às dez horas. Como é possível que ainda não sejam dez horas? Já vivi uma eternidade hoje.

⋆ ⋆ ⋆

— Sra. Gray?

O advogado é jovem e impassível. Veste um terno elegante com listras ousadas.

— Não pedi advogado.

— A senhora precisa ter uma representação legal, Sra. Gray, ou fazer sua própria defesa. Pretende fazer isso? — Sua sobrancelha arqueada sugere que só os muito tolos considerariam tal opção.

Nego com a cabeça.

— Muito bem. Entendo que, em depoimento, a senhora admitiu ter causado uma morte por condução perigosa e fugido sem notificar o acidente. Estou certo?

— Sim.

Ele folheia rapidamente o dossiê que trouxe, depois de desamarrar a fita vermelha e jogá-la com displicência sobre a mesa. Ainda não olhou para mim.

— A senhora se declara culpada ou inocente?

— Culpada — respondo, e a palavra parece ficar suspensa no ar. É a primeira vez que a pronuncio em voz alta. Sou culpada.

Ele escreve muito mais do que essa única palavra, e tenho vontade de olhar por cima de seu ombro para ler.

— Pedirei sua liberação sob fiança, e vejo uma grande possibilidade de consegui-la. Não há condenações anteriores, a senhora respeitou as condições de sua atual liberdade sob fiança e apresentou-se nos prazos devidos. É evidente que a fuga inicial deporá contra nós. É portadora de algum problema de saúde mental?

— Não.

— É uma pena. Mas tudo bem. Farei o que estiver ao meu alcance. Tem alguma dúvida?

Dezenas, penso.

— Nenhuma — respondo.

★ ★ ★

— Todos de pé.

Eu esperava mais gente, mas além de um homem com uma caderneta na mão e expressão entediada sentado em um setor do tribunal que o oficial de justiça me explica ser destinado à imprensa, não há quase ninguém. Meu advogado senta-se no meio da sala, de costas para mim. Uma mulher jovem de saia azul-marinho está ao seu lado e passa um marcador de texto em uma página impressa. Na mesma mesa comprida, mas a alguns metros de distância, há uma dupla quase idêntica: a acusação.

O oficial de justiça ao meu lado puxa minha manga e percebo que sou a única ainda de pé. O magistrado, um homem com o rosto chupado e cabelos ralos, acaba de chegar e a sessão tem início. Meu coração está acelerado e sinto o rosto queimar de vergonha. As poucas pessoas presentes me olham com curiosidade, como se eu fosse uma peça de museu. Lembro-me de algo que li certa vez sobre execuções públicas na França: a guilhotina montada na praça da cidade para que todos vissem; mulheres tricotando enquanto esperavam o início do espetáculo.

Sinto um arrepio dos pés à cabeça quando percebo que eu sou o entretenimento do dia.

— A ré pode levantar-se, por favor?

Fico de pé de novo e digo meu nome quando o funcionário pergunta.

— Como se declara?

— Culpada. — Minha voz tem um som estridente e tusso para limpar a garganta, mas não me pedem para repetir.

Os advogados discutem sobre a fiança com tanta rapidez que minha cabeça começa a girar.

Há coisas demais em jogo; a ré poderá escapar.

A ré tem respeitado as condições da liberdade sob fiança; continuará a respeitá-las.

Há uma condenação a prisão perpétua a considerar.

Há uma vida a considerar.

Eles falam entre si por meio do magistrado, como duas crianças que se comunicam por intermédio de um dos pais após uma briga. Suas palavras estão carregadas de emoção e são acompanhadas por gestos amplos que se perdem na sala de audiências vazia. Eles discutem sobre a fiança: devo permanecer na prisão até o julgamento do Tribunal de Justiça ou ser libertada sob fiança para aguardar o julgamento em casa? Percebo que meu advogado defende minha libertação, e tenho vontade de puxar sua manga e lhe dizer que não tenho interesse na fiança. A não ser Beau, não há ninguém à minha espera em casa. Ninguém sente minha falta. Na prisão estarei em segurança. Mas continuo sentada em silêncio, com as mãos sobre os joelhos, sem muita certeza de como devo estar aparentando. Não que alguém olhe para mim. Sou invisível. Tento acompanhar a discussão entre os advogados para saber quem é o vencedor dessa guerra de palavras, mas logo me perco no meio de tanta encenação.

O magistrado pede silêncio ao tribunal e me olha com ar muito sério. Tenho uma vontade absurda de dizer-lhe que não sou como os ocupantes habituais daquele tribunal. Que fui criada em uma casa como a dele, e que frequentei a universidade; organizava jantares; tinha amigos. Que já fui uma pessoa segura de mim e extrovertida. Que até o ano passado eu jamais havia infringido a lei, e que o acontecido foi um erro terrível. Seu olhar, porém, é de indiferença, e percebo que não lhe interessa saber quem sou nem quantos jantares organizei. Não passo de mais uma criminosa que entra pela sua porta; nada me diferencia dos outros.

Tenho a sensação de que mais uma vez sou despojada de minha identidade.

— Seu advogado defendeu com fervor seu direito à fiança, Sra. Gray — diz o magistrado —, e assegurou que é mais fácil a senhora ir para a Lua do que voltar a fugir. — Ouve-se uma risada nervosa vinda do público, que inclui duas mulheres idosas acomodadas na segunda fila, munidas de uma garrafa térmica. Minhas *tricoteiras* dos tempos modernos. O magistrado esboça um sorriso. — Ele afirma que sua fuga da cena desse crime abominável deu-se em um momento de loucura que contraria sua natureza e que não se repetirá. Espero, Sra. Gray, para o bem de todos nós, que ele tenha razão. — Faz uma pausa, e prendo a respiração. — Liberdade sob fiança concedida.

Deixo escapar um suspiro que pode ser interpretado como de alívio.

Há um ruído no Setor de Imprensa e vejo o jovem com a caderneta deslizar pela fila de bancos enquanto enfia seus papéis de qualquer jeito no bolso do casaco. Faz um gesto com a cabeça na direção do magistrado e sai, deixando a porta vaivém balançando às suas costas.

— Todos de pé.

Quando o magistrado sai do tribunal, o burburinho aumenta, e vejo meu advogado dirigir-se à acusação. Eles riem de alguma coisa, depois o advogado se aproxima do banco dos acusados para falar comigo.

— Bom resultado — diz, agora com um sorriso. — A sessão foi suspensa e o caso será julgado no dia 17 de março. A senhora será informada sobre assistência jurídica e alternativas para sua defesa. Bom regresso para casa, Sra. Gray.

É estranho sair caminhando em liberdade do tribunal depois de vinte e quatro horas trancada em uma cela. Vou à cantina comprar um café e queimo a língua na impaciência de beber algo mais forte que o chá da delegacia.

Há um teto de vidro na entrada do Tribunal de Bristol, que protege da chuva fina os pequenos grupos que falam depressa entre uma tragada e outra de cigarro. Quando desço os degraus, sou empurrada por uma mulher que caminha na direção oposta, e derramo café na minha mão porque a tampa de plástico não se encaixa bem no copo.

— Desculpe — digo automaticamente. Mas quando paro e levanto os olhos vejo que a mulher também parou e que tem um microfone na mão. Um clarão repentino me assusta e então percebo que há um fotógrafo a poucos metros de mim.

— Como se sente diante da possibilidade de acabar na prisão, Jenna?

— Quem? Eu...

O microfone está tão perto de mim que quase toca meus lábios.

— Continuará a declarar-se culpada, como hoje? Como acha que a família de Jacob está se sentindo?

— Eu, sim, eu...

As pessoas me empurram de todos os lados, e a repórter grita suas perguntas por cima dos gritos da multidão, que não consigo decifrar. O barulho é tanto que tenho a impressão de estar em um estádio de futebol ou em um show de rock. Tenho dificuldade para respirar, e quando tento me virar, sou empurrada na direção oposta. Alguém puxa meu casaco, perco o equilíbrio e caio com todo o meu peso sobre alguém que me empurra bruscamente e me faz endireitar o corpo de novo. Vejo um cartaz improvisado empunhado por um pequeno grupo de manifestantes. Quem quer que o tenha escrito começou com letras muito grandes e precisou espremer as últimas para que coubessem no espaço disponível. *Justiça para Jacob!*

É isso. É o refrão que ouço.

"Justiça para Jacob! Justiça para Jacob!" Mais e mais vezes, até eu ser encurralada pelos gritos. Busco uma saída lateral, mas ali também há muita gente, e o café escapa da minha mão, perde a tampa e cai no chão, espirrando em meus sapatos e escorrendo pela escada. Tropeço mais uma vez e, por um segundo, imagino que cairei e serei pisoteada pela multidão enfurecida.

— Você não vale nada!

Identifico uma boca retorcida pela raiva e um par de enormes argolas que balançam para um lado e para o outro. A mulher emite um som primitivo no fundo da garganta e cospe o resultado gelatinoso em meu rosto. Viro-me na hora certa e sinto a saliva quente pousar em meu pescoço e deslizar por dentro da gola de meu casaco. Estou tão chocada quanto se tivesse levado uma bofetada, e dou um grito enquanto ergo os braços e cubro o rosto para me proteger do próximo ataque.

"Justiça para Jacob! Justiça para Jacob!"

Sinto que alguém me segura pelo ombro e fico tensa. Preciso escapar e, em desespero, procuro uma saída.

— Vamos pegar um caminho alternativo, venha.

É o detetive Stevens, com o rosto sério e determinado, que me puxa com braço firme escada acima até o tribunal. Solta-me depois de passarmos pela segurança, mas não diz nada, e sigo-o em silêncio por meio de portas duplas até sairmos em um pátio tranquilo nos fundos do tribunal. Aponta para um portão.

— Por aqui chegará à estação rodoviária. Está tudo bem? Quer que eu ligue para alguém?

— Estou bem. Obrigada. Não sei o que teria feito se não o tivesse encontrado. — Fecho os olhos por um segundo.

— Abutres malditos — diz o detetive Stevens. — A imprensa alega que estão fazendo seu trabalho, mas eles não sossegam enquanto não conseguem uma história. Quanto aos manifestantes... Bem, são os mesmos dois ou três idiotas com cartazes na mão o tempo inteiro. Não importa qual seja a questão, você os encontrará sempre nas escadas dos tribunais protestando contra alguma coisa. Não leve para o pessoal.

— Tentarei. — Dou um sorriso constrangido e viro-me para sair, mas ele me detém.

— Sra. Gray?

— Sim?

— Já morou no número 127 da Grantham Street?

Sinto o sangue sumir do meu rosto e forço um sorriso.

— Não, detetive — respondo com cautela. — Não, nunca morei lá.

Ele balança a cabeça, pensativo, e ergue a mão para se despedir. Olho por cima do ombro enquanto atravesso o portão e vejo que ele continua parado, observando-me.

★ ★ ★

Fico mais tranquila quando vejo que o trem para Swansea está quase vazio, e me afundo no assento e fecho os olhos. Continuo a tremer pelo encontro com os manifestantes. Olho pela janela e dou um suspiro de alívio por estar de volta ao País de Gales.

Quatro semanas. Tenho quatro semanas antes de ir para a prisão. Custo a acreditar, mas a situação não pode ser mais real. Telefono para Bethan e digo-lhe que à noite estarei de volta.

— Você está em liberdade sob fiança?

— Até 17 de março.

— Está bom, não acha? — Ela parece intrigada com minha falta de entusiasmo.

— Foi à praia hoje? — pergunto a Bethan.

— Levei os cachorros até o rochedo na hora do almoço. Por quê?

— Havia alguma coisa na areia?

— Nada fora do habitual — responde ela, rindo. — O que esperava?

Suspiro aliviada. Começo a duvidar de que eu tenha de fato visto aquelas letras.

— Nada — digo. — Nos vemos daqui a pouco.

★ ★ ★

Quando chego à casa de Bethan ela me convida para descansar e comer alguma coisa, mas sei que eu não seria boa companhia, e então dou uma desculpa e recuso o convite. Ela insiste que eu leve alguma coisa para comer em casa, então espero até ela colocar um pouco de sopa em um recipiente plástico. Só quase uma hora mais tarde despeço-me dela e percorro com Beau o caminho até o chalé.

A porta empenou tanto por causa do mau tempo que não consigo virar a chave nem abri-la. Empurro-a com o ombro e ela cede um pouco, o suficiente para liberar a fechadura e me permitir virar a chave que, no entanto, fica presa no mecanismo. Beau começa a latir furiosamente, e peço-lhe que fique quieto. Receio ter quebrado a porta, mas não me importo. Se Iestyn tivesse vindo consertá-la logo que lhe falei da fechadura emperrada, a tarefa poderia ter sido bem simples. Agora, de tanto eu forçá-la, ele terá muito mais trabalho.

Despejo a sopa de Bethan em uma panela e coloco-a no fogo para esquentar, deixando o pão ao lado. O chalé está frio e procuro um suéter para me aquecer, mas não encontro nenhum ali embaixo. Beau está inquieto e corre de um lado para outro na sala, como se tivesse ficado fora muito mais de vinte e quatro horas.

Não sei o motivo, mas a escada me parece diferente. Ainda não anoiteceu por completo, e mesmo assim ela está mergulhada na escuridão. Algo impede que a claridade entre pela pequena janela no alto.

Já estou no último degrau quando percebo o que é.

— Você não cumpriu sua promessa, Jennifer.

Ian flexiona um joelho e chuta meu peito com força. Não consigo me segurar

no corrimão de madeira e caio de costas, rolando pela escada até me estatelar no chão de pedra.

35

Você deixou de usar o anel três dias depois, e isso para mim foi como levar uma bofetada. Alegou que tinha medo de danificar o diamante ou até de perder o anel, já que precisava tirá-lo do dedo a toda hora para trabalhar. Começou a usá-lo no pescoço, pendurado em uma delicada corrente de ouro, e por isso fomos comprar uma aliança; algo simples que você pudesse manter sempre no dedo.

— Já pode começar a usá-la agora — sugeri ao sairmos da joalheria.

— Mas o casamento será só daqui a seis meses.

Estávamos de mãos dadas, e apertei a sua com força quando atravessamos a rua.

— Em vez de usar o anel de noivado, entende? Para que tenha alguma coisa no dedo.

Você não me entendia.

— Não me preocupo com isso, Ian, de verdade. Posso esperar até nos casarmos.

— Mas como as pessoas saberão que você está noiva? — Eu não podia deixar essa passar em branco. Interrompi nossa caminhada e coloquei as mãos em seus ombros. Você olhou para as pessoas que passavam apressadas por nós, e tentou se desvencilhar de mim, mas segurei-a ainda com mais firmeza. — Como saberão que está comigo — continuei —, se você não usar aliança?

Reconheci seu olhar. O mesmo de Marie: um olhar que mesclava desafio e cautela. E ele me irritou tanto quanto o dela. Como se atreve a ter medo de mim? Meu corpo estava tenso, e quando percebi a expressão de dor em seu rosto, dei-me conta de que meus dedos estavam cravados em seus ombros. Soltei-a.

— Você me ama? — perguntei.

— Você sabe que sim.

— Então por que não quer que as pessoas saibam que vamos nos casar?

Enfiei a mão no saco plástico, peguei a caixinha e a abri. Eu queria apagar aquela expressão do seu olhar e, num impulso, ajoelhei-me e segurei a caixa aberta na sua frente. As pessoas que passavam por nós murmuravam alguma coisa,

e você estava visivelmente constrangida. Elas reduziam o passo para assistir à cena, e senti muito orgulho por você estar comigo. Minha linda Jennifer.

— Quer casar comigo?

Você parecia emocionada.

— Quero.

Sua resposta foi muito mais rápida do que na primeira vez em que lhe fiz a pergunta, e no mesmo instante o aperto que eu sentia no peito desapareceu. Enfiei a aliança no seu dedo anular e levantei-me para beijá-la. Ouvi aplausos ao nosso redor, e alguém me deu um tapinha nas costas. Eu não conseguia parar de sorrir. Era isso que eu devia ter feito na primeira vez, pensei: devia ter sido mais cerimonioso, mais formal. Você merecia.

Caminhamos de mãos dadas pelas ruas movimentadas de Bristol e acariciei sua aliança com o polegar da minha mão direita.

— Que tal nos casarmos agora? — sugeri. — Vamos a um cartório, pegamos alguém na rua para testemunhar, e pronto.

— Mas preparamos tudo para setembro! Minha família inteira estará presente. Não podemos simplesmente mudar os planos e nos casar agora.

Você tinha me convencido de que uma cerimônia religiosa grande seria um erro: seu pai não estaria lá para levá-la ao altar, e por que gastar dinheiro com uma festa para amigos que não veremos mais? Tínhamos marcado uma cerimônia civil no Courtyard Hotel, seguida de um almoço para vinte pessoas. Convidei Doug para ser meu padrinho, mas os outros convidados seriam seus. Tentei imaginar meus pais ao nosso lado, mas só conseguia pensar na expressão do meu pai na última vez em que o vi. De decepção. De desgosto. Balancei a cabeça para afastar essa imagem.

Você estava decidida.

— Não podemos mudar os planos agora, Ian. Faltam apenas seis meses, não é uma espera tão longa.

Não era, mas eu seguia contando os dias que faltavam para você se tornar a Sra. Petersen. Eu dizia a mim mesmo que me sentiria melhor depois disso, mais seguro. Saberia que você me amava e que ficaria comigo.

Na noite anterior ao nosso casamento você insistiu em ficar no hotel com Eve, enquanto eu passava uma noite estranha com Jeff e Doug no pub. Ainda que sem grande empenho, Doug tentou me proporcionar uma despedida de solteiro

agradável, mas ninguém se opôs quando sugeri que seria melhor eu ir para a cama cedo na véspera do grande dia.

No hotel, consegui me acalmar com um uísque duplo. Jeff deu um tapinha no meu braço e disse que eu era um ótimo companheiro, embora nunca tivéssemos tido nada em comum. Ele não me acompanhou no drinque, e meia hora antes da cerimônia fez um sinal com a cabeça na direção da porta, por onde uma mulher de chapéu azul-marinho tinha acabado de passar.

— Pronto para conhecer a sogra? — perguntou Jeff. — Não é uma pessoa ruim, eu garanto.

Nas poucas ocasiões em que eu encontrara Jeff, sua jovialidade forçada me parecera extremamente irritante, mas naquele dia agradeci que ele estivesse por perto e que me distraísse. A única coisa que eu queria era ligar para você e ter certeza de que chegaria. Eu estava em pânico com a ideia de ser deixado plantado ali; de me humilhar perante todas aquelas pessoas.

Segui Jeff pelo bar até onde sua mãe estava. Ela estendeu a mão e apertei-a, depois beijei seu rosto murcho.

— Grace, é um prazer conhecê-la. Já ouvi falar muito a seu respeito.

Você tinha me dito que não se parecia em nada com sua mãe, mas percebi que as duas tinham as mesmas maçãs do rosto salientes. Talvez você tivesse o mesmo tom de pele de seu pai, e também seus genes artísticos, mas a compleição magra e o olhar observador eram de Grace.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo — retrucou Grace, com um sorriso divertido no canto da boca. — Mas se eu quiser saber o que há de novo na vida de Jenna, é com Eve que preciso falar.

Tentei assumir uma expressão que aparentasse solidariedade, como se eu também estivesse à mercê de sua falta de comunicação. Ofereci uma bebida a Grace, e ela aceitou uma taça de champanhe.

— Para celebrar — disse ela, embora não tenha sugerido um brinde.

Você me fez esperar quinze minutos, porque era um direito seu, suponho. Doug fingiu que havia perdido a aliança, e nossa festa de casamento deve ter sido igual a qualquer outra em qualquer outro hotel do país. Mas quando a vi avançar pelo corredor, pensei que não podia haver noiva mais linda. Seu vestido era simples: tinha um decote em forma de coração e uma saia que realçava seus quadris, em cetim brilhoso, e caía até o chão. Você carregava um buquê de rosas

brancas e seus cabelos, presos no alto da cabeça, derramavam-se em cachos luminosos.

Ficamos parados lado a lado e, sem que você percebesse, observei-a com o canto do olho enquanto o juiz de paz conduzia a cerimônia. Quando pronunciamos nossos votos, você olhou dentro dos meus olhos e não me importei mais com Jeff, Doug nem sua mãe. Ainda que mil pessoas estivessem conosco na sala, eu só tinha olhos para você.

"Eu os declaro marido e mulher."

Houve alguns aplausos hesitantes, e em seguida beijei-a nos lábios antes de darmos meia-volta e seguirmos juntos pelo corredor. O hotel havia organizado uma mesa com bebidas e canapés em uma área ao lado do bar, e eu não me cansava de observá-la enquanto você se movimentava pelo salão, recebendo cumprimentos e mostrando a mão para que todos admirassem sua aliança.

— Ela está linda, não?

Eu não percebera que Eve tinha se aproximado de mim.

— Ela *é* linda — falei, e, com um movimento de cabeça, Eve concordou com a correção.

Quando me virei, dei-me conta de que Eve já não olhava para você, mas para mim.

— Você não fará nada que a magoe, não é?

Ri.

— Isto é pergunta que se faça a um homem no dia de seu casamento?

— É a mais importante, não acha? — Eve tomou um gole de champanhe e fixou os olhos em mim. — Você lembra muito nosso pai.

— Bem, então talvez seja isso que Jennifer vê em mim — respondi em tom seco.

— Talvez. Só espero que você não a deixe também.

— Não tenho a intenção de abandonar sua irmã, embora isso não lhe diga respeito. Ela é uma mulher adulta, não uma criança traumatizada por um pai mulherengo.

— Meu pai não era mulherengo. — Eve não o estava defendendo, apenas relatando um fato, mas fiquei interessado. Eu sempre acreditara que ele havia deixado a esposa por outra mulher.

— Então por que ele foi embora?

Ela ignorou minha pergunta.

— Cuide de Jenna. Ela merece ser bem tratada.

Eu não suportava mais ver a expressão petulante de Eve, nem ouvir seus sermões ridículos e paternalistas. Deixei-a plantada no bar e corri para você, abraçando-a pela cintura. Minha nova esposa.

⋆ ⋆ ⋆

Eu tinha prometido levá-la a Veneza, e não via a hora de cumprir a promessa. No aeroporto você me entregou, cheia de orgulho, o novo passaporte e sorriu quando leram seu nome em voz alta.

— Soa tão estranho!

— Você logo se acostumará a ouvi-lo — afirmei. — Sra. Petersen.

Quando percebeu que eu tinha comprado bilhetes de classe executiva, você ficou em êxtase e quis aproveitar ao máximo tudo que nos foi oferecido. O voo foi de apenas duas horas, mas nesse intervalo você experimentou a máscara para os olhos, assistiu a um pedaço de cada filme e tomou champanhe. Eu estava encantado de vê-la tão feliz e de tudo isso ser por minha causa.

O carro que faria nosso traslado teve um atraso enorme, e só chegamos ao hotel muito mais tarde que o previsto. O champanhe me deixara com dor de cabeça e eu estava cansado e revoltado com a precariedade do serviço. Não podia me esquecer de exigir o reembolso do traslado quando voltássemos para casa.

— Vamos deixar as malas e sair para conhecer a cidade — sugeriu você assim que chegamos à recepção revestida de mármore.

— Ficaremos duas semanas aqui. É melhor pedir o jantar ao serviço de quarto e desfazer as malas. Veneza continuará no mesmo lugar amanhã de manhã. Além disso, é nossa noite de núpcias — completei, enquanto a abraçava e apertava seu traseiro.

Você me beijou com a língua enfiada em minha boca, mas logo se afastou e segurou minha mão.

— Ainda não são nem dez horas! Damos uma caminhada aqui por perto, bebemos alguma coisa e logo voltamos, eu prometo.

O recepcionista sorriu, sem tentar esconder que se divertia com nosso show improvisado.

— Briguinha de apaixonados? — Ele riu, embora eu o tenha fuzilado com o

olhar, e minha indignação foi ainda maior ao ver que você ria com ele.

— Estou tentando convencer meu *marido* — você sorriu ao pronunciar esta palavra, e piscou para mim como se isso fizesse alguma diferença — de que precisamos dar um passeio por Veneza antes de ir para o quarto. A cidade parece linda. — Você fechou os olhos por um tempo longo demais quando piscou, e então reparei que estava um pouco bêbada.

— É linda, mas não tanto quanto a *signora*. — O recepcionista fez uma pequena e ridícula reverência.

Olhei para você, esperando que revirasse os olhos, mas o que vi foi seu rosto ruborizado, e então percebi que se sentia lisonjeada. Elogiada por aquele gigolô, um homem bajulador com unhas feitas e flor na lapela.

— Nossa chave, por favor — pedi. Dei um passo à frente e debrucei-me no balcão. O recepcionista hesitou por um instante antes de me entregar uma carteirinha de papel contendo duas chaves magnéticas no formato de cartão de crédito.

— *Buona sera, signore*.

Ele não sorria mais.

Recusei ajuda com nossas malas e deixei que você arrastasse a sua até o elevador, onde apertei o botão do terceiro andar. Observei-a pelo espelho.

— Ele foi muito simpático, não? — perguntou você, e senti gosto de bile no fundo da garganta. Tudo havia corrido tão bem no aeroporto; tínhamos nos divertido tanto no avião; e agora você estragava tudo. Falava sem parar, mas eu não a escutava: pensava apenas no seu sorriso para o recepcionista; em como seu rosto tinha ficado vermelho ao permitir que ele flertasse com você; em como isso a *agradara*.

Nosso quarto ficava no final de um corredor acarpetado. Enfiei a chave magnética no leitor e retirei-a em seguida, impaciente para ouvir o clique que indicaria a liberação do trinco. Empurrei a porta e puxei minha mala para dentro, sem me importar que ela se fechasse na sua cara. O quarto estava quente. Quente demais, mas as janelas não abriam, e desabotoei o colarinho da camisa para tentar me refrescar um pouco. O sangue pulsava em meus ouvidos, mas você não parava de falar; agia como se não houvesse nada errado; como se não tivesse me humilhado.

Meu punho fechou-se instintivamente e a pele se esticou sobre os nós dos

meus dedos contraídos. Senti um aperto cada vez maior no peito e até meus pulmões pareciam comprimidos. Olhei para você, ainda sorridente, ainda tagarela; ergui o punho e bati no seu rosto.

Quase no mesmo instante, o aperto que eu sentia no peito sumiu. Voltei a me acalmar, como quando se libera adrenalina depois do sexo ou da prática de algum esporte. Minha dor de cabeça diminuiu, e a veia na minha têmpora parou de pulsar. Você deixou escapar um soluço abafado, mas a ignorei. Saí do quarto, peguei o elevador e voltei para a recepção. Fui direto para a rua, sem olhar para o balcão da recepção. Encontrei um bar e bebi duas cervejas, ignorando as tentativas do barman de conversar comigo.

⋆ ⋆ ⋆

Uma hora depois voltei para o hotel.

— Pode me conseguir um pouco de gelo, por favor?

— *Si, signore*. — O recepcionista desapareceu e pouco depois voltou com um balde de gelo. — Copos de vinho, *signore*?

— Não, obrigado.

Eu já estava calmo, e minha respiração era regular. Subi pelas escadas para retardar minha volta.

Quando abri a porta, encontrei-a encolhida na cama. Você endireitou o corpo e recuou para o lado oposto, apoiando-se na cabeceira. Vi um punhado de lenços de papel ensanguentados sobre a mesinha lateral, mas, apesar do seu esforço para limpar o rosto, havia sangue seco no seu lábio superior. Um hematoma começava a se formar no seu nariz e num olho. Quando me viu, você começou a chorar, e as lágrimas chegaram sanguinolentas ao seu queixo antes de pingarem na blusa e deixarem nela pequenas nódoas rosadas.

Deixei o balde de gelo na mesa e abri um guardanapo. Coloquei gelo sobre ele e dobrei-o, como se fosse um pacote. Sentei-me ao seu lado. Você tremia, mas apliquei com delicadeza a compressa gelada na sua pele.

— Encontrei um bar muito agradável — falei. — Acho que você vai gostar. Dei uma volta aqui por perto e descobri um ou dois lugares para o almoço de amanhã que você vai querer experimentar.

Retirei a compressa de gelo e você me encarou com olhos bem abertos e desconfiados. Continuava a tremer.

— Está com frio? Enrole-se nisto. — Peguei o cobertor que estava aos pés da cama e coloquei-o sobre seus ombros. — Você está cansada, o dia foi longo. — Beijei-a na testa, mas você continuava a chorar. Desejei com todas as minhas forças que você não tivesse estragado nossa primeira noite. Cheguei a acreditar que você fosse diferente, e que eu talvez jamais voltasse a experimentar esse sentimento de libertação: essa sensação de paz que chega após uma briga. Fiquei triste ao perceber que, no fundo, você era exatamente igual a todas as outras.

36

Respiro com dificuldade. Beau começa a ganir, lambe meu rosto e me empurra com o focinho. Tento refletir, tento me mexer, mas a violência do impacto deixou-me sem fôlego e não consigo me levantar. Mesmo que eu pudesse fazer meu corpo obedecer, alguma coisa acontece dentro de mim e torna meu mundo cada vez menor. De repente, estou de volta a Bristol, e não sei com qual humor Ian chegará em casa. Acabo de preparar o jantar que ele, sem dúvida, jogará na minha cara. Estou encolhida no chão do ateliê e tento proteger a cabeça dos golpes que chovem sobre mim.

Ian desce as escadas com cuidado, sacudindo a cabeça como se ralhasse com uma criança malcriada. Sempre o decepcionei; nunca soube o que era certo dizer ou fazer, por mais que tentasse. Ele fala baixo, e quem não ouvisse suas palavras diria que é um homem atencioso. No entanto, o tom de sua voz é suficiente para me fazer tremer descontroladamente, como se estivesse deitada em um bloco de gelo.

Ele está em cima de mim, com as pernas abertas, e seus olhos percorrem meu corpo devagar. O vinco de suas calças está impecável, e a fivela do cinto tão polida que consigo ver meu rosto aterrorizado refletido nela. Ele repara em algo no seu casaco, tira um fio solto e o deixa flutuar até o chão. Beau continua a ganir e Ian atinge-o na cabeça com um chute certeiro que o joga a um metro de distância.

— Não o machuque, por favor!

Beau geme, mas se levanta. Escapa para a cozinha, e não consigo mais vê-lo.

— Você foi à polícia, Jennifer — diz Ian.

— Desculpe. — Minha voz não passa de um sussurro e não tenho certeza se Ian me ouviu, mas se eu repetir e ele achar que estou suplicando, ficará irritado. É estranha a rapidez com que tudo volta à minha cabeça: a necessidade de andar na corda bamba que é fazer exatamente o que ele manda, mas sem assumir o ar patético que o deixa tão enfurecido. Ao longo dos anos tenho errado muito mais

do que acertado.

Engulo em seco.

— Eu... eu sinto muito.

Ele está com as mãos nos bolsos. Parece relaxado, descontraído. Mas o conheço bem. Sei com que velocidade ele pode...

— Sente muito?

No instante seguinte ele está agachado sobre mim e seus joelhos prendem meus braços no chão.

— Acha que isso conserta as coisas? — Inclina-se e enfia as rótulas em meus bíceps. Mordo a língua tarde demais para conter o grito de dor que o faz contrair a boca em uma careta de desprezo por minha total falta de controle. Sinto bile subir à minha garganta e a engulo.

— Você falou de mim para eles, não foi? — A saliva acumulada nos cantos de sua boca respinga em meu rosto quando ele fala. Lembro-me de repente da manifestação do lado de fora do tribunal, embora ela pareça ter acontecido há muito tempo e não apenas há poucas horas.

— Não, não falei nada.

Voltamos ao jogo de sempre; aquele em que ele lança uma pergunta e tento me esquivar. Eu jogava bem. No início, acreditava ver um mínimo de respeito em seus olhos: ele interrompia de repente a discussão e ligava a televisão ou saía. Mas devo ter perdido a prática, ou talvez ele tenha mudado as regras, e comecei a interpretar mal as perguntas. Por enquanto, em todo caso, ele parece satisfeito com minha resposta e muda de assunto.

— Você anda saindo com alguém, não é verdade?

— Não, claro que não — respondo depressa. Estou contente por poder dizer a verdade, embora saiba que ele não acreditará.

— Mentirosa. — Ele me atinge no rosto com as costas da mão. O golpe produz um ruído seco, como o de um chicote, e quando ele volta a falar o som é estridente em meus ouvidos. — Alguém a ajudou a criar um site na internet, alguém encontrou este lugar para você. Quem foi?

— Ninguém — respondo, com gosto de sangue na boca. — Fiz tudo sozinha.

— Você é incapaz de fazer alguma coisa sozinha, Jennifer. — Ele inclina-se até seu rosto quase tocar o meu. Tento permanecer imóvel, porque sei o quanto ele detesta me ver recuar. — Você nem conseguiu fugir direito, não é mesmo? Tem

ideia de como foi fácil encontrá-la quando descobri de onde eram suas fotos? Parece que os habitantes de Penfach ficam felizes em poder ajudar um desconhecido que procura uma velha amiga.

Não tinha me passado pela cabeça descobrir como Ian conseguira me encontrar. Eu sempre soube que ele conseguiria.

— A propósito, achei lindo o postal que você enviou à sua irmã.

O comentário desnecessário tem o efeito de mais uma bofetada, e estremeço de novo.

— O que você fez com ela? — Se alguma coisa acontecer com Eve e as crianças por causa da minha imprudência, jamais me perdoarei. Eu estava tão desesperada por mostrar que ainda me preocupava com ela que nem parei para pensar se a tinha colocado em perigo.

Ele ri.

— Por que eu faria alguma coisa contra ela? Tenho tão pouco interesse nela quanto em você, sua vadia inútil e patética, Jennifer. Você não é nada sem mim. Nada. O que você é?

Não respondo.

— Diga. O que você é?

Sinto gosto de sangue no fundo de minha garganta e luto para falar sem me sufocar.

— Não sou nada.

Ele ri e desloca o peso do corpo para relaxar a pressão, e a dor em meus braços diminuiu um pouco. Ele passa um dedo pelo meu rosto, circunda meu queixo e chega a meus lábios.

Sei o que está por vir, mas isso não facilita as coisas. Sem nenhuma pressa, ele desabotoa minha blusa, abre-a centímetro por centímetro e ergue minha camiseta para deixar meus seios à mostra. Seus olhos frios passeiam por meu corpo, sem a menor faísca de desejo, e então sua mão chega ao zíper de sua calça. Fecho os olhos e me refugio em mim mesma, incapaz de me mover, incapaz de falar. Durante uma fração de segundo penso no que aconteceria se eu gritasse ou dissesse não. Se lutasse com ele, ou simplesmente o empurrasse para longe. Mas não faço nada, como nunca fiz, e assim a única culpada sou eu.

★ ★ ★

Não sei há quanto tempo estou deitada aqui, mas o chalé está escuro e frio. Subo meu jeans, viro-me de lado e abraço os joelhos com força. Sinto uma dor entorpecida entre as pernas e uma umidade que suspeito ser sangue. Não tenho certeza se desmaiei, mas não me lembro de quando Ian foi embora.

Chamo Beau. Após um angustiante segundo de silêncio, ele sai da cozinha e se arrasta devagar, com o rabo entre as pernas e as orelhas grudadas na cabeça.

— Beau, me desculpe. — Tento atraí-lo, mas quando estendo a mão, ele late. Uma vez só, um latido de advertência, com a cabeça virada para a porta. Levanto-me com dificuldade e uma dor aguda me faz estremecer. Alguém bate na porta.

Fico parada no centro da sala, curvada sobre mim mesma, com a mão na coleira de Beau. Ele rosna baixo, mas não volta a latir.

— Jenna? Você está aí?

Patrick.

Sinto um alívio imediato. A porta não está trancada, e quando a abro e o vejo preciso sufocar um soluço. Mantenho a luz da sala apagada, e espero que isso seja suficiente para esconder meu rosto que, imagino, já apresenta hematomas.

— Você está bem? — pergunta Patrick. — Aconteceu alguma coisa?

— Eu... devo ter adormecido no sofá.

— Bethan me disse que você tinha voltado. — Ele hesita, baixa os olhos por um instante, mas logo volta a olhar para mim. — Vim me desculpar. Eu não devia ter falado com você daquele jeito, Jenna, mas o choque foi muito grande.

— Não precisa se desculpar — digo. Por cima de seu ombro olho para o penhasco escuro e me perguntou se Ian estará em algum lugar por ali, nos observando. Não posso permitir que ele me veja com Patrick; não posso permitir que ele faça alguma coisa contra Patrick. Basta o que já fez com Eve e com todas as outras pessoas importantes para mim. — Só isso?

— Posso entrar? — Ele avança um passo, mas balanço a cabeça. — Jenna, o que está acontecendo?

— Não quero mais vê-lo, Patrick. — Ouço-me dizer essas palavras e resisto à vontade de retirá-las.

— Não a culpo. — Ele tem um ar cansado, como se não dormisse bem há dias. — Meu comportamento foi terrível, Jenna, e não sei o que fazer para me retratar. Quando soube o que você... o que tinha acontecido, fiquei tão chocado que não consegui raciocinar direito. Não tive condições de ficar ao seu lado.

Começo a chorar. Não consigo me controlar. Patrick segura minha mão, e não quero que ele a solte.

— Preciso entender, Jenna. Não posso fingir que não estou chocado, que não acho este momento difícil, mas quero saber o que aconteceu. Quero ajudá-la, se puder.

Não digo nada, embora saiba que só há uma coisa que eu possa dizer. Só há um modo de protegê-lo.

— Sinto saudades de você, Jenna — murmura ele.

— Não quero mais vê-lo. — Afasto minha mão para dar mais convicção às minhas palavras. — Não quero mais nada com você.

Patrick recua como se tivesse recebido um soco, e seu rosto perde a cor.

— Por que está dizendo isso?

— Porque é o que sinto. — A mentira é uma tortura.

— É porque fui embora?

— Minha decisão não tem a ver com você. Nada disso tem a ver com você. Só quero que me deixe em paz.

Patrick olha para mim e me forço a encará-lo, rezando para que ele não perceba o conflito que, tenho certeza, está evidente em meus olhos. Ele por fim ergue as mãos como se admitisse a derrota e se afasta.

Sai com passo incerto e logo começa a correr.

Fecho a porta e desabo no chão, apertando Beau contra o peito para chorar copiosamente em seu pelo. Não fui capaz de salvar Jacob, mas posso salvar Patrick.

⋆ ⋆ ⋆

Logo que me recupero, ligo para Iestyn e peço-lhe que conserte a fechadura.

— Agora nem consigo girar a chave — explico. — Estragou de vez, e agora não há como fechar a porta por fora.

— Não se preocupe — responde Iestyn. — Não há ladrão por aqui.

— Preciso que a conserte! — A firmeza de minhas palavras o surpreende tanto quanto a mim, e ficamos os dois em silêncio por um instante.

— Daqui a pouco estarei aí.

⋆ ⋆ ⋆

Ele chega uma hora depois e logo começa a trabalhar, mas recusa o chá que lhe ofereço. Assobia baixinho para si mesmo enquanto desmonta a fechadura e lubrifica seu mecanismo, antes de remontá-la e de me mostrar como a chave agora gira sem problema.

— Obrigada — digo, quase soluçando de alívio. Iestyn me olha de modo estranho e aperto meu casaco contra o corpo. Hematomas começam a manchar meus braços e suas bordas se expandem como tinta em papel absorvente. Estou dolorida como se tivesse corrido uma maratona, minha face esquerda está inchada e sinto um dente balançar. Deixo meu cabelo cair sobre o rosto para esconder as marcas piores.

Vejo que Iestyn observa as manchas de tinta vermelha na porta.

— Vou limpar tudo — digo, e ele não responde. Despede-se com um aceno, mas logo parece pensar melhor e vira-se para mim.

— Penfach é um lugar pequeno — diz. — Todo mundo sabe tudo de todos.

— Já percebi — respondo. Se ele espera que eu me defenda, ficará decepcionado. Serei julgada pela justiça, não pelos moradores.

— Eu ficaria na minha, se fosse você — sugere Iestyn. — Deixaria tudo se acalmar.

— Obrigada pelo conselho — digo secamente.

Fecho a porta e subo para preparar um banho. Sento-me na água quente com os olhos fechados para não ver as manchas que afloram em minha pele. Em meu peito e nas coxas há pequenas marcas deixadas pelos dedos de Ian, enganosamente delicadas contra minha pele pálida. Foi burrice pensar que eu poderia escapar do passado. Por mais depressa que eu corra, por mais longe que eu vá, jamais escaparei dele.

37

— Precisa de ajuda? — perguntou Ray, embora soubesse que Mags devia ter se virado muito bem sozinha, como sempre.

— Está tudo pronto — respondeu ela enquanto tirava o avental. — Chilli e arroz no forno, cerveja na geladeira e brownie de chocolate para a sobremesa.

— Deve estar uma delícia — comentou Ray. Continuou na cozinha, sem saber o que fazer.

— Esvazie a lava-louça, se está à procura do que fazer.

Ray começou a tirar os pratos limpos, tentando pensar em um assunto neutro que não fizesse a conversa acabar em discussão.

O encontro daquela noite havia sido ideia de Mags. Para comemorar a conclusão de um trabalho bem-feito, ela dissera. Ray perguntou a si mesmo se seria esse o modo de ela se desculpar por suas recentes brigas.

— Obrigado de novo por sugerir este encontro — disse ele, quando o silêncio se tornou insuportável. Tirou o suporte para talheres da lava-louça e deixou um rastro de água no chão. Mags entregou-lhe um pano.

— É um dos casos mais difíceis que você já enfrentou — disse ela. — Deve comemorar. — Ela tirou o pano da mão dele e colocou-o na pia. — Além disso, são vocês três que decidem se querem passar a noite no Nag's Head ou vir para cá comer alguma coisa e tomar algumas cervejas...

Ray aceitou a crítica sem fazer comentários. Então era esse o verdadeiro motivo para o jantar.

Os dois se movimentavam pela cozinha com cautela, como se pisassem em ovos; como se Ray não tivesse passado a noite no sofá; como se o filho não guardasse no quarto uma porção de objetos roubados. Ele arriscou uma olhada na direção de Mags, mas não conseguiu decifrar a expressão em seu rosto e decidiu ficar calado. Nos últimos tempos ele tinha a impressão de só dizer o que não devia.

Ray sabia que não era justo comparar Mags a Kate, mas tudo era muito mais

fácil no trabalho. Kate nunca parecia se ofender, e por isso ele não precisava ensaiar com antecedência o que dizer para ela, como passara a fazer antes de abordar um assunto delicado com Mags.

Ele não tinha muita certeza se Kate gostaria de jantar com eles naquela noite.

— Entenderei se preferir não ir — dissera ele, mas Kate parecera confusa.

— Por que eu... — Ela mordeu o lábio. — Ah, entendo. — Tentara manter uma expressão séria como a de Ray, sem grande sucesso, e seus olhos brilharam. — Já lhe disse, está tudo esquecido. Para mim não há problema, se para você também não tiver.

— Nenhum problema — Ray havia dito.

⋆ ⋆ ⋆

Era o que ele esperava, pelo menos. De repente, sentiu-se desconfortável ao imaginar Mags e Kate na mesma sala. Na noite anterior, no sofá, sem conseguir pregar o olho, não parava de pensar que Mags sabia que ele havia beijado Kate e que ela a convidara com o único objetivo de deixar isso bem claro para o marido. Mesmo sabendo que Mags não era o tipo de mulher que gosta de acertar contas em público, a perspectiva de uma confrontação naquela noite fazia Ray suar frio.

— Tom chegou hoje da escola com uma carta — avisou Mags de repente, e Ray teve a impressão de que ela havia segurado essa informação desde que ele chegara do trabalho.

— Sobre o quê?

Mags tirou a carta do bolso do avental e entregou-a a Ray.

Prezados Sr. e Sra. Stevens,

Solicito-lhes a gentileza de marcar uma reunião em meu escritório para discutirmos uma questão surgida na escola.

Cordialmente,

Ann Cumberland

Diretora

Escola Secundária Morland Downs

⋆ ⋆ ⋆

— Até que enfim! — exclamou Ray. Ele bateu na carta com as costas da mão. — Isso quer dizer, então, que eles admitem haver um problema? Já era hora, meu Deus!

Mags abriu o vinho.

— Deve fazer quanto tempo... Mais de um ano, talvez, que falamos que Tom vem sofrendo bullying, e eles nem chegaram a considerar essa possibilidade.

Mags olhou para o marido e por um momento sua expressão abrandou-se e a atitude defensiva desapareceu.

— Como deixamos isso acontecer? — Ela procurou em vão um lenço de papel que tinha enfiado na manga do casaco. — Sinto que sou uma mãe inútil! — Procurou na outra manga, mas também não o encontrou.

— Ei, Mags, calma. — Ray pegou seu próprio lenço e enxugou delicadamente as lágrimas da esposa. — Você não tem culpa. Eu também não. Sabíamos que havia algo errado desde que ele entrou nessa escola, e sempre insistimos que corrigissem a situação.

— Mas não é responsabilidade deles corrigir a situação. — Mags assoou o nariz. — Nós somos os pais.

— Pode ser, mas o problema não está aqui, concorda comigo? Está na escola, e talvez agora, que eles admitiram isso, alguma coisa seja feita.

— Espero que a situação não piore para Tom.

— Eu poderia falar com o pessoal do apoio comunitário que cobre a área de Morland Downs — sugeriu Ray —, para ver se eles têm condições de passar por lá e falar sobre bullying.

— Não!

A veemência de Mags deixou-o sem palavras.

— É melhor resolvermos diretamente com a escola. Nem tudo precisa virar caso de polícia. Desta vez manteremos o assunto no âmbito familiar, pode ser? Eu gostaria muito que você não comentasse sobre Tom no trabalho.

Seguindo a deixa, a campainha tocou.

— Tudo bem com você? — perguntou Ray.

Mags assentiu com a cabeça e secou o rosto com o lenço antes de devolvê-lo a Ray.

— Tudo bem.

Ray olhou-se no espelho do corredor. Seu rosto macilento e a aparência

cansada deram-lhe uma súbita vontade de mandar Kate e Stumpy embora e ficar sozinho em casa com Mags. Ela, no entanto, passara a tarde na cozinha e com certeza não gostaria de ver seus esforços desperdiçados. Ele suspirou e abriu a porta.

Kate estava de calça jeans, botas de cano alto e uma blusa justa com decote em V. Sua roupa não era particularmente charmosa, mas ela parecia mais jovem e mais descontraída do que no trabalho, e o efeito geral era perturbador. Ray deu um passo para trás e convidou-a a entrar.

— É uma ótima ideia! — disse Kate. — Muito obrigada pelo convite.

— É um prazer recebê-la — respondeu Ray. Acompanhou-a até a cozinha. — Você e Stumpy têm trabalhado demais nos últimos meses, e eu só queria demonstrar meu reconhecimento por seus esforços. — Sorriu. — Para ser sincero, a ideia foi de Mags. O mérito é dela, não meu.

Mags recebeu o comentário com um leve sorriso.

— Olá, Kate, estou feliz em conhecê-la, finalmente. Alguma dificuldade para encontrar nossa casa? — As duas ficaram frente a frente e Ray teve um choque ao perceber o contraste entre elas. Mags não tivera tempo para trocar de roupa, e sua camiseta tinha pequenas manchas de molho no peito. Ela continuava a mesma de sempre, calorosa, acolhedora, amável, mas, ao lado de Kate, tinha um ar... Ele não conseguia encontrar a palavra. Menos *refinado*. No mesmo instante, Ray sentiu uma pontada de culpa e chegou mais perto de Mags, como se a proximidade curasse a deslealdade.

— Que cozinha fantástica! — Kate olhou para a bandeja de brownies recém-saídos do forno e cobertos com chocolate branco. Estendeu uma caixa de papelão onde havia um cheesecake. — Trouxe uma sobremesa, mas agora acho que ela vai passar vergonha.

— Quanta gentileza! — Mags aproximou-se para pegar a caixa. — Sempre acho que os doces feitos por outra pessoa têm um sabor especial, você não acha?

Kate agradeceu com um sorriso e Ray deixou escapar um longo suspiro. Talvez a noite não fosse tão constrangedora quanto ele receava, e quanto mais cedo Stumpy chegasse, melhor.

— Bem, o que você gostaria de beber? — perguntou Mags. — Ray gosta de cerveja, mas tenho vinho, se quiser.

— Eu adoraria.

Ray gritou ao pé da escada.

— Tom, Lucy, venham cumprimentar a visita, seus antissociais.

Após muitos ruídos de passos, as crianças desceram a escada correndo. Foram até a cozinha e pararam na porta, com ar constrangido.

— Esta é Kate — disse Mags. — Ela faz estágio como detetive na equipe do papai.

Ray arregalou os olhos diante dessa explicação, mas Kate manteve uma expressão imperturbável.

— Por mais alguns meses — explicou ela, com um sorriso —, depois serei detetive de verdade. Tudo bem com vocês, crianças?

— Sim — responderam Lucy e Tom em coro.

— Você deve ser Lucy — Kate continuou.

Lucy tinha os cabelos louros da mãe, mas no resto era igual a Ray. Todo mundo comentava que os dois se pareciam com o pai. Ele não conseguia perceber a semelhança quando os filhos estavam acordados — a personalidade de cada um estava muito presente neles —, mas, quando dormiam, com as feições em repouso, Ray via seu próprio rosto refletido no dos filhos. Ele perguntou a si mesmo se algum dia tivera um ar tão agressivo quanto o de Tom agora: carrancudo, com os olhos fixos no chão como se estivesse irritado com os azulejos. Ele tinha passado gel nos cabelos para poder penteá-los para o alto, formando espetos tão ameaçadores quanto sua expressão.

— Este é Tom — apresentou-o Lucy.

— Diga olá, Tom — pediu Mags.

— Olá, Tom — repetiu ele, ainda com os olhos baixos.

Mags sacudiu um pano de prato na direção dele, exasperada.

— Desculpe, Kate. — Kate sorriu para Tom, e ele olhou para Mags, queremos ver se ela o obrigaria a continuar ali.

— Crianças! — gritou Mags, enfurecida. Tirou o papel-filme de um prato de sanduíches e entregou-o a Tom. — Podem subir e comer lá em cima, se não quiserem ficar aqui com os *velhos*. — Ela arregalou os olhos, como se tivesse horror a essa palavra, o que fez Lucy rir. Tom revirou os olhos, exasperado, e num segundo os dois voltaram para seus quartos.

— São bons meninos — defendeu-os Mags —, na maior parte do tempo. — Ela terminou a frase com voz tão baixa que não ficou claro se falava consigo

mesma ou com os outros.

— Houve mais algum episódio de bullying? — perguntou Kate.

Ray resmungou para si mesmo. Virou-se para Mags, que fez questão de não olhar para ele. Ela cerrou o maxilar.

— Nada que não possamos resolver — respondeu ela em tom brusco.

Ray fez uma careta e olhou para Kate, tentando transmitir um pedido de desculpas sem Mags perceber. Devia tê-la avisado que Mags era muito sensível a tudo que se referia a Tom. Houve um silêncio incômodo, e logo depois o celular de Ray emitiu um bipe para indicar a chegada de uma mensagem. Ray o tirou do bolso, agradecido, mas seu coração quase parou quando olhou a tela.

— Stumpy não poderá vir — disse. — Sua mãe teve uma recaída.

— Ela está bem? — perguntou Mags.

— Imagino que sim. Ele está a caminho do hospital. — Ray mandou uma mensagem para Stumpy, e enfiou de novo o telefone no bolso. — Só nós três, então.

Kate olhou para Ray e depois para Mags, que se virou e começou a mexer o chilli.

— Escutem, por que não deixamos o jantar para outro dia, quando Stumpy puder vir? — sugeriu Kate.

— Não seja boba. — Cortou Ray com uma alegria que soou falsa até para ele. — Além disso, temos todo este chilli: nunca daremos conta dele sem ajuda. — Olhou para Mags, louco para que ela concordasse com Kate e cancelasse o jantar, mas ela continuou apenas a mexer a comida.

— De jeito nenhum — disse Mags com tom ríspido. Entregou um par de luvas de forno para Ray. — Pode trazer a panela, por favor? Kate, por que não leva os pratos para a sala de jantar?

Não havia lugares definidos, mas Ray sentou-se automaticamente à cabeceira da mesa e Kate à sua esquerda. Mags colocou uma travessa de arroz na mesa e voltou para pegar na cozinha um pote com queijo ralado e outro com creme azedo. Sentou-se na frente de Kate e, durante algum tempo, os três mantiveram-se ocupados fazendo circular as travessas e enchendo seus pratos.

Quando começaram a comer, o tilintar dos talheres na porcelana tornou a ausência de conversa ainda mais evidente, e Ray tentou pensar em alguma coisa para dizer. Mags não gostaria que eles falassem de trabalho, mas talvez fosse o

assunto mais seguro. Antes que ele pudesse se decidir, Mags descansou seu garfo ao lado do prato.

— O que acha do Departamento de Investigação Criminal, Kate?

— Adoro. O horário é mortal, mas o trabalho é ótimo. Além disso, é o que sempre quis fazer.

— Ouvi dizer que é um pesadelo trabalhar com este detetive.

Ray olhou com dureza para Mags, mas ela sorria para Kate. Isso não atenuou em nada sua crescente sensação de desconforto.

— Ele não é tão ruim — retrucou Kate, e olhou de lado para Ray. — Embora eu não saiba como alguém aguenta tanta bagunça: seu escritório é um desastre. Há xícaras de café pela metade espalhadas por todo canto.

— É porque trabalho demais para beber uma xícara inteira — justificou-se Ray. Ser o alvo de uma brincadeira era o menor dos males, dadas as circunstâncias.

— Ele sempre tem razão, claro — observou Mags.

Kate fingiu considerar a observação.

— A não ser quando ele está errado.

As duas riram, e Ray conseguiu relaxar um pouco.

— Em casa ele cantarola o tempo inteiro a trilha sonora de *Carruagens de fogo*, como faz no trabalho? — perguntou Kate.

— Não sei — respondeu Mags em voz baixa. — Quase não o vejo.

O clima descontraído desapareceu, e eles comeram em silêncio por alguns instantes. Ray tossiu e Kate levantou os olhos. Ele dirigiu-lhe um sorriso de desculpas que ela ignorou, mas ao se virar percebeu que Mags os observava com uma leve ruga na testa. Ela largou o garfo e afastou o prato.

— Sente falta do trabalho, Mags? — perguntou Kate.

Todos lhe faziam essa pergunta, como se esperassem que ela morresse de saudade das pilhas de documentos, dos horários insuportáveis, das casas imundas que a obrigavam a limpar os pés na hora de sair.

— Sim — respondeu ela sem hesitar.

Ray ergueu os olhos.

— Mesmo?

Mags continuou a conversar com Kate, como se ele não tivesse se manifestado.

— Não é exatamente do trabalho que sinto falta, mas da pessoa que eu era

naquela época. Sinto falta de ter algo a dizer, algo a ensinar aos outros.

Ray interrompeu a refeição. Mags era a mesma pessoa que sempre fora. A mesma que sempre seria. Ter ou não ter uma carteira de policial não faria diferença.

Kate balançou a cabeça como se a compreendesse e Ray ficou grato pelo esforço dela.

— Pensa em voltar um dia?

— Impossível! Quem cuidaria daqueles dois? — Mags ergueu os olhos na direção dos quartos. — Sem falar nele. — Ela olhou para Ray, mas não sorriu, e ele tentou decifrar seu olhar.

— Você sabe o que dizem: por trás de um grande homem...

— É verdade. — Ray a interrompeu com mais veemência do que a conversa tranquila requeria. Olhou para Mags. — Você é quem consegue manter tudo isto funcionando.

— Sobremesa! — exclamou Mags, levantando-se. — A menos que aceite um pouco mais de chilli, Kate.

— Não, obrigada. Posso ajudar?

— Fique aqui, volto já. Darei um jeito nisto, depois preciso ir lá em cima ver se as crianças não estão fazendo nenhuma besteira. — Ela levou tudo para a cozinha e logo Ray ouviu passos rápidos na escada, seguidos de murmúrios no quarto de Lucy.

— Desculpe — disse ele. — Não sei o que deu nela.

— É por minha causa? — perguntou Kate.

— Não, nem pense nisso. Ela anda estranha nos últimos tempos. Está preocupada com Tom, imagino. — Deu um sorriso tranquilizador. — A culpa deve ser minha, como sempre.

Eles ouviram os passos de Mags e, quando ela apareceu, carregava um prato de brownies e um pote de creme.

— Na verdade, Mags — disse Kate ao se levantar —, acho que vou dispensar a sobremesa.

— Aceita uma fruta, talvez? Tenho melão, se quiser.

— Não, não é isso. É que estou exausta. A semana foi longa. O jantar estava delicioso, obrigada.

— Tudo bem, se estiver certa disso. — Mags deixou os brownies em cima da

mesa. — Nunca cheguei a cumprimentá-la pelo trabalho no caso Gray. Ray sempre diz que o mérito é todo seu. É ótimo para seu currículo, tão no início da carreira.

— Bem, na verdade foi um esforço conjunto — rebateu Kate. — Formamos uma boa equipe.

Ray sabia que Kate se referia a todo o departamento, mas ela olhou para ele enquanto falava, e ele não se atreveu a olhar para Mags.

Foram até a porta e Mags despediu-se de Kate com um beijo no rosto.

— Venha nos visitar de novo, quando quiser. Foi um prazer conhecê-la. — Ray esperava que fosse o único a perceber a falta de sinceridade na voz da esposa. Despediu-se de Kate, e por um momento ficou indeciso se devia também beijá-la ou não. Decidiu que seria estranho se não o fizesse, e deu-lhe então um beijo muito rápido, mas sentiu os olhos de Mags sobre ele, e ficou aliviado quando Kate encaminhou-se para o portão e fechou-o ao sair.

— Bem, acho que não consigo resistir aos brownies — disse ele, com uma alegria que não sentia. — Quer um?

— Estou de dieta — respondeu Mags. Entrou na cozinha, armou a tábua de passar roupa, encheu o reservatório do ferro com água e esperou esquentar. — Deixei na geladeira uma vasilha com arroz e chilli para Stumpy. Pode levar para ele amanhã? Imagino que não tenha comido bem, se passou a noite no hospital, e não acredito que sentirá vontade de cozinhar.

Ray levou seu brownie para a cozinha e comeu-o de pé.

— É muita gentileza sua.

— Ele é um cara legal.

— É verdade. Trabalho com uma ótima equipe.

Mags permaneceu em silêncio por algum tempo. Pegou uma calça e começou a passá-la. Quando falou, seu tom de voz parecia normal, embora tenha pressionado com força exagerada o bico do ferro contra o tecido.

— Ela é bonita.

— Kate?

— Não, Stumpy. — Mags olhou para ele, irritada. — Claro que me refiro a Kate.

— Acho que sim. Na verdade, nunca pensei muito nisso. — Era uma mentira ridícula. Mags o conhecia melhor que ninguém.

Ela ergueu uma sobrancelha, mas Ray ficou aliviado ao perceber seu sorriso. Arriscou uma leve provocação.

— Está com ciúme?

— Nem um pouco. Na verdade, se ela se encarregar de passar a roupa, pode até se mudar para cá.

— Desculpe por eu ter comentado com ela sobre Tom — disse Ray.

Mags pressionou um botão no ferro e uma nuvem de vapor umedeceu a calça, acompanhada de um assobio. Manteve os olhos no ferro enquanto falava.

— Você adora seu trabalho, Ray, e eu adoro que seja assim. Ele é uma parte de você. Mas é como se as crianças e eu ficássemos em segundo plano. Tenho a impressão de que sou invisível.

Ray abriu a boca para protestar, mas Mags sacudiu a cabeça.

— Você fala mais com Kate do que comigo. Esta noite percebi muito bem a cumplicidade que existe entre vocês. Não sou idiota, e sei como é quando alguém trabalha tantas horas com uma pessoa: você fala muito com ela, claro. Mas isso não significa que não possa falar comigo também. — Ela disparou mais uma nuvem de vapor e deslizou o ferro com mais força de um lado para o outro da tábua, para trás e para a frente. — Jamais alguém chegou ao leito de morte arrependido de não ter passado mais tempo no trabalho. Mas nossos filhos estão crescendo e você está perdendo essa fase. Em poucos anos eles irão embora e você se aposentará. Ficaremos sozinhos e não teremos o que dizer um ao outro.

Não era verdade, pensou Ray, enquanto tentava encontrar as palavras certas para se expressar, mas elas ficaram presas em sua garganta e ele limitou-se a sacudir a cabeça, como se com esse simples gesto pudesse apagar o que ela acabara de dizer. Pensou tê-la ouvido suspirar, mas poderia ter sido apenas mais uma nuvem de vapor do ferro.

38

Você nunca me perdoou por aquela noite em Veneza. Nunca abandonou aquele olhar desconfiado nem voltou a se entregar a mim por completo. Mesmo depois que o hematoma no seu nariz sumiu e podíamos ter esquecido tudo, eu sabia que você continuava a pensar no incidente. Sabia pelo modo como seus olhos me seguiam quando eu ia pegar uma cerveja, e pela hesitação em sua voz antes de me responder, embora você insistisse em dizer que estava tudo bem.

Fomos jantar em um restaurante para comemorar nosso primeiro aniversário de casamento. Eu tinha comprado seu presente na livraria de antiguidades em Chapel Road: um livro sobre Rodin com encadernação em couro, que embrulhei no jornal do dia do nosso casamento, que eu havia guardado.

— No primeiro ano são bodas de papel — expliquei, e seus olhos se iluminaram.

— É perfeito! — Você dobrou o jornal com cuidado e colocou-o dentro do livro, onde eu tinha escrito: *Para Jennifer, que cada dia amo mais*, e você me beijou com paixão. — Você sabe que eu te amo.

Às vezes eu não tinha tanta certeza, mas nunca duvidei do meu sentimento por você. Eu a amava tanto que chegava a ficar assustado. Não sabia que era possível querer tão desesperadamente uma pessoa a ponto de fazer qualquer coisa para não perdê-la. Se eu pudesse levá-la para uma ilha deserta, longe de todos, eu a levaria.

— Recebi um convite para dar aulas para uma nova turma de adultos — disse você, a caminho da mesa.

— Pagam bem?

Você franziu o nariz.

— Muito mal, mas faz parte de uma terapia oferecida a um custo subsidiado para pessoas com depressão. Acredito que será uma experiência válida.

Sorri com desdém.

— Parece que será muito divertido.

— Há uma forte ligação entre as atividades criativas e o humor das pessoas —

acrescentou você. — Seria ótimo poder contribuir para a recuperação delas, e são apenas oito semanas. Devo conseguir encaixá-las entre as outras aulas.

— Contanto que sobre algum tempo para seu próprio trabalho. — Suas peças estavam em cinco lojas da cidade naquele momento.

Você concordou.

— Dará tudo certo. Os pedidos regulares são fáceis de produzir, e posso limitar o número de encomendas durante algum tempo. Na verdade, eu nem esperava dar tantas aulas. Terei que cortar algumas no próximo ano.

— Bem, você sabe o que dizem por aí — comentei com uma risada. —Quem pode, faz, quem não pode, vira professor.

Você não disse nada.

Nossos pratos chegaram e o garçom se atrapalhou na hora de tirar seu guardanapo do copo para servir o vinho.

— Estive pensando que talvez fosse uma boa ideia eu abrir uma conta bancária separada para o negócio — disse você.

— Por que isso? — Perguntei a mim mesmo quem teria feito tal sugestão e por que você havia falado sobre nossas finanças com outra pessoa.

— Pode ser mais fácil na hora de fazer a declaração de imposto de renda.

— Você terá muito mais trabalho com a papelada extra — argumentei. Cortei meu filé ao meio para verificar se estava no ponto que gosto, depois separei com cuidado a gordura e coloquei-a no canto do prato.

— Não me importo.

— Não concordo. É mais fácil se tudo continuar a entrar na minha conta — insisti. — Afinal, sou eu que pago a hipoteca e as outras despesas.

— Talvez seja. — Você provou o risoto.

— Está precisando de dinheiro? — perguntei. — Posso lhe dar um pouco mais para as despesas da casa este mês, se quiser.

— Talvez um pouco.

— Para fazer o quê?

— Compras — respondeu você. — Pensei em comprar algumas roupas novas.

— Por que não vamos juntos? Assim evitamos o que sempre acontece: você escolhe roupas que não gosta, se arrepende logo que chega em casa e decide devolver a metade. — Eu ri, e estendi o braço para apertar sua mão. — Conseguirei uma folga no trabalho para acompanhá-la nas compras. Almoçaremos

em algum lugar agradável, depois visitaremos as lojas e você poderá explodir meu cartão de crédito, se quiser. O que acha?

Você concordou com a cabeça, e eu voltei ao meu filé. Pedi mais uma garrafa de vinho tinto e, quando a acabei, éramos o último casal no restaurante. Deixei uma gorjeta generosa demais e caí sobre o garçom quando ele trouxe meu casaco.

— Desculpe — disse você. — Ele bebeu um pouco demais.

O garçom sorriu por educação, e esperei até estarmos do lado de fora para segurar seu braço e apertá-lo entre meu polegar e o indicador.

— Jamais peça desculpas por mim.

Você ficou chocada. Não sei por quê... Não era isso que você esperava desde Veneza?

— Desculpe — repetiu você, e soltei seu braço para segurar sua mão.

Já era tarde quando chegamos em casa, e você subiu direto. Apaguei as luzes do térreo e subi também, mas você já estava na cama. Quando deitei ao seu lado, você virou-se para mim e me beijou enquanto acariciava meu peito.

— Desculpe, eu amo você.

Fechei os olhos e esperei você deslizar para baixo do edredom. Eu sabia que não adiantaria: eu tinha bebido duas garrafas de vinho e não senti mais do que um leve estremecimento quando você colocou meu pênis em sua boca. Deixei que tentasse por alguns instantes, mas logo empurrei sua cabeça.

— Você não me excita mais. — Virei-me para a parede e fechei os olhos. Você se levantou para ir ao banheiro e ouvi seu choro até a hora em que adormeci.

⋆ ⋆ ⋆

Não planejei traí-la depois do casamento, mas você parou completamente de se esforçar na cama. Você me culpa por procurar outra pessoa, ainda que a minha única alternativa seja a posição papai e mamãe com uma esposa que mantém os olhos fechados o tempo inteiro? Comecei a sair às sextas-feiras depois do trabalho, e chegava em casa de madrugada saciado com a pessoa que eu tivesse levado para a cama. Você não parecia se importar, e depois de algum tempo nem me preocupei mais em voltar para casa. Eu só chegava sábado na hora do almoço, já a encontrava no ateliê, e você nunca perguntou onde eu tinha estado ou com quem. Isso se tornou uma espécie de jogo, que consistia em eu ver até onde

conseguia chegar antes que você me acusasse de ser infiel.

No dia em que você fez essa acusação, eu assistia a uma partida de futebol. O Manchester United jogava contra o Chelsea, e eu estava com os pés sobre a mesa de centro e uma cerveja gelada na mão. Você parou na frente da televisão.

— Saia da frente, o jogo está na prorrogação!

— Quem é Charlotte? — perguntou você.

— Que história é essa? — Estiquei o pescoço para tentar ver o jogo.

— Este nome está em um recibo que encontrei no bolso de um casaco seu, e tem também um número de telefone. Quem é?

Ouvi gritos animados na televisão no instante em que o Manchester United marcou um gol logo antes do apito final. Suspirei e peguei o controle remoto para desligá-la.

— Está satisfeita agora? — Acendi um cigarro, sabendo que isso a deixaria furiosa.

— Pode fumar lá fora, por favor?

— Não, não posso — retruquei, soprando fumaça em seu rosto. — Porque esta casa é minha, não sua.

— Quem é Charlotte? — Você tremia, mas continuava de pé na minha frente.

Ri.

— Não faço a menor ideia. — Era verdade: eu não tinha lembrança nenhuma dela. Podia ser qualquer uma das garotas com quem eu havia saído. — É provável que seja alguma garçonete que se interessou por mim. Devo ter enfiado o recibo no bolso sem prestar atenção — falei com tranquilidade, sem me colocar na defensiva, e senti que você vacilou.— Espero que não esteja me acusando de nada. — Desafiei seu olhar, mas você olhou para longe e calou-se. Quase ri. Como era fácil vencê-la.

Levantei-me. Você estava com uma camiseta de alças, sem sutiã, e eu tinha uma visão generosa do seu decote e do formato dos seus mamilos sob o tecido.

— Você foi para a rua assim? — perguntei.

— Só para fazer compras.

— Com as tetas à mostra? — insisti. — Quer que todo mundo pense que você é uma vadia?

Você cruzou as mãos sobre o peito e eu as separei.

— Acha certo que pessoas completamente estranhas vejam você desse jeito, e

eu não? Faça sua escolha, Jennifer: ou você é uma puta ou não é.

— Não sou — disse você em voz baixa.

— Não é o que parece daqui onde estou. — Ergui a mão e esmaguei a ponta do cigarro em seu peito, entre os seios. Você gritou, mas eu já tinha saído da sala.

39

Quando Ray voltava para o escritório depois da reunião matinal, foi parado por uma agente de serviço. Rachel era magra, tinha cinquenta e poucos anos, traços finos e cabelos prateados bem curtos.

— É você que está trabalhando hoje, Ray?

— Sim — respondeu ele, desconfiado, pois sabia que essa pergunta nunca antecedia coisa boa.

— Estou com uma mulher chamada Eve Mannings na recepção, e ela quer fazer um registro de pedido de proteção: diz que teme pela vida da irmã.

— Alguém de plantão não pode tratar disso?

— Estão todos fora no momento, e ela está muito preocupada. Há uma hora espera para falar com alguém.

Rachel não disse mais nada; não precisava. Apenas olhou para Ray por cima dos óculos com armação de metal e esperou que ele fizesse a coisa certa. Para ele, era como ser repreendido por uma tia afetuosa, porém intimidante.

Por uma fresta da porta ele espiou a recepção, onde uma mulher mexia em um telefone celular.

— É ela?

Eve Mannings era o tipo de mulher que devia se sentir mais à vontade em um café do que em uma delegacia de polícia. Tinha cabelos lisos castanhos que roçavam em seus ombros quando ela inclinava a cabeça para olhar o telefone, e vestia um casaco amarelo em tom vivo com botões gigantes e forro estampado. Estava corada, embora isso não fosse necessariamente um reflexo de seu estado de espírito. O ar central na delegacia só parecia ter duas posições: ártico ou tropical, e aquele era, sem dúvida, um dia tropical. Em silêncio, Ray amaldiçoou o regulamento que ordenava que os registros referentes à proteção às pessoas fossem realizados por um policial. Rachel teria sido mais do que capaz de fazê-lo.

Ele suspirou.

— Tudo bem, pedirei que alguém fale com ela.

Satisfeita, Rachel voltou para a recepção.

Ray subiu para sua sala e encontrou Kate em plena atividade.

— Posso lhe pedir para descer um instante e fazer um registro de proteção à pessoa, na recepção?

— Isso não pode ser feito por qualquer funcionário?

Ray riu da cara que ela fez.

— Já tentei. Vá lá, por favor, levará vinte minutos, no máximo.

Kate suspirou.

— Você só está me pedindo isso porque sabe que nunca digo não.

— Cuidado! Veja bem para quem você diz esse tipo de coisa. — Ray sorriu com malícia. Kate desviou o olhar, mas não conseguiu evitar que seu rosto ficasse vermelho.

— Bem, do que se trata?

Ray entregou-lhe o pedaço de papel que Rachel lhe dera.

— Eve Mannings. Ela está à sua espera lá embaixo.

— Certo, mas você me deve um drinque.

— Por mim tudo bem — gritou Ray, enquanto ela saía do departamento. Ele pedira desculpas pelo constrangimento no jantar, mas Kate limitara-se a dar de ombros numa demonstração de que aquilo não tinha importância, e de fato não haviam mais tocado no assunto.

Ele voltou para sua sala. Quando abriu a maleta, encontrou um post-it de Mags colado em sua agenda com a data e a hora da reunião com a diretora da escola na semana seguinte. Mags desenhara um círculo com caneta vermelha ao redor da anotação para o caso de ele esquecer. Ray colou-o na tela do computador junto com outros recados, todos contendo informações supostamente importantes.

Ele ainda estava na metade da papelada de seu arquivo quando Kate bateu na porta.

— Não me interrompa, estou embalado.

— Posso falar sobre o registro em andamento?

Ray parou e fez sinal para Kate sentar.

— O que está fazendo? — perguntou ela ao ver a montanha de papéis em cima da mesa.

— São documentos. A maioria é para arquivar, mas tenho também minhas

despesas dos últimos seis meses. O Financeiro diz que se eu não apresentar o demonstrativo hoje, elas não serão autorizadas.

— Você precisa de uma secretária.

— Preciso é que me autorizem a continuar trabalhando como policial em vez de perder tempo com tanta bobagem. Desculpe. Conte-me como você se saiu.

Kate consultou suas anotações.

— Eve Mannings mora em Oxford, mas sua irmã Jennifer vive aqui em Bristol com o marido, Ian Petersen. Eve se desentendeu com a irmã há uns cinco anos e desde então não teve mais notícias dela nem do cunhado. Algumas semanas atrás, sem mais nem menos, Petersen apareceu na casa de Eve para perguntar onde Jennifer estava.

— Ela o deixou?

— É o que parece. A Sra. Mannings recebeu um cartão-postal da irmã há alguns meses, mas não conseguiu identificar o carimbo do correio e jogou fora o envelope. Agora ela acaba de encontrar o cartão em pedaços escondido atrás de um relógio no aparador da lareira, e está convencida de que o cunhado fez isso quando a visitou.

— Por que ele faria uma coisa dessas?

Kate deu de ombros.

— Não tenho a menor ideia. A Sra. Mannings também não, mas o caso é que, por algum motivo, ela suspeita dele. Por isso decidiu registrar o desaparecimento da irmã.

— Mas claramente ela não está desaparecida — argumentou Ray, irritado. — Não se ela mandou um cartão. Talvez ela apenas não queira ser encontrada. São duas coisas completamente distintas.

— Foi o que eu disse para ela. De todo modo, preparei um relatório para você examinar. — Entregou-lhe um envelope plástico contendo duas páginas manuscritas.

— Obrigado. Darei uma olhada. — Ray pegou o relatório e largou-o na mesa, no meio do mar de papéis. — Supondo que eu consiga liquidar esta papelada, nosso drinque mais tarde continua de pé? Acho que precisarei de um.

— Mal posso esperar.

— Ótimo! Tom precisa ir a algum lugar depois da aula e prometi buscá-lo às sete da noite, por isso terá que ser um drinque rápido.

— Não se preocupe. Isso significa que Tom já tem amigos?

— Acredito que sim — respondeu Ray. — Não que ele vá me contar quem são. Espero descobrir mais alguma coisa quando formos à escola na próxima semana, mas prefiro não me entusiasmar demais.

— Bem, se precisar de alguém que o escute no pub, sinta-se à vontade para desabafar. Não que eu possa dar conselhos sobre filhos adolescentes, você sabe.

Ray sorriu.

— Para ser sincero, prefiro falar de *outras* coisas, e não de filhos adolescentes.

— Então ficarei feliz se puder ajudá-lo a se distrair um pouco. — Kate também sorriu, e Ray evocou rapidamente a imagem daquela noite na porta de seu apartamento. Kate pensaria uma vez ou outra no que acontecera? Quase perguntou, mas ela já estava a caminho de sua mesa.

Ray pegou o telefone para mandar uma mensagem para Mags. Olhou para a tela e tentou encontrar palavras que não a deixassem contrariada e que também não fossem uma mentira deslavada. Ele não podia se afastar de todo da verdade, pensou; sair para um drinque com Kate não devia ser diferente de ir tomar uma cerveja com Stumpy. Ray ignorou a voz de sua consciência, que lhe dizia exatamente por que não era a mesma coisa.

Ele suspirou e colocou o telefone de volta no bolso sem escrever a mensagem. Era mais fácil não dizer nada. Espiou pela porta aberta de seu escritório e viu o topo da cabeça de Kate, que acabara de voltar para sua mesa. Ela com certeza o ajudaria a distrair-se um pouco, Ray pensou. Ele só não sabia se seria o tipo certo de distração.

40

Espero duas semanas antes de me arriscar a aparecer em público, e nesse tempo os violentos hematomas em meus braços começam a clarear e assumir um tom esverdeado. Fico chocada ao ver como minhas contusões têm um aspecto terrível, quando há dois anos elas pareciam fazer parte de mim tanto quanto a cor de meus cabelos.

Sou obrigada a sair para comprar comida para Beau, e deixo-o em casa para pegar o ônibus para Swansea, onde ninguém deve reparar em uma mulher que percorre o supermercado com os olhos baixos e uma echarpe no pescoço, apesar do clima ameno. Pego a trilha que leva ao camping, mas não consigo afastar a sensação de que alguém me observa. Olho para trás e entro em pânico ao pensar que talvez tenha tomado o caminho errado, por isso viro de novo, mas não há ninguém ali também. Giro em círculos, sem condições de ver nada por causa dos pontos pretos que surgem diante dos meus olhos e parecem se mover para onde quer que eu olhe. Meu pânico é tão grande que meu peito dói, mas sigo em frente, às vezes caminhando, às vezes correndo, até que consigo ver os trailers e o prédio baixo da loja de Bethan. Meu coração começa por fim a se acalmar e faço força para recuperar meu controle. É em momentos como este que a prisão se torna uma boa alternativa para a vida que levo.

O estacionamento de Bethan é reservado aos clientes do camping, mas sua proximidade com a praia faz com que ele seja uma opção atraente para quem quer pegar o caminho do litoral. Bethan não se incomoda, exceto na alta temporada, quando instala grandes painéis com a inscrição "estacionamento particular", e sai da loja a toda velocidade quando vê que uma família começa a descarregar seus apetrechos de piquenique. Nesta época do ano, quando o camping está fechado, os raros carros deixados ali pertencem a pessoas que passeiam com seus cachorros ou a excursionistas persistentes.

— Você pode usá-lo, claro — disse-me Bethan logo que a conheci.

— Não tenho carro — expliquei.

Ela disse que minha família ou meus amigos poderiam usar o estacionamento, e jamais comentou o fato de ninguém me visitar além de Patrick, que deixava seu Land Rover no camping e dali ia a pé me ver. Obrigo-me a espantar essa lembrança antes que ela domine minha mente.

Há poucos carros estacionados. O velho Volvo de Bethan; uma caminhonete que não reconheço; e... estreito os olhos e sacudo a cabeça. Não é possível. Aquele carro não pode ser o meu. Começo a transpirar e respiro fundo enquanto procuro entender o que vejo. O para-choque dianteiro está amassado e, no centro do para-brisa, rachaduras desenham uma teia de aranha do tamanho de um punho.

É o meu carro.

Nada faz sentido. Quando fui embora de Bristol, deixei-o para trás. Não que eu pensasse que a polícia o localizaria – embora isso tenha me passado pela cabeça –, mas porque não suportava vê-lo. Em desespero, pergunto a mim mesma se a polícia o teria encontrado e trazido até aqui para testar minha reação, e olho ao redor como se, a qualquer momento, oficiais armados pudessem avançar sobre mim.

No meu estado de confusão, não consigo saber se isso é importante ou não, mas deve ser, ou a polícia não teria insistido que eu contasse o que fiz com o carro. Preciso livrar-me dele. Penso nos filmes que já vi. Eu conseguiria empurrá-lo do alto de um penhasco? Ou queimá-lo? Precisaria de fósforos e fluído para isqueiro ou gasolina, mas como provocar um incêndio sem Bethan perceber?

Olho para a loja, mas não a vejo na janela, então respiro fundo e atravesso o estacionamento em direção ao carro. As chaves estão na ignição e não hesito por um segundo. Abro a porta e sento-me no banco do motorista. No mesmo instante sou invadida por lembranças do acidente: ouço o urro de desespero da mãe de Jacob, e meu próprio grito horrorizado. Começo a tremer e tento me recompor. O carro arranca e acelero para sair do estacionamento. Se Bethan olhar para fora agora, não me verá, mas verá o carro e a nuvem de poeira atrás dele enquanto sigo rumo a Penfach.

— É bom estar ao volante de novo?

A voz de Ian é pausada e seca. Freio de repente e o carro derrapa bruscamente para a esquerda, enquanto minhas mãos deslizam no volante. Já estou com a mão na maçaneta da porta quando percebo que o som vem do tocador de CD.

— Imagino que tenha sentido falta de seu carrinho, certo? Não precisa me agradecer por devolvê-lo.

O efeito de sua voz sobre mim é imediato. No mesmo instante sinto-me infinitamente pequena e encolho-me no assento como se ele tivesse condições de me engolir e me fazer desaparecer. Minhas mãos estão quentes e úmidas.

— Você esqueceu os nossos votos de casamento, Jennifer?

Levo a mão ao peito e o pressiono, na tentativa de acalmar as batidas frenéticas do meu coração.

— Você ficou ao meu lado e prometeu me amar, me honrar e me obedecer até que a morte nos separe.

Ele me provoca, repetindo com sua voz fria os votos que fiz tanto tempo atrás. É um louco. Percebo isso agora, e assusta-me pensar nos anos que passei ao seu lado, sem saber o que ele de fato era capaz de fazer.

— Você não me honra quando corre para a polícia com suas histórias, não é, Jennifer? Não me obedece quando conta para eles o que acontece atrás de nossas portas fechadas. Nunca se esqueça: sempre lhe dei o que você pediu...

Não consigo ouvir mais nada. Aperto furiosamente os botões do equipamento e o CD é ejetado com uma lentidão exasperante. Pego-o e tento quebrá-lo ao meio, mas não consigo e grito em desespero, meu rosto histérico refletido na sua superfície reluzente. Saio do carro e jogo o CD no meio dos arbustos.

— Deixe-me em paz! — grito. — Deixe-me em paz, por favor!

Dirijo como uma louca, sem noção do perigo, pelas ruas margeadas de ciprestes altos, e afasto-me de Penfach em direção ao interior. Tremo demais, e trocar a marcha está acima de minha capacidade, então permaneço em segunda e o carro protesta com um gemido. As palavras de Ian continuam a ressoar na minha cabeça.

Até que a morte nos separe.

Há um galpão em ruínas um pouco adiante, afastado da estrada, e não vejo outras casas por perto. Pego o caminho de terra esburacado que leva até ele. Quando me aproximo, percebo que o galpão não tem telhado e que suas vigas nuas erguem-se na direção do céu. No interior, vejo uma pilha de pneus em um canto, além de máquinas enferrujadas. Isso me ajudará. Dirijo até a outra extremidade do galpão e paro o carro. Há uma lona jogada no chão e consigo abri-la, encharcando-me com a água fétida acumulada em suas dobras. Cubro o

carro com ela. É um risco, mas sob a cobertura verde-escura o carro se confunde com o resto do galpão, e parece que há muito tempo nada ali dentro saiu do lugar.

Começo a longa caminhada de volta para casa e lembro-me do dia em que cheguei a Penfach, quando o que havia à minha frente era muito mais incerto do que o que ficara para trás. Agora sei o que o futuro me reserva: tenho mais duas semanas em Penfach, depois voltarei a Bristol para receber minha sentença, e estarei a salvo.

Há um ponto de ônibus mais adiante, mas continuo andando, e encontro conforto no ritmo de meus passos. Aos poucos, começo a me sentir mais tranquila. São os jogos de Ian, só isso. Se quisesse me matar, já o teria feito quando foi ao chalé.

A tarde está bem avançada quando chego em casa, e nuvens escuras começam a se acumular no céu. Entro apenas o tempo suficiente para vestir meu casaco impermeável e chamar Beau, e logo o levo à praia para uma corrida. Junto ao mar consigo respirar de novo, e sei que é disso que sentirei mais falta.

A sensação de estar sendo observada é insuportável e viro-me para ficar de costas para o mar. Sinto um arrepio de medo ao ver a figura de um homem no alto do rochedo, de frente para mim, e meu coração dispara. Chamo Beau e seguro sua coleira, mas ele late, afasta-se de mim e corre pela areia em direção à trilha que leva até onde o homem está; vejo sua silhueta recortada contra o céu.

— Beau, volte!

Ele continua a correr, alheio aos meus chamados, mas meus pés parecem presos ao chão. Só quando Beau chega ao final da praia e sobe a trilha, o homem se mexe. Curva-se para afagá-lo, e logo reconheço seus gestos familiares. É Patrick.

Eu poderia ter relutado um pouco mais, depois de nosso último encontro, mas o alívio que sinto é tão grande que, antes que eu perceba, estou seguindo as pegadas deixadas por Beau na areia e caminhando na direção deles.

— Como você está? — pergunta ele.

— Estou bem. — Parecemos dois estranhos que tentam puxar conversa.

— Deixei alguns recados.

— Eu sei. — Tinha ignorado todos. No início eu os escutava, mas como não suportava ouvir o que eu lhe havia feito, decidi apagar os seguintes sem ouvi-los.

Acabei simplesmente desligando o celular.

— Sinto sua falta, Jenna.

Eu achava sua raiva compreensível e mais fácil de suportar, mas ele agora está calmo e quase suplicante, e sinto minha determinação fraquejar. Começo a fazer o caminho de volta para o chalé.

— Você não devia estar aqui. — Resisto à tentação de olhar ao redor para ver se alguém nos observa, mas me apavora a ideia de Ian nos ver juntos.

Sinto uma gota de chuva no rosto e levanto o capuz do casaco. Patrick caminha ao meu lado.

— Jenna, fale comigo. Pare de fugir!

É exatamente isso que tenho feito minha vida inteira, e não consigo sequer me defender.

Um relâmpago atravessa o ar e a força da chuva me deixa sem fôlego. O céu escurece tão de repente que nossas sombras desaparecem, e Beau encolhe-se, as orelhas grudadas na cabeça. Corremos para casa e abro a porta com um empurrão no exato momento em que um trovão ressoa sobre nós. Beau dispara entre nossas pernas e foge escada acima. Chamo-o, mas ele não volta.

— Vou ver se ele está bem. — Patrick sobe as escadas, eu tranco a porta da frente e vou atrás dele. Encontro-o no chão do meu quarto, com Beau em seus braços, assustado. — São todos iguais — diz, com um leve sorriso. — Do poodle nervoso ao mastim mais destemido, todos odeiam trovões e fogos de artifício.

Ajoelho-me ao lado deles e acaricio a cabeça de Beau. Ele geme baixinho.

— O que é isto? — pergunta Patrick. Minha caixa de madeira está visível embaixo da cama.

— É minha — respondo secamente, e com o pé devolvo-a para baixo da cama.

Patrick arregala os olhos, mas não diz nada. Levanta-se com ar constrangido e desce com Beau.

— Pode ser uma boa ideia deixar o rádio ligado para ele — sugere. Fala como se fosse apenas um veterinário e eu uma cliente, e me pergunto se é por força do hábito ou porque decidiu que agora basta. Mas quando acomoda Beau no sofá, enrolado em um cobertor e com uma rádio FM de música clássica no volume suficiente para abafar o ruído de qualquer trovão, ele volta a falar, e sua voz está mais suave.

— Cuidarei dele para você.

Mordo o lábio.

— Deixe-o aqui quando for embora — diz. — Você não precisará me ver nem falar comigo. Deixe-o aqui e virei buscá-lo e devolvê-lo enquanto você estiver... — Cala-se por um instante. — Enquanto você estiver fora.

— Pode levar anos — digo, e minha voz falseia na palavra final.

— Vamos viver um dia de cada vez — retruca ele. Inclina-se e me beija suavemente na testa.

Dou-lhe a chave reserva que guardo na gaveta da cozinha e ele sai sem dizer mais nada. Contenho as lágrimas que não têm o direito de aparecer. Foi tudo culpa minha e, por mais doloroso que seja, preciso assumir. Mas meu coração dá um pulo quando ouço uma batida na porta apenas cinco minutos depois, e imagino que Patrick tenha esquecido alguma coisa.

Abro a porta.

— Quero você fora desta casa — diz Iestyn, sem rodeios.

— O quê? — Apoio a mão na parede para não cair. — Por quê?

Ele não me encara e apenas abaixa-se para brincar com Beau.

— Você precisa sair até amanhã de manhã.

— Mas, Iestyn, é impossível! Você sabe o que está acontecendo. Minha liberdade sob fiança diz que preciso permanecer neste endereço até o julgamento.

— O problema não é meu. — Por fim, ele olha para mim e percebo que não está feliz com o que diz. Sua expressão é severa, mas o olhar é triste, e ele balança a cabeça devagar. — Escute, Jenna, todos em Penfach sabem que você foi presa por atropelar aquele menino, e sabem também que só está aqui na baía porque aluga meu chalé. Para eles, é como se eu mesmo estivesse dirigindo aquele carro. É apenas uma questão de tempo até surgirem mais coisas desse tipo... — Ele aponta para as palavras escritas na porta, que continuam ali apesar do meu esforço para limpá-las. — Ou piores. Sujeira de cachorro na caixa de correio, bombas, gasolina... a gente lê isso nos jornais o tempo inteiro.

— Não tenho para onde ir, Iestyn. — Tento comovê-lo, mas sua determinação é inabalável.

— A loja do vilarejo não quer mais vender meus produtos — explica. — Estão revoltados porque dou abrigo a uma assassina.

Respiro fundo.

— E hoje de manhã se recusaram a servir Glynis. Uma coisa é atacarem a mim, mas quando começam a envolver minha mulher...

— Só preciso de mais alguns dias, Iestyn. Meu julgamento deve acontecer dentro de duas semanas; depois irei embora para sempre. Por favor, me deixe ficar.

Iestyn enfia as mãos nos bolsos e observa o mar por um momento. Eu aguardo, sabendo que não há mais nada que eu possa dizer para ele mudar de ideia.

— Duas semanas. Nem mais um dia. E se você tiver um mínimo de bom senso ficará longe de Penfach nesse período.

41

Você passava o dia no ateliê e à noite também voltava para lá, a não ser que eu lhe dissesse para não ir. Parecia não se importar que eu trabalhasse sem parar a semana inteira e que talvez quisesse ter um pouco de atenção à noite, alguém que perguntasse sobre meu dia. Você parecia um camundongo que corre para o esconderijo na primeira oportunidade. Não entendo como, mas seu nome como escultora já era conhecido na região; não por seus potes de cerâmica, mas pelas figuras de vinte centímetros esculpidas à mão. Elas não me diziam nada com os rostos deformados e membros desproporcionais, mas parecia haver um mercado para essas peças, e por mais rápida que fosse sua produção, você tinha dificuldade em atender à demanda.

— Comprei um DVD para assistir esta noite — falei, quando você entrou na cozinha um sábado para preparar um café.

— Tudo bem. — Você não me perguntou qual era o filme, e eu também não sabia. Só mais tarde sairia para escolher.

Você se apoiou no balcão enquanto a chaleira fervia, com os polegares enfiados nos bolsos do jeans. Seus cabelos estavam soltos, embora enfiados atrás das orelhas, e reparei no machucado no lado de seu rosto. Você percebeu que eu olhava e jogou os cabelos para a frente até eles cobrirem sua face.

— Aceita um café?

— Sim, obrigado. — Você encheu duas canecas de água, mas acrescentou café apenas em uma. — Não vai tomar?

— Não me sinto muito bem. — Você cortou um limão e colocou uma fatia em sua xícara. — Há dias não estou bem.

— Querida, você devia ter me dito. Venha, sente-se aqui. — Puxei uma cadeira, mas você sacudiu a cabeça.

— Está tudo bem, é só um pouco de enjoo. Amanhã estarei boa, tenho certeza.

Abracei-a e pressionei meu rosto contra o seu.

— Pobrezinha. Cuidarei de você.

Você retribuiu meu abraço e afaguei-a até sentir que se afastava de mim. Eu detestava quando você fazia isso. Parecia uma rejeição, quando a única coisa que eu queria era animá-la. Senti que eu cerrava meu maxilar e no mesmo instante vi um brilho de alerta em seus olhos. Fiquei contente ao vê-lo: era um sinal de que você ainda se importava com o que eu pensava, com o que eu fazia. Mas, ao mesmo tempo, seu olhar me incomodou.

Levantei o braço na direção de sua cabeça e você prendeu a respiração, esquivou-se e fechou os olhos. Minha mão parou quando roçou sua testa e delicadamente tirei alguma coisa do seu cabelo.

— Uma joaninha — falei, e abri a mão para que você a visse. — Dizem que dá sorte, não é?

⋆ ⋆ ⋆

Você não se sentia melhor no dia seguinte, por isso insisti que ficasse na cama. Trouxe-lhe biscoitos de água e sal para acalmar seu estômago, e li em voz alta até você dizer que sua cabeça doía. Quis chamar o médico, mas você prometeu que o procuraria na segunda-feira, logo que o consultório abrisse. Acariciei seus cabelos e observei que suas pálpebras se moviam durante o sono, e desejei saber com o que você estaria sonhando.

Você ainda dormia quando saí na manhã de segunda-feira, e deixei um bilhete no seu travesseiro lembrando-a de ir ao médico. Liguei do trabalho, mas você não atendeu, e embora eu tenha tentado a cada meia hora, você não atendeu ao telefone de casa nem ao celular, que parecia desligado. Fiquei louco de preocupação, e no horário do almoço decidi dar um pulo em casa para ver como você estava.

Seu carro estava na frente de casa e, quando coloquei a chave na fechadura, percebi que a porta não estava trancada. Você estava sentada no sofá com a cabeça entre as mãos.

— Está tudo bem? Quase fiquei maluco!

Você ergueu os olhos, mas não disse nada.

— Jennifer! Liguei para você a manhã inteira. Por que não atendeu?

— Eu saí — respondeu você. — E depois... — A frase ficou pela metade, sem nenhuma explicação.

Minha raiva só aumentava.

— Você não pensou que me deixaria preocupado? — Segurei a gola de seu suéter e a obriguei a se levantar. Você gritou, e seu grito não me deixou raciocinar direito. Empurrei-a para o outro extremo da sala e segurei-a contra a parede, com a mão na sua garganta. Senti que sua pulsação acelerava.

— Por favor, não! — gritou você.

Devagar e com cautela, pressionei meus dedos em seu pescoço e observei minha mão se fechar mais e mais, como se ela pertencesse a outra pessoa. Você estava quase sufocada.

— Estou grávida.

Soltei-a.

— Não pode ser.

— É verdade.

— Mas você toma pílula.

Você começou a chorar, depois deslizou pela parede até sentar-se no chão e abraçar os joelhos. Continuei de pé, tentando assimilar o que acabava de ouvir. Que você estava grávida.

— Deve ter sido quando fiquei doente. — Você se justificou.

Abaixei-me e abracei seus ombros. Pensei em meu pai, em como seu relacionamento comigo havia sido frio e distante ao longo de toda a sua vida, e jurei jamais agir assim com meu próprio filho. Eu esperava que fosse um menino. Ele teria orgulho de mim e desejaria se parecer comigo. Não pude evitar um sorriso.

Você soltou os joelhos e olhou para mim. Vi que tremia e acariciei seu rosto.

— Vamos ter um bebê!

Seus olhos ainda brilhavam, mas pouco a pouco a tensão abandonou seu rosto.

— Não está com raiva de mim?

— Por que eu estaria com raiva de você?

Eu estava eufórico. O bebê mudaria tudo. Imaginei-a com o ventre redondo e volumoso, dependente de mim para manter-se saudável, agradecida pelas massagens que eu faria em seus pés e pelos chás que eu lhe prepararia. Quando o bebê nascesse você deixaria de trabalhar, e eu sustentaria os dois. Eu via nosso futuro projetar-se na minha mente.

— Este bebê é um milagre — falei. Segurei-a pelos ombros e você ficou tensa.

— Sei que as coisas não têm sido perfeitas entre nós ultimamente, mas tudo será diferente a partir de agora. Cuidarei de você. — Você olhou para mim e fui tomado por um sentimento de culpa. — Tudo ficará bem agora — continuei. — Eu te amo tanto, Jennifer.

De novo você chorou.

— Também amo você.

Eu queria pedir-lhe perdão, desculpas por tudo que havia feito, por todas as vezes em que a machuquei, mas as palavras ainda não escolhidas ficaram presas em minha garganta.

— Nunca fale para ninguém. — Foi a única coisa que consegui dizer.

— Não falar o quê?

— Sobre nossas discussões. Prometa que ninguém saberá.

Senti seus músculos se contraírem sob meus dedos enquanto a segurava pelos ombros, e seus olhos se arregalaram, assustados.

— Nunca — prometeu você, e sua voz era pouco mais que um sopro. — Nunca contarei a ninguém.

Sorri.

— Agora pare de chorar para não estressar o bebê. — Levantei-me e estendi a mão para ajudá-la a ficar de pé. — Ainda está enjoada?

Você concordou com a cabeça.

— Deite-se no sofá. Vou pegar um cobertor. — Você reclamou, mas levei-a até o sofá e ajudei-a a se deitar. Você carregava meu filho, e eu tinha a intenção de cuidar de vocês dois.

⋆ ⋆ ⋆

A primeira ultrassonografia deixou-a preocupada.

— E se houver algo errado?

— Por que haveria algo errado? — perguntei.

Tirei o dia de folga e levei-a ao hospital.

— Ele já consegue fechar os dedos. Não é incrível? — comentou você, enquanto lia um de seus muitos livros sobre bebês. Você estava obcecada pela gravidez, e comprava revistas e mais revistas, além de passar horas na internet lendo todo tipo de conselho sobre parto e amamentação. Qualquer que fosse o assunto de nossa conversa, você inevitavelmente o desviava para nomes de bebês

ou listas de materiais que precisávamos comprar.

— É surpreendente — concordei.

Eu já escutara tudo isso antes. Sua gravidez não transcorria do jeito que eu esperava. Você parecia determinada a manter o mesmo ritmo de trabalho e, embora aceitasse meus chás e as massagens nos pés, não demonstrava estar agradecida. Você dava mais atenção ao nosso filho ainda não nascido, ao filho que não tinha ideia de que alguém falava com ele, do que ao seu próprio marido plantado ali na sua frente. Imaginei-a debruçada sobre nosso recém-nascido, alheia ao meu papel na sua criação, e logo me lembrei do seu jeito de brincar com aquele gatinho, às vezes por horas a fio.

★ ★ ★

Você segurou minha mão quando a ultrassonografista espalhou gel em sua barriga, e apertou-a com força quando vimos uma leve oscilação na tela e ouvimos o som abafado do batimento do coração do bebê.

— Aqui está a cabeça — mostrou a enfermeira —, e é possível distinguir os braços também. Vejam, ele está acenando para os pais.

Você riu.

— Ele? — perguntei, cheio de esperança.

A ultrassonografista ergueu os olhos.

— É modo de dizer. Não conseguiremos determinar o sexo ainda por um bom tempo, mas o bebê parece saudável e o tamanho é adequado para o tempo de gestação. — Ela imprimiu uma cópia da imagem para você. — Parabéns!

A conversa com a parteira estava marcada para dali a trinta minutos, e aguardamos na sala de espera com mais meia dúzia de casais. Havia uma mulher no lado oposto da sala com uma barriga grotescamente grande que a obrigava a sentar-se com as pernas escancaradas. Desviei o olhar, e fiquei aliviado quando nos chamaram.

A parteira pegou a pasta azul de suas mãos e leu as anotações. Verificou seus dados e deu informações sobre dieta e saúde durante a gravidez.

— Ela já é especialista — brinquei. — Leu tantos livros que não deve haver nada que ainda não saiba.

A parteira olhou-me com curiosidade.

— E quanto ao senhor, também é especialista, Sr. Petersen?

— Não preciso ser — respondi, olhando-a diretamente nos olhos. — Não sou eu que terei o bebê.

Ela não respondeu.

— Vamos verificar sua pressão, Jenna. Arregace a manga e apoie o braço na mesa, por favor.

Você hesitou e levei um segundo para entender o motivo. Cerrei o queixo, mas recostei-me na cadeira e observei o procedimento fingindo indiferença.

O hematoma no alto do seu braço estava sombreado de verde. Ele havia diminuído muito ao longo dos últimos dias, mas era persistente, como sempre são. Embora soubesse que seria impossível, eu às vezes achava que você se apegava deliberadamente a eles para me lembrar do que tinha acontecido, para me provocar e para que eu me sentisse culpado.

A parteira não fez comentários, e consegui relaxar um pouco. Ela aferiu sua pressão, que estava um pouco alta, e anotou os números. Em seguida se dirigiu a mim.

— Queira aguardar na sala de espera, por favor. Preciso ter uma rápida conversa a sós com Jenna.

— Não é necessário — retruquei. — Não há segredos entre nós.

— É o procedimento padrão — respondeu a parteira em tom seco.

Olhei para ela, mas como parecia inflexível, me levantei.

— Tudo bem. — Demorei a sair da sala, e fui esperar perto da máquina de café, de onde conseguia ver a porta do consultório.

Observei os outros casais: não havia homens sozinhos; ninguém mais havia sido tratado daquela maneira. Fui direto ao consultório e abri a porta sem bater. Você tinha alguma coisa na mão e deslizou-a entre as folhas do dossiê de sua gravidez. Um pequeno cartão retangular azul-claro, com uma espécie de logotipo no centro, na parte superior.

— Precisamos tirar o carro, Jennifer — aleguei. — Só temos direito a uma hora de estacionamento.

— Ah, sim. Desculpe. — Seu pedido de desculpas foi dirigido à parteira, que sorriu para você e me ignorou por completo. Ela inclinou-se e apoiou a mão em seu braço.

— Nosso número está na capa do dossiê. Se tiver algum problema, seja qual for, ligue para nós.

Voltamos para casa em silêncio. Você levava a ultrassonografia no colo e de vez em quando colocava a mão na barriga, como se tentasse conciliar o que sentia por dentro com o que estava em sua mão.

— Sobre o que a parteira queria falar com você? — perguntei quando chegamos em casa.

— Sobre meu histórico médico apenas — disse você, mas foi uma resposta rápida demais, ensaiada demais.

Eu sabia que era mentira. Mais tarde, quando você adormeceu, procurei entre seus papéis o cartão azul-claro com o logotipo redondo, mas não o encontrei.

⋆ ⋆ ⋆

Percebi que você mudava à medida que sua barriga crescia. Eu pensava que sua necessidade de recorrer a mim aumentaria, mas, ao contrário, você se tornou mais autossuficiente, mais forte. Eu a estava perdendo para aquele bebê, e não sabia o que fazer para tê-la de volta.

Aquele verão foi quente, e você parecia adorar andar pela casa com uma saia abaixo da barriga e uma camiseta minúscula acima dela. Seu umbigo tinha saltado e eu não suportava olhar para ele. Não entendia como você conseguia se sentir tão feliz passeando assim pela casa, inclusive abrindo a porta quando alguém chegava.

Você parou de trabalhar, mesmo com o parto previsto para dali a várias semanas, e então cancelei a faxineira. Não fazia sentido pagar alguém para limpar a casa quando você passava o dia sem fazer nada.

Certa vez deixei-a com uma pilha de roupas por passar, e quando voltei estava tudo passado e a casa impecável. Você parecia exausta, e seu esforço me comoveu. Decidi preparar-lhe um banho, mimá-la um pouco. Tentei adivinhar se você gostaria de pedir comida fora, ou se preferiria que eu mesmo cozinhasse. Levei as camisas para cima e abri as torneiras antes de chamá-la. Estava pendurando as camisas no guarda-roupa quando reparei em algo.

— O que é isto?

Você ficou sem graça.

— Deixei queimar. Desculpe. O telefone tocou e me distraí. Mas é bem embaixo, não deve aparecer quando estiver dentro da calça.

Você parecia chateada, mas isso na verdade não tinha importância. Era apenas

uma camisa. Larguei-a e me aproximei para fazer-lhe um carinho, mas você se esquivou e protegeu a barriga com um braço. Depois contraiu o rosto e virou-o para o lado, antecipando-se a algo que nunca pretendi que acontecesse.

Mas aconteceu. E a culpa foi toda sua.

42

O celular de Ray tocou enquanto ele manobrava o carro para estacioná-lo na última vaga disponível. Ele pressionou "aceitar" no viva-voz e virou-se para ver se conseguia recuar um pouco mais.

A chefe de polícia Rippon foi direto ao ponto.

— Quero que antecipe para esta tarde o relatório sobre a Operação Falcão.

O Mondeo de Ray bateu de leve no Volvo azul estacionado atrás dele.

— Merda.

— Não era bem essa a reação que eu esperava. — Havia um tom de brincadeira na voz da chefe que Ray jamais ouvira. Ele se perguntou o que a teria deixado de tão bom humor.

— Desculpe, senhora.

Ray saiu do carro e deixou as chaves na ignição para o caso de o proprietário do Volvo precisar sair. Examinou o para-choque, mas não viu nenhum amassado.

— O que estava dizendo?

— O relatório da Operação Falcão está agendado para segunda-feira — disse Olivia, com paciência atípica —, mas quero adiantá-lo. Você deve ter visto nos noticiários desta manhã que vários departamentos têm sido criticados por ter um enfoque aparentemente tolerante nos casos de posse de drogas.

Ah, Ray pensou. Isso explicava seu bom humor.

— Então este é o momento ideal para lançarmos nossa política de "tolerância zero" às drogas. Já temos tudo pronto e só preciso que você antecipe em alguns dias os recursos importantes.

O sangue de Ray gelou.

— Não posso fazer isso hoje — respondeu ele.

Houve uma pausa.

Ray esperou que a chefe falasse, mas o silêncio tornou-se tão insuportável que ele sentiu que precisava quebrá-lo.

— Tenho um compromisso na escola de meu filho ao meio-dia.

Havia um boato sobre Olivia participar por teleconferência das reuniões de pais na escola de seus filhos, de modo que Ray sabia que era pouco provável que ela vacilasse.

— Ray — disse ela, já sem nenhum vestígio do bom humor de antes —, como você sabe, sempre dou total apoio a quem tem dependentes, e até fui das primeiras a defender um horário de trabalho flexível para os pais. No entanto, a não ser que eu esteja muito enganada, você tem uma *esposa*, não tem?

— Tenho.

— E ela irá à reunião?

— Sim.

— Então, desculpe perguntar, qual é o problema?

Ray apoiou-se na parede perto da porta traseira do carro e olhou para o céu em busca de inspiração, mas viu apenas pesadas nuvens escuras.

— Meu filho tem sofrido bullying, senhora. É um caso muito sério, ao que parece. Esta é a primeira oportunidade que temos de falar com a escola desde que admitiram haver um problema, e minha esposa quer que eu participe. — Ray amaldiçoou-se por jogar a culpa em Mags. — Quero participar — acrescentou. — Preciso estar lá.

Olivia abrandou um pouco o tom.

— Lamento ouvir isso, Ray. Filhos podem trazer muita preocupação. Se precisa mesmo ir a esse compromisso, é claro que deve ir. Mas a operação será lançada ainda esta manhã, com a cobertura nacional necessária para promovermos nossa política progressiva de tolerância zero. E se você não pode se encarregar dela, preciso encontrar alguém que possa. Falarei com você dentro de uma hora.

— Assim ela não me deixa muita opção — murmurou Ray, enquanto deslizava o telefone para o bolso. Era simples assim, então: perspectivas profissionais de um lado; família do outro. No escritório, ele fechou a porta e sentou-se com os punhos cerrados. A operação daquele dia era muito importante, e ele estava convencido de que aquilo era um teste. Ele teria as qualidades necessárias para chegar a escalões mais altos na polícia? Já não tinha certeza; na verdade, nem sabia se era isso mesmo que queria. Pensou no carro novo que precisariam comprar dali a um ou dois anos; nas férias no exterior que os filhos logo começariam a pedir; na casa maior que Mags merecia. Ele tinha dois filhos inteligentes e esperava vê-los na universidade, mas de onde viria o dinheiro para

tudo isso, caso sua carreira profissional não progredisse? Nada era possível sem sacrifício.

Respirou fundo e pegou o telefone para ligar para casa.

★ ★ ★

O lançamento da Operação Falcão foi um sucesso. Os jornalistas foram convidados para uma coletiva de imprensa de meia hora na sala de conferências, durante a qual a chefe apresentou Ray como "um dos melhores detetives da corporação". Ele sentiu uma injeção de adrenalina quando respondeu a perguntas sobre a dimensão do problema das drogas em Bristol, os métodos empregados pela polícia para que a lei fosse respeitada e seu próprio compromisso de restaurar a segurança da comunidade e erradicar o tráfico nas ruas. Quando o repórter da ITN pediu sua palavra final, Ray olhou diretamente para a câmera e não hesitou.

— Há pessoas lá fora que traficam drogas com total impunidade e acreditam que a polícia é incapaz de detê-las. Mas temos capacidade e somos determinados, e não descansaremos até que as tenhamos tirado das ruas.

Houve alguns aplausos, e Ray olhou para a chefe, que fez um quase imperceptível sinal positivo com a cabeça. Os mandados judiciais tinham sido executados mais cedo, com quatorze prisões em seis endereços diferentes. As buscas domiciliares levariam horas, e ele perguntou a si mesmo como Kate estaria se saindo como agente encarregada de coletar os elementos de prova.

Na primeira oportunidade, telefonou para ela.

— Você ligou na hora certa — disse ela. — Está na delegacia?

— Estou no escritório. Por quê?

— Encontre-me na cantina em dez minutos. Tenho algo para lhe mostrar.

Ray chegou em cinco minutos, e esperou com impaciência por Kate, que irrompeu pela porta com um sorriso no rosto.

— Quer um café? — perguntou Ray.

— Não tenho tempo, preciso voltar logo. Mas dê uma olhada nisto. — Ela entregou-lhe um saco plástico transparente. Dentro havia um cartão azul-claro.

— É o mesmo cartão que Jenna Gray tinha na bolsa! — exclamou Ray. — Como o conseguiu?

— Estava em uma das casas invadidas esta manhã. Mas não é exatamente igual. — Ela alisou o plástico para que Ray pudesse ler o que estava escrito. — Mesmo

cartão, mesmo logotipo, mas endereço diferente.

— Interessante. Na casa de quem o encontraram?

— Dominica Letts. Ela se recusa a falar até que seu advogado chegue. — Kate consultou o relógio. — Merda, preciso ir. — Entregou a Ray o envelope plástico. — Fique com ele. Tenho uma cópia.

Ela sorriu de novo e desapareceu, deixando Ray com os olhos grudados no cartão. Não havia nada de especial no endereço, era uma rua residencial como a Grantham Street, mas Ray sentiu que devia pelo menos averiguar mais alguma coisa sobre o logotipo. Os algarismos oito estavam quebrados na parte inferior e sobrepostos, como bonecas russas.

Ray balançou a cabeça. Antes de ir para casa precisava verificar se estava tudo bem na equipe de custódia, além de confirmar mais uma vez que as providências para o julgamento de Gray no dia seguinte haviam sido tomadas. Dobrou o envelope plástico e enfiou-o no bolso.

★ ★ ★

Já passava das dez horas da noite quando Ray pegou seu carro para ir embora e, pela primeira vez desde aquela manhã, teve dúvida se havia agido bem ao colocar o trabalho à frente da família. Pensou nisso durante todo o caminho de volta e quando chegou em casa já estava convencido de que tomara a decisão certa. A *única* possível, na verdade. Até que colocou a chave na porta e ouviu o choro de Mags.

— Meu Deus, Mags, o que aconteceu? — Ele largou a pasta na entrada, agachou-se na frente do sofá e levantou os cabelos da esposa para ver seu rosto. — Tom está bem?

— Não, ele não está bem! — Ela afastou as mãos do marido.

— O que disseram na escola?

— Está acontecendo há pelo menos um ano, eles imaginam, embora a diretora tenha dito que não podiam fazer nada até terem provas.

— E agora eles têm?

Mags deu uma risada amarga.

— Ah, sim, agora eles têm. Parece que está tudo na internet. Pequenos roubos em lojas, agressões gravadas com o celular, o de sempre. Tudo filmado e enviado para o YouTube para o mundo inteiro ver.

Ray sentiu um aperto no peito. A ideia do que Tom havia passado deixava-o fisicamente doente.

— Ele está dormindo? — Ray apontou na direção dos quartos.

— Imagino que sim. Deve estar exausto: passei uma hora e meia gritando com ele.

— Gritando com ele? Meu Deus, Mags, você não acha que já basta o que ele passou? — Ray encaminhou-se para a escada, mas Mags o deteve.

— Você não tem noção de nada, não é?

Ray olhou para ela sem compreender.

— Você anda tão envolvido com os problemas de trabalho que ignora completamente o que acontece com sua própria família. Tom não está sofrendo bullying, Ray. É *ele* quem faz bullying.

Ray teve a sensação de que havia levado um soco.

— Alguém deve obrigá-lo a...

Mags interrompeu-o, dessa vez com mais delicadeza.

— Ninguém o obriga a nada. — Ela suspirou e sentou-se. — Parece que Tom é o líder de uma gangue pequena, porém influente. São mais ou menos seis integrantes, entre eles Philip Martin e Connor Axtell.

— Faz sentido — constatou Ray com tristeza, ao reconhecer os nomes.

— A única informação consistente mostra que é Tom quem manda. Foi dele a ideia de matar aula; foi dele a ideia de ficar à espera dos alunos na saída do centro de educação especial...

Ray sentiu-se nauseado.

— E as coisas embaixo da cama? — perguntou.

— Roubadas sob encomenda, ao que parece. E nenhuma pelo próprio Tom. Tudo indica que ele não gosta de sujar as mãos. — Ray nunca ouvira tanta amargura na voz de Mags.

— O que fazemos agora? — Quando alguma coisa não dava certo no trabalho, havia regras às quais era possível recorrer. Protocolos, leis, manuais. Uma equipe completa ao redor. Agora Ray sentia-se completamente à deriva.

— Resolveremos o problema. — Mags limitou-se dizer. — Pediremos desculpas às pessoas lesadas por Tom, devolveremos os objetos roubados e, o que é mais importante, descobriremos por que ele tem feito isso.

Ray calou-se por um instante. Era difícil falar naquele momento, mas quando

uma dúvida se instalava em sua cabeça, ele não conseguia guardá-la só para si.

— A culpa é minha? — perguntou ele. — É porque não fiquei ao lado dele?

Mags segurou a mão dele.

— Não diga uma coisa dessas. Acabará maluco. A culpa é tão sua quanto minha. Também não percebi nada.

— De todo modo, eu devia ter passado mais tempo em casa.

Mags não o contradisse.

— Desculpe de verdade, Mags. Não será sempre assim, eu prometo. Só preciso de uma promoção, depois...

— Mas você adora seu trabalho de detetive.

— Sim, mas...

— Então, por que almejar uma promoção e deixar o resto para trás?

Ray sentiu-se chocado por um instante.

— Bem, por nós. Para que possamos ter uma casa maior e para que você não precise voltar a trabalhar.

— Mas eu quero voltar a trabalhar! — Mags virou-se para ele, exasperada. — As crianças passam o dia inteiro na escola, você fica no trabalho... Quero fazer alguma coisa para *mim*. Planejar uma nova carreira significa dar a mim um foco que não tenho há anos. — Olhou para Ray e sua expressão se suavizou. — Ah, como você é bobo.

— Desculpe — repetiu Ray.

Mags abaixou-se e beijou-o na testa.

— Esqueça Tom por esta noite. Ele não irá à escola amanhã e falaremos com ele logo cedo. Agora só quero falar de nós dois.

★ ★ ★

No instante em que acordou, Ray viu que Mags deixava com cuidado uma xícara de chá na mesa de cabeceira.

— Imaginei que você gostaria de levantar cedo — disse ela. — É hoje que sai a sentença de Gray, não é?

— Sim, mas Kate pode ir. — Ray levantou-se na cama. — Decidi ficar em casa para podermos conversar com Tom.

— E perder seu momento de glória? Não tem problema, fique tranquilo. Você vai. Tom e eu nos distrairemos em casa, como fazíamos quando ele era pequeno.

Tenho a impressão de que não é de uma conversa que ele precisa, mas de ser ouvido.

Ray estava impressionado com a sensatez da esposa.

— Você será uma professora brilhante, Mags. — Ele segurou a mão dela. — Não a mereço.

Mags sorriu.

— Talvez não, mas receio que você esteja preso a mim. — Apertou a mão dele e desceu as escadas, deixando-o sozinho com seu chá. Ele se perguntou há quanto tempo colocava o trabalho à frente da família, e sentiu vergonha ao perceber que não conseguia se lembrar de alguma época em que isso não tivesse acontecido. Era uma situação que não podia continuar. Ele precisava começar a colocar Mags e as crianças em primeiro lugar. Como conseguira não enxergar as necessidades deles, ignorar o fato de que ela *queria* voltar a trabalhar? É evidente que ele não era o único que achava a vida um pouco maçante, às vezes. Mags pensara nisso ao buscar uma nova carreira. E ele, o que havia feito? Pensou em Kate e sentiu seu rosto queimar.

Ray tomou um banho, vestiu-se e desceu para procurar o paletó.

— Está aqui — gritou Mags, saindo da sala com o paletó na mão. Apalpou o saco plástico saliente no bolso. — O que é isto?

Ray tirou-o do bolso e entregou-o à esposa.

— É um item que pode ou não estar relacionado com o caso Gray. Estou tentando descobrir o que significa esse logotipo.

Mags levantou o plástico e examinou o cartão.

— É uma pessoa, não? — perguntou ela, sem hesitar. — Com os braços ao redor de alguém.

Ray ficou boquiaberto. Olhou o cartão e no mesmo instante viu o que Mags descrevera. O que para ele tinha parecido um número oito incompleto e desproporcional era, sem dúvida, a cabeça e os ombros de alguém, cujos braços envolviam uma silhueta menor que evocava as linhas da primeira.

— É claro! — exclamou ele. Pensou na casa em Grantham Street, com suas múltiplas fechaduras e cortinas que impediam qualquer um de ver o que acontecia lá dentro. Pensou em Jenna Gray e no medo sempre presente em seus olhos, e aos poucos uma imagem começou a tomar forma em sua cabeça.

Ruídos de passos soaram na escada e segundos depois Tom apareceu, com

expressão apreensiva. Ray olhou para ele. Durante meses, havia visto o filho como vítima, mas agora estava provado que a história era diferente.

— Entendi tudo errado — disse ele em voz alta.

— Entendeu errado o quê? — perguntou Mags. Mas Ray já tinha saído.

43

A entrada para o Tribunal Superior de Bristol está escondida em uma rua estreita apropriadamente chamada de Small Street.

— Preciso deixá-la aqui, minha querida — diz o motorista do táxi. Se ele me reconhece dos jornais de hoje, não demonstra. — Está acontecendo alguma coisa na frente do tribunal e não consigo chegar lá com o táxi.

Ele para na esquina da rua, onde um grupo de executivos engravatados sai do All Bar One depois de um almoço regado a muita bebida. Um deles olha para mim com expressão maliciosa.

— Aceita um drinque, belezura? — Desvio o olhar. — Vaca frígida — resmunga ele, e seus amigos dão boas gargalhadas. Respiro fundo, lutando para controlar meu pânico enquanto olho para todos os lados à procura de Ian. Ele está aqui? Está me observando neste exato momento?

Os altos edifícios dos dois lados da Small Street parecem inclinar-se uns na direção dos outros, criando uma passagem sombria e repleta de ecos que me provocam calafrios. Dou apenas poucos passos e já entendo sobre o que o taxista falava. Uma parte da rua está bloqueada com barreiras de segurança, atrás das quais vejo uns trinta manifestantes. Muitos levam cartazes apoiados nos ombros, e a barreira logo à frente deles está coberta por uma enorme faixa onde a palavra *ASSASSINA!* está escrita com uma tinta vermelha que escorre de cada letra. Dois policiais com coletes fluorescentes estão ao lado do grupo e não parecem se abalar com o slogan repetido sem parar e que ouço do outro lado da Small Street.

— Justiça para Jacob! Justiça para Jacob!

Caminho devagar em direção ao tribunal, arrependida de não ter trazido uma echarpe ou óculos escuros. Pelo canto do olho, reparo em um homem no lado oposto da calçada. Está encostado na parede, mas quando me vê endireita o corpo e tira um telefone do bolso. Aperto o passo com a intenção de entrar no tribunal o mais depressa possível, mas o homem acompanha meu ritmo no outro lado da rua. Faz uma ligação de apenas poucos segundos. Os bolsos de seu colete bege

estão repletos do que, percebo agora, são lentes de câmera, e ele também carrega uma bolsa preta pendurada no ombro. O homem corre, abre a bolsa e pega uma câmera, encaixa nela uma lente com um movimento ágil que indica anos de prática e me fotografa.

É melhor ignorar os manifestantes, penso, ofegante. Entrar no tribunal como se não houvesse ninguém ali. Eles não podem me fazer mal: a polícia está presente para mantê-los atrás dessas barreiras, por isso agirei como se eles não existissem.

No entanto, quando me viro para entrar no tribunal, vejo o repórter que me abordou quando saí do Tribunal de Justiça algumas semanas atrás.

— Uma palavra rápida para o *Post*, Jenna? É uma oportunidade para dar sua versão dos fatos.

Afasto-me e fico paralisada ao perceber que agora estou de frente para os manifestantes. O slogan dá lugar a gritos e insultos, e de repente uma avalanche de gente avança contra mim. Uma das barreiras cai com violência no asfalto e o ruído ecoa na rua como um tiro. Os policiais aproximam-se sem pressa, com os braços estendidos, e pedem que os manifestantes se mantenham atrás das barreiras. Alguns continuam a gritar, mas a maioria ri e conversa tranquilamente como se estivesse na rua para fazer compras. Um dia divertido.

Quando o grupo recua e os policiais recolocam as barreiras na área reservada aos manifestantes, percebo que estou frente a frente com uma mulher. É mais jovem que eu — ainda não deve ter trinta anos — e, ao contrário dos outros manifestantes, não carrega bandeira nem cartaz, apenas segura algo em uma das mãos. Usa um vestido marrom curto por cima de meias-calças pretas que acabam, de forma incongruente, em tênis brancos muito sujos, e seu casaco está aberto, apesar do frio.

— Ele era um menino tão bom — diz ela em voz baixa.

Logo percebo sua semelhança com Jacob. Os olhos azuis muito claros levemente puxados para cima; o rosto em forma de coração que termina em um queixo pequeno e pontudo.

Os manifestantes se calam. Todos nos observam.

— Ele quase nunca chorava; mesmo quando estava doente, apenas se encostava em mim, me olhava, e esperava melhorar.

Ela fala um inglês perfeito, mas com um sotaque que não consigo identificar. Do leste europeu, talvez. Sua voz é medida, como se recitasse algum texto

aprendido de cor e, embora se mantenha firme, tenho a impressão de que está tão surpresa com nosso encontro quanto eu. Talvez mais, até.

— Eu era muito jovem quando ele nasceu. Quase uma criança, também. O pai dele não queria que eu o tivesse, mas me faltou coragem para interromper a gravidez. Já o amava demais. — Sua voz é tranquila, desprovida de emoção. — Jacob era tudo que eu tinha.

Meus olhos se enchem de lágrimas e sinto vergonha de minha reação, já que a própria mãe de Jacob continua com os olhos secos. Forço-me a permanecer imóvel e não me permito enxugar o rosto. Sei que, como eu, ela pensa naquela noite quando, com os olhos apertados para protegê-los do brilho intenso dos faróis, observou fixamente o para-brisa molhado pela chuva. Hoje não há nada entre nós, e ela pode me ver tão bem quanto eu a vejo. Pergunto-me o que a impede de avançar em mim, de me bater, morder-me, arranhar meu rosto. Não sei se conseguiria me controlar se estivesse em seu lugar.

— Anya! — Um homem a chama do meio dos manifestantes, mas ela o ignora. Estende uma fotografia e me obriga a pegá-la.

Não é a imagem que vi nos jornais e na internet, aquele sorriso banguela em uniforme escolar, a cabeça levemente voltada para o fotógrafo. Nesta foto Jacob parece ainda menor, não deve ter mais de três ou quatro anos. Está aninhado no braço da mãe, ambos deitados de costas na grama alta salpicada de pés de dentes-de-leão. O ângulo da foto sugere que a própria Anya tirou-a: seu braço está estendido, como se procurasse tocar em algo fora da imagem. Jacob olha para a câmera, os olhos quase fechados para protegê-los do sol e um sorriso nos lábios. Anya sorri também, mas está virada para Jacob, e o rosto do filho se reflete em seus olhos.

— Sinto muito. — Minhas palavras soam ridículas, mas não encontro outra coisa para dizer, e não suporto oferecer apenas silêncio como resposta ao seu sofrimento.

— Você tem filhos?

Penso no meu filho, no seu corpo quase sem peso envolto em uma manta do hospital; na dor em meu ventre, que nunca sumiu. Acredito que deveria haver uma palavra para uma mãe sem filhos, para uma mulher de quem foi arrebatado o bebê que teria feito dela uma mulher completa.

— Não. — Busco algo mais para dizer, mas não encontro. Estendo a fotografia

para Anya, que balança a cabeça.

— Não preciso dela — diz. — Carrego seu rosto aqui. — Coloca a palma da mão sobre o peito. — Mas você... — Faz uma brevíssima pausa — você, eu acho, deve lembrar-se dele. Deve lembrar-se de que ele era ainda um menino. Que tinha uma mãe. E que ela está com o coração dilacerado.

Ela se vira, abaixa-se para passar sob a barreira e desaparece na multidão, enquanto eu respiro fundo, como se tivesse ficado com a cabeça embaixo da água.

★ ★ ★

Minha advogada tem cerca de quarenta anos. Olha para mim com interesse calculado quando entra na pequena sala de reuniões, diante da qual um agente de segurança monta guarda.

— Ruth Jefferson — apresenta-se e me cumprimenta com mão firme. — O procedimento será simples hoje, Sra. Gray. Como já se declarou culpada, a audiência servirá apenas para determinar a sentença. A sua será a primeira após o almoço, e receio que o juiz King tenha sido o escolhido. — Ela senta-se à minha frente no outro lado da mesa.

— O que há de errado com o juiz King?

— Digamos apenas que ele não é conhecido por sua clemência — responde Ruth com uma risada sem humor que revela dentes brancos e perfeitos.

— Que sentença devo receber? — pergunto, sem conseguir me conter. Mas não importa. Só o que importa agora é fazer a coisa certa.

— É difícil dizer. A fuga com omissão de socorro a uma vítima de acidente é punida com a perda do direito de dirigir, mas como a pena mínima para o caso de morte causada por condução perigosa é de dois anos, isso é irrelevante. É a pena de prisão que pode variar de forma significativa. O delito de homicídio por direção perigosa é punido com até quatorze anos, e a jurisprudência sugere entre dois e seis anos. O juiz King tentará aplicar a pena maior, e minha obrigação será convencê-lo de que dois anos seria uma condenação adequada. — Ela retira a tampa de uma caneta preta. — Algum histórico de doença mental?

Nego com a cabeça e percebo sua decepção com minha resposta.

— Falemos do acidente, então. Entendo que as condições do tempo deixavam a visibilidade muito ruim. Chegou a ver o menino antes do impacto?

— Não.

— A senhora é portadora de alguma enfermidade crônica? — pergunta Ruth. — Elas podem ser úteis nesses casos. Ou não estava se sentindo bem naquele dia específico?

Olho para ela sem compreender e vejo sua expressão contrariada.

— A senhora está tornando as coisas muito difíceis, Sra. Gray. Sofre de alguma alergia? Teve uma crise de espirros antes do impacto, talvez?

— Não entendo.

Ruth suspira e fala devagar, como se conversasse com uma criança.

— O juiz King já terá examinado muito bem seu caso e terá uma condenação em mente. Meu trabalho é apresentar os fatos como apenas um infeliz acidente. Um acidente que não pôde ser evitado, e que a senhora lamenta profundamente. Não quero colocar palavras em sua boca, mas se, por exemplo — seu olhar é incisivo —, a senhora tiver tido uma crise de espirros no momento em que ocorreu o acidente...

— Mas isso não aconteceu. — É assim que as coisas funcionam? Mentira atrás de mentira, tudo planejado para conseguir a menor pena possível. É tão falho assim nosso sistema de justiça? Isso me deixa enojada.

Ruth Jefferson verifica suas anotações e levanta os olhos.

— O menino correu e apareceu de repente na frente de seu carro? De acordo com a declaração da mãe, ela soltou a mão do filho quando se aproximaram da rua, e então...

— Não foi culpa dela!

A advogada ergue as sobrancelhas bem-feitas.

— Sra. Gray — diz com calma —, não estamos aqui para determinar quem é o culpado desse infeliz acidente. Estamos aqui para discutir possíveis circunstâncias atenuantes. Por favor, tente não se alterar.

— Sinto muito, mas não há circunstâncias atenuantes.

— É minha obrigação encontrá-las — insiste Ruth. Larga o dossiê e inclina-se na minha direção. — Acredite em mim, Sra. Gray, há uma grande diferença entre dois anos de prisão e seis anos, e se houver algo que justifique a senhora atropelar e matar um menino de cinco anos de idade e fugir sem prestar socorro, é preciso que me diga agora.

Olhamos uma para a outra.

— Eu gostaria que houvesse — respondo.

44

Sem parar para tirar o casaco, Ray entrou no Departamento de Investigação Criminal e encontrou Kate examinando os casos daquela noite.

— No meu escritório, agora.

Ela levantou-se e o seguiu.

— O que houve?

Ray não respondeu. Ligou o computador e colocou o cartão de visita azul sobre a mesa.

— Refresque minha memória: com quem estava este cartão?

— Com Dominica Letts. A companheira de um de nossos alvos.

— Ela falou?

— Nem uma palavra.

Ray cruzou os braços.

— É um abrigo para mulheres.

Kate olhou para ele, confusa.

— A casa em Grantham Street — explicou Ray —, e agora este endereço. — Apontou com a cabeça para o cartão azul-claro. — Acredito que sejam abrigos para vítimas de violência doméstica. — Recostou-se na cadeira e entrelaçou as mãos na nuca. — Sabemos que Dominica Letts é vítima desse tipo de violência, o que quase fez fracassar a Operação Falcão. Passei por esse endereço a caminho do trabalho e é exatamente como em Grantham Street: sensores de movimento na entrada, telas em todas as janelas, nenhuma brecha para correspondência na porta.

— Acha que Jenna Gray seja uma dessas vítimas?

Ray balançou a cabeça devagar.

— Já percebeu que ela não faz contato visual com ninguém? Parece sempre nervosa, tensa, e se fecha quando é desafiada.

Antes que ele pudesse desenvolver sua teoria, seu telefone tocou e na tela iluminada apareceu o ramal da recepção.

— Visita para o senhor — disse Rachel. — Uma pessoa chamada Patrick

Mathews.

O nome não lhe dizia nada.

— Não estou à espera de ninguém, Rach. Pode anotar o recado e livrar-se dele?

— Já tentei, senhor, mas ele insiste. Diz que precisa falar sobre sua namorada, Jenna Gray.

Ray arregalou os olhos para Kate. O namorado de Jenna. As pesquisas que Ray realizara sobre o passado de Patrick não haviam revelado mais do que uma advertência por embriaguez e desordem quando estudante, mas e se houvesse outra coisa?

— Traga-o até aqui — disse ele. Deu detalhes a Kate enquanto esperavam.

— Acha que é ele o parceiro violento? — perguntou ela.

Ray balançou a cabeça.

— Não parece ser desse tipo.

— Eles nunca parecem — retrucou Kate. Ela calou-se de repente quando Rachel chegou com Patrick Mathews. Ele vestia uma jaqueta impermeável muito gasta e carregava uma mochila no ombro. Ray apontou para a cadeira ao lado de Kate e ele sentou-se na borda, como se pensasse em sair a qualquer momento.

— Suponho que tenha alguma informação sobre Jenna Gray — começou Ray.

— Bem, não é uma informação, na verdade — corrigiu Patrick. — É mais um pressentimento.

Ray consultou o relógio. O caso de Jenna devia ser julgado logo após o almoço, e ele queria estar no tribunal quando a sentença fosse anunciada.

— Que tipo de pressentimento, Sr. Mathews? — Olhou para Kate, que encolheu os ombros de forma quase imperceptível. Patrick Mathews não era o homem de quem Jenna tinha medo. Mas quem era o tal homem, então?

— Por favor, me chame de Patrick. Escute, sei que vai pensar que digo isso por obrigação, mas não creio que Jenna seja culpada.

A curiosidade de Ray aumentou.

— Ela está escondendo alguma coisa sobre o que aconteceu na noite do acidente — continuou Patrick. — Alguma coisa que ela não conta para ninguém. — Deu uma risada amarga. — Acreditei mesmo que poderia haver um futuro para nós, mas se ela não fala comigo, não vejo como isso possa acontecer. — Ergueu as mãos em desespero, e o gesto fez Ray lembrar-se de Mags. *Você nunca*

fala comigo, ela dissera.

— O que acha que ela está escondendo? — perguntou Ray, com mais agressividade do que pretendia. Perguntou a si mesmo se todos os relacionamentos teriam segredos.

— Jenna guarda uma caixa embaixo da cama. — Patrick parecia pouco à vontade. — Não teria passado pela minha cabeça examinar suas coisas, mas ela não me contava nada sobre o que tinha acontecido, e quando um dia reparei na caixa ela reagiu de modo estranho e pediu que eu não mexesse nela... Imaginei que ali dentro pudesse encontrar algumas respostas.

— Então você examinou o conteúdo da caixa. — Ray olhou para Patrick com atenção. Não parecia um homem agressivo, mas mexer nas coisas de outra pessoa era um ato típico de quem queria ter o controle sobre tudo.

Patrick assentiu.

— Tenho uma chave do chalé: combinamos que eu pegaria seu cachorro hoje de manhã, depois que ela saísse para o tribunal. — Ele suspirou. — Eu preferia não ter feito isso. — Entregou um envelope para Ray. — Olhe aí dentro.

Ray abriu o envelope e viu a capa vermelha característica de um passaporte britânico. Na primeira folha, uma Jenna mais jovem olhava para ele, sem sorrir, com os cabelos presos em um rabo de cavalo frouxo. À direita, um nome: Jennifer Petersen.

— Ela é casada. — Ray olhou para Kate. Como eles tinham deixado escapar esse detalhe? O Departamento de Informação realizava uma investigação exaustiva sobre todas as pessoas detidas pela polícia, e era quase impossível que não tivessem percebido algo tão básico como uma mudança de nome. Olhou então para Patrick. — Você sabia?

O julgamento começaria dentro de dez minutos. Ray tamborilou na sua mesa. Algo no nome Petersen o intrigava. Soava familiar.

— Ela me disse que foi casada uma vez, mas imaginei que tivesse se divorciado.

Ray e Kate trocaram olhares. Ele pegou o telefone e ligou para o tribunal.

— A audiência do caso Gray já começou? — Esperou enquanto o funcionário verificava a relação dos julgamentos.

Petersen, não Gray. Que confusão.

— Está bem, obrigado. — Desligou o telefone. — O juiz King atrasou um

pouco. Temos meia hora.

Kate aproximou-se.

— Aquele relatório que lhe dei outro dia, quando você me mandou atender a mulher na recepção. Onde está?

— Em algum lugar no meu arquivo.

Kate começou a vasculhar a papelada em cima da mesa. Pegou três pastas que estavam na frente do arquivo de Ray e, como não encontrou espaço livre na mesa, jogou-as no chão. Folheou rapidamente o restante dos documentos, descartando as páginas inúteis e passando para a próxima em questão de segundos.

— Aqui está! — anunciou ela em tom triunfal. Tirou o relatório de um envelope plástico e jogou-o na mesa. Pedaços de uma fotografia rasgada espalharam-se e Patrick pegou um deles. Examinou-o com curiosidade e em seguida olhou para Ray.

— Posso?

— Vá em frente — respondeu Ray, sem saber ao certo o que acabara de permitir.

Patrick recolheu os outros pedaços da foto e começou a juntá-los. Quando a imagem da baía de Penfach tomou forma diante deles, Ray deixou escapar um assobio.

— Então Jenna Gray é a irmã com quem Eve Mannings está tão preocupada.

Ele passou à ação.

— Sr. Mathews, obrigado por nos trazer o passaporte. Mas preciso pedir-lhe que espere por nós no tribunal. Rachel, a recepcionista, indicará o caminho. Estaremos lá assim que for possível. Kate, encontre-me na Unidade de Violência Doméstica em cinco minutos.

Enquanto Kate acompanhava Patrick, Ray pegou o telefone.

— Natalie, é Ray Stevens, do Departamento de Investigação Criminal. Pode verificar o que existe aí sobre um tal Ian Petersen? Branco, quarenta e tantos anos...

⋆ ⋆ ⋆

Ray desceu correndo um lance de escadas e precipitou-se por um corredor até chegar a uma porta com a placa *Serviços de Proteção*. No instante seguinte Kate estava ao seu lado e, juntos, tocaram a campainha da Unidade de Violência

Doméstica. Uma mulher simpática, com cabelos pretos curtos e muitas bijuterias, abriu a porta para eles.

— Encontrou alguma coisa, Nat?

Ela os fez entrar e girou a tela do computador.

— Vejam vocês mesmos. Ian Francis Petersen, nascido em 12 de abril de 1965. Antecedentes por conduzir embriagado e por agressão. No momento há uma ordem de restrição contra ele.

— Concedida a uma mulher chamada Jennifer, por acaso? — perguntou Kate, mas Natalie negou com a cabeça.

— A Marie Walker. Nós a encorajamos a deixar Petersen após seis anos de violência sistemática. Ela apresentou sucessivas queixas, mas ele continuou livre. A ordem de restrição foi concedida pela corte civil e continua em vigor.

— Algum caso de violência antes de Marie?

— Não contra suas companheiras, mas há dez anos ele recebeu uma advertência por agressão comum. Contra a mãe.

Ray sentiu gosto de bile na garganta.

— Acreditamos que Petersen seja casado com a mulher envolvida no caso do atropelamento de Jacob Jordan — disse. Natalie levantou-se e foi até uma parede coberta por arquivos metálicos cor de cinza. Abriu uma gaveta e folheou seu conteúdo.

— Aqui está — disse. — Isto é tudo que temos sobre Jennifer e Ian Petersen, e não é uma leitura agradável.

45

Suas exposições me matavam de tédio. Os locais variavam — armazéns reformados, ateliês, lojas —, mas as pessoas eram sempre as mesmas: liberais inflamados com echarpes coloridas. As mulheres eram cabeludas e cheias de opinião; os homens, insípidos e submissos. Até o vinho carecia de personalidade.

Na semana de sua exposição em novembro, você me pareceu particularmente difícil. Ajudei no transporte das peças para o armazém três dias antes da abertura, e você passou os outros dias lá, na preparação do evento.

— Quanto tempo leva para colocar algumas esculturas no lugar? — perguntei, quando você chegou tarde pela segunda noite consecutiva.

— Estamos contando uma história — explicou você. — Os convidados percorrerão a sala passando de uma escultura para outra, e as peças precisam falar com eles de forma correta.

— Você devia ouvir o que diz! Quanta bobagem! Verifique apenas se a etiqueta com o preço está legível e bem à vista. É só o que importa. — Eu ri.

— Você não precisa ir, se não quiser.

— Não quer que eu vá? — Olhei-a com desconfiança. Seus olhos estavam um pouco brilhantes demais; o queixo um pouco desafiador demais. Fiquei intrigado com sua repentina e enorme alegria de viver.

— Só não quero que se aborreça. Nós podemos dar conta.

Então percebi de novo aquele brilho indecifrável em seus olhos.

— Nós? — perguntei, erguendo uma sobrancelha.

Você ficou perturbada. Virou-se e fingiu se concentrar na louça por lavar.

— Philip. Da exposição. É o curador.

Você começou a esfregar uma esponja no interior de uma panela que eu deixara de molho. Parei atrás de você e pressionei-a entre meu corpo e a pia para que minha boca ficasse na altura da sua orelha.

— Ah, ele é o *curador*, então? É assim que você o chama quando ele está *comendo você*?

— Não é nada disso — respondeu você. Desde sua gravidez você adotava um tom de voz específico para falar comigo. Um tom excessivamente sereno; um tom que alguém usaria para falar com uma criança em lágrimas, ou com um doente mental. Eu o detestava. Recuei alguns centímetros e percebi que você soltou a respiração, aliviada, mas então voltei a empurrá-la. Imaginei, pelo som que ouvi, que você estivesse com dificuldade de respirar, e a vi apoiar as duas mãos na borda da pia para tentar recuperar o fôlego.

— Não está mesmo transando com Philip? — Cuspi as palavras na sua nuca.

— Não estou transando com ninguém.

— Bem, comigo com certeza você não transa. Não ultimamente, pelo menos. — Senti sua tensão, e tive certeza de que você esperava que eu deslizasse a mão entre suas pernas; desejava, até. Quase lamentei desapontá-la, mas a sua bunda magra já não me excitava mais naquela época.

⋆ ⋆ ⋆

No dia da exposição eu estava em nosso quarto quando você subiu para se trocar. Reparei na sua hesitação.

— Não há nada que eu não tenha visto antes — falei. Peguei uma camisa limpa e pendurei-a na porta do armário; você estendeu sua roupa na cama. Observei-a tirar a calça de moletom e dobrar a camiseta para usar no dia seguinte. Você usava um sutiã branco e calcinha da mesma cor, e me perguntei se a cor teria sido escolhida de propósito para contrastar com o hematoma em seu quadril. O inchaço ainda era perceptível, e você fez uma careta ao sentar-se na cama, como se para valorizar ainda mais a contusão. Vestiu uma calça larga de linho e uma blusa do mesmo tecido, que deixava à mostra seus ombros ossudos. Escolhi um colar de contas verdes grandes no porta-joias em forma de árvore que enfeitava sua penteadeira.

— Quer ajuda para colocá-lo?

Você titubeou, mas logo sentou-se na banqueta. Passei os braços por cima de sua cabeça para colocar o colar em seu pescoço, e você ergueu os cabelos para facilitar meu trabalho. Juntei minhas mãos na sua nuca, aumentando a pressão do colar contra sua garganta durante uma fração de segundo, e você estremeceu. Ri e fechei o colar.

— Que linda! — exclamei. Curvei-me para olhar sua imagem no espelho. —

Tente não fazer um papel ridículo hoje, Jennifer. Você sempre se humilha nesse tipo de evento porque bebe demais e bajula os convidados.

Levantei-me para vestir a camisa e escolhi uma gravata cor-de-rosa que combinava com ela. Coloquei o paletó e olhei-me no espelho, satisfeito com o que vi.

— É melhor você dirigir, já que não vai beber.

Eu me oferecera várias vezes para trocar seu carro por um novo, mas você insistia em manter o velho e gasto Ford Fiesta. Eu evitava entrar nele, mas como não tinha a intenção de deixá-la dirigir meu Audi depois que você o amassou ao tentar estacioná-lo, sentei-me no banco do passageiro do seu carro imundo e fomos para a exposição.

Já havia gente no bar quando chegamos, e enquanto atravessávamos o salão ouvi um murmúrio de admiração. Alguém bateu palmas e outras pessoas acompanharam, mas como os convidados ainda eram poucos, o som resultante dos escassos aplausos foi constrangedor.

Você me entregou uma taça de champanhe e pegou outra. Um homem com cabelos escuros ondulados aproximou-se e, pelo brilho de seus olhos, tive certeza de que se tratava de Philip.

— Jenna! — Ele beijou-a nos dois lados do rosto e vi quando sua mão tocou na dele tão de leve que, sem dúvida, você imaginou que eu não perceberia. Tão de leve que quase poderia ter sido sem querer. Mas eu sabia que não era.

Você nos apresentou e Philip apertou minha mão.

— Imagino que esteja orgulhoso dela.

— Minha esposa tem um talento enorme — afirmei. — É claro que estou orgulhoso dela.

Philip hesitou por um instante antes de voltar a falar.

— Desculpe por lhe roubar Jenna, mas preciso apresentá-la a algumas pessoas. Seu trabalho tem despertado grande interesse e... — Interrompeu a frase e esfregou o polegar no indicador, ao mesmo tempo em que me dava uma piscada.

— Não quero de modo algum criar obstáculos para possíveis vendas — falei.

Observei-os percorrer a sala lado a lado, a mão de Philip o tempo inteiro quase tocando suas costas, e então tive certeza de que vocês estavam tendo um caso. Não sei como consegui manter a calma até o fim da exposição, mas não desgrudei os olhos de vocês. Quando o champanhe acabou, bebi vinho, e fiquei perto do

bar para evitar várias idas para me reabastecer. E durante todo o tempo eu a observei. Você exibia um sorriso que há muito tempo eu não via, e isso me trouxe à lembrança a garota que encontrei no bar do diretório estudantil tantos anos atrás, rindo com as amigas. Você parecia não rir mais.

Minha garrafa esvaziou e pedi outra. Os garçons trocaram olhares, mas me atenderam. As pessoas começaram a ir embora. Observei de longe você despedir-se delas: beijou algumas, apertou a mão de outras. Nenhuma foi tratada com tanta amabilidade quanto seu *curador*. Quando havia apenas um punhado de convidados, aproximei-me de você e sussurrei:

— É hora de voltarmos para casa.

Você não parecia à vontade.

— Não posso ir agora, Ian, ainda tem gente aqui. E preciso ajudar a arrumar o salão.

Philip intrometeu-se.

— Jenna, está tudo bem. Pobre Ian, ele mal a viu durante a noite e deve querer comemorar só com você. Posso acabar de organizar tudo e você vem pegar as peças amanhã. Foi um sucesso incrível. Ótimo trabalho! — Beijou-a no rosto, dessa vez apenas de um lado, mas quase explodi de raiva, e não consegui dizer nada.

Você concordou com a cabeça. Parecia decepcionada com Philip. Imaginava que ele lhe pediria para ficar? Que me diria para ir embora enquanto você continuaria ali? Segurei sua mão e apertei-a com força enquanto vocês dois continuavam a conversar. Eu sabia que você não reclamaria, e aos poucos apertei-a mais e mais até sentir a cartilagem de sua mão se desfazer sob meus dedos.

Por fim Philip parou de falar. Estendeu-me a mão e precisei então soltar a sua. Percebi que você respirou fundo e esfregou uma mão na outra.

— Foi um prazer conhecê-lo, Ian — disse Philip, com os olhos fixos em você, antes de se dirigir a mim de novo. — Cuide bem dela, certo?

Perguntei-me o que você teria contado a ele.

— Sempre cuido — respondi com voz calma.

Encaminhei-me para a saída e segurei-a pelo cotovelo, com o polegar enfiado em sua carne.

— Está me machucando — disse você entre dentes. — As pessoas podem ver.

Não sei de onde você tirou aquela voz, mas eu nunca a ouvira antes.

— Como ousa me expor ao ridículo? — sussurrei com raiva. Descemos a escada e cruzamos com um casal que nos sorriu por educação. — Você flertou com ele na frente de todos, passou a noite inteira se esfregando nele, aos beijos! — Quando chegamos ao estacionamento, não me preocupei mais em falar em voz baixa, e minhas palavras ressoaram na noite. — Está transando com ele, não é verdade?

Você não respondeu, e seu silêncio me deixou ainda mais irritado. Agarrei seu braço e torci-o com força para trás, até ouvi-la gritar.

— Você me trouxe aqui para fazer pouco de mim, não foi?

— Claro que não! — As lágrimas escorriam pelo seu rosto e caíam na sua blusa deixando manchas escuras em seu peito.

Cerrei o punho automaticamente, mas no exato momento em que meu antebraço começava a se contrair, um homem passou por nós.

— Boa tarde — disse ele.

Relaxei o braço e ficamos assim, distantes meio metro um do outro até que o ruído de passos desapareceu.

— Entre no carro.

Você abriu a porta do motorista e entrou, e só depois de três tentativas conseguiu enfiar a chave na ignição e ligar o motor. Estávamos ainda no meio da tarde, mas já estava escuro. Tinha chovido, e, cada vez que um carro se aproximava, as luzes se refletiam no asfalto molhado, fazendo-a estreitar os olhos. Você continuava a chorar e a limpar o nariz com as costas da mão.

— Veja o seu estado — reclamei. — Será que Philip sabe que você é assim? Uma mulher patética, chorona?

— Não vou para a cama com Philip — respondeu você, fazendo uma pausa entre cada sílaba para dar mais ênfase às palavras. Bati com o punho no painel.

Você se encolheu.

— Não sou o tipo de Philip — disse você. — Ele é...

— Não fale comigo como se eu fosse um idiota, Jennifer! Tenho olhos. Percebo o que há entre vocês.

Você freou bruscamente no sinal vermelho e logo pisou fundo no acelerador quando a luz mudou para verde. Virei-me para observá-la. Eu queria decifrar seu rosto, ler seus pensamentos. Saber se estava pensando *nele*. Eu tinha certeza que sim, embora você tentasse dissimular.

Assim que chegássemos em casa eu acabaria com aquilo. Assim que chegássemos em casa eu daria um jeito de você não pensar em mais nada.

46

O Tribunal Superior de Bristol é mais antigo que o Tribunal de Primeira Instância, e seus corredores recobertos de painéis de madeira exalam um ar solene. Assessores entram e saem a todo instante da sala de audiências, e quando eles passam as abas de suas togas pretas jogam para o alto os papéis da mesa do escrivão. O silêncio é incômodo, como em uma biblioteca onde a proibição de falar nos dá vontade de gritar, e pressiono os olhos com a palma das mãos. Quando as retiro, a sala de audiências está fora de foco. Eu gostaria que essa imagem se mantivesse: os contornos imprecisos e as formas nebulosas parecem menos ameaçadores, menos graves.

Agora que estou aqui, sinto medo. A coragem com que eu vinha enfrentando este dia na minha imaginação desapareceu, e embora me apavore a ideia do que Ian faria comigo se me concedessem a liberdade, sinto de repente o mesmo terror ao pensar no que me espera na prisão quando eu for condenada. Aperto uma das mãos na outra e enfio as unhas na pele da mão esquerda. Minha cabeça é invadida pelo eco de passos em passarelas metálicas, cada vez mais próximos; vejo beliches estreitos em celas cinzentas com paredes tão grossas que ninguém me ouvirá gritar. Sinto uma dor aguda na mão e percebo que ela sangra. Quando a limpo, o sangue deixa uma mancha rosada no dorso.

O local onde me colocaram tem espaço para várias pessoas; são duas fileiras de cadeiras presas ao chão, com os assentos levantados como em um cinema. Três paredes são de vidro e, insegura, fico inquieta quando a sala começa a encher. Há um número infinitamente maior de espectadores agora do que na audiência inicial. Em seus rostos não vejo a curiosidade leve das *tricoteiras* do Tribunal de Primeira Instância, mas o ódio veemente de quem clama por justiça. Um homem de pele morena e com uma jaqueta de couro dois números maior que o dele inclina-se à frente em seu assento. Não tira os olhos de mim, e torce a boca em evidente raiva silenciosa. Começo a chorar e ele sacode a cabeça, enojado.

Tenho a foto de Jacob no bolso e a contorno com os dedos.

As equipes jurídicas cresceram: atrás de cada advogado há várias pessoas sentadas em mesas enfileiradas, e elas se inclinam para murmurar coisas urgentes entre si. Assessores e advogados são os únicos que parecem à vontade. Brincam uns com os outros em voz alta, sem se preocupar com a plateia, e eu me pergunto por que o tribunal é assim; por que um sistema procuraria tão deliberadamente alienar aqueles que dele necessitam. A porta range e abre-se para uma nova leva de espectadores constrangidos e desconfiados. Quase perco o fôlego ao ver Anya. Ela vai para a primeira fila e senta-se ao lado do homem de jaqueta de couro, que segura sua mão.

Você deve lembrar que ele era um menino. Que tinha uma mãe. E que ela está com o coração dilacerado.

Os únicos lugares vazios na sala de audiências são os onze assentos dos membros do júri, agora desnecessários. Imagino-os ocupados por homens e mulheres preparados para ouvir testemunhas, avaliar meu depoimento, decidir sobre minha culpa. Poupei-os disso; poupei-os do tormento de se perguntar se haviam tomado a decisão certa; poupei Anya da dor de ver a morte do filho propalada em uma sala de audiências. Ruth Jefferson explicou-me que isso contaria a meu favor: os juízes são mais benevolentes com quem poupa os tribunais dos custos de um julgamento.

— Todos de pé.

O juiz é velho e tem histórias de milhares de famílias estampadas no rosto. Seus olhos afiados avançam pela sala de audiências, mas não se detêm em mim. Sou apenas mais um capítulo em uma carreira repleta de decisões difíceis. Pergunto-me se ele já terá tomado uma decisão a meu respeito, se já sabe de quanto tempo será minha condenação.

— Meritíssimo, o tribunal julga hoje o processo contra Jenna Gray... — A oficial lê com voz clara e precisa o texto escrito em uma folha de papel. — Sra. Gray, a senhora é acusada de causar uma morte por condução perigosa e de omissão de socorro à vítima do acidente. — Ela olha para mim. — Como se declara?

Seguro com mão firme a foto que carrego no bolso.

— Culpada.

Chega do público um soluço abafado.

Seu coração está dilacerado.

— Por favor, sentem-se.

O promotor do Ministério Público levanta-se. Pega uma jarra da mesa à sua frente e serve-se devagar. O som da água enchendo o copo é o único ruído na sala de audiências, e quando todos os olhares se voltam para ele, seu discurso começa.

— Meritíssimo, a ré declarou-se culpada pela morte de Jacob Jordan, um menino de cinco anos. Admitiu que seu padrão de direção naquela noite de novembro estava aquém do que se espera de uma pessoa sensata. De fato, as investigações policiais mostraram que o carro da Sra. Gray saiu da estrada e subiu na calçada imediatamente antes do impacto, e que ela dirigia a uma velocidade entre sessenta e oitenta quilômetros por hora, muito acima do limite naquela área, que é de quarenta e cinco quilômetros por hora.

Aperto minhas mãos. Tento respirar devagar, em ritmo uniforme, mas o aperto que sinto no peito me impede de inspirar corretamente. As batidas do meu coração ressoam em minha cabeça e fecho os olhos. Vejo a chuva no para-brisa, ouço o grito — meu grito — quando percebo o menino na calçada; ele corre, pouco depois vira a cabeça e diz alguma coisa para a mãe.

— Além disso, Meritíssimo, após atingir Jacob Jordan e, acredita-se, matá-lo no ato, a acusada não parou. — O advogado percorre a sala com os olhos, mas sua retórica revela-se inútil sem um júri para impressionar. — Ela não desceu do carro. Não telefonou para pedir ajuda. Não demonstrou remorso, não ofereceu assistência prática. Ao contrário, a acusada fugiu no carro deixando Jacob, de cinco anos de idade, nos braços da mãe traumatizada.

Ela inclinou-se sobre o filho, lembro-me bem, cobrindo-o com o casaco, protegendo-o da chuva. Os faróis do carro iluminavam cada detalhe, e cobri a boca com as mãos, assustada demais até para respirar.

— Seria possível imaginar, Meritíssimo, que essa reação inicial fosse motivada pelo choque. Que a acusada pudesse ter entrado em pânico e ido embora com o carro, e que alguns minutos mais tarde, talvez algumas horas, ou até um dia depois, recobrasse a sensatez e fizesse a coisa certa. No entanto, Meritíssimo, o que a acusada fez foi fugir e se esconder em uma pequena cidade a cento e cinquenta quilômetros de distância, onde ninguém a conhecia. Não se entregou. Ela pode ter admitido sua culpa hoje, mas foi apenas pela constatação de que não tem para onde correr, e o Ministério Público pede respeitosamente que este

elemento seja considerado no momento da condenação.

— Obrigado, promotor Lassiter. — O juiz faz anotações em um bloco e o promotor inclina a cabeça e levanta a toga antes de sentar-se. Sinto as palmas das mãos úmidas. O ódio do público é quase palpável.

A advogada de defesa reúne seus papéis. Apesar de minha confissão de culpa, apesar de saber que preciso pagar pelo que aconteceu, tenho uma súbita vontade de ver Ruth Jefferson lutar por mim. Sinto náuseas ao perceber que esta é minha última oportunidade de falar. Dentro de poucos instantes o juiz me condenará, e então será tarde demais.

Ruth Jefferson levanta-se, mas antes que ela consiga falar, a porta da sala se abre de repente. O juiz ergue os olhos, contrariado e com ar de desaprovação.

Patrick parece tão deslocado na sala de audiências que por um momento não o reconheço. Ele olha para mim, visivelmente abalado por me ver algemada dentro de uma cabine de vidro à prova de balas. O que ele faz aqui? Percebo que o homem que o acompanha é o detetive Stevens, que faz um breve aceno com a cabeça para o juiz antes de encaminhar-se para o centro da sala e inclinar-se para falar em voz baixa com o promotor.

O promotor ouve-o com atenção. Rabisca uma nota e estende o braço para entregá-la a Ruth Jefferson, do outro lado do banco. Há um silêncio pesado, como se todos prendessem a respiração.

Minha advogada lê a nota e se levanta devagar.

— Meritíssimo, solicito que me seja concedido um breve recesso.

O juiz King suspira.

— Advogada Jefferson, preciso lembrá-la de quantos casos ainda julgarei esta tarde? A senhora teve seis semanas para falar com sua cliente.

— Peço desculpas, Meritíssimo, mas veio à luz uma informação que poderá ser um atenuante na acusação contra minha cliente.

— Muito bem. Concedo-lhe quinze minutos, mas após esse prazo espero poder pronunciar a sentença de sua cliente.

O juiz faz um sinal para a oficial.

— Todos de pé — diz ela.

Quando o juiz King deixa a sala, um guarda entra na cabine de vidro para levar-me de volta ao bloco onde ficam as celas.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Não tenho ideia, minha querida, mas é sempre a mesma história. Passo o tempo inteiro para cima e para baixo como um maldito ioiô.

Ele me acompanha de volta até a sala abafada onde eu falara com minha advogada há menos de uma hora. Quase no mesmo instante chega Ruth Jefferson, seguida do detetive Stevens. Ruth começa a falar antes até de a porta se fechar.

— Será que percebe, Sra. Gray, que obstruir o trabalho da Justiça não é algo que os tribunais vejam com bons olhos?

Não digo nada, e a advogada senta-se. Devolve uma mecha de cabelo escuro para baixo da peruca.

O detetive Stevens enfia a mão no bolso, pega um passaporte e o coloca sobre a mesa. Não preciso abri-lo para saber que é meu. Olho para o detetive e para minha advogada e estendo a mão para tocar o passaporte. Lembro-me de ter preenchido o formulário para providenciar a troca de sobrenome antes de nosso casamento. Ensaiei minha assinatura mais de cem vezes, perguntando a Ian qual parecia mais adulta, qual tinha mais a *minha* cara. Quando o passaporte chegou, foi a primeira prova tangível da mudança de meu estado civil, e eu mal podia esperar para apresentá-lo no aeroporto.

O detetive Stevens inclina-se para a frente, apoia as mãos na mesa e deixa o rosto no mesmo nível do meu.

— Não precisa mais protegê-lo, Jennifer.

Sinto um calafrio.

— Por favor, não me chame assim.

— Conte o que aconteceu.

Fico calada.

O detetive Stevens fala com calma, e sua voz serena faz com que eu me sinta mais segura, mais centrada.

— Não permitiremos que ele a machuque de novo, Jenna.

Então eles sabem. Deixo escapar um lento suspiro e olho primeiro para o detetive Stevens, depois para Ruth Jefferson. Sinto-me de repente exausta. O detetive abre uma pasta marrom com uma etiqueta onde leio "Petersen", meu sobrenome de casada. O sobrenome de Ian.

— Recebemos muitas chamadas — diz ele. — De vizinhos, médicos, gente que passava pela rua, mas nunca uma ligação sua, Jenna. Você nunca nos ligou. E

quando a procuramos, recusou-se a falar conosco. Nunca apresentou uma queixa. Por que não nos deixou ajudá-la?

— Porque ele teria me matado — respondo.

Há uma pausa antes de o detetive Stevens voltar a falar.

— Quando ele a agrediu pela primeira vez?

— Isso é relevante? — pergunta Ruth, de olho no relógio.

— Sim — rebate o detetive Stevens em tom ríspido, e ela se recosta na cadeira com o cenho franzido.

— Foi na nossa noite de núpcias. — Fecho os olhos e me recordo da agressão que surgiu do nada e da vergonha por meu casamento ter fracassado antes mesmo de começar. Lembro-me da ternura de Ian quando voltou; do cuidado com que tratou do meu rosto machucado. Pedi que ele me perdoasse, e continuei a fazê-lo ao longo de sete anos.

— Quando foi para o abrigo em Grantham Street?

Fico surpresa com o quanto ele sabe.

— Nunca estive lá. No hospital viram meus hematomas e perguntaram sobre meu casamento. Não lhes contei nada, mas me deram um cartão e disseram que eu poderia procurá-los quando precisasse e que lá estaria em segurança. Não acreditei. Como eu poderia estar em segurança tão perto de Ian? De todo modo, guardei o cartão. Eu me sentia um pouco menos sozinha pelo simples fato de tê-lo comigo.

— Nunca tentou ir embora? — pergunta o detetive Stevens. Ele não consegue dissimular a raiva que sente, mas ela não é dirigida a mim.

— Muitas vezes — respondo. — Ian saía para trabalhar e eu começava a arrumar minha mala. Andava pela casa recolhendo lembranças, decidindo o que poderia de fato levar comigo. Colocaria tudo no carro, que ainda era meu, compreende?

Stevens balança a cabeça porque não compreende.

— Ele ainda estava registrado em meu nome de solteira. Não de propósito, no início, já que essa foi apenas uma das coisas que me esqueci de fazer quando nos casamos, mas depois esse detalhe passou a ser muito importante. Ian era dono de todo o resto; da casa, do negócio... Comecei a ter a sensação de que eu não existia mais, de que havia me tornado mais uma de suas propriedades. Por isso nunca atualizei meu nome na documentação do carro. Não era muito importante,

eu sei, mas... — Dou de ombros. — Eu arrumava minhas coisas na mala, depois com cuidado tirava tudo e colocava de volta no mesmo lugar de antes. Todas as vezes.

— Por quê?

— Porque ele teria me encontrado.

O detetive Stevens folheia o dossiê, que é surpreendentemente volumoso, embora não deva conter mais do que a relação dos incidentes que resultaram na chamada da polícia. As costelas quebradas e a concussão cerebral que me obrigaram a passar um período no hospital. Para cada marca visível, havia uma dúzia de outras escondidas.

Ruth Jefferson coloca a mão sobre o dossiê.

— Posso?

O detetive Stevens me olha e faço um sinal positivo com a cabeça. Ele entrega o dossiê para a advogada, que começa a examiná-lo.

— Mas você foi embora após o acidente — observa Stevens. — O que mudou?

Respiro fundo. Tenho vontade de responder que tinha por fim me armado de coragem, mas é claro que a verdade não era essa.

— Ian me ameaçou — explico em voz baixa. — Disse que se eu fosse à polícia, se contasse a quem quer que fosse o que havia acontecido, me mataria. E eu sabia que ele estava falando sério. Naquela noite, após o acidente, ele me bateu tanto que não consegui me manter de pé. Então ele me levantou e segurou meu braço dentro da pia. Derramou água fervente na minha mão até eu desmaiar de dor. Depois me arrastou até o ateliê. Obrigou-me a ficar de olhos bem abertos enquanto ele quebrava tudo... Tudo que eu havia feito.

Não consigo olhar para o detetive Stevens. É o que preciso fazer para que minhas palavras saiam.

— Ian logo foi embora. Não sei para onde. Passei a primeira noite no chão da cozinha, depois rastejei escada acima e deitei-me na cama. Rezei para morrer no meio da noite, para que quando ele voltasse não pudesse me machucar mais. Mas ele não voltou. Passaram-se vários dias e, pouco a pouco, recobrei as forças. Comecei a fantasiar que ele partira para sempre, mas como não havia levado quase nada da casa, eu sabia que sua volta poderia acontecer a qualquer momento. Percebi que mais cedo ou mais tarde ele me mataria se eu continuasse ali. Foi

então que decidi ir embora.

— Conte o que aconteceu com Jacob.

Enfiei a mão no bolso e segurei a fotografia.

— Ian e eu tivemos uma briga. Eu havia montado uma exposição, a maior até então, e tinha passado vários dias organizando tudo com Philip, o curador. Foi um evento diurno, mas mesmo assim Ian bebeu demais. Acusou-me de ter um caso com Philip.

— E era verdade?

Fico vermelha com uma pergunta tão pessoal.

— Philip era gay — respondo —, mas Ian não acreditava. Eu chorava muito e não conseguia ver direito a estrada. Tinha chovido e os faróis dos outros carros me ofuscavam. Ele gritava o tempo inteiro, me chamava de vagabunda e prostituta. Passei por Fishponds para evitar o tráfego, mas Ian me obrigou a parar o carro. Ele me bateu e pegou as chaves, embora estivesse bêbado demais até para ficar de pé. Ele dirigia como um louco, gritando sem parar e dizendo que me daria uma lição. Atravessávamos uma zona residencial, com ruas tranquilas, e Ian dirigia cada vez mais depressa. Eu estava apavorada. — Torço minhas mãos sobre os joelhos. — Então vi o menino. Gritei, mas Ian não reduziu a velocidade. Batemos nele e vi sua mãe curvar-se como se tivesse sido atingida também. Tentei sair do carro, mas ele trancou as portas e deu marcha à ré. Não me deixou voltar. — Respiro fundo e quando solto o ar um gemido baixo escapa de minha garganta.

A pequena sala está em silêncio.

— Ian matou Jacob — digo. — Mas foi como se tivesse sido eu.

47

Patrick dirige com cuidado. Estou preparada para ouvir mil perguntas, mas ele não diz nada até deixarmos Bristol para trás. Quando as cidades começam a dar lugar aos campos verdes e aparecem os primeiros recortes da costa, ele vira-se para mim.

— Você podia ter ido para a prisão.

— Era o que eu queria.

— Por quê? — Ele não parece me julgar, apenas está confuso.

— Porque alguém precisava pagar pelo que aconteceu — explico. — Alguém precisava ir a julgamento para que a mãe de Jacob pudesse dormir tranquila sabendo que havia sido feita justiça no caso da morte de seu filho.

— Mas não você, Jenna.

Antes de sairmos, perguntei ao detetive Stevens o que diriam à mãe de Jacob, que de uma hora para outra saberia do cancelamento do julgamento da pessoa que ela acreditava ter matado seu filho.

— Decidimos esperar pela prisão dele para então dar-lhe a notícia.

Dou-me conta de que meu comportamento agora a obrigará a reviver o episódio.

— Na caixa onde estava seu passaporte — diz Patrick, de repente —, vi um brinquedo de bebê. — Ele se cala e não faz nenhuma pergunta.

— Era do meu filho — explico. — Ben. Fiquei apavorada quando soube que estava grávida. Pensei que Ian ficaria furioso, mas ele pulou de alegria. Disse que uma criança mudaria tudo, e embora ele nunca tenha admitido, eu estava certa de que se arrependia de ter me maltratado. Acreditei que o bebê representaria um momento decisivo para nós: que ele faria Ian perceber que podíamos ser felizes juntos. Como uma família.

— Mas não foi o que aconteceu.

— Não, não foi. No começo, fazia tudo para mim. Ele me tratava como uma rainha e não se cansava de me dizer o que eu devia e o que não devia comer. No

entanto, à medida que minha barriga crescia, eu o sentia cada vez mais distante. Era como se ele não suportasse minha gravidez; como se a repelisse, até. Quando eu estava no sétimo mês, queimei de leve uma camisa com o ferro de passar. Puro descuido meu. Fui atender ao telefone, me distraí, e só me dei conta quando já era tarde demais. Ian ficou furioso. Deu um soco na minha barriga, e comecei a perder sangue.

Patrick para o carro e desliga o motor. Olho pela janela o terreno baldio ao lado da estrada. A lixeira está transbordando de embalagens vazias e papéis.

— Ian chamou uma ambulância. Mentiu que eu tinha caído. Não creio que tenham acreditado, mas o que poderiam fazer? O sangramento havia parado quando chegamos ao hospital, mas antes mesmo da ultrassonografia eu sabia que o bebê estava morto. Era um pressentimento. Falaram na possibilidade de uma cesariana, mas eu não queria que meu filho saísse de mim assim. Queria um parto normal.

Patrick estende a mão, mas não consigo tocá-la e ele então a repousa sobre seu banco.

— Deram-me remédios para induzir o parto e esperei na enfermaria com outras mulheres. Passamos por todos os procedimentos juntas: as primeiras dores, a inalação de analgésicos, as visitas de parteiras e médicos. A única diferença era que meu bebê estava morto. Quando por fim me levaram para a sala de parto, a mulher ao meu lado despediu-se de mim e me desejou boa sorte.

"Ian ficou comigo durante o parto e, mesmo que eu o odiasse pelo que havia feito, segurei sua mão enquanto fazia força, e deixei que ele beijasse minha testa, porque, afinal de contas, quem mais eu tinha ao meu lado? E durante todo o tempo a única coisa que me vinha à cabeça era que, se eu não tivesse queimado aquela camisa, Ben estaria vivo.

Começo a tremer e apoio com força as mãos nos joelhos para tentar me acalmar. Durante várias semanas depois que Ben morreu, meu corpo tentou me enganar fazendo-me pensar que eu era mãe. Meus mamilos ficaram doloridos, e eu os apertava embaixo do chuveiro para liberar a pressão enquanto o cheiro doce do leite subia com o vapor da água escaldante. Ergui os olhos uma vez e vi que Ian me observava da porta do banheiro. Minha barriga ainda estava arredondada pela gravidez, e a pele distendida e flácida. Veias azuis riscavam meus seios inchados e leite escorria pelo meu corpo. Percebi seu olhar de repulsa antes de ele

dar meia-volta e sair.

Tentei falar com ele sobre Ben. Uma única vez, quando a dor da perda era tão intensa que eu mal conseguia me movimentar. Precisava compartilhar minha tristeza com alguém, com quem quer que fosse, e naquele momento eu não tinha mais ninguém com quem falar. Mas ele me interrompeu no meio da frase.

— Isso nunca aconteceu. Esse bebê nunca existiu.

Ben pode não ter chegado a respirar, mas ele viveu. Viveu dentro de mim, respirou meu oxigênio, nutriu-se do meu alimento, fez parte de mim. Mas nunca voltei a falar nele.

Não consigo olhar para Patrick. Agora que comecei, não posso parar, e minhas palavras saem aos borbotões.

— Houve um silêncio terrível quando ele nasceu. Alguém anunciou a hora, depois o colocaram em meus braços com extrema delicadeza, como se não quisessem machucá-lo, e nos deixaram a sós com ele. Fiquei uma eternidade assim, contemplando seu rosto, seus cílios, seus lábios. Acariciei a palma de sua mão e tive a sensação de que ele segurava meu dedo, mas alguém apareceu e tirou-o de mim. Gritei, então, agarrada a ele, até que me aplicaram algum medicamento para me acalmar. Mas eu não queria dormir, porque sabia que quando acordasse estaria de novo inteiramente só.

Assim que acabo de falar, viro-me para Patrick e percebo lágrimas em seus olhos, e quando tento dizer que não há mais problema, que estou bem, choro também. Abraçamo-nos dentro do carro parado no acostamento da estrada e ficamos assim até o sol começar a se por, e só então vamos para casa.

Patrick deixa o carro no estacionamento do camping e me acompanha até o chalé. O aluguel está pago até o fim do mês, mas reduzo o passo quando voltam à minha cabeça a reação de Iestyn e seu tom de desprezo ao me mandar embora.

— Liguei para ele — diz Patrick, como se lesse meus pensamentos. — Expliquei tudo.

Patrick está calmo e fala com delicadeza, como se eu fosse uma paciente me recuperando de uma longa enfermidade. Sinto-me segura com a mão entrelaçada na dele.

— Você pode buscar Beau? — pergunto, quando chegamos em casa.

— Se você quiser.

— Sim, por favor. Quero que tudo volte ao normal. — Enquanto digo isso,

percebo que não estou segura do que seja a normalidade.

Patrick fecha as cortinas e prepara um chá, e quando vê que estou aquecida e instalada com conforto, me dá um beijo leve nos lábios e sai. Observo ao meu redor os pequenos fragmentos de minha vida na baía: as fotos e as conchas; a tigela de água de Beau no chão da cozinha. Sinto-me mais em casa aqui do que durante todos os anos em que vivi em Bristol.

Por impulso, estendo o braço e ligo o interruptor da lâmpada ao meu lado. É a única luz acesa no térreo e ela inunda o ambiente com um cálido tom amarelado. Apago-a e mergulho na escuridão. Espero alguns segundos e percebo que meu coração bate em ritmo regular; as palmas de minhas mãos estão secas; não sinto um calafrio na nuca. Sorrio: não tenho mais medo.

48

— E não há dúvida de que é o endereço certo? — Ray fez a pergunta a Stumpy, mas seu olhar abrangeu todos na sala. Menos de duas horas após deixar o Tribunal Superior, ele tinha reunido uma equipe de forças policiais, ao mesmo tempo em que Stumpy conseguia que o Departamento de Informação localizasse o endereço de Ian Petersen.

— Nenhuma dúvida, chefe — confirmou Stumpy. — No registro eleitoral consta que ele mora no número 72 de Albercombe Terrace, e o pessoal da Informação cruzou os dados com o registo de veículos licenciados. Petersen perdeu três pontos por excesso de velocidade dois meses atrás e sua carteira foi devolvida para esse endereço.

— Muito bem — disse Ray. — Esperamos que esteja em casa. — Virou-se para informar os detalhes à equipe recém-formada, que já começava a se impacientar. — A prisão de Petersen é fundamental, não apenas para a solução do caso Jordan, mas para garantir a segurança de Jenna. Há uma longa história de violência doméstica, que culminou com a decisão dela de abandonar Petersen após o atropelamento e a omissão de socorro.

Os policiais na sala balançaram a cabeça, e a expressão em seus rostos refletia determinação. Todos sabiam que tipo de homem era Ian Petersen.

— Seus antecedentes criminais mostram advertências por violência, o que não é nenhuma surpresa — disse Ray —, além de condenações anteriores por dirigir embriagado e promover desordem. Não quero correr riscos, por isso precisamos ir direto até ele, algemá-lo, e pronto. Entendido?

— Entendido — responderam todos em coro.

— Então vamos.

★ ★ ★

Albercombe Terrace era uma rua como qualquer outra, com calçadas estreitas e

muitos carros estacionados. A única diferença entre a casa 72 e as vizinhas era que as cortinas das janelas estavam fechadas.

Ray e Kate estacionaram em uma rua próxima para esperar a confirmação da chegada de dois membros da equipe nos fundos da casa de Petersen. Kate desligou o carro e os dois esperaram em silêncio, acompanhados apenas do tique-taque rítmico do motor que esfriava.

— Você está bem? — perguntou Ray.

— Sim — respondeu Kate secamente. Sua expressão determinada não deixava transparecer o que ela devia estar sentindo por dentro. O sangue de Ray fervia em suas veias. Dentro de alguns minutos aquela adrenalina o ajudaria a cumprir sua missão, mas no momento ele não tinha para onde ir. Bateu com o pé no pedal da embreagem e olhou de novo para Kate.

— Está com o colete?

Como resposta, Kate bateu no peito com o punho fechado, e Ray ouviu o ruído surdo da proteção embaixo de sua blusa. Facas eram armas fáceis de esconder e rápidas de usar, e Ray tinha visto coisas demais à sua volta para permitir riscos desnecessários. Apalpou o cassetete e o spray que levava na cintura, sob o casaco, e sentiu-se confiante.

— Fique perto de mim. E, se ele sacar uma arma, dê o fora imediatamente.

Kate arqueou as sobrancelhas.

— Porque sou mulher? — Riu com desdém. — Sairei de lá quando você sair também.

— Que se dane o politicamente correto, Kate! — Ray bateu com a palma da mão no volante. Em seguida calou-se e, pelo para-brisa, olhou a rua vazia. — Não quero é que você se machuque.

Antes que um dos dois tivesse tempo de dizer mais alguma coisa, seus rádios voltaram à vida.

— Zero seis, chefe.

As equipes estavam a postos.

— Copiado — respondeu Ray. — Se ele sair pela porta dos fundos, algemas nele. Ficaremos de olho na da frente.

— Entendido — respondeu alguém, e Ray olhou para Kate.

— Pronta?

— Como nunca.

Dobraram a esquina e caminharam a passos rápidos até a frente da casa. Ray bateu na porta e ficou na ponta dos pés para espiar pela pequena abertura de vidro acima da aldrava.

— Consegue ver alguma coisa?

— Não. — Bateu de novo, e o som ecoou na rua vazia.

Kate falou pelo rádio.

— Tango Charlie 461 para Controle. Pode me conectar com Bravo Fox 275?

— Prossiga.

Ela falou diretamente com os dois policiais nos fundos da casa.

— Alguma movimentação?

— Negativo.

— Copiado. Fiquem à espera por enquanto.

— Ficaremos.

— Obrigada pelo contato, Controle. — Kate guardou o rádio no bolso e virou-se para Ray. — É hora de arrombar.

Eles viram quando os especialistas em métodos de entrada balançaram um aríete metálico vermelho semicircular, apontado para a porta. Houve um estrondo ensurdecedor, a madeira cedeu e a porta se abriu golpeando a parede de um corredor estreito. Ray e Kate ficaram para trás e os oficiais entraram correndo e formaram duplas para inspecionar todos os cômodos em busca de seus ocupantes.

— Nada!

— Nada!

— Nada!

Ray e Kate seguiram-nos, um sempre de olho no outro e à espera da confirmação de que Petersen havia sido localizado. Menos de dois minutos depois, o sargento da unidade de ordem pública desceu as escadas balançando a cabeça.

— Nada feito, chefe. Não tem ninguém na casa. Depenaram o quarto. O guarda-roupa está vazio e não há nada no banheiro. Tudo indica que ele fugiu.

— Merda! — Ray bateu com o punho no corrimão. — Kate, ligue para o celular de Jenna. Descubra seu paradeiro e diga-lhe que não saia de onde estiver. — Caminhou a passos largos para o carro, e Kate correu para alcançá-lo.

— Telefone desligado.

Ray sentou-se no banco do motorista e ligou o motor.

— Para onde vamos agora? — perguntou Kate enquanto colocava o cinto de segurança.

— Para o País de Gales — respondeu ele com expressão severa.

Enquanto dirigia, gritou instruções para Kate.

— Ligue para o pessoal da Informação e peça que reúnam o que puderem sobre Petersen. Faça contato com a polícia de Thames Valley e certifique-se de que alguém irá à casa de Eve Mannings em Oxford: ele já a ameaçou uma vez, e há uma grande possibilidade de que volte lá. Entre também em contato com a polícia de Gales do Sul e lance um alerta em nome de Jenna Gr... — Ray se corrigiu: — Petersen. Quero que alguém vá ao seu chalé para certificar-se de que ela está bem.

Kate anotou as instruções à medida que Ray as enumerava e informou-o do resultado após cada ligação.

— Ninguém está de plantão em Penfach esta noite, por isso mandarão alguém de Swansea, mas o time do Sunderland joga lá hoje e eles não dispõem de muita gente.

Ray suspirou, exasperado.

— Eles sabem que é um episódio de violência doméstica?

— Sim, claro, e disseram que darão prioridade ao caso, só não podem garantir a que horas poderão ir lá.

— Meu Deus! — exclamou Ray. — Parece piada.

Kate tamborilou com a caneta na janela do carro enquanto tentava localizar Patrick pelo celular.

— O telefone não atende.

— Precisamos a qualquer custo falar com alguém. Alguém de lá — insistiu Ray.

— E os vizinhos? — Kate endireitou o corpo e acessou a internet no celular.

— Não há nenhum vizinho... — Ray olhou para Kate. — O camping, claro!

— Isso mesmo! — Kate encontrou o número e ligou. — Vamos, atendam...

— Coloque no viva-voz.

— Alô, Camping de Penfach, Bethan falando.

— Olá, aqui é a detetive Kate Evans, do Departamento de Investigação Criminal de Bristol. Estou à procura de Jenna Gray. Por acaso esteve com ela hoje?

— Hoje não, querida. Mas ela não está em Bristol? — A voz de Bethan tinha agora um tom de cautela. — Está tudo bem? O que aconteceu no tribunal?

— Ela foi absolvida. Escute, desculpe apressá-la, mas Jenna saiu daqui por volta das três horas e preciso ter certeza de que chegou bem em casa. Ela foi de carro com Patrick Mathews.

— Não vi nenhum dos dois — respondeu Bethan —, mas Jenna voltou, sim. Ela desceu até a praia.

— Como sabe?

— Fui dar um passeio com os cachorros, há pouco, e vi um de seus escritos na areia. Não lembrava seu estilo habitual, na verdade... era até bem estranho.

A inquietação de Ray aumentava cada vez mais.

— O que estava escrito?

— Que história é essa? — perguntou Bethan com rispidez. — O que está me escondendo?

— O que estava escrito? — Ele não pretendia gritar, e por um momento pensou que ela tinha desligado. Quando ela por fim falou, a hesitação em sua voz fez Ray ter certeza de que Bethan tinha consciência de que algo estava muito errado.

— Apenas "Traição".

49

Eu não pretendia dormir, mas a batida na porta me faz erguer a cabeça de repente e massagear meu pescoço dolorido. Levo um segundo para lembrar que estou em casa, e então ouço outra batida, agora mais insistente. Pergunto-me por quanto tempo deixei Patrick esperando do lado de fora. Levanto-me com dificuldade e estremeço com a forte cãibra que sinto na panturrilha.

Tenho um mau pressentimento quando giro a chave, mas antes que eu consiga reagir a porta se abre com violência e sou jogada contra a parede. Ian está vermelho de raiva e com a respiração entrecortada. Preparo-me para o impacto de seu punho, mas ele não vem, e conto as batidas de meu coração enquanto Ian, sem pressa, tranca de novo a porta.

Um, dois, três.

Rápidas e violentas, elas martelam meu peito.

Sete, oito, nove, dez.

E então ele está pronto e se vira para mim com um sorriso que conheço tão bem quanto o meu. Um sorriso que não chega aos seus olhos; que deixa entrever o que está reservado para mim. Um sorriso que me diz que, embora o fim esteja próximo, ele não será rápido.

Ele me agarra pela nuca e pressiona com força o polegar contra minha cervical. É desagradável, mas não sinto dor.

— Você entregou meu nome para a polícia, Jennifer.

— Não, eu não...

Ele segura meus cabelos e me puxa com tanta violência que fecho os olhos e fico à espera da explosão de dor que virá quando ele quebrar meu nariz com sua testa. Mas quando os abro de novo, seu rosto está a dois dedos do meu. Ele cheira a uísque e suor.

— Não minta para mim, Jennifer.

Volto a fechar os olhos e digo a mim mesma que posso sobreviver a isso, ainda que cada pedaço de meu corpo queira implorar para que ele acabe logo comigo.

Ele segura meu queixo com a mão livre e acaricia meus lábios com o dedo indicador antes de deslizá-lo para dentro de minha boca. Contenho a vontade de vomitar quando ele pressiona minha língua.

— Maldita puta traidora — diz, com voz tão suave, como se me dirigisse um elogio. — Você fez uma promessa, Jennifer. Prometeu que não procuraria a polícia, e o que vejo hoje? Vejo que comprou sua liberdade em troca da minha. Vejo meu nome... a porra do meu nome!... na primeira página do *Bristol Post*.

— Falarei com eles — balbucio, e as palavras soam confusas ao redor de seu dedo. — Direi que não é verdade. Direi que menti. — A saliva escorre de minha boca para a mão de Ian, que a olha com nojo.

— Não — retruca ele. — Você não dirá nada a ninguém.

Sem largar meus cabelos, ele libera meu queixo e me bate com violência no rosto.

— Suba.

Cerro os punhos e mantenho os braços ao lado do corpo, ciente de que não devo levar a mão ao rosto, embora ele lateje demais. Sinto gosto de sangue e o engulo em silêncio.

— Por favor — peço, e minha voz soa esganiçada e artificial — por favor, não... — Busco as palavras adequadas, as que talvez o irritem menos. *Não me estupre*, é o que tenho vontade de gritar. Isso já aconteceu tantas vezes que eu não devia mais me importar, mas não suporto a ideia de ter seu corpo de novo sobre o meu, de senti-lo dentro de mim, de ser forçada a emitir sons que não traduzem meu ódio por ele. — Não quero fazer sexo — digo, e amaldiçoo minha voz vacilante que não transmite o que isso significa para mim.

— Fazer sexo com você? — retruca ele, cuspindo as palavras e salpicando saliva em meu rosto. — Não fique se achando, Jennifer. — Ele me solta e me olha da cabeça aos pés. — Suba.

Minhas pernas vacilam quando dou os primeiros passos na direção da escada, e me agarro ao corrimão para conseguir subir, sentindo sua presença às minhas costas. Tento calcular quanto falta para Patrick voltar, mas perdi a noção do tempo.

Ian me empurra para dentro do banheiro.

— Tire a roupa.

Sinto vergonha pela facilidade com que o obedeço.

Ele cruza os braços e me observa tirar peça por peça. Choro abertamente agora, embora saiba que isso o deixará ainda mais enfurecido. Não consigo evitar.

Ian põe o tampão na banheira. Abre a torneira fria, mas não toca na quente. Estou nua agora, tremendo de frio na sua frente, e ele examina meu corpo com visível repulsa. Lembro-me de quando ele beijava meus ombros antes de seus dedos traçarem com delicadeza, quase com reverência, uma linha que descia pelo vão entre meus seios e chegava ao meu ventre.

— A culpa é toda sua — diz ele com um suspiro. — Eu podia ter vindo buscá-la na hora que eu quisesse, mas deixei que você fosse embora. Não a queria mais ao meu lado. Bastava você ter ficado de boca fechada que poderia continuar a levar sua patética vida aqui. — Sacudiu a cabeça. — Mas não foi o que aconteceu, não é verdade? Você foi à polícia e deu com a língua nos dentes. — Ele fecha a torneira. — Entre.

Não ofereço resistência. Não há sentido nisso agora. Entro na banheira e deito no fundo. A água gelada me corta a respiração e me dilacera por dentro. Tento me convencer de que ela está quente.

— Agora lave-se.

Ele pega uma garrafa de água sanitária do chão do banheiro e tira a tampa. Mordo o lábio. Uma vez em que cheguei tarde em casa depois de jantar com colegas da faculdade ele me obrigou a beber água sanitária. Mesmo depois de eu explicar que não tinha percebido o tempo passar, ele despejou o líquido espesso em um copo de vinho e esperou que eu o levasse aos lábios. Com uma gargalhada, me mandou parar depois do primeiro gole e disse que só uma idiota como eu o teria obedecido. Vomitei a noite inteira e o gosto químico permaneceu em minha boca por vários dias.

Ian encharca minha esponja com água sanitária, e o excesso que pinga na água forma desenhos azuis que se espalham como tinta em papel absorvente. Ele me entrega a esponja.

— Esfregue-se.

Passo a esponja nos braços ao mesmo tempo em que jogo água em mim para tentar diluir o produto.

— Agora o resto do corpo. E não esqueça o rosto. Lave-se direito, Jennifer, ou eu mesmo farei isso. Talvez com umas boas esfregadas você consiga se livrar de um pouco da sua maldade.

Ele continua a me dar instruções até eu lavar o corpo inteiro com água sanitária e, quando termino, sinto a pele arder. Afundo na água gelada para aliviar a sensação desagradável, e não consigo fazer com que meus dentes parem de bater. A dor e a humilhação são piores que a morte. O fim não pode demorar a chegar.

Não sinto mais os pés. Estendo o braço para friccioná-los, mas meus dedos parecem pertencer a outra pessoa. Estou congelada. Tento me levantar um pouco para manter pelo menos metade do corpo fora da água, mas Ian me força a deitar de novo, minhas pernas dobradas para o lado de forma desajeitada para caberem na pequena banheira. Ele abre de novo a torneira fria até a água chegar à borda. Meu coração não ecoa mais nos meus ouvidos, mas bate timidamente no meu peito. Sinto-me fraca e entorpecida, e as palavras de Ian parecem vir de muito longe. Meus dentes não param de bater e mordo a língua, mas quase não sinto dor.

Enquanto eu me lavava Ian manteve-se de pé, ao lado da banheira, mas agora está sentado no tampo fechado do vaso sanitário. Observa-me com olhar frio. Vai me afogar, imagino. Não deve levar muito tempo: já estou meio morta.

— Foi fácil encontrá-la, você sabe — diz ele em tom informal, como se fôssemos velhos amigos conversando em um pub. — Não é difícil criar um site na internet sem deixar rastro, mas você foi burra demais e não percebeu que qualquer um conseguiria encontrar seu endereço.

Não digo nada, mas ele não parece precisar de resposta.

— Vocês mulheres acreditam que podem fazer tudo sozinhas — continua. — Acham que não precisam dos homens, mas quando deixamos as coisas em suas mãos, vocês são inúteis. São todas iguais. Ah, e as mentiras! Meu Deus, as mentiras que as mulheres contam! Uma atrás da outra, aos montes, tropeçando em suas línguas viperinas.

Sinto um enorme cansaço. Uma exaustão que não consigo suportar. Percebo que escorrego pouco a pouco para o fundo da banheira, e forço-me a permanecer acordada. Enfio as unhas na minha coxa, mas quase não as sinto.

— Vocês acreditam que podem ficar impunes, mas sempre acabamos descobrindo tudo. As mentiras, a traição, a falsidade descarada.

Suas palavras não me dizem nada.

— Desde o início deixei muito claro que eu não queria filhos — continua Ian.

Fecho os olhos.

— Mas a escolha nunca é nossa, não é mesmo? É sempre o que as mulheres querem. E como fica a nossa maldita escolha?

Penso em Ben. Ele esteve tão perto de viver. Se pelo menos eu tivesse conseguido protegê-lo durante mais algumas semanas...

— De repente, sou apresentado a um filho — grita Ian —, e acham que devo comemorar! Comemorar a chegada de um filho que, em primeiro lugar, nunca quis. O filho que nunca teria existido se ela não tivesse me enganado.

Abro os olhos. Os azulejos brancos acima das torneiras têm fissuras cinzentas e eu as sigo até que meus olhos se enchem de água e tudo volta a ficar borrado de branco. Ian diz coisas sem sentido. Ou sou eu que não encontro sentido nelas? Quero falar, mas minha língua parece inchada. Não enganei Ian para ter um bebê. Foi um descuido, mas ele ficou feliz. Disse que aquele filho mudaria tudo.

Ian está inclinado à frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a boca encostada nas mãos fechadas, como se rezasse. Seus punhos, no entanto, estão cerrados e uma veia pulsa descontroladamente em sua testa.

— Eu disse para ela como seria. Disse que não queria compromisso. Mas ela estragou tudo. — Olha para mim. — Era para ser um caso passageiro, uma trepada rápida com uma garota qualquer. Não havia motivo para um dia você descobrir. Só que ela engravidou e, em vez de voltar para a sua maldita casa, decidiu ficar e fazer da minha vida um inferno.

Esforço-me para juntar os pedaços do que ele diz.

— Você tem um filho? — Consigo perguntar.

Ian olha para mim com um sorriso triste.

— Não. — Ele me corrige. — Ele nunca foi meu filho. Era filho de uma prostituta polonesa que limpava os banheiros no meu trabalho. Fui apenas o doador de esperma. — Ele levanta-se e alisa a camisa. — Ela bateu na minha porta quando descobriu a gravidez, e deixei bem claro que se ela quisesse aquele filho, que o tivesse sozinha. — Ele suspira. — Não voltei a ter notícias dela até a criança entrar para a escola. E a partir de então ela não me deixou mais em paz. — Torce a boca para fazer uma fraca imitação de um sotaque do Leste Europeu. — *Ele precisa de um pai, Ian. Quero que Jacob saiba quem é seu pai.*

Levanto a cabeça. Com um esforço que me faz gritar de dor, empurro o fundo da banheira com as mãos até conseguir me sentar.

— Jacob? — pergunto. — Você é o pai de Jacob?

Ian me olha em silêncio por um instante, depois segura meu braço com força.

— Saia.

Caio por cima da borda da banheira e fico estendida no chão, com as pernas adormecidas depois de uma hora na água gelada.

— Cubra-se com alguma coisa. — Joga meu roupão e eu o visto depressa, odiando-me pela gratidão que sinto. Minha cabeça gira: Jacob era filho de Ian? Mas quando Ian descobriu que era Jacob o menino do acidente, ele deve ter...

Quando de fato compreendo a verdade, é como se recebesse uma facada no ventre. A morte de Jacob não foi um acidente. Ian matou o próprio filho, e agora vai me matar.

50

— Pare o carro — falei.

Você não me deu atenção e segurei o volante.

— Ian, não! — Você tentou recuperar a direção e tocamos na calçada antes de voltar para o meio da rua, evitando por um triz bater no carro que vinha na direção oposta. Você não teve outra escolha senão tirar o pé do acelerador e pisar no freio. Paramos em diagonal no meio da rua.

— Saia.

Você não hesitou, mas, uma vez fora do carro, ficou imóvel junto da porta sem parecer se importar com a garoa fina. Dei a volta no carro e parei ao seu lado.

— Olhe para mim.

Você não desgrudou os olhos do chão.

— Já disse: olhe para mim!

Você levantou a cabeça devagar, mas olhou para um ponto qualquer por cima de meu ombro. Mudei de posição para entrar em seu campo de visão, mas no mesmo instante você desviou o olhar. Agarrei-a pelos ombros e a sacudi com força. Queria ouvi-la chorar; disse a mim mesmo que a soltaria quando a ouvisse chorar, mas você permaneceu em silêncio. Seu maxilar estava cerrado pelo esforço. Você estava jogando comigo, Jennifer, mas eu ganharia. Eu a faria chorar.

Soltei-a, e você não conseguiu esconder a expressão de alívio. A mesma expressão que continuava visível quando fechei o punho e acertei seu rosto.

Meu soco atingiu-a no queixo e sua cabeça voou para trás e bateu com força no teto do carro. Suas pernas fraquejaram e seu corpo deslizou para o asfalto. Você por fim emitiu um som, uma espécie de gemido, como o de um cão espancado, e não pude deixar de sorrir diante dessa pequena vitória. Mas não era suficiente. Eu queria ouvi-la implorar meu perdão; admitir que gostava de flertar; confessar que tinha transado com outro.

Observei-a se debater no asfalto molhado. Mas isso não me trouxe a costumeira sensação de libertação. Dentro de mim ainda borbulhava uma fúria

selvagem que aumentava a cada segundo. Terminaria o serviço em casa.

— Entre no carro.

Observei-a se levantar com dificuldade. Sua boca sangrava e em vão você tentava limpá-la com a echarpe. Você quis ocupar o banco do motorista, mas não permiti.

— Pelo outro lado. — Liguei o motor e arranquei antes mesmo de você fechar a porta. Assustada, você gritou, mas logo bateu a porta e procurou atabalhoadamente o cinto de segurança. Ri, mas isso não foi suficiente para acalmar minha raiva. Imaginei que eu poderia estar sofrendo um ataque cardíaco: sentia um aperto no peito e dificuldade para respirar. A culpa era toda sua.

— Reduza a velocidade — pediu você. — Estamos indo depressa demais. — As palavras borbulharam em sua boca cheia de sangue, que respingou no porta-luvas. Acelerei ainda mais para provar que eu não seria comandado por você. Estávamos em uma área residencial tranquila, com casas elegantes e uma fileira de carros estacionados no meu lado da rua. Mudei de faixa para ultrapassá-los, apesar dos faróis que vinham na direção contrária, e pisei fundo no acelerador. Vi quando você levantou os braços para proteger o rosto; um carro buzinou e piscou o farol enquanto eu voltava depressa para o nosso lado da estrada segundos antes de ser tarde demais.

O aperto em meu peito diminuiu um pouco. Mantive o pé no acelerador, virei à esquerda e entrei em uma rua longa e reta margeada de árvores. Tive a impressão de reconhecê-la, embora só tivesse estado ali uma vez e não soubesse sequer seu nome. Era a rua onde morava Anya. Onde transei com ela. O volante escapou de minhas mãos e o carro bateu no meio-fio.

— Por favor, Ian, por favor, mais devagar!

Havia uma mulher com um menino na calçada a uns cem metros de nós. Ele usava um gorro, e a mulher... Segurei o volante com mais força. Eu estava vendo coisas, imaginando que essa mulher era ela apenas porque estávamos na sua rua. Não podia ser Anya.

A mulher ergueu os olhos. Seus cabelos estavam soltos e, apesar do tempo chuvoso, ela não usava chapéu nem gorro. Estava de frente para mim e ria, enquanto o menino corria ao seu lado. Tive de repente a impressão de que minha cabeça explodiria. Era ela.

Eu demitira Anya depois de transar com ela. Não tinha o menor interesse em

repetir o que fizera, nem vontade de ver seu rosto bonito, porém vazio, circulando pelo escritório. Quando ela reapareceu no mês passado, quase não a reconheci: e agora ela não me deixaria em paz. Eu a vi caminhar na direção do clarão dos faróis.

Ele quer saber quem é o pai dele, quer conhecê-lo.

Ela estragaria tudo. O menino estragaria tudo. Olhei para você, mas sua cabeça estava baixa. Por que não olha mais para mim, Jennifer? Você costumava repousar a mão na minha coxa enquanto eu dirigia, e girava o corpo no banco para poder me ver. Agora quase não me olhava mais nos olhos. Eu já a estava perdendo, e se você soubesse da existência do menino, eu jamais a teria de volta.

Eles atravessavam a rua. Minha cabeça latejava. Você gemia e o som em meu ouvido era como o zumbido de uma mosca.

Pisei fundo no acelerador.

51

— Você matou Jacob? — pergunto, quase sem conseguir articular as palavras. — Mas por quê?

— Ele estragaria tudo — responde Ian simplesmente. — Se Anya tivesse se mantido afastada, nada disso teria acontecido. A culpa é dela.

Penso na mulher na porta do Tribunal Superior, com seus tênis gastos.

— Ela precisava de dinheiro?

Ian ri.

— Dinheiro não seria problema. Não, ela queria que eu me comportasse como pai. Que visitasse o menino nos fins de semana, que o levasse para dormir na minha casa, que comprasse os malditos presentes de aniversário... — Ele interrompe a frase quando consigo ficar de pé e me agarro à pia para testar se minhas pernas doloridas suportam meu peso. Sinto agulhadas nos pés enquanto eles se aquecem. Olho para o espelho e não reconheço a imagem que vejo.

— Você teria sabido da existência dele — diz Ian. — Da existência de Anya. Teria me abandonado.

Ele está atrás de mim e apoia de leve as mãos em meus ombros. Vejo em seu rosto a mesma expressão que vi tantas vezes na manhã seguinte a uma noite de violência. Eu dizia a mim mesma que era arrependimento, embora ele jamais tenha pedido desculpas, mas agora percebo que era medo. Medo que eu o visse como o homem que de fato é. Medo que eu deixasse de precisar dele.

Penso no quanto eu teria amado Jacob como se fosse meu próprio filho; em como o teria acolhido e brincado com ele, e nos presentes que teria escolhido apenas para ver a alegria estampada em seu rosto. E de repente tenho a sensação de que Ian não me tirou um, mas dois filhos, e é nessas duas vidas perdidas que reencontro força.

★ ★ ★

Finjo sentir fraqueza e baixo os olhos para a pia, mas em seguida jogo a cabeça para trás com a força que ainda me resta. Ouço um ruído horripilante quando os ossos do meu crânio batem nos dele.

Ian me solta, leva as mãos ao rosto, e vejo sangue escorrer entre seus dedos. Corro para o quarto e dali para o patamar da escada, mas ele é muito rápido e me agarra pelo pulso antes que eu consiga descê-la. Seus dedos ensanguentados escorregam na minha pele molhada e me debato tentando me libertar. Dou uma cotovelada em seu estômago e recebo um soco que me impede de respirar. O patamar está escuro e estou desorientada. De que lado está a escada? Tateio o chão com meu pé descalço e meus dedos tocam no friso metálico do degrau superior.

Passo por baixo do braço de Ian com as duas mãos estendidas na direção da parede. Dobro os cotovelos como se fizesse uma flexão e dou um forte impulso para trás, atingindo-o com todo o meu peso. Ele dá um grito curto quando perde o equilíbrio, cai, e rola escada abaixo.

Tudo fica em silêncio.

Acendo a luz.

Ian está deitado ao pé da escada, imóvel. Está de bruços no piso de ardósia e percebo um corte na parte posterior de sua cabeça, por onde escorre um filete de sangue. Permaneço de pé, observando-o, enquanto meu corpo inteiro treme.

Agarro com firmeza o corrimão e começo a descer a escada com passos lentos, sem tirar os olhos da figura estendida no chão. Paro quando estou a um passo de alcançar o último degrau. Percebo um movimento muito leve no peito de Ian.

Ofegante, ergo um pé e o coloco com cuidado no chão de pedra ao lado de Ian, mas a seguir fico imóvel, como uma criança que brinca de estátua.

Passo por cima de seu braço estendido.

Sua mão aperta meu tornozelo e eu grito, mas é tarde demais. Já estou no chão, Ian está em cima de mim e se arrasta sobre meu corpo com o rosto e as mãos ensanguentados. Tenta falar, mas nenhuma palavra sai de sua boca contraída pelo esforço.

Quando ele se agarra aos meus ombros para erguer-se ao nível do meu rosto, atinjo-o com uma forte joelhada entre as pernas. Ele grita e me larga, contorcendo-se de dor. Aproveito para me levantar depressa e, sem hesitar, corro para a porta e tento puxar o ferrolho que desliza duas vezes entre meus dedos

antes de ceder e eu conseguir sair. A noite está fria e as nuvens deixam à mostra apenas uma estreita fatia da lua. Corro às cegas, mas logo ouço os passos pesados de Ian às minhas costas. Não olho para trás para ver a que distância ele está de mim, mas ouço-o grunhir a cada passo, ofegante.

É difícil correr pelo caminho de pedras com os pés descalços, mas como o som que me perseguia parece ter diminuído, imagino que estou ganhando terreno. Tento prender a respiração enquanto corro para fazer o menor ruído possível.

Só quando ouço o choque das ondas contra a costa que me dou conta de que perdi o desvio para o camping. Amaldiçoo minha burrice. Agora só tenho duas opções: pegar a trilha que desce para a praia ou virar à direita e continuar pelo caminho da costa, distanciando-me de Penfach. É um caminho que fiz muitas vezes com Beau, mas nunca no escuro: fica perto demais da borda do penhasco e sempre tive medo que ele perdesse o equilíbrio. Vacilo por um segundo, mas a ideia de ser apanhada na praia me apavora: com certeza terei mais chance de escapar se continuar a correr. Viro então à direita e pego o caminho da costa. O vento está forte agora e, à medida que as nuvens se movimentam, a lua projeta um pouco mais de luz. Arrisco uma rápida olhada para trás, mas não há ninguém por perto.

Diminuo o ritmo e apenas caminho, mas depois paro e aguço o ouvido. O silêncio é total, exceto pelos sons do mar, e meu coração se acalma um pouco. As ondas quebram na praia em ritmo constante e ouço o apito distante de um navio. Respiro fundo e tento me orientar.

— Você não tem para onde fugir, Jennifer.

Viro-me de repente, mas não o vejo. Aperto os olhos na escuridão e identifico arbustos raquíticos, alguns degraus e, ao longe, uma pequena construção que reconheço como uma cabana de pastor.

— Onde você está? — grito, mas o vento carrega minhas palavras para o mar. Inspiro para gritar, mas no instante seguinte ele está atrás de mim com o antebraço em minha garganta, puxando-me para cima e para trás até que começo a ficar sem ar. Dou uma cotovelada em suas costelas e ele relaxa a pressão o suficiente para eu retomar o fôlego. Não morrerei agora, penso. Passei a maior parte de minha vida adulta me escondendo, correndo, sentindo medo, e agora, quando afinal me sinto em segurança, ele volta para tirá-la de mim. Não posso permitir. Sinto com se tivesse recebido uma injeção de adrenalina e inclino o

corpo à frente. O movimento o desequilibra e consigo escapar.

E não corro. Já corri demais dele.

Ele tenta me agarrar, mas consigo atingi-lo embaixo do queixo com a base da mão. O impacto empurra-o para trás e por alguns segundos ele oscila na borda do penhasco. Estende as mãos, procura segurar meu roupão, e seus dedos chegam a roçar o tecido. Grito e dou um passo atrás, mas perco o equilíbrio e por um instante tenho a impressão de que cairei com ele, estraçalhando-me contra as pedras no caminho até o mar. Mas então percebo que estou de bruços na borda do penhasco e ele está caindo. Olho para baixo e ainda vejo seus olhos vazios, antes que as ondas o engulam.

52

O telefone de Ray tocou quando eles contornavam Cardiff. Ele olhou para a tela.

— É o inspetor de Gales do Sul.

Kate observou Ray enquanto ele ouvia as últimas notícias de Penfach.

— Graças a Deus! — exclamou ele. — Nenhum problema. Obrigado pelas informações.

Encerrou a ligação e deixou escapar um lento e prolongado suspiro.

— Ela está bem. Quer dizer, não está bem, mas está viva.

— E Petersen? — perguntou Kate.

— Não teve tanta sorte. Ao que parece, Jenna corria pelo caminho da costa quando ele apareceu atrás dela. Eles lutaram e Petersen despencou do rochedo.

Kate fez uma careta.

— Que morte horrível.

— Era o mínimo que ele merecia. Lendo nas entrelinhas, não acredito que ele tenha exatamente "despencado", se é que você me entende, embora o pessoal da Investigação Criminal de Swansea tenha tomado a decisão correta: o caso será tratado como acidente.

Os dois se calaram.

— Voltamos para Bristol, então? — perguntou Kate.

Ray balançou a cabeça.

— Não vejo por que voltar. Jenna foi levada para o hospital de Swansea e podemos chegar lá em menos de uma hora. Já que viemos até aqui, é melhor acabar o trabalho e depois comer alguma coisa antes de voltar para casa.

O trânsito melhorou no final do trajeto e passava um pouco das sete horas quando eles chegaram ao hospital de Swansea. A entrada da Emergência estava repleta de fumantes com braços em tipoias improvisadas, tornozelos enfaixados e variadas lesões invisíveis. Ray desviou-se de um homem curvado que gemia de dor no estômago, mas que ainda assim conseguiu dar uma longa tragada no cigarro que a namorada aproximou de seus lábios.

O cheiro de tabaco que pairava no ar frio foi substituído pelo calor clínico do Setor de Emergência, e Ray mostrou sua carteira de policial para uma recepcionista com ar de exausta. Ela indicou-lhes o caminho através de uma porta dupla que levava à ala C, e de lá para uma sala lateral, onde encontraram Jenna deitada, apoiada em uma pilha de travesseiros.

Ray ficou chocado ao ver os enormes hematomas roxos que apareciam sob a camisola hospitalar e que lhe cobriam o pescoço. Seus cabelos soltos caíam sobre os ombros, e seu rosto tinha uma expressão de cansaço e dor. Patrick estava sentado ao seu lado, com um jornal velho aberto na página de palavras cruzadas.

— Olá — cumprimentou-a Ray com voz baixa. — Como você está?

Ela esboçou um leve sorriso.

— Já tive dias melhores.

— Você enfrentou muita coisa. — Ray parou ao lado da cama. — Sinto muito por não termos conseguido pegá-lo a tempo.

— Isto não importa agora.

— Ouvi dizer que foi o herói do dia, Sr. Mathews. — Ray virou-se para Patrick, que levantou a mão em sinal de protesto.

— Não exatamente. Se eu tivesse chegado uma hora antes, poderia ter sido útil, mas estava trabalhando na clínica, e quando cheguei... bem... — Patrick olhou para Jenna.

— Não sei se eu teria conseguido voltar ao chalé sem você — disse ela. — Acho que ainda estaria deitada no penhasco com os olhos fixos no mar. — Ela estremeceu e Ray sentiu um arrepio, apesar do ar sufocante do hospital. O que ela teria sentido lá em cima, na beira do precipício?

— Já sabe por quanto tempo ficará internada? — perguntou Ray.

Jenna sacudiu a cabeça.

— Disseram que devo ficar em observação, e embora eu não saiba bem o que isso significa, espero que não seja por mais de vinte e quatro horas. — Olhou para Ray e Kate. — Acreditam que posso ter algum problema? Por ter mentindo para a polícia sobre quem dirigia o carro?

— É preciso considerar, sim, a questão de obstrução ao trabalho da justiça — explicou Ray —, mas não acredito que seja do interesse público levar o assunto adiante. — Ele sorriu e Jenna deu um suspiro de alívio.

— Agora a deixaremos em paz — disse Ray. Olhou para Patrick. — Cuide

dela, certo?

Saíram do hospital e percorreram a curta distância até a delegacia de Swansea, onde o inspetor local os aguardava. Frank Rushton era um pouco mais velho que Ray e tinha um físico que levava a pensar que se sentiria mais à vontade em um campo de rugby do que em um escritório. Recebeu-os calorosamente, levou-os para seu escritório e ofereceu-lhes café, que ambos recusaram.

— Não podemos nos demorar — desculpou-se Ray. — Caso contrário, a detetive Evans fará explodir meu orçamento para horas extras.

— É uma pena — lamentou Frank. — Estamos de saída para comer um curry. Um colega acaba de se aposentar e faremos uma espécie de despedida para ele. Vocês seriam bem-vindos se pudessem nos acompanhar.

— Agradecemos o convite — disse Ray —, mas é melhor voltarmos. O corpo de Petersen ficará aqui ou quer que eu entre em contato com o legista em Bristol?

— Se tiver o número, eu gostaria de anotá-lo — disse Frank. — Ligarei quando recuperarmos o corpo.

— Ainda não o recuperaram?

— Não o encontramos ainda — explicou Frank. — Ele caiu do penhasco a uns oitocentos metros do chalé de Gray, na direção oposta ao camping de Penfach. Acredito que conheçam o local, não?

Ray assentiu.

— Patrick Mathews, o cara que encontrou Gray, levou-nos até lá, e não há dúvida de que é o lugar correto — prosseguiu Frank. — Há marcas no chão condizentes com o relato de luta feito por Gray, e um pequeno trecho da borda do penhasco está destruído.

— Mas o corpo não apareceu?

— Para falar a verdade, isso não é incomum. — Frank reparou que Ray ergueu as sobrancelhas e deu um leve sorriso. — Ou seja, não encontrar um corpo de imediato não chega a ser um fato raro. Temos às vezes um suicida que salta de uma grande altura ou alguém que escorrega na volta do pub, e o mar pode levar alguns dias, muitos dias, até, para devolvê-los. Alguns nunca aparecem, outras vezes encontramos apenas partes dos corpos.

— O que isso significa? — perguntou Kate.

— Naquela parte do penhasco, a queda até o mar é de sessenta metros — explicou Frank. — É até possível escapar das pedras durante a queda, mas ao

chegar lá embaixo as ondas arremessarão o corpo contra o rochedo uma vez, outra vez, e muitas mais, sem parar. — Deu de ombros. — Os corpos se despedaçam com muita facilidade.

— Meu Deus! — exclamou Kate. — Viver à beira-mar já não me parece tão atraente.

Frank sorriu.

— Bem, têm certeza de que não ficaram tentados a experimentar o curry? Uma vez me ofereceram uma transferência para Avon e Somerset, seria bom saber o que perdi por lá. — Levantou-se.

— Na verdade, combinamos de comer alguma coisa no caminho — disse Kate, olhando para Ray.

— Vamos — insistiu Frank. — Será divertido. Quase todo o pessoal da Investigação Criminal estará lá, e também alguns agentes da polícia local. — Acompanhou-os até a recepção e apertou a mão de ambos. — Sairemos agora e devemos estar no Raj, na High Street, dentro de meia hora. Esse atropelamento teve um excelente resultado para a sua equipe, não é verdade? Vocês deviam passar a noite aqui e comemorar em grande estilo!

Eles se despediram e Ray sentiu o estômago roncar enquanto caminhavam até o carro. Um frango Jalfrezi acompanhado de uma cerveja era exatamente o que lhe apetecia depois do dia que haviam tido. Olhou para Kate e pensou no bem que lhe faria desfrutar de uma noite de conversa relaxada e boas risadas com os colegas de Swansea. Seria uma pena pegar a estrada agora, e Frank tinha razão: ele não teria problemas em justificar uma noite em outra cidade com a alegação de que ainda havia alguns detalhes a acertar no dia seguinte.

— Vamos — disse Kate. Ela parou e virou-se para Ray. — Será divertido, e ele tem razão, devemos comemorar. — Estavam tão próximos um do outro que quase podiam se tocar. Ray imaginou os dois se despedindo dos colegas de Swansea depois do curry, talvez saindo para tomar um último drinque em algum lugar, e por fim caminhando de volta para o hotel. Engoliu em seco ao pensar no que poderia acontecer depois.

— Em outra ocasião — disse.

Houve um momento de silêncio e logo Kate balançou a cabeça devagar.

— Está certo. — Ela caminhou até o carro e Ray pegou o celular para enviar uma mensagem para Mags.

Estou a caminho. Levo alguma coisa para comermos?

53

As enfermeiras têm sido muito gentis. Tratam de meus ferimentos com uma eficiência discreta, e não parecem se importar quando peço que confirmem, pela centésima vez, que Ian está morto.

— Acabou — diz o médico. — Agora descanse um pouco.

Não tenho uma grande sensação de alívio ou liberdade. Apenas um cansaço extremo, que se recusa a ir embora. Patrick não sai do meu lado. Acordo assustada várias vezes durante a noite e ele está sempre por perto para me tranquilizar e afugentar meus pesadelos. Acabo por aceitar o calmante que a enfermeira me oferece. Tenho a impressão de que ouço Patrick conversar com alguém ao telefone, mas volto a dormir antes de conseguir perguntar quem é.

Quando acordo, o sol já se infiltra pelas frestas da persiana, desenhando finas listras de luz em minha cama. Há uma bandeja sobre a mesa perto de mim.

— O chá deve ter esfriado — observa Patrick. — Tentarei conseguir alguém para lhe preparar outro.

— Não se preocupe — digo, e faço um enorme esforço para sentar-me na cama. Meu pescoço está dolorido e toco nele com cuidado. O telefone de Patrick emite um bipe e ele o pega para ler a mensagem.

— O que é?

— Nada — responde ele e muda de assunto. — O médico disse que você continuará dolorida por mais alguns dias, mas que não há fratura. Ele pediu que a enfermeira passe em seu corpo um gel que neutraliza os efeitos da água sanitária, e será preciso continuar a usá-lo todos os dias para impedir o ressecamento da sua pele.

Encolho as pernas para que ele se sente ao meu lado na cama. Sua testa está sulcada e me sinto péssima por lhe causar tanta preocupação.

— Estou bem — afirmo. — Pode acreditar. Só quero voltar para casa.

Vejo que ele busca respostas em meu rosto: quer saber o que sinto por ele, mas nem eu mesma sei. Só sei que não posso confiar no meu próprio julgamento.

Forço um sorriso para provar que estou bem e fecho os olhos, mais para evitar o olhar de Patrick do que por ter esperança de dormir.

Acordo com o ruído de passos do lado de fora da porta e imagino que seja o médico, mas ouço Patrick falar com alguém.

— Ela está aqui. Vou à cantina pegar um café, e assim vocês podem ficar mais à vontade.

Não consigo imaginar quem seja, e mesmo quando a porta se abre por completo e surge uma figura esguia com um vistoso casaco amarelo com botões enormes, levo alguns segundos para registrar o que meus olhos veem. Abro a boca, mas um nó na minha garganta me impede de falar.

Eve corre até minha cama e me dá o abraço mais apertado que já recebi.

— Senti tanto sua falta!

Ficamos abraçadas até nossos soluços diminuírem, depois sentamos uma na frente da outra com as pernas cruzadas e de mãos dadas, como fazíamos na cama inferior do beliche no quarto que dividíamos quando éramos meninas.

— Você cortou o cabelo — observo. — Ficou ótimo.

Eve toca os fios curtos com um gesto tímido.

— Acho que Jeff prefere mais longo, mas gosto deste comprimento. A propósito, ele mandou um beijo para você. Ah, e as crianças fizeram isto para a tia. — Ela vasculha a bolsa e pega um desenho amassado, dobrado ao meio, como um cartão de "melhoras". — Falei que você estava no hospital, pois assim eles pensam que é catapora.

Olho o desenho em que estou na cama, com manchas espalhadas pelo corpo, e acho graça.

— Senti muita falta deles. De todos vocês.

— Nós também. — Eve respira fundo. — Eu não devia ter dito as coisas que lhe disse. Não tinha esse direito.

Lembro-me dos dias que passei no hospital após o parto de Ben. Ninguém tinha pensado em tirar o berço de acrílico do lado de minha cama, e eu me desesperava sempre que olhava para ele com o canto do olho. Eve chegara ao hospital antes de receber a notícia, mas, pela sua expressão, tive certeza de que já havia sido prevenida pelas enfermeiras. Um presente num pacote originalmente lindo estava enfiado no fundo de sua bolsa com o papel agora amassado e rasgado pelo seu esforço de escondê-lo de mim. Perguntei-me o que ela faria com o

presente, se encontraria outro bebê a quem pudesse dar a roupinha escolhida a dedo para meu filho.

Ela não disse nenhuma palavra no início, mas depois não parou de falar.

— Ian fez alguma coisa? Ele fez alguma coisa, não foi?

Virei para o lado, vi o berço vazio e fechei os olhos. Eve nunca confiara em Ian, embora ele sempre tivesse tomado cuidado para que ninguém percebesse seu temperamento. Neguei que houvesse algum problema: primeiro, porque estava cega de amor e não enxergava os erros no meu relacionamento e, depois, porque sentia vergonha de admitir que ficara tempo demais ao lado de um homem que me fazia tanto mal.

Eu queria que Eve me abraçasse. Que apenas me abraçasse e me apertasse com força para atenuar a imensa dor que quase me impedia de respirar. Mas minha irmã estava furiosa, e sua própria dor exigia respostas, alguma razão, alguém para culpar.

— Esse cara é perigoso — disse ela, e fechei os olhos como se assim pudesse evitar seu sermão. — Talvez você esteja cega para isso, mas eu não. Você não devia ter continuado com ele quando engravidou, e assim talvez seu filho estivesse vivo. Você é tão culpada quanto ele.

Eu tinha aberto os olhos, transtornada, porque as palavras de Eve me doíam demais.

— Vá embora — pedi, com voz trêmula, porém determinada. — Minha vida não lhe diz respeito e você não tem o direito de decidir o que devo fazer. Saia daqui! Não quero vê-la nunca mais.

Eve saíra correndo do hospital, deixando-me em frangalhos, com as mãos pressionadas sobre meu ventre vazio. Não foram as palavras de Eve que me machucaram, mas sua sinceridade. Minha irmã apenas dissera a verdade. Ben morrera por minha culpa.

Nas semanas que se seguiram, Eve tinha tentado entrar em contato comigo, mas recusei-me a falar com ela. Por fim, ela desistiu.

— Você percebeu como Ian era — digo-lhe agora. — Eu devia tê-la escutado.

— Você o amava. Como mamãe amava papai.

Ergo-me na cama.

— O que você está querendo dizer?

Eve fica em silêncio por um momento e percebo que ela está indecisa sobre o

que responder. Balanço a cabeça, porque de repente consigo ver o que me recusei a aceitar quando criança.

— Ele batia nela, é isso?

Ela concorda em silêncio.

Penso em meu pai, um homem bonito e inteligente, que sempre encontrava alguma coisa engraçada para me dizer; que me segurava pelos braços e me fazia girar no ar, mesmo quando eu já era grande demais para esse tipo de brincadeira. Penso em minha mãe, sempre calada, distante, fria. Penso no quanto a odiei por deixá-lo ir embora.

— Ela aguentou essa situação durante anos — explica Eve —, e então um dia, depois da escola, entrei na cozinha e o vi bater nela. Gritei que a deixasse em paz, e ele avançou em mim e me deu uma bofetada.

— Meu Deus, Eve! — Estou chocada com a diferença que existe entre as lembranças de nossa infância.

— Ele ficou apavorado. Disse que estava arrependido, que não tinha me visto, mas percebi seu olhar antes de me bater. Naquele momento ele me odiou, e acredito sinceramente que teria sido capaz de me matar. Foi como se de uma hora para outra algo tivesse mudado em mamãe: ela o mandou embora e ele partiu sem dizer uma palavra.

— Ele não estava mais em casa quando voltei da aula de balé — digo, lembrando-me de como sofri naquele dia.

— Mamãe avisou que chamaria a polícia se ele algum dia voltasse a se aproximar de nós. Ela ficou com o coração partido por mandá-lo embora, mas disse que precisava nos proteger.

— Ela nunca me contou isso — admito, mas sei que não lhe dei a oportunidade. Pergunto-me como pude interpretar tão mal as coisas. Eu gostaria que mamãe ainda estivesse aqui para poder esclarecer tudo com ela.

Sou tomada por uma onda de emoção e começo a soluçar.

— Eu sei, minha querida, eu sei. — Eve acaricia meus cabelos como costumava fazer quando éramos crianças, depois me abraça e chora também.

Ela passa duas horas comigo, enquanto Patrick se alterna entre a cantina e a cadeira ao lado de minha cama, com a intenção de nos deixar mais algum tempo a sós, mas também preocupado que eu pudesse me cansar demais.

Eve deixa uma pilha de revistas que não lerei, e vai embora com a promessa de

me ver de novo assim que eu receber alta e voltar para casa, o que o médico calcula que acontecerá dentro de um ou dois dias.

Patrick aperta minha mão.

— Iestyn mandará dois rapazes da fazenda para limpar o chalé e trocar a fechadura. Assim você terá certeza de que é a única que possui a chave. — Ele deve ter percebido minha expressão de ansiedade. — Deixarão tudo em perfeito estado — garante. — Será como se nada tivesse acontecido.

Não, digo para mim mesma, isso jamais seria possível.

Mas aperto também a mão de Patrick, e quando vejo em seu rosto apenas bondade e sinceridade, penso que, apesar de tudo, poderia valer a pena começar uma nova vida com esse homem. A vida poderia ser boa.

EPÍLOGO

Os dias são cada vez mais longos e Penfach voltou ao seu ritmo normal, interrompido apenas pela enxurrada de famílias que invadem a praia no verão. O ar está impregnado dos aromas de protetor solar e sal marinho, e a campainha no alto da porta da loja do vilarejo parece nunca parar de tocar. O camping abre para a nova temporada com uma camada de tinta fresca e prateleiras repletas de artigos essenciais para os veranistas.

Os turistas não têm interesse nos escândalos locais e, para meu alívio, os moradores logo perdem o entusiasmo por qualquer tipo de fofoca. Quando os dias voltam a encurtar, os boatos praticamente somem, extintos pela falta de novas informações e pela feroz resistência de Bethan e Iestyn, que se encarregam de corrigir qualquer um que afirme saber o que aconteceu. Quase sem que eu perceba, a última barraca é desmontada, o último baldinho de praia é vendido, o derradeiro sorvete é consumido, e o assunto cai no esquecimento. Onde antes eu só via desprezo e portas fechadas, agora encontro amabilidade e braços abertos.

Fiel à sua palavra, Iestyn mandou limpar o chalé. Trocou a fechadura, instalou janelas novas, cobriu com tinta a pichação na porta de madeira e acabou com todos os vestígios do passado. E embora eu saiba que jamais conseguirei apagar aquela noite da minha memória, quero continuar aqui, no alto do rochedo, sem ouvir nada além do vento ao meu redor. Estou feliz na minha casa e me recuso a deixar que Ian destrua também essa parte de minha vida.

Pego a guia de Beau que me espera, impaciente, junto à porta enquanto visto meu casaco para levá-lo para uma última corrida antes de dormir. Ainda não consigo sair sem trancar a porta, mas quando estou dentro de casa já não passo a chave e não me assusto quando Bethan entra sem bater.

Ainda que Patrick fique comigo a maior parte do tempo, ele reconhece até antes de mim os momentos em que preciso estar sozinha, e discretamente toma o caminho de Port Ellis para me deixar com meus pensamentos.

Observo a maré que começa a subir na baía. A praia está marcada pelas pegadas

dos caminhantes e seus cães, e das gaivotas que descem para bicar a areia em busca dos vermes que as alimentarão. É tarde, e a trilha da costa está deserta no topo do penhasco, onde a cerca recém-construída lembra aos excursionistas que é perigoso aproximar-se demais da borda. Sinto um repentino arrepio de solidão. Seria ótimo se Patrick voltasse para casa esta noite.

As ondas quebram na praia e correm pela areia em um turbilhão de espuma branca que desaparece quando a onda recua. Cada uma avança um pouco mais, revelando por alguns segundos uma fatia de areia lisa e brilhante antes que outra avance e ocupe seu espaço. Estou prestes a dar meia-volta, quando percebo alguma coisa desenhada na areia. Num piscar de olhos, o desenho desaparece. O mar varre o que agora já não tenho certeza de ter visto, e a praia fica sombria no momento em que o sol poente se reflete na água. Sacudo a cabeça e retomo o caminho do chalé, mas algo me retém e volto para a borda do precipício, aproximando-me do vazio tanto quanto minha ousadia permite para examinar a praia.

Não há nada.

Fecho bem o casaco para me proteger do frio repentino que sinto. Estou imaginando coisas. Não há nada escrito na areia, não há letras maiúsculas bem definidas. Não vejo meu nome. Ele não está lá.

Jennifer.

O mar não vacila. A onda seguinte quebra na areia e as marcas desaparecem. Uma gaivota descreve um último círculo sobre a baía enquanto a maré continua a subir, e o sol desliza no horizonte.

Depois disso, a escuridão.

NOTA DA AUTORA

Comecei minha formação como policial em 1999 e fui deslocada para Oxford em 2000. Em dezembro desse mesmo ano, um menino de nove anos foi atropelado e morto por delinquentes em um carro roubado em Blackbird Leys. O inquérito, que concluiu ter havido homicídio por imprudência, durou quatro anos e envolveu uma exaustiva investigação policial. O caso serviu de pano de fundo para meus primeiros anos como agente de polícia, e ainda gerava novas investigações quando passei a fazer parte do Departamento de Investigação Criminal, três anos mais tarde.

Foi oferecida uma recompensa substancial, além da promessa de imunidade total para o passageiro do carro, caso ele se apresentasse e identificasse o motorista. No entanto, apesar de várias detenções, nenhuma acusação formal foi feita.

As consequências desse crime me deixaram muito intrigada. Como o condutor do Vauxhall Astra conseguia viver com tamanho peso na consciência? Como o passageiro conseguia manter-se em silêncio? Como a mãe do menino conseguiria um dia superar uma perda tão terrível? Eu estava fascinada pelas informações colhidas ano após ano e pelo trabalho minucioso da polícia, que examinava a fundo cada detalhe, na esperança de descobrir o elo que faltava.

Anos depois, quando meu próprio filho morreu — em circunstâncias muito diferentes — senti na pele como as emoções podem alterar o critério de uma pessoa e abalar seu comportamento. Tristeza e culpa são sentimentos poderosos, e comecei a me perguntar como eles poderiam afetar duas mulheres, envolvidas de forma muito diferente no mesmo acidente. O resultado é *Deixei você ir*.

AGRADECIMENTOS

Sempre tive o hábito de ler os agradecimentos nos livros, e antes me perguntava como podia haver tanta gente envolvida na criação de uma única obra. Agora eu entendo. Sou extremamente grata aos primeiros leitores de *Deixei você ir* — Julie Cohen, AJ Pearce e Merilyn Davies, entre outros —, que me ajudaram a ver o que funcionava e o que precisava ser modificado, e também a Peta Nightingale e a Araminta Whitley, por acreditarem em mim. Sou feliz por ter a fantástica Sheila Crowley como agente literária, mas jamais a teria conhecido sem uma conversa inesperada com Vivienne Wordley, que gostou da versão original e decidiu passá-la adiante. Muito obrigada a Vivienne, Sheila, Rebecca e ao resto da equipe de Curtis Brown por tudo que fizeram por mim. Vocês não poderiam ter encontrado uma editora melhor do que a Little, Brown. Gostei da talentosa Lucy Malagoni desde o instante em que a conheci, e jamais poderia sonhar com uma profissional tão perspicaz e empolgada. Um agradecimento especial a Lucy, Thalia, Anne, Sarah, Kirsteen e a todos da Little, Brown, aqui incluída a maravilhosa equipe de direitos estrangeiros, cujos membros, embora sempre ocupadíssimos, conseguem me dar a impressão de que meu livro é o único com o qual trabalham.

Agradeço também às antigas colegas Mary Langford e Kelly Hobson: a Mary, por ter lido uma primeira versão, e a Kelly, pela ajuda de última hora com alguns detalhes. Por fim, obrigada a meus amigos e minha família, que sempre acreditaram em mim, me apoiaram quando decidi abandonar uma carreira estável para começar a escrever livros, e em momento algum sugeriram que eu arranjasse um trabalho de verdade. Eu não teria conseguido — nem desejado — escrever este livro sem o apoio de meu marido Rob e de nossos três filhos, Josh, Evie e Georgie, que me incentivaram o tempo inteiro, serviram-me xícaras de chá e se viraram sozinhos "só até eu acabar este capítulo". Muitíssimo obrigada a todos.

SOBRE A AUTORA



© smartphotography.co.uk

CLARE MACKINTOSH trabalhou doze anos na polícia da Inglaterra, incluindo um período no Departamento de Investigação Criminal. Em 2011, abandonou a carreira para atuar como jornalista e, desde a publicação de *Deixei você ir*, seu livro de estreia, Clare se dedica em tempo integral a escrever. Ela mora em Cotswolds, na Inglaterra, com o marido e os três filhos.

LEIA TAMBÉM



Quem era ela
JP Delaney



Antes da queda
Noah Hawley



A viúva
Fiona Barton